



**T**úlio Americano é um professor de Educação Física especializado em recuperação física que vem trilhando o caminho da medicina tradicional desde os primeiros anos de atuação profissional, nos anos 80. É pós-graduado em Tradicional Medicina Chinesa e Fitoterapia oriental e brasileira, e atua diariamente utilizando técnicas de tratamento e diagnose não invasivas, e consagradas mundialmente por sua alta resolutividade. Homem do campo, pesquisa ativamente a fito-fauna brasileira dedicando boa parte de sua vida a resgatar e sistematizar o conhecimento médico de nossos antepassados e difundi-lo através dos cursos, palestras e workshops que ministra por todo o Brasil. Está radicando em Brasília, onde à 15 anos fundou a Alma Naturae, Instituto de Ensino e Pesquisa em Naturopatia, onde pode ser encontrado todos os dias ajudando um grande grupo de pessoas a recuperar o seu equilíbrio físico, psíquico e emocional.



FITOTERAPIA BRASILEIRA

Túlio Americano

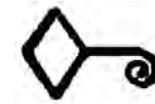
F  
I  
T  
O  
T  
E  
R  
A  
P  
I  
A  
B  
R  
A  
S  
I  
L  
E  
I  
R  
A

Túlio Americano

Túlio Americano

**FITOTERAPIA BRASILEIRA:**  
uma abordagem energética

Túlio Americano



FITOTERAPIA BRASILEIRA:  
uma abordagem energética

1ª edição

Brasília  
Cidade Gráfica Editora  
2015

EDIÇÃO  
e DIAGRAMAÇÃO  
Fabio Resck

ILUSTRAÇÕES  
Túlio Americano

GRAVURAS  
Mitologia e alquimia medieval  
Domínio Público

ICONOGRAFIA  
Símbolos químicos e alquímicos medievais  
Domínio Público

FOTOGRAFIA  
Ivone Lopes

REVISÃO  
Ana Terra

---

A512f

Americano Túlio / Fitoterapia Brasileira: uma abordagem energética /  
Túlio Americano - Brasília: Cidade Gráfica Editora, 2015.  
420p.

ISBN: 978-85-62258-08-4

Inclui bibliografia

1. Medicina 2. Etnomedicina 3. Fitoterapia 4. Espiritualismo  
5. Xamanismo 6. Xamã 7. Antropomorfismo 8. Título

CDU - 615.89.256

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina popular/Xmanismo 615.89.256
2. Xamanismo: Medicina popular 256.615.89

## A G R A D E C I M E N T O S

Quem trabalha com este tipo de disciplina, principalmente quando não está inserido em contextos de ensino e pesquisa mais convencionais, geralmente aprende a funcionar de maneira tão solitária que não sente que deve algo a alguém. E é assim que eu me sentia até ficar diante do fato de que obras como esta usualmente se iniciam pela página dos agradecimentos. Isso faz muito sentido, pois não há realização humana que seja produto da ação de um indivíduo somente, na medida em que o indivíduo em si é resultado da sua relação com muitas coisas mais.

Diante desse pensamento e procurando fazer minha coleção de colaboradores especiais, surpreendi-me com a quantidade de pessoas que se envolveram nesta produção, tanto direta quanto indiretamente. Para um trabalho como esse em especial, tal lista não poderia ser mesmo menos que muito extensa, pois a maciça maioria dos fatos científicos que discuto aqui me foram passados oralmente, ao longo de toda a minha vida, por uma boa quantidade de curadores, pensadores e pesquisadores amorosamente dedicados a multiplicar seu conhecimento e sua sabedoria.

Como isso praticamente me impede de fazer a merecida homenagem a cada um deles, vou apontar apenas os mais próximos, ainda que sempre em eterna dívida com todos aqueles que me cederam um pouco de sua vitalidade na forma de seu saber.

Primeiro, agradeço à Rosângela Azevedo Corrêa, antropóloga e grande lutadora, pois, sem a sua dedicação a batalhar ferozmente pela maior parte da verba que viabilizou a publicação deste livro, nada disso teria acontecido agora.

Agradeço também ao meu pai, Dr. Tupany Americano do Brasil, o primeiro grande médico que por um tempo se dedicou a me passar a arte de curar, e me despertou para a real possibilidade de fazer isso sem agredir o paciente.

Agradeço a todos os raizeiros, doutores, professores, xamãs e bruxos, ocidentais e orientais, com quem estive por largo tempo, nos quatro cantos do mundo, aprendendo a romper o meu “quadrado” para enxergar além. Simbolicamente, estão todos aqui representados por Kleber Damasceno, Reinaldo Lordele, Eugenio, Negão, Maria, Flor e todos os demais, a quem eu abraço com o meu muito obrigado.

Túlio Americano

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	<i>xiii</i>
Rosângela Azevedo Corrêa	
<i>Prefácio</i> .....	<i>xxi</i>
Paula Melo Martins	
<i>Introdução</i> .....	<i>xxix</i>
 <i>Capítulo I</i> .....	<i>33</i>
Xamãs, medicina e tradição	
 <i>Capítulo II</i> .....	<i>51</i>
Xamanismo e tradicional medicina oriental	
 <i>Capítulo III</i> .....	<i>65</i>
Antropomorfismo, símbolos e psique humana	
 <i>Capítulo IV</i> .....	<i>75</i>
Realidade vibracional e fitoterapia	
 <i>Capítulo V</i> .....	<i>93</i>
Princípio ativo e aromoterapia	
 <i>Capítulo VI</i> .....	<i>103</i>
Xamanismo e fórmulas magistrais	
 <i>Capítulo VII</i> .....	<i>121</i>
Princípio ativo e vitalidade	
 <i>Capítulo VIII</i> .....	<i>143</i>
Princípio ativo, luz e cadeia energética	

 <i>Capítulo IX</i> .....	<i>161</i>
Reinos mineral, vegetal e animal	
 <i>Capítulo X</i> .....	<i>175</i>
Padrão energético, diluições e homeopatia	
 <i>Capítulo XI</i> .....	<i>189</i>
Medicina ayurveda	
 <i>Capítulo XII</i> .....	<i>197</i>
Fitoterapia e doses ponderais	
 <i>Capítulo XIII</i> .....	<i>215</i>
Atividade fitoquímica e antídotos	
 <i>Capítulo XIV</i> .....	<i>223</i>
Princípio ativo e suportes bioquímicos	
 <i>Capítulo XV</i> .....	<i>235</i>
Cinco movimentos e maré energética	
 <i>Capítulo XVI</i> .....	<i>257</i>
Fisiologia dos órgãos e das vísceras	
 <i>Capítulo XVII</i> .....	<i>277</i>
Atividade das plantas e métodos de formulação	
 <i>Capítulo XVIII</i> .....	<i>293</i>
Partes ativas do indivíduo vegetal	
 <i>Capítulo XIX</i> .....	<i>303</i>
Princípio ativo: extração e fixação	
<i>Memento Terapêutico</i> .....	<i>335</i>
<i>Bibliografia</i> .....	<i>418</i>

## APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa  
Faculdade de Educação — Universidade de Brasília

Quando eu tinha uns 10 anos, queria ser como Tistu, o menino do dedo verde, personagem do livro escrito pelo historiador francês Maurice Druon (1994). Suas primeiras lições foram com o velho jardineiro Bigode. Lá mesmo, nas estufas do jardim da Casa-Que-Brilha, Tistu descobriu um dom: tinha o polegar verde. Não que fosse verde de verdade, mas, sempre que tocava em uma semente adormecida, ela acordava e nasciam flores, lindas e coloridas flores. Tistu usava esse dom para tornar o mundo mais bonito. Era um talento oculto. Depois que descobriu o polegar verde, não havia mais como fazê-lo parar. Tistu teve aulas no hospital, na cadeia, na favela, na fábrica de canhões e na prefeitura, ambientes que resolveu alegrar, colocando neles seu dedo para encher de flores. Uma das cenas que me marcou foi quando ele estava no hospital e viu as pessoas cada vez mais pálidas e sem vontade de se recuperar. Com o toque de Tistu, uma menina do hospital, que antes contava os buraquinhos do teto para passar o tempo, agora contava botões de rosas que nasciam em volta do seu leito. A cidade e a vida das pessoas mudaram completamente. Eu queria ter um dedo verde como Tistu... O livro termina assim: “Tistu era um Anjo”.

Muitos anos se passaram e descobri o significado do meu nome: aglutinação de *Rosa*, que em latim significa flor, mulher formosa, e *Ângela*, mensageira de Deus, “tipo famoso de anjo”, “espécie famosa de mensageira” na mesma língua. Ângela é a versão feminina de Ângelo, originado no grego *ággelos*, que significa “mensageiro”, a partir

do latim *angelus*, “anjo”. Lembrei-me de Tistu — ambos somos anjos —, e a vida continuou...

Estudei, viajei, ensinei, conheci muitas pessoas e lugares e voltei ao lugar onde nasci, o Cerrado. Cerratense de nascimento e alma, comecei a descobrir o meu lugar no mundo e nesse lugar do Brasil. Entrei para a área de Educação Ambiental e Ecologia Humana na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) em 1997, ano em que nasceu o meu filho Bruno e conheci Túlio Americano do Brasil. Esses três eventos marcaram a minha vida. Como disse a canção: “la vida te da sorpresas, sorpresas te da la vida”.

Confesso que nunca havia imaginado trabalhar com educação ambiental e ecologia humana e foi uma descoberta surpreendente. Esse novo campo de estudos e investigações visa gerar um olhar crítico e atento do ser sobre si mesmo e sobre o seu estar no mundo, o lar natural e social que coabitamos com os nossos companheiros de viagem. Acredito numa educação ambiental que possa “resgatar a articulação entre os aspectos pessoais, socioculturais e naturais que dão sustentação à vida no planeta, de forma a recuperar a compreensão de que a qualidade e a sustentabilidade da vida incluem tanto a saúde das pessoas e grupos quanto a do próprio ambiente onde estes vivem” (Dansa; etc e tal, 2014, p. 3). Para que os indivíduos possam recuperar essa compreensão, é preciso investir em sua forma(ação), dentro e fora da escola.

Segundo Carvalho, “a formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação com o mundo em que ele vive e pelo qual é responsável” (2008, p. 157). É isso que esperamos promover na proposta de educação ambiental, ou seja, provocar uma tomada de posição e responsabilidade pelo mundo em que vivemos, incluindo aí as responsabilidades consigo, com os outros e com o ambiente.

Carvalho afirma ainda que “a educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. O educador é por

natureza um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos” (2008, p. 77). Todo professor deve ser um educador ambiental, partindo de suas atitudes em direção à responsabilidade social e ambiental local, fazendo com que ele próprio e seus estudantes tornem-se sujeitos ecológicos, engajados em ações ligadas não só ao outro, mas ao seu ambiente como um todo: corpo, mente, coração, espírito, casa, bairro, cidade, país, planeta.

“Sujeitos ecológicos” podem ser estudantes, crianças, adultos, jovens, ambientalistas, professores, artistas, geógrafos, biólogos, artesãos, músicos, cozinheiros, donas de casa; porém, nem todo educador ambiental ou ativista militante da chamada “onda verde” é um sujeito ecológico. O sujeito ecológico não pensa somente no “verde”, mas engloba a questão social e cultural em sua forma sustentável de ser e estar no mundo, refazendo seu olhar para a realidade e transformando em atitude o pensar globalmente e agir localmente.

Os problemas socioambientais locais devem ser vistos e compreendidos pelos professores para que possam ser incorporados nos projetos político-pedagógicos das escolas, sem que estes se resumam a um plano que contenha somente a realização de hortas e a reciclagem do lixo, como é comumente visto no que se chama educação ambiental escolar. Ao contrário disso, a educação ambiental passa ser vista pela escola como uma possibilidade de compreender o processo de identidade cultural e ambiental que foi sendo construído em cada lugar ao longo do tempo e se esta está comprometida com a sustentabilidade da vida. A educação ambiental tem relação com a promoção de sujeitos ecológicos como protagonistas de sua história local.

Como é um espaço transdisciplinar, a educação ambiental permite um entrecruzamento de saberes, interesses, visões de mundo, técnicas e interpretações polissêmicas das sociedades, das culturas e da natureza. A transdisciplinaridade é uma matriz epistemológica que pretende responder às demandas do momento histórico que vivemos, marcado pela fragmentação, pela especialização e pela unifi-

cação simplificadora. Visa, ainda, favorecer a ressurgência do sujeito esmagado pela relação paradoxal entre a abundância de informação e o esgotamento da criatividade emancipadora.

A metodologia transversal busca criar sinapses, estabelecer pontes, entrecruzar noções, aproximar percepções, tecnologias e conceitos porque permite articular a pluralidade, a gestão participativa, a capilarização do poder. Acredito que a transversalidade seja uma metodologia adequada para integrar o cotidiano e o conhecimento sistematizado no âmbito da educação, formal e não formal, incluindo no centro do debate a diversidade de informações, interesses e visões de mundo, onde cabe o pensamento divergente como transgressor. A complexidade, a transdisciplinaridade e a transversalidade alimentam-se mutuamente.

A educação sob a ótica transdisciplinar e o reconhecimento da ecologia humana poderão ressignificar os conceitos de cidadania, sustentabilidade, qualidade de vida, democracia, liberdade e valores humanos, ultrapassando o sentido socioeconômico de garantir a sobrevivência para permitir a existência plena dos seres humanos, dos processos da vida, da diversidade das culturas e de todos os seres com quem compartilhamos a vida na Terra. Além da sobrevivência, além da preservação das culturas e dos seus valores, a educação com foco na ecologia humana invoca a identidade do passado e convoca as utopias do futuro para construir, no tempo presente, uma ação humana capaz de usufruir e cuidar do patrimônio planetário, tanto cultural como ambiental, para permitir a qualidade de vida das atuais e futuras gerações.

Em 2014, demos início ao Programa Educação Ambiental nas Escolas Públicas do Distrito Federal, financiado pelo Programa Nacional de Extensão Universitária (PROEXT), do Ministério da Educação, numa perspectiva interdisciplinar e intercâmbio, com a participação de professores da UnB nas áreas de educação, farmácia e comunicação. Os projetos desenvolvidos são:

a) Alfabetização Ecológica: ABCERRADO, coordenado por mim

na Faculdade de Educação da UnB;

b) Comunicação Ambiental na Educação Formal e não Formal, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Ximenes A. Bizerril na Faculdade de Planaltina da UnB; e

c) Educação Ambiental com Plantas Medicinais no Ensino Médio, coordenado pela Profa. Dra. Paula Melo Martins na Faculdade de Ceilândia da UnB. O trabalho com plantas medicinais e aromáticas vem sendo realizado como projeto de extensão institucional desde 2010. Em 2012, foi criado o Programa de Plantas Medicinais e Aromáticas da Faculdade de Ceilândia, ainda em vigência, que abarcou projetos de Educação Ambiental e Resgate do Conhecimento Tradicional.

Pretendemos nesse programa promover uma relação transformadora, dialógica e criativa entre universidade e escolas. Não se trata de implementar projetos para a escola, mas estimular cada indivíduo e a escola, como coletividade, a se assumirem como sujeitos da própria história. Coerente com esse espírito, a relação entre universidade e escola/comunidade deixa de ser uma ação da universidade sobre a escola para se converter num diálogo de saberes no qual múltiplas identidades, narrativas e *savoir-faire* são resgatados e valorizados. Ademais, a parceria com a escola tem se mostrado o caminho mais eficaz de realimentação e renovação dos currículos acadêmicos, da prática pedagógica e da pesquisa.

Daí a importância do presente programa para contribuir na elaboração e execução de projetos de educação ambiental nas escolas públicas do Distrito Federal, incluindo a temática das plantas medicinais como ferramenta pedagógica. Para isso, é essencial a qualificação continuada dos professores em educação ambiental e ecologia humana, que se revela ainda mais eminente no caso do trabalho com escolas públicas. Nessas escolas, as questões socioambientais podem ser gerenciadas do modo mais direto e democrático possível devido ao caráter pedagógico de promoção de uma cidadania crítica e ativa. Esse esforço pedagógico deve ser realizado pelos próprios educadores,

o que implica sua formação continuada para superação das resistências ideológicas e políticas que dificultam o diálogo entre saberes científicos e saberes culturais. Este livro vem ao encontro dessa perspectiva de contribuir na formação dos professores, dando-lhes a oportunidade de conhecer outros saberes que podem e devem ser incorporados ao currículo da escola.

Podemos caracterizar o presente programa como de educação ambiental, uma vez que tem como finalidade contribuir para a construção de um modelo de sociedade em que qualidade de vida e sustentabilidade sejam parâmetros norteadores das ações humanas, das relações intersubjetivas, da coletividade, em sentido mais amplo, bem como das relações sociedade-natureza-cultura. O conhecimento do tema Educação Ambiental e Plantas Medicinais gera a responsabilidade do cuidar para as presentes e as futuras gerações, da preservação da natureza e também da cultura que sustenta sua utilização.

Temos muito que aprender com os mestres que guardam a sabedoria das plantas. Esses mestres, muitos analfabetos, foram nossos guias quando eu fiz o curso Fitoterapia Brasileira, ministrado por Túlio Americano em 2014. Com ele aprendi que a fitoterapia como ciência esteve sempre misturada com tudo que há de mais sagrado para a humanidade.

Como os conhecimentos tradicionais não têm dono, têm herdeiros, resolvemos investir na publicação deste livro como forma de compartilhar os conhecimentos acumulados por Túlio, que, mestre e aprendiz ao mesmo tempo, tem a humildade de sempre reconhecer a sabedoria dos povos tradicionais. O autor nos mostra que a cura não se reduz ao princípio ativo da planta, ela engloba a relação do ser humano com a natureza. Por esse motivo, precisamos rever os conceitos de “parteira”, “pajé”, “detentores de saberes tradicionais” e “fitoterapia”, entre outros, problematizando-os em relação aos múltiplos contextos — cosmológicos, ontológicos, sociopolíticos, culturais e históricos — em que estão inscritos.

A atualidade dos temas tratados neste livro ressalta a importância

dos programas de fitoterapia implantados ou em fase de implantação em todas as regiões do Brasil, em um esforço de Secretarias Municipais de Saúde em facilitar o acesso da população às plantas medicinais e aos fitoterápicos, oriundos de plantas medicinais, visando ao seu uso correto. Essa prática está sendo, *a priori*, adotada no Programa Saúde da Família em diversos estados.

Poucos sabem que o Brasil tem uma Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada pelo Decreto Presidencial nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Elaborada pelo Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), ela objetiva “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (Brasil, 2006). Essa política fez surgir um novo GTI para elaborar o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, cuja proposta foi submetida a consulta pública e aprovado em 9 de dezembro de 2008, por meio da Portaria Interministerial nº 2.960. Além desse GTI, tal portaria criou o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, com a missão de monitorar e avaliar a implantação da Política Nacional. O programa define que o incentivo, o apoio e o fomento ao aprimoramento técnico e sanitário de seus agentes, processos e equipamentos deverão propiciar a inserção dos detentores desses saberes e de seus produtos no Serviço Único de Saúde e nos demais mercados. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos estabelece as linhas de ação prioritárias para o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos.

Apesar desses esforços, temos muito que fazer para criar instâncias de diálogos interculturais, interdisciplinares e interinstitucionais para propiciar a eficácia e a legitimidade das ações em prol da saúde dos brasileiros e das brasileiras. Estes, por sua vez, precisam cuidar da saúde dos biomas para garantir a preservação e conservação de uma inestimável biodiversidade — temos 24% do total de plantas superiores existentes no mundo, acrescidos de uma rica diversidade cultural e étnica.

Este livro é uma contribuição para uma educação de qualidade, o que implica ter outro olhar sobre o nosso ser na e sobre a natureza que está dentro e fora de cada um de nós.

Seguindo o exemplo de Tistu, desde a universidade, hoje sou uma mulher do dedo verde. O sonho virou realidade.

### Referências

Brasil. Ministério da Saúde. *Decreto n. 5.813, de 22 de junho de 2006*. Aprova a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Brasília, 2006.

Carvalho, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Dansa, Cláudia; Pato, Cláudia; Corrêa, Rosângela. Educação ambiental e ecologia humana: contribuições para um debate. In: Marques, Juracy (org.). *Ecologias humanas*. Feira de Santana (BA): UEFS, 2014. p. 207-216.

Druon, Maurice. *O menino do dedo verde*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.



## PREFÁCIO

Prof. Dra. Paula Melo Martins  
Curso de Farmácia — Universidade de Brasília

Contrariando a facilidade, o consumismo, a lógica cega e a descrença no sutil, Túlio Americano convida-nos a uma leitura espetacular sobre a relação dos seres dentro de um universo energético e pulsante: uma releitura da fitoterapia tradicional permeada pela física quântica, dentro de uma visão holística e muito amorosa.

Iniciando o livro com uma abordagem xamânica bem estruturada, o autor apresenta a expressão do divino em nós, de uma forma poética. A incondicional reverência dos xamãs ante algo bem maior do que esta dimensão na qual estamos inseridos é a tradução de todo um conhecimento tradicional transmitido entre muitas gerações, mas aparentemente esquecido pela sociedade atual. Este livro, portanto, estabelece uma ponte conceitual entre a fitoterapia atual e a fitoterapia xamânica, praticada por povos tradicionais, reunindo também alguns conceitos da homeopatia e da medicina tradicional chinesa.

Para se referir à presença da consciência cósmica nos seres, o autor com muita propriedade cita a Teoria dos Fractais, que se refere à repetição do padrão geométrico elementar presente em toda matéria. Entendido isso como princípio único organizador de todas as coisas, relaciono-o com o reconhecimento da ciência descrita pelo físico brasileiro Marcelo Gleiser, segundo o qual “todos os elementos químicos que compõem nossos corpos, nosso planeta e tudo a nossa volta originaram-se em estrelas que desapareceram há bilhões de anos, espalhando seus restos mortais, como se a matéria que existe no universo semeasse um imenso jardim celestial”. Por algum motivo, esquecemos

que viemos das estrelas, que devemos reverência a todos os seres, pois somos unos em nossa origem e, portanto, de alguma forma iguais, em imagem e semelhança, ao que se encontra no universo.

Analisando de forma cartesiana, todos os seres são constituídos por tecidos, que são formados por células, que são formadas por átomos. Quando analisamos a constituição do átomo com um microscópio, percebemos que sua estrutura é composta majoritariamente por espaço, ou seja, energia pura que guarda informação de gerações e gerações desses seres na Terra. Podemos dizer então que o ser humano reflete o universo, ou melhor, somos o microcosmo do macrocosmo e, como uma holografia, contemos o todo dentro de nós. Carregamos a inteligência cósmica em nós, em cada pequeno espaço de nossa constituição.

Essa forma de relacionar os seres com o universo, ou o microcosmo com o macrocosmo, assume várias leituras na ciência e na vida. O yoga aborda esse tema há milhares de anos de forma bastante integrativa. O budismo e as ciências orientais também lidam com esses aspectos de maneira profunda e concreta. De algumas décadas pra cá, o mundo ocidental e a medicina, em especial, também têm reconhecido as relações sutis do homem com seu ambiente, construindo novas linhas de investigação e tratamento para doenças como o câncer, por meio de terapias meditativas e práticas espirituais com objetivo de aumentar a imunidade dos pacientes e a resposta ao tratamento.

Ainda nos dias de hoje, o processo de adoecimento é justificado pela medicina ocidental com base unicamente em alguma disfunção estrutural ou alteração bioquímica. Fato é que, nos últimos tempos, parte da ciência tem se ocupado da discussão sobre as relações sutis que influenciam os sistemas biológicos, de modo que estamos vivenciando uma nova forma de medicina, chamada de medicina vibracional ou holística.

Dentro desse contexto, muitos terapeutas têm se capacitado numa área que considera os seres humanos constituídos por um sistema energético altamente complexo e em sintonia com a natureza. No momento de um desequilíbrio energético causado por uma in-

fecção, um resfriado ou mesmo uma má digestão, os sintomas manifestam-se em diversos planos até finalmente chegar ao plano físico.

Nesse sentido, o leitor deste livro deve ter em mente que, embora não sejam necessariamente concretos, alguns conceitos apresentados pelo autor irão servir como fundamentos para ampliar a compreensão sutil do ser humano, o processo de adoecimento, o mecanismo de ação das plantas medicinais, sua escolha e sua adequada forma de manipulação, abordados sob uma visão holística e integrativa. Começamos então a apresentação da obra.

Uma vez que, na natureza, várias formas podem existir a partir de um princípio único, Túlio Americano referencia o antropomorfismo como uma assinatura divina expressa como símbolo morfológico, principalmente nas plantas. A isso Paracelso, no século XIV, chamou de Teoria das Assinaturas, divulgada pelo italiano Della Porta em 1588, como maneira de sistematizar as indicações das espécies vegetais. De acordo com essa teoria, a forma da parte da planta utilizada indicaria a finalidade desse uso; por exemplo, a raiz do ginseng tem uma forma humanoide e é indicada como tônico geral para o corpo. Atualmente, essa é uma planta considerada adaptogênica, ou seja, que fortalece o sistema imunológico, sendo indicada como auxiliar no tratamento do estresse. Na visão de Túlio Americano, sistemas complexos com padrões energéticos semelhantes, incluindo a forma, apresentam tropismo entre si, pois encerram o mesmo padrão vibracional.

De acordo com o autor, tudo que nos cerca, incluindo o universo como um todo, tudo que nos forma, tudo que está em movimento nada mais é do que pura energia radiante. Essa energia é atributo da matéria primordial, podendo ser trocada entre sistemas que dividem o mesmo ambiente.

Em se tratando de uma realidade vibracional, posto que é luminosa, todos os corpos apresentam frequências próprias, de acordo com seu nível de especialização, com o somatório de suas vivências e, no caso dos animais, com as informações provenientes do inconsciente individual e coletivo. E tudo isso age sobre uma base genética.

Quando vivenciamos algo, estamos movimentando energia e ativando todo um sistema biológico interligado. Ao lembrarmos essa experiência, o metabolismo funciona como se estivéssemos experimentando tudo outra vez. Podemos dizer que a qualidade dessa energia gerada irá alterar nosso metabolismo de uma maneira positiva ou negativa, o que equivale a dizer que pensamos com o corpo todo. A isso chamamos de memória bioquímica. Assim, em termos práticos, como disse Marcia de Luca, nossa saúde começa pelos pensamentos que se comunicam com o mundo interior e pelos cinco sentidos, que nos comunicam com o mundo exterior. Você quer saber como está seu corpo hoje? Lembre-se de seus pensamentos de ontem. Dessa maneira, somos capazes de curar nosso corpo e nossa vida mudando a qualidade de nossas experiências. Mas não parece tão fácil, não é mesmo?

O que presenciamos atualmente é uma sociedade cada vez mais adoecida, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico que alcançamos. Nas populações que têm mais acesso a alimento e saúde, as pessoas estão sucumbindo por excesso de peso e morrendo prematuramente por ataques cardíacos. O estresse nos assola em nossa vida moderna. A maioria de nós está desconectada da natureza e seus ciclos. Diante disso, Túlio nos propõe uma visão da doença como reflexo da desarmonização das frequências sutis do ser humano, que vão se propagando da mente até o corpo físico, culminando na alteração das frequências originais de algum órgão ou tecido. O resultado disso são os sintomas que caracterizam o que entendemos como doença. Isso tudo vem de encontro a um antigo ditado indiano que diz que “toda doença é saudade do lar”, pois em algum momento nos desconectamos das forças da natureza, da qual somos filhos.

Tomando o aspecto energético como verdadeiro, Túlio esclarece que a proposta medicamentosa da fitoterapia na cultura xamânica é harmonizar tanto processos psíquicos como fisiológicos, reequilibrando as frequências de órgãos ou emoções que se afastaram de sua

frequência original. O processo de cura, então, ocorre com a volta à normalidade de padrões vibratórios originais.

Nesse momento, o autor apresenta algo extremamente particular na sua abordagem, que foi completamente novo para mim. Trata-se da descrição das propriedades luminosas dos princípios ativos constituintes das plantas.

Em função da minha formação como farmacêutica e estudiosa sobre plantas medicinais há mais de 15 anos, minha leitura sobre a farmacologia das espécies e seu mecanismo de ação sempre foi relacionada à questão estrutural e orgânica das moléculas, bem como sua ação sinérgica em extratos vegetais. O aspecto energético era delegado às propriedades físico-química das ligações.

Partindo do princípio de que a realidade se estrutura sobre uma base luminosa, em que a luz é a representação mais viva do fluido universal, os princípios ativos seriam pacotes de energia que se constituem como alcaloides, taninos, mucilagens, óleos essenciais e outros. Estes têm internamente códigos gravados como padrões vibracionais que são trocados com o meio a todo instante. Portanto, trata-se de estímulos capazes de reintegrar o indivíduo aos canais de comunicação fundamentais da natureza, reorganizando ou harmonizando suas frequências em uma situação favorável. Tal condição favorável se relaciona com a escolha adequada das plantas e a manipulação correta do medicamento, uma vez que a manipulação é a responsável por disponibilizar os *quanta* de energia que se encontram guardados na matéria.

Essa visão luminosa do princípio ativo, como protetor e fomentador da vida, pois encerra o pulso da criação que nos é entregue como pacotes de luz, faz-me recordar uma frase escrita nos *Upanishads*:<sup>1</sup> “a essência de todos os seres é a Terra, a essência da Terra é a água, a essência da água são as plantas e a essência das plantas é o ser humano”. Isso quer dizer que só estamos aqui por causa das plantas, as quais podem nos oferecer alimento e cura para nossos males e, de acordo com Túlio Americano, reconectar-nos ao divino!

A coisa não para por aí. Para que tudo isso possa acontecer dentro de nós, o conceito de janelas metabólicas é extremamente importante. Elas são filtros por onde os pacotes energéticos passam e são encaminhados aos devidos locais de ação. Essa mesma visão nos é dada pelo ayurveda quando se apresentam os mais de 72.000 nadis que percorrem o corpo levando prana. As janelas metabólicas tanto reconhecem os pacotes energéticos das plantas como também digerem nossas emoções e ideias. Sua obstrução por padrões mentais ou doenças pode impedir a ação dos medicamentos. Isso significa dizer que, em algumas pessoas, certos medicamentos não fazem efeito, ou melhor, que o medicamento deve ser individualizado, dadas as características únicas de cada ser vivo.

Continuando com o raciocínio vibracional atribuído aos seres, as plantas foram divididas segundo a natureza de seu estímulo. Isso equivale a dizer que sua classificação depende da resposta das pessoas a sua ação, de modo que existem aquelas que promovem a circulação e são aquecedoras, e outras que são sedativas e refrescantes. Ainda usando os conceitos da medicina tradicional chinesa, o autor fala sobre drogas imperiais, ministeriais e assistentes, nesse caso, dando ênfase à manipulação da fórmula do medicamento.

Outra classificação surpreendente do autor é em relação ao vegetal em si. O vegetal é analisado energeticamente de baixo para cima, no sentido do aumento da frequência energética emitida por ele. Os órgãos de base, raízes e tronco, têm frequência mais baixa, e as estruturas da ponta, como flores, inflorescências e frutos, emitem as frequências mais altas; por isso, são utilizadas na terapêutica para distúrbios em órgãos ou tecidos de igual frequência, como o sistema nervoso central.

O livro também traz dicas de como escolher a planta adequada ao tipo de desequilíbrio do paciente. Aqui entra um conceito fascinante que também é abordado dentro do ayurveda: a similaridade das frequências dos seres que vivem num mesmo bioma. As plantas nativas próximas de onde se encontra o indivíduo são aquelas mais adequadas aos seus desequilíbrios, pois habitam a mesma região —

são influenciadas pelas mesmas condições da natureza, recebem pacotes de energia semelhantes e, conseqüentemente, vibram de forma muito parecida. Dessa maneira, a harmonização adequada ao processo de cura seria facilitada. Daí voltamos ao que está escrito nos *Upanishads* e que, de certa forma, ajudou a construir as bases da medicina ayurvédica. Nos só estamos aqui porque temos à nossa volta plantas que nos alimentam e que podem nos curar.

Para finalizar, Túlio Americano nos presenteia com uma vasta monografia de plantas do cerrado, com belíssimas fotos, nomes, indicações e, claro, toda a abordagem energética. Imperdível!

Em síntese, o autor tenta nos despertar para uma forma mais holística de encarar a vida, de perceber nossos conflitos, de enfrentar nossas sombras como parte do nosso ser e, assim, entender que integramos a natureza. A tentativa de dissociação da natureza nos traz desconforto, nos adocece. Devemos estar atentos às mensagens do corpo, pois elas são o reflexo da desarmonia interna. À medida que conseguirmos viver uma vida integrada com a natureza, na qual haja trabalho honesto, equilíbrio entre amor e harmonia em todos os níveis do *self* — com a família, dentro da sociedade e com o planeta —, haverá um constante processo de reorganização, reequilíbrio, cura e regeneração de nós mesmos.

Como disse Gandhi, “nós devemos ser a mudança que queremos ver no mundo”.

Boa leitura!

---

<sup>1</sup> *Upanishads* são comentários ou extensões dos Vedas, as escrituras sagradas do hinduísmo, que discutem principalmente meditação e filosofia. Essas obras tornaram-se conhecidas no Ocidente depois da tradução para o latim no século XIX.

## INTRODUÇÃO

Qualquer um que nunca tenha caminhado no recesso silencioso de uma grande floresta certamente não tem ideia do que vamos tratar neste livro. Se jamais experimentou a densa presença da multidão de seres quase invisíveis que nos espiam das sombras enquanto passamos lentamente por entre troncos, galhos e lianas, a passo contido e de respiração suspensa, mal ousando murmurar para não despertar não se sabe o quê... terá dificuldade em crer na maior parte do que será dito aqui. Por outro lado, aquele que um dia experimentou o desespero de um momento de desamparo no qual nada nem ninguém pareceu poder ajudá-lo, e por fim encontrou conforto ou resposta em um óleo essencial, em alguma tintura feita com maestria e mistério, ou mesmo somente na visão acalentadora de uma linda cachoeira colhida em meio às pedras cobertas pela vegetação úmida, este sim saberá... E mesmo que não possa expressá-lo em palavras, terá compreendido a verdadeira essência da fitoterapia.

A fitoterapia é a mais antiga das artes médicas de que a humanidade tem notícia. Apesar de ser a qualquer tempo um exercício altamente organizado de ciência experimental que explora o poder curativo das substâncias animais, minerais e vegetais, desde sempre esteve entremeadada de todas as crenças e tradições que caracterizam a eterna busca do ser humano pela compreensão das leis que regem a ordem neste universo. E mais: para muito além do rigor que possamos aplicar ao que se considera “científico”, e apesar dos longos milênios de sua história, a fitoterapia é uma das poucas heranças da antiguidade que chega à atualidade ainda viva e se desenvolvendo dentro de um formato voltado totalmente para o bem-estar da humanidade que a gerou. Muito por causa disso, há que nos admirarmos também do fato de que, mesmo em um tempo em que todas as coisas empíricas estão sendo questionadas e desvalorizadas, esse conteúdo subliminar de “coisa sagrada” revestida de racionalidade médica compõe uma realidade conceitual

que mantém a fitoterapia dentro de um grupo seleto de recursos médicos que, mesmo de origem tão antiga, ainda é visto com respeito pela maior parte dos curadores deste planeta... acadêmicos ou não!

Em que pese isso, como a própria medicina se modificou profundamente desde que seus cânones mais primordiais foram assentados por Galeno, Hipócrates e outros sábios curadores do passado ocidental, criou-se uma espécie de “cortina de separação” entre as duas escolas médicas ao longo da história: a “medicina organicista” e a “medicina humanista”. A primeira pode ser vista hoje como aquela que incorpora o pensamento médico moderno. Foca o combate à doença, valoriza o método e a técnica, e vai tornando-se altamente especializada ao compreender o corpo humano e suas características funcionais como um apanhado de pequenos nichos de atuação. A segunda é identificada atualmente como medicina tradicional, e se diferencia por focar o indivíduo, seus potenciais de cura, seu encaixe “ecológico” e sua estrutura psíquica. Além disso, mantém-se dentro de uma abordagem generalista, apesar de defensora, até as últimas consequências, da presença soberana de um “princípio único” organizador da vida.

Mesmo olhando de forma isenta de preconceitos para isto, há que comentar que, no senso comum, a abordagem extremamente técnica dos médicos modernos vem frustrando cada vez mais aqueles que buscam uma solução para seus problemas de saúde. O atendimento tende a ser desumanizado e caro! E ainda assim, justamente em razão de suas características, essa escola médica vem se ajustando melhor à realidade cibernética do homem tecnológico, atualmente próspera industrial e economicamente. A outra escola, apoiada em valores antigos e pouco sintonizados com as necessidades do mercado e da indústria, acaba sobrevivendo apenas em espaços terapêuticos privilegiados, colocando-se muito mais como um recurso “alternativo” que como aquilo que foi pensada para ser: um instrumento de cura útil, efetivo e totalmente socializado.

Essa é a realidade atual. Mas finalmente as condições institucionais da humanidade estão novamente tornando propícia a construção da “ponte” que unirá o velho talento de cura do xamã às novas e elegantes “magias” da medicina moderna. E para isso não há ambiente melhor do que a fitoterapia, desde que entendida a partir de sua realidade essencial. Consciente desse requisito e percebendo que o conhecimento fitoterápico de que dispomos no Brasil é tão antigo e tão maltratado que se apresenta disperso e caotizado, fui levado a percorrer o mundo em busca de ideias mais lúcidas e mais bem fundamentadas para resgatar aquela “essência”. É certo que encontrei muita sabedoria escrita e conservada em bibliotecas, mas o que poderia chamar de “espírito da verdade” só encontrei na fala às vezes contundente dos médicos e terapeutas que me ensinaram a medicina que hoje pratico. Por meio dessa experiência é que pude verificar com olhos críticos que, nos dias de hoje, pelo menos no que se refere à obtenção e ao manejo de insumos biológicos, não há melhor tecnologia que aquela desenvolvida pelos povos orientais. Estes talvez representem a única cultura humana que nunca abandonou ou desvalorizou o conhecimento de seus ancestrais em favor do que quer que fosse. E o resultado desse traço cultural é que esse povo dispõe agora da mais extensa e organizada experiência na utilização das plantas medicinais. E, curiosamente, para eles tudo começa na luz...

E começam também, para nós ocidentais organicistas e reducionistas, os problemas! Será sempre muito difícil para um bioquímico ou biofísico ocidental aproveitar a ideia de que o princípio ativo de uma planta tem base luminosa. Mas não será tão difícil para esse mesmo bioquímico compreender esse ponto de vista quando substituirmos a imagem genérica da luz pelo conceito mais específico de energia. O que conhecemos por energia corresponde a um estado fundamental de apresentação da matéria e, após o advento da física de alta energia (física quântica, física dos fractais, física nuclear, das micropartículas etc.), muito da nossa realidade começou a ser explicado nos meios acadêmicos à luz dos fatos inerentes a esse nível de

organização da matéria. Na realidade, o conceito de energia atualmente é explorado de tantas maneiras que isso se tornou corriqueiro até mesmo para aquela pessoa que nada tem a ver com a pesquisa ou a ciência em si. Sem dúvida, isso nos ajuda a preparar o terreno para aproveitar todo um modo de pensar que tem por base a realidade energética (luminosa!) de nosso universo.

Este livro traz uma abordagem diferenciada tanto por aproveitar sem preconceitos ou restrições a tradição oral popular quanto por tentar unir o discurso antigo com o moderno na exploração objetiva dos conceitos que cercam a fitoterapia quando entendida à luz de suas bases “energéticas”. Isso se torna extremamente apropriado pelo fato de que a maior parte das ideias desenvolvidas aqui, apesar de terem suas raízes conceituais plantadas nas antigas tradições ensinadas pelos povos antigos, nunca foram tão vanguardistas no sentido de anteciparem em muitos séculos as mais recentes verificações da ciência moderna.

Mesmo sentindo o peso de um resgate de conhecimento que não tem limites em suas consequências, certamente este passo me possibilita resgatar, na alma de quem vier a valorizar esse ponto de vista, o eterno convite para que novamente ocupemos um lugar equilibrado junto a toda a criação. Isso sim é por demais importante, visto que, posicionados em nosso próprio espaço, possivelmente nos permitiremos resolver a maior parte de nossa angústia ao nos rendermos à obviedade de que, ao homem, não cabe dominar rios e montanhas. Antes cabe ao homem ser, apenas, filho da experiência do homem.



## CAPÍTULO I

Xamãs, medicina e tradição



O mais antigo texto conhecido sobre fitoterapia, descoberto em uma tumba pertencente a uma família de xamãs chineses datada de 168 a.C., fazia referências a métodos e regras de procedimento de 3.400 anos antes! Isso significa que, não importa o quanto nos afastemos na linha histórica da humanidade, sempre encontraremos a medicina gerenciando um modo de vida. Quando a medicina se separou do homem e começou a trabalhar somente em prol de si mesma, deixou de ser encarada com respeito, e é óbvio que isso se multiplica em uma quantidade de prejuízos de toda ordem. A pior dessas perdas reside no fato de que toda a herança que antes protegia e guiava a humanidade na administração dos males conhecidos transformou-se em “estória antiga”, algo para ser conhecido como uma curiosidade, uma lenda e nada mais.

Embora modernamente a fitoterapia tenha se tornado uma disciplina discutida e estudada em muitos contextos acadêmicos (medicina, botânica, agronomia, farmácia, biologia etc.), apenas muito lentamente vai deixando de ser um ramo empírico do conhecimento humano, para se tornar uma ciência multidisciplinar. Por isso, em que pesem todos os investimentos institucionais e particulares que vêm sendo feitos nos últimos anos, ainda é mínima a nossa compreensão dos mecanismos e processos que se escondem no íntimo da capacidade curativa das plantas. A pesquisa em si se debruça justamente em elucidar esses “mistérios”, mas o ponto de vista acadêmico moderno continua essencialmente mecanicista e reducionista. A ciência procura o conhecimento dos fatos relativos a um “sistema” reduzindo sua atividade global à somatória dos atributos funcionais de cada parte integrada ali. Esse método cria o que chamamos de “racionalidade científica”, uma visão muito adequada para compreender tudo o que é mecânico e/ou inerte do ponto de vista biológico, e frequentemente inútil quando aplicada à matéria viva, principalmente graças à imensa complexidade dos fenômenos vitais (a maioria difícil até mesmo de se subdividir em partes!).



Em verdade, mesmo que algum dia o ser humano venha a contabilizar a totalidade dos eventos físicos e químicos que compõem o que está vivo, não terá desvendado ainda uma centésima parte do que torna um sistema biológico uma quantidade de matéria diferente de outras tantas, aparentemente até mais bem encaixadas nas leis que regem a física dos materiais. Se o ponto de vista científico seguir sua rotina mecânica, estará sempre deixando fora de seu campo de visão a própria essência do fenômeno vital, que inegavelmente inclui uma categoria de fenômenos que vão muito além da simples função metabólica das partes deste ou daquele organismo. Mesmo aqueles que se deram ao trabalho de reunir todas as condições para que se iniciasse a formação dos chamados “organismos elementares”, que são pouco mais que uma fita de proteína protegida por uma membrana, foram forçados a admitir que aquilo que dá forma e continuidade à atividade dos seres vivos é algo “maior”, ou simplesmente diferente, do que a soma dos materiais inerentes às suas partes. Ou seja, a matemática da vida não funciona sem que todos os elementos de uma equação que continua desconhecida estejam reunidos. E é possível que o homem nunca consiga reunir tais fatores adequadamente, uma vez que ele próprio sempre será parte desse experimento, o que o coloca em uma posição desfavorável para observá-lo. Todo investigador sabe que a única maneira de obter resultados confiáveis em qualquer experimento é garantir duas coisas: o controle do maior número possível de variáveis e, principalmente, a menor interferência possível na linha dos eventos.

Segundo essas condições, para “dissecar” a vida é preciso abster-se de interagir com ela! Caso contrário, esta continuará inalcançável em seus mistérios por estar constantemente reagindo à interferência de um excesso de elementos não ponderáveis do ponto de vista de quem está dentro da própria interferência. Isso quer dizer que nunca estaremos “fora” do experimento ao tentar observar a vida. Tanto isso é verdadeiro que, no que concerne ao nosso foco de interesse, fica óbvio para muitos pesquisadores modernos o que os antigos já sabiam desde os primórdios da história do conhecimento humano.



Diz a tradição que *a capacidade curativa das plantas vem... da planta*, e nunca de um elemento constituinte específico. Essa capacidade seria, então, uma função da unidade do organismo vegetal na sua relação com o ambiente, no qual está incluso o próprio homem! Portanto, para conhecer algo útil a esse respeito, temos que manter a mente aberta para tudo aquilo que otimizará essa relação. Para sair de nossa ignorância e nos tornarmos capazes de usufruir da natureza, temos que procurar construir essa “intimidade” da mesma forma que construímos e cultivamos qualquer outra relação difícil: com respeito e humildade. Do contrário, estaremos incorrendo no erro de ignorar e abandonar a preciosa herança de muitos milênios de prova clínica acumulada. É esse legado que contém a chave para o entendimento de todos os mecanismos passíveis de serem desvendados na medicina humanista, e a chave para outras tantas questões que envolvem o uso sensato das plantas como objetos de cura.

Apesar dessa necessidade, muitos pesquisadores hesitam em aceitar a tradição como modelo ou ponto de partida para suas inferências. Estão antes muito preocupados em estabelecer protocolos de pesquisa sobre velhas questões baseados em ideias totalmente diferentes das tradicionais, e isso mais em nome de se manter “científicos” que de mergulhar nos “mistérios” de uma ciência que admitem ser oriunda principalmente da sabedoria popular. Entretanto, é preciso admitir que esse “saber popular” é sempre uma versão simplificada e deformada dos cânones em que se apoia a medicina tradicional (neste contexto, estamos considerando “tradicional” o conhecimento médico que conta com pelo menos mil anos ou mais de prova clínica. Esse adjetivo refere-se então à medicina praticada pelos ancestrais de todos os povos da Terra!), sendo portanto irracional abandoná-la em nome de “cientificismos” que quase sempre nada significam.

Atualmente, a fitoterapia pode ser abordada de pelo menos duas formas: a *fitoterapia científica*, mais organicista e tecnológica; e a *fitoterapia tradicional*, mais humanista e empírica, por estar embasada na metodologia ancestral de lidar com o processo de adoecimento e



cura pela busca da compreensão dos fenômenos sutis que desencadeiam essas vivências. A fitoterapia tradicional continua, portanto, se diferenciando por manter-se fiel às ideias que sempre a caracterizaram, e que são sempre desafiadoras e excitantes do ponto de vista científico. Um primeiro exemplo desafiador já foi citado quando dissemos que, para conhecer a verdade acerca da capacidade curativa das plantas, devemos nos manter dentro de um ambiente conceitual onde o “princípio ativo” (expressão moderna que se refere à essência medicamentosa de qualquer substância), surpreendido por suas atividades dentro e fora do organismo vegetal, apresenta-se principalmente como um fenômeno da natureza luminosa. Isso quer dizer que as substâncias químicas consideradas “ativas” medicamentosamente possuem esse atributo principalmente porque servem de suporte material a “algo” que surge em determinado estágio do processo de transformação sofrida pela luz ao ser apropriada por um organismo. Essa ideia mostra como a tradição acaba indo, com seus conceitos, muito além da consideração das propriedades químicas de um constituinte do substrato fitoterápico. Entra aqui uma quantidade de fenômenos físicos de alta energia que certamente ainda estão na fronteira do conhecimento que temos acerca de como a luz se comporta e o que realiza.

Outro exemplo está na concepção tipicamente tradicional de que a atividade curativa das ervas medicinais é fruto das estratégias de comunicação do ser vegetal. Apesar de antiga, nada nessa imagem afasta o discurso tradicional do que a própria ciência convencional postula. O que muda é apenas o formato das imagens utilizadas. Explicar a dinâmica medicamentosa de uma erva é uma tarefa árdua e, quanto a isso, não importa se a linguagem aplicada é moderna ou antiga. Contudo, essa “mudança de forma” acaba fazendo toda a diferença na maneira como o fato vai ser valorizado e aplicado! Um ponto de vista mais humanista permite, por exemplo, explicar por que a fitoterapia tradicional valoriza tanto as ilimitadas possibilidades de ajuda mútua entre os seres vivos. Para justificar isso, usa um pa-

radigma organizacional das relações que cria uma cadeia de transformação e aproveitamento da energia neste planeta, aproximando os seres vivos pela sua afinidade vibratória. E isso influencia poderosamente as estratégias pelas quais tais entidades podem e devem se relacionar. A implicação disso na ponta do processo de cura que resulta dessa maneira de pensar, e que é materializada justamente pela prescrição fruto da metodologia terapêutica, é que se amplia enormemente o poder resolutivo da substância ativa ao se ministrar o medicamento de forma personalizada.

Como no mundo de nossos ancestrais ainda não se tinha a necessidade da prática de uma medicina de massa (sabidamente, ainda se vivia em comunidades pequenas), era possível aos curadores olhar para seus pacientes em separado, compreender seu momento de vida como resultante de um processo que ele podia identificar e, a partir disso, adequar de forma precisa uma quantidade de estímulos possivelmente equilibradores: um chá, um banho aromático, uma punção, uma reza etc. Era nessa medicina que o homem natural acreditava e, como essa escola terapêutica sobrevive e ainda guarda preciosas vantagens sobre outros modelos médicos, é disso que iremos tratar neste momento de estudo.

Como ainda hoje, no passado o homem se sentia só e desamparado na sua relação com as imensas forças da natureza. Porém, diferente do homem moderno, que tenta subjugar a natureza para que esta o sirva em suas necessidades, outrora as culturas “primitivas” ensinavam seus filhos a manter uma postura de humildade e respeito para com tudo que era maior e mais duradouro do que eles. Ensinavam que tudo que há sobre a terra, nos mares e no ar está submetido à mesma ordem que impera no universo, e que era bom para todos se todas as coisas se mantivessem assim. Entretanto, diferente do que havia para outros membros da criação, ao homem puro de espírito e corpo estava permitido um “diálogo” mais íntimo com tais forças divinas e, ainda que fosse necessário se depurar e preparar por meio de procedimentos especiais, essa comunicação não conhecia barreiras ou





proibições. Para nossa mente reducionista e treinada para lidar apenas com o que é concreto e imediato, fica parecendo que o homem natural pautava sua vida por um pacote excessivo de crenças, e que nada disso o ajudava efetivamente a se desenvolver. Mas, pelo que nos chega da ritualística daqueles dias, e independente de se acreditar ou não na veracidade do que se tentava realizar, aquelas práticas cumpriam pelo menos o objetivo nada desprezível de atestar o empenho do indivíduo de se “tornar merecedor” daquele contato com o sagrado. Ainda que questionemos o valor disso, temos que nos render à obviedade de que a cumplicidade com o sagrado contribuía poderosamente para manter o indivíduo fiel a uma ética que pregava o respeito à vida e a todas as coisas.

Em todo caso, é importante perceber que, de algum modo, o ser humano sabia que seu bem-estar e sua sobrevivência (e dentro desta contava-se a harmonia espiritual e física) tinham relação direta com algo imaterial que fluía do planeta em que vivia, das plantas que consumia, da água que bebia e até mesmo dos longínquos mundos que podia apenas imaginar quando alongava sua visão para um estrelado céu noturno. A ligação entre todas as coisas era um pressuposto inquestionável e natural, mas, como não podia ser compreendida, nem vista, nem manipulada diretamente, era algo que estava acima da realidade do ser humano comum. Pertencia à dimensão das coisas incompreensíveis, e por isso era encarada como “mágica”... mas nunca como simplesmente inexistente!

O homem natural se via dependente de sua capacidade de nutrir-se daquilo que era considerado “mágico”. E para alcançar isso havia que penetrar fundo no conhecimento dos segredos do planeta que o acolhia. Convicções como essa suscitaram uma atitude de observação e aprendizado acerca dos ritmos e ciclos de construção e desconstrução que equilibram a manifestação de todas as coisas e, como o próprio homem se sentia incluído nisso, esse aprendizado gerou uma quantidade impressionante de procedimentos destinados a reconduzi-lo ao seio desse equilíbrio quando ocorria de se afastar dele. A noção de “adoecimento”,



enraizada em um contexto de crenças que valorizava acima de tudo um estado de “integração” consigo e com a natureza, estava ligada ao que ocorria às pessoas quando estas perdiam a clareza de seus vínculos com o meio. Daí o estranho fato de que qualquer processo de “cura” estava direcionado tanto à “limpeza” física e espiritual dos indivíduos em si mesmos quanto ao fortalecimento das ligações destes com a comunidade. Como ainda hoje se vê na maioria das comunidades indígenas, ninguém tentava compreender o indivíduo apartado de sua comunidade. Portanto, faz todo o sentido que a maior parte dos ritos e das práticas encontrados dentro desse contexto estejam destinados simplesmente a pontuar determinados momentos ao longo da vida das pessoas, que se tornam importantes por mantê-las envolvidas com a comunidade por meio de laços de integração com as mais distintas dimensões de um universo que se supunha mágico.

Mas, em que pese sua inegável beleza romântica, de que forma essa perspectiva poderia produzir algo de valor? Afora o valor de delimitar de maneira palpável e precisa cada etapa do amadurecimento de uma pessoa, coisa que muito nos faz falta atualmente, vivências como essas tiveram o efeito de moldar um tipo de ser humano altamente complexo na maneira de ver a si mesmo e sua relação com a vida. E está claro que tal amadurecimento se refletiu no método de vida que esse homem escolheu para si, um método em que, sistematicamente, a pessoa se encaixava de forma sensível nos infinitos detalhes que compõem a “ordem” implícita ao universo. Elementos da realidade que para o homem moderno são invisíveis, ou pelo menos grandemente incompreensíveis, e por isso mesmo considerados irrealis ou irrelevantes, para aquele homem natural estavam intensamente presentes no dia a dia. Para nossa infinita inveja e despeito, as pessoas daquele tempo percebiam nas coisas acontecidas uma espécie de sentido que interpenetrava tudo, unindo por uma linha lógica e quase “orgânica” o passado, o presente e o futuro.

Contudo, a experiência tornava óbvio que a capacidade de estabelecer um nível maior de contato com os herméticos poderes sus-



tentadores da vida ia muito além da ambição deste ou daquele que procurava por isso. A verdade é que a capacidade de movimentar os poderes fundamentais da natureza sempre foi um privilégio de poucos entre os homens naturais, embora nunca tenha ficado claro o que tornava esses poucos tão especiais. Nem todos os seres humanos conseguiam (conseguem) alcançar o nível de transmutação pessoal necessário para serem considerados merecedores de se iniciar nos ritos e nas práticas sagradas. Assim como nem todos se interessavam tanto por isso. O mundo da Grande Deusa (Gaia, a Terra) e de seus ministros, os “espíritos elementais”, era (e continua sendo) tão distante do cotidiano da realidade humana que apenas alguns puderam compreendê-lo a ponto de se tornarem um elo material entre essas duas esferas: a elemental e a humana. Os antigos chamavam a esses poucos homens de “pais espirituais”. Nós os conhecemos hoje como xamãs, bruxos, feiticeiros, magos, e outros nomes mais.

Calma. Não imagine que, para conhecer algo do poder curativo das plantas e das substâncias, você tem que ir fundo em coisas tão estranhas e questionáveis. É claro que seu grau de envolvimento será sempre uma função do quanto você quer saber da realidade essencial das coisas, e há que se dizer que, para ser um bom curador, você não terá que abrir mão de nenhuma de suas crenças religiosas. Entretanto, no nível em que propomos estudar a fitoterapia, é extremamente útil conhecer quem eram essas figuras históricas, pois em tempos remotos somente elas detinham em seus métodos algo parecido com aquilo que chamamos hoje de ciência. Portanto, será somente através de seus olhos que poderemos ver com objetividade uma matéria tão antiga que em grande parte se perdeu no inconsciente coletivo das populações.

Para compreender a magnitude do aparecimento dessa casta de seres humanos especiais, temos que voltar mais ainda no tempo e consultar as lendas que eles próprios contam a respeito de sua origem. E, se for o caso de emprestarmos credibilidade pelo menos às linhas gerais desses acontecimentos quase esquecidos, ficará óbvio



que a história de desenvolvimento do animal humano não foi fruto nem do acaso nem das cegas forças modeladoras da seleção natural. Como para todas as inúmeras espécies que vegetaram e se perderam ou não ao longo da conturbada história deste planeta, a humanidade esteve sempre imersa em um lento e difícil processo de evolução. Mas contam os povos xamânicos que, em determinado momento, o ser humano foi conduzido pelos “deuses” a amadurecer e se tornar uma espécie menos ameaçada por suas fragilidades físicas e mentais — fragilidade esta tão notória que há mesmo quem afirme que, se não fosse um animal tão desprovido de recursos físicos, o homem nunca teria desenvolvido o poderio intelectual que exhibe hoje. Afirmam esses evolucionistas que, se possuísse um palmo a mais de altura, e um ou dois pares de garras e dentes afiados, a nossa espécie não seria agora aquela que se tornou dominante no planeta. Segundo esse pensamento neodarwiniano, o homem foi desde o início forçado a ser inteligente para compensar a sua insuficiência física, quando ainda inserido na competição com os outros animais por seu nicho ecológico. E talvez tenha sido escolhido por quem interveio em sua evolução justamente por ter esse esforço de autossuperação se tornado um diferencial entre tantas manifestações de vida.

Contudo, se a pouca estatura e a falta de ferramentas biológicas para competir foram realmente as molas motoras do desenvolvimento humano, que dizer das inúmeras espécies que ficaram pelo caminho da evolução exatamente por se definirem nos mesmos termos? Ainda hoje esse processo de seleção natural está em andamento, e vemos com certa angústia o desaparecimento de um grande número de seres que não encontraram uma solução para os desafios de sobrevivência dos tempos atuais. Todos os dias o mundo se renova, novas espécies vêm surgindo enquanto outras vão se esgotando... e aparentemente, para nós seres humanos, esse jogo simplesmente não vale!

Por quê? Haveria uma outra versão para o fato assustador de a humanidade ter se separado do eterno ir e vir da renovação da vida neste planeta? Coerentemente com a tradição xamânica, e talvez jus-



tamente por serem todas elas versões variadas da mesma verdade, a maioria das culturas ancestrais afirmam que o homem foi “escolhido”, ou “ungido”, pelos deuses. E que isso permitiu que nos separássemos do destino comum a toda a criação, perpetuando-nos ao longo das eras. Uma dessas tradições conta que, em um tempo muito antigo, veio a este mundo uma espécie de seres estranhos e poderosos. Eles conheciam segredos que lhes permitiam interpretar a posição dos mundos distantes, e para além disso conheciam o valor do Sol, da Lua e dos reinos elementares que comandavam a vida neste planeta: os reinos animal, mineral e, para nossa eterna fortuna, vegetal (conhecimento de onde se extraiu a arte de curar o corpo pelo uso das plantas, a fitoterapia).

Por influência desses deuses, o homem teria aprendido a cultivar seu alimento, a separar das espécies bravias do mato aquilo que se podia comer ou utilizar, a reconhecer as quantidades dentro das quantidades e, o mais espantoso de tudo, a desenhar nas pedras e na madeira o som de sua fala. A esses “estranhos vindos das estrelas” coube, pois, a tarefa de dar uma forma e uma cultura aos grupos humanos que perambulavam pelas vastas planícies. Por esse meio afastaram-nos de sua natureza selvagem, mas cuidaram de preservar tudo que os mantinha em contato íntimo com o que se referia à grande Deusa Terra. E escolheram o homem como a espécie merecedora de toda a sua atenção porque reconheceram nela a essência mais semelhante à deles mesmos (afinidade genética?). Assim, foram as suas características, boas e más, o que separou o ser humano das outras espécies, tornando-o o único grupo em que a “semente divina” poderia ser depositada para que, depois de algumas gerações, germinasse dela o fruto certo.

Trabalhando em seu plano civilizatório, os deuses estiveram entre os homens por eras seguidas. Após algum tempo, experimentaram tal fascinação por suas criaturas que começaram a se misturar carnalmente com elas. Dessa conjunção surgiu uma raça de semideuses, que, apesar de serem poucos e diferentes de seus pais, ambicionaram ascender às estrelas para conquistar o que imaginavam ser seu por

direito de herança. Porém, os deuses não viram com bons olhos as aspirações desses filhos bastardos. E, para decidirem melhor sobre seu destino, resolveram testá-los, encarregando-os de gerir os caminhos do homem.

No início, tudo correu bem e os semideuses se mostraram governantes justos e sábios. Houve um deles em especial, Pacha Mama, que, por ver grande beleza e potencial naquela raça de seres esguios, quis dar-lhes um presente que durasse para a eternidade. Para tanto, reuniu em seu palácio de prata todos os chefes de todos os clãs e esteve diante deles. De um de seus seios, jorrou um néctar salgado que ensinou aqueles homens a plantar seu alimento. De um segundo seio, jorrou um néctar amargo que ensinou aqueles homens a cuidar de suas moléstias com o produto extraído das plantas, dos animais e das rochas. E, do terceiro seio, jorrou um néctar doce que ensinou aqueles homens a gravar a sua fala na madeira e na pedra para não esquecer as quantidades dentro das quantidades. E, ainda, determinou que dali em diante seu palácio estaria ali, no meio de um grande lago suspenso à mais alta montanha, para que se lembrassem para sempre de onde vieram tais preciosos ensinamentos.



Figura 1 – Pacha Mama

Entretanto, o tempo passou e encarregou-se de trazer à luz tudo aquilo que estava oculto. Foi revelado aos grandes criadores que seus filhos, invejosos e irados com os feitos de Pacha Mama, responsabilizavam-na por ter instaurado na humanidade uma curiosidade insaciável pela natureza das coisas, o que distraía os homens de seus afazeres diários e diminuía a produção nas minas de maná, alimento dos deuses. Para compensar tais atrasos, os semideuses estariam obrigando os trabalhadores a cumprir uma jornada dupla nas minas, além de proibir qualquer atividade que não fosse diretamente produtiva. Desconfiados de tama-





nho empenho de seus filhos em cumprir as metas que lhes foram determinadas, os deuses estenderam seus olhos à obra dos homens e descobriram que estes estavam sendo postos a minerar não o precioso maná, mas sim um metal raro que facultaria a seus feitos o poder de se deslocar entre as estrelas. Ficou claro para eles que seus filhos planejavam retornar ao mundo de origem de seus pais, à revelia de suas resoluções, abandonando o destino que lhes cabia na Terra e a raça de homens que lhes fora confiada.

Com isso, os semideuses provaram aos seus pais que carregavam a malícia dos seres inferiores, tornada mil vezes mais perigosa por estar instrumentalizada pelo conhecimento que os fazia divinos. Diante disso, foi decidido pelos deuses que a raça dos semideuses deveria ser extinta. Mas, como estes eram já antigos e poderosos, e muito capazes de sustentar uma longa e custosa guerra, a melhor forma de vencê-los seria com um único e definitivo golpe. O meio encontrado para isso foi uma grande convulsão planetária... e o que se seguiu tornou-se parte de todas as lendas contadas nos quatro cantos do mundo. Por ser tão conhecido, o “grande dilúvio” não precisa ser aqui recontado. Para nós, o ponto que interessa é que esse desastre global não surtiu o efeito desejado. A batalha entre deuses e semideuses acabou acontecendo, e durou tanto tempo e foi tão violenta que significou o quase desaparecimento de todas as coisas vivas neste planeta, incluindo-se aí a humanidade.

Na verdade, a extinção do homem só não ocorreu porque havia aqueles que, por exercerem funções que os punham mais próximos aos criadores, sabiam das grandes coisas que viriam e puderam se antecipar ao extermínio. Quando as coisas ficaram tão confusas que ninguém mais lhes dava atenção, fugiram com suas tribos para as grandes cavernas. Eram covas profundas e tortuosas abertas na rocha dura de altas montanhas pelas mãos laboriosas de toda uma raça; mesmo tendo custado um esforço insano, essas covas eram abandonadas à medida que se esgotavam os veios metálicos. Mas nessa hora convulsiva o trabalho de todos os homens lhes valeu a sobrevivência, pois ali puderam permanecer enquanto a terra tremia, e só abandonaram o seio da monta-



nha quando o silêncio voltou às encostas dos vales. Mesmo assim, três quartas partes da raça dos homens desapareceram sob os mares que se elevaram, ou sob as grandes planícies de gelo que se formaram logo depois. Quando finalmente as tribos puderam sair daquelas grutas, viram que uma grande escuridão amortilhava todas as terras, que não havia mais plantas verdes e... que estavam sozinhos em meio à devastação de tudo que conheciam. Os deuses, após derrotar seus malévolos filhos, haviam voltado para as estrelas.

Os semideuses estavam mortos ou exilados para terras distantes, e a humanidade era finalmente dona de seu destino. Assustados com essa nova situação, os homens choraram essas mudanças, sentindo-se abandonados e entregues à má sorte após tantas gerações de tutela e servidão. Onde estava sua grande mestra e protetora Pacha Mama? O que fariam? Onde morariam? O que comeriam? Qual seria seu futuro e que mundo herdariam seus filhos? E foi nesse momento de grande medo e confusão que sobressaíram aqueles mesmos que haviam livrado todas as tribos de perecer na catástrofe que se seguiu à guerra entre os deuses. A proximidade com seus criadores os havia tornado homens de maior conhecimento e, como tais, eles tomaram para si a responsabilidade sobre o destino da humanidade, incumbindo-se de lhe guiar os passos pelos anos difíceis que viriam. Tornaram-se guardiões da tradição e dos símbolos sagrados e, observando tudo que lhes havia ensinado Pacha Mama, assumiram a tarefa de ajudar o homem a reencontrar seu equilíbrio mental e espiritual.

Como conheciam profundamente o que se passava no coração dos homens, os xamãs trataram de confundir seu conhecimento com a origem de seus “poderes” e, ao longo das gerações, foram permitindo que sua história se tornasse um mito. Ampliando e cultivando as histórias que o próprio povo imaginava, tornaram-se temidos e respeitados em todas as partes. Eram conhecidos como “os grandes magos”. Como usavam toda a sua ciência e autoridade para o ganho da humanidade, logo foram chamados de “os pais espirituais”.



Por possuírem tantos atributos espantosos, os primeiros curadores se tornaram, no devido tempo, uma casta. Ciumentos de seu patrimônio de conhecimento, e buscando proteger sua pureza da ação desgastante do tempo, fizeram com que seus talentos permanecessem um segredo entre as gerações. Os xamãs constituíram seus filhos e filhas (não necessariamente biológicos) em discípulos e únicos herdeiros, tratando de manter limpa a linhagem dos “escolhidos pela Deusa”. Em todos os cantos do mundo, havia representantes deles, e trabalhavam ora suave, ora ferozmente, para manter a humanidade em sintonia com a ética que acreditavam universal. Tornaram-se a primeira classe verdadeiramente dominante, apesar de sempre terem convivido e dividido o poder sobre os povos com os “chefes políticos”. Nessa posição, exerciam sua “medicina”, a qual, na prática, significava muito mais que saber curar os doentes e amparar os moribundos. Naquela época, possuir a “medicina” era ter em mãos uma espécie de permissão divina para exercer o controle sobre a dor, a vida e a morte. Por todas essas razões, o xamã sempre foi percebido com um misto de amor, respeito, medo e tudo o mais que se possa sentir por alguém ou algo que não se compreende, mas que se suspeita ser extremamente necessário.

Isso significa que os grupos humanos com que os xamãs atuavam certamente percebiam o homem por trás da imagem. Viam-no com suas angústias e tão imerso em seus processos de azar e sorte, dor e prazer, como qualquer outro homem. Mas sentiam-no também como a personificação da capacidade de integração do grupo com a Terra, o cosmos e as divindades. E, nesse sentido, o destino do xamã se confundia com o dos grupos humanos com que vivia e de que cuidava. Mantendo o xamã forte e próspero, harmoniosamente integrado com a comunidade, acreditava-se que a vida correria bem para todo mundo, mesmo que episodicamente, para uma e outra pessoa, tudo corresse mal. Estas estariam assim principalmente porque se haviam desviado do “caminho”, obrigando a si mesmas todo aquele sofrimento. Por outro lado, se o xamã adoecesse ou se enfraquecesse de qualquer ma-



neira, acreditava-se que o infortúnio da tribo seria inevitável. Sobreviria a fome, a doença, a má sorte, e até mesmo a extinção do povo. Por isso, o cuidado com o bem-estar do xamã era encarado como um cuidado com o bem-estar do grupo, permanecendo forte o pressuposto de que o que ocorria com um ocorreria com todos.

Tal é a história do surgimento dos xamãs e do xamanismo. A despeito de sua veneranda antiguidade e perfeito simbolismo, atualmente não é algo que pareça valer a pena ser contado àqueles que estão vindo ao mundo para dar continuidade à história dos homens. Mas, para aqueles que desejam adentrar os segredos da medicina tradicional, como tal história dá sentido a muitas das coisas “estranhas” que se vê e ensina nessa ciência, não há outro remédio senão começar a pensar a si mesmo e o mundo que nos envolve como resultado desse processo. Por isso, vale sim a pena separar um espaço em sua mente para pensar a medicina à moda dos xamãs. Se assim for feito, muito do que virá neste momento de aprendizado se integrará em seu espírito mais facilmente.





Os xamãs acreditam que a vida do homem natural é definida pelos mesmos princípios reguladores do vento, da luz, do fogo, da correnteza dos rios e da alternância entre as estações. Isso gerou, ao longo de milênios, uma teoria fundamental que procura explicar como se organiza a interação entre todas as coisas “vivas”. Em que pese ter surgido discretamente, para a humanidade essa foi uma conquista espetacular, pois o modelo funcional que essa teoria propõe é tão simples e eficiente que tem se mantido consistente através dos tempos, sendo utilizado pelos povos orientais até os dias de hoje. Atualmente, conhecemos tal modelo como uma ferramenta que se abriga dentro da Tradicional Medicina Chinesa sob a sugestiva identificação de Teoria dos “Cinco Movimentos”, ou “Cinco Princípios”. Entretanto, mesmo permanecendo inatacável, esse conjunto de ideias só sobreviveu até hoje de forma inteligível porque se encontra abrigado em uma escola médica que preza muito a sua memória. Sendo uma das mais antigas e sofisticadas culturas que se desenvolveram neste mundo, a cultura oriental é sem dúvida a mais bem preservada da humanidade e, não satisfeita com seus inúmeros méritos, ainda se caracteriza por ir se renovando e multiplicando ao longo do tempo. Por isso, quando chegar a hora de dominar os princípios que irão nos orientar na escolha e na combinação de plantas e insumos para compor nossas prescrições, estaremos o tempo todo estudando e nos aprofundando nas imagens geradas dentro dessa antiga tradição médica.

Os xamãs também têm a convicção de que, apesar de os poderes elementares da natureza agirem por meio dos próprios seres que se submetem a eles, há um ente supremo, a Deusa Terra, que expande sua influência benigna e protetora sobre tudo e todos. Essa manifestação é descrita simbolicamente como uma “respiração”, e a ela se atribui o poder de vitalizar tudo que ocorre neste mundo. Portanto, é nesse “respirar e vitalizar” que os xamãs têm que basear seus muitos processos, buscando sempre recuperar e/ou manter abertos os canais de comunicação do ser vivo com esse “algo” sutil e nutritivo que emana da Terra.



Aqui as diferenças entre os pontos de vista das escolas médico-filosóficas começam a ficar evidentes. Isso é claramente percebido na maneira como cada escola aborda alguém que apresente qualquer classe de distúrbio funcional. Na escola xamânica, as disfunções são entendidas como causadas pela obstrução e/ou pelo desequilíbrio de alguma das vias de circulação dos “fatores reguladores”. Sobre a natureza de tais “fatores”, sabemos muito pouco, mas é certo que eles podem começar a ser entendidos segundo as “leis” que os comandam e que, por meio deles, regulam os fluxos das substâncias fundamentais circulantes no corpo. Então, dentro dessa visão, uma “lei fundamental” é algo muito mais tangível que uma mera concepção de ordem. De fato, tão real que deve inclusive ser garantida na plenitude de suas influências dentro e em volta do ser vivente para que seu metabolismo permaneça coerente. Segundo esse raciocínio, todo alguém que se afasta de seu eixo de equilíbrio, e que notoriamente nem sempre é o desencadeador desse desequilíbrio (estar integrado em um grupo significa também partilhar “karma”, ou as consequências dos atos dos integrantes do grupo), o faz principalmente porque “se afastou”, de algum modo, do campo de influência de alguma dessas “leis” que regulam o fluxo da vida.

Observe essa imagem. A primeira ação de um curador que siga essa linha de raciocínio será verificar o grau de coerência no comportamento cotidiano do paciente. Basicamente, isso significa que todo e qualquer adoecimento será função do afastamento das melhores condutas, em tese conhecidas por todos, pois são ensinadas desde sempre pela tradição que há em todas as culturas. Significa também que não haverá cura se tais condutas não forem restabelecidas, independentemente da necessidade de um processo médico-terapêutico imediato.

É importante perceber que esse nível de entendimento só é possível porque, nesse contexto, entende-se que um grupo, para se tornar viável como um organismo social, deve ter bem estabelecido um sistema de troca de substâncias sutis entre seus membros. Tais subs-



tâncias eram tidas no passado como diretamente responsáveis pelo fomento da maioria dos eventos relativos às dinâmicas relacionais do grupo. Hoje em dia, relata-se a mesma coisa, com a ressalva de que não se fala mais em “substâncias”, mas sim em “ideias”. De qualquer forma, a atualização do discurso não muda significativamente a realidade. Se considerarmos que as “ideias” influenciam poderosamente o metabolismo das “substâncias”, podemos afirmar que o foco médico mudou apenas de estágio na descrição dos fenômenos sociológicos que afetam a saúde do indivíduo. O fato é que uma cultura que não garante certa “isonomia” de ideias entre seus integrantes produz um método de vida que fomenta a obstrução física e psíquica do indivíduo, o que significa o adoecimento da sociedade como um todo. E esse adoecimento pode ser capitalizado isoladamente por um ou outro membro da comunidade, um fenômeno que representa a própria essência do ponto de vista xamânico.

Embora essa maneira de perceber a relação do indivíduo com a sociedade seja antiga, ainda hoje pode ser facilmente percebida e atestada por qualquer estudioso do comportamento humano. Mesmo que, para o cientista moderno, a hipótese de uma troca de substâncias sutis entre os integrantes de um grupo social seja estranha, para qualquer observador atento e isento de preconceitos excludentes do bom senso, ficará claro que existe sim uma atividade de comunicação supraconsciente ocorrendo entre as pessoas. Assim, independente de que teoria queiramos admitir, o fenômeno da interligação indireta entre os membros de uma comunidade se torna uma verdade sempre que o indivíduo está “realmente” inserido ali. Em um grupo no qual esse fenômeno energético esteja estabelecido ocorre, por exemplo, que todo o grupo sinta e reaja como se fosse um único ser, o que justifica plenamente a hipótese de que o indivíduo adocece em decorrência da quebra de suas ligações harmônicas com o grupo.

Outra característica interessante do pensamento xamânico é a compreensão de que a ética instintiva do ser social é eminentemente diferente da do ser isolado. Nesse sentido, o homem transforma sen-



sivelmente o seu gestual, e a própria maneira como apreende a vida e o universo a sua volta, conforme a percepção de estar ou não inserido em um contexto que seja maior que ele mesmo. Se isso é verdade, o único tipo de ordem aplicável ao ser humano verdadeiramente, de tal forma a não fomentar distorções imediatas ou de longo prazo no seu comportamento, é aquele proveniente dos seus instintos! Isto é, o homem que “dá certo” fomenta um grupo que “dá certo” permanecendo fiel a um modelo de comportamento e de valores orgânico e instintivo. Esse modelo social, entre outras características, pauta-se por um formato em que os movimentos acontecem espontânea e sinergicamente, nunca sendo fruto de pressão e/ou competição entre seus integrantes. Pressão gera estresse e, quando este atinge determinado nível, é capaz de instaurar o caos metabólico e desestruturar qualquer organismo. Competição é a realização de um em prol de si mesmo e, sempre que um age mais em prol de si que do grupo, além de não contribuir para o fortalecimento deste, trabalha inadvertidamente contra si mesmo: desagrega a unidade do grupo, mesmo sendo dependente de um grupo forte para estar em sua plenitude.

Nessa medida, o xamanismo acredita que o homem necessita do grupo para sobreviver porque, em termos cósmicos, o que existe é o grupo, e não o indivíduo. Essa é outra maneira de dizer que as opiniões do Sr. Darwin, com sua teoria evolucionista, são apenas uma parte da verdade! O homem tornou-se inteligente não apenas para compensar as suas debilidades físicas, mas também para ser capaz de viver em uma sociedade de muitos, sem perder de todo a sua individualidade. Atendeu, com isso, ao imperativo de se definir como entidade destinada a ocupar um “espaço” junto das forças planetárias, o que só poderia ser alcançado na condição de ser grupal inserido harmonicamente na ordem universal.

Tal era o ponto de vista dos xamãs da antiguidade. E é dentro dessa perspectiva que essa casta de curadores pratica ainda hoje sua medicina. Os curadores procuram agir perante o ser individual sem



perder de vista a sua ligação, inclusive energética, com o grupo de que ele provém. Avaliam, através do indivíduo, a sinergia entre os vários subgrupos funcionais de uma sociedade, procurando sempre onde se deu a primeira ruptura no fluxo de comunicações que impediu a manutenção da ordem. Como na antiguidade a realidade social da humanidade era a de se agregar em pequenas comunidades, a comunicação visceral e a ética eram de fato estritamente orgânicas. Um “grupo orgânico” caracteristicamente não necessita de líderes, nem de castas rigidamente estabelecidas, nem de uma polícia para manter a ordem e, surpreendentemente, nem da religião, ainda que seja essencialmente religioso! Esse grupo não age movido pela competição e não valoriza o indivíduo por ele mesmo. Antes, motiva-se pela cooperação, e coloca energia no indivíduo na medida de sua contribuição ao bem-estar do grupo. Como o seu foco é a permanência, uma sociedade orgânica não se preocupa em acumular bens pela diferenciação criada pela posse. O patrimônio é algo relacionado intrinsecamente à eficiência vivencial do grupo, o que elimina em essência a acumulação dos excessos. Como não valoriza o indivíduo mais que a comunidade, não comporta conceitos tais como “meu” e “seu”, simplesmente porque estes não fazem sentido naquele contexto. E como sua inteireza depende da melhor comunicação possível entre seus integrantes, nesse tipo de grupo todas as trocas são diretas, eliminando a necessidade de valores simbólicos, tais quais o dinheiro.

Olhando para todas essas coisas, podemos começar a compreender por que hoje em dia o xamanismo encontra-se esquecido, demonizado e relegado às sombras da marginalidade filosófica. É claro que sua concepção de sociedade e indivíduo social não faz nenhum sucesso à vista das instituições seculares que vivem das diferenças entre as pessoas, do culto à posse e à acumulação e, principalmente, da autoproclamada intermediação entre o homem e o seu deus. Essa visão anárquica de como deve se comportar o homem natural coloca o xamã integrado e dependente do grupo ao qual pertence, psíquica e organicamente. O próprio grupo, encarado como um único ser,

pode sofrer se qualquer um de seus integrantes desafia a ordem das coisas. O homem natural não está dissociado de nada, por isso sofre a influência direta de todos os movimentos universais. Como tudo que há na criação, pertence a um único e maravilhosamente complexo fluxo luminoso de vitalidade pulsante, devendo cumprir o seu papel no “aquecimento” do todo, sob pena de perder a coerência e o atributo da permanência.

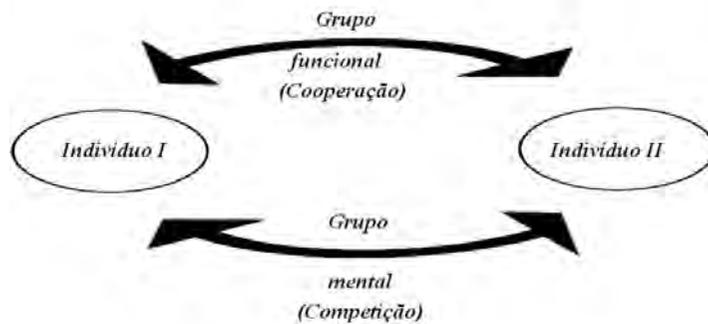


Figura 2 — Grupo funcional e Grupo mental

A própria palavra “vitalidade” refere-se a um conceito complexo no qual o elemento mais importante é a “tendência à abertura” daquilo que está vivo (vitalidade, do ponto de vista universal, é um fenômeno que surge das trocas energéticas entre dois ou mais sistemas ou subsistemas. Então, para serem considerados vitais, quaisquer sistemas têm de estar “abertos” às trocas). Em essência, basta ao homem permanecer receptivo às oportunidades de troca, e correto em sua postura, que todo o necessário lhe virá por obra da Deusa. O fechamento em si mesmo significa isolamento e, mais cedo ou mais tarde, o esquecimento das “regras do bem viver”, o que fatalmente trará a desintegração de sua personalidade e, por conseguinte, de seu corpo. (Esse era o sentido em que, na antiguidade, o homem natural entendia o conceito de “empobrecimento”). Essa ideia é de tão vital

importância que serve de base ao que conhecemos hoje por “psicogenia do adoecimento”, que, por sua vez, tem se tornado o principal avanço da medicina na compreensão do processo de adoecimento. Entretanto, mesmo para aqueles curadores modernos para quem já ficou óbvia a velha verdade de que o ser vivo adoce fisicamente em consequência dos eventos profundos ocorridos em sua psique, ainda há alguma dificuldade em ver tal processo como uma extensão do contexto vivencial em que o paciente está inserido.

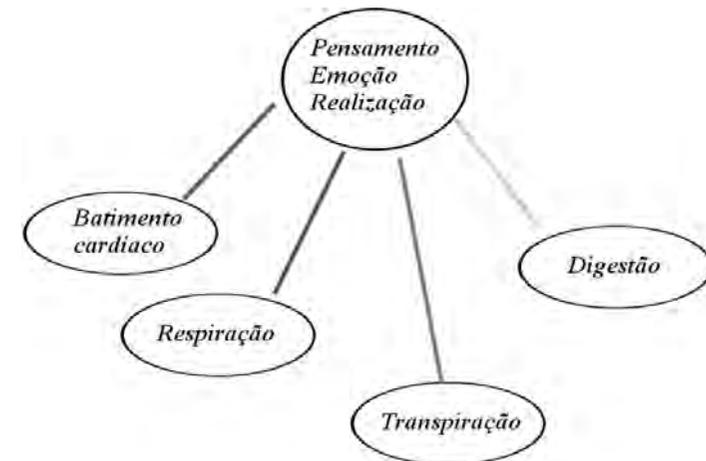


Figura 3 — Uma ideia, um efeito

Dentro dos modelos terapêuticos atuais, no âmbito da psicologia clínica e em outras disciplinas médicas que estão abordando o indivíduo no nível da psique, percebe-se uma tentativa de ajudar o indivíduo “empobrecido” por meio da reestruturação de seu universo simbólico interno. Esses profissionais estão sendo claramente guiados por uma expectativa de que a pessoa se ajuste melhor aos símbolos institucionais que a sociedade lhe oferece. Porém, considerando o modelo social que temos à disposição e o quanto ele se distancia da realidade essencial de seus criadores (nós mesmos!), estratégias orientadas assim



estão fadadas ao fracasso. Em seu planejamento, os profissionais parecem ignorar o fato de que *um “símbolo” é, antes de tudo, uma “figura de poder”*. Um símbolo é tudo que está contido nele em termos de informação carregam uma forma vital precisa que, entre outras implicações, tem poder por si própria! Isso significa que a mera presença da forma simbólica, quando materializada de alguma maneira, tem a faculdade de transmutar os fluxos vitais com que estiver em contato.

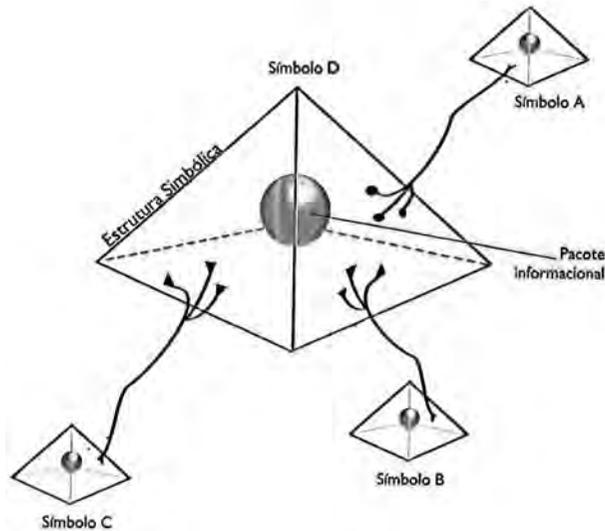


Figura 4 — O símbolo

Percebendo isso intuitivamente (ou, quem sabe, por informação tradicional), nossos ancestrais aprenderam a exercitar uma medicina com forte influência simbólica e baseada em formatos sociais integrados entre si. A esses símbolos reputavam muitos níveis de “poder”, creditando-lhes a capacidade de definir se o indivíduo iria adoecer. Em outras palavras, o homem natural acreditava que, se observasse criteriosamente a sabedoria contida nos símbolos transmitidos pela tradição, a sua “tribo” se tornaria a materialização final do poder contido



ali. Seria forte e próspera, embora ainda intensamente dependente daquilo em que cada um dos seus integrantes acreditava. E mais, a relação harmônica entre o grupo e o indivíduo garantia a manutenção do que era correto e justo para todos... o que era bom para todo mundo!

Aplicaram então essa crença de todas as formas possíveis e, como não poderia deixar de ser, incluí-se aí a medicina e todas as suas técnicas terapêuticas, tais quais a fitoterapia. Uma boa maneira de perceber como se materializou essa ideologia é resgatar o postulado ancestral de que a forma estrutural das ervas e dos minerais define sua relação com as partes do corpo humano com que se parecem. Isso se chama “antropomorfismo”, e constituiu-se em uma das estratégias de raciocínio mais utilizadas pelos antigos para classificar e hierarquizar produtos encontrados na natureza. A “forma” das coisas foi então a primeira característica básica adotada pela medicina tradicional como recurso de identificação da função medicamentosa.

E faz sentido. Se tudo tem que estar inserido em uma ordem universal para persistir ao longo do tempo, é de se supor que exista “algo” que coloque cada parte em contato com o todo ao qual pertence. E como a diversidade aparentemente infinita da criação é um fato notório, faz sentido pensar que, se esse “algo” não correspondesse a um fenômeno abrangente, e permanente, sempre haveria o risco de que alguma parte não se encaixasse perfeitamente nessa ordem. E de fato isso ocorre. Eventualmente, assistimos à natureza eliminando manifestações de vida que se tornaram inviáveis a partir de determinado momento de sua evolução. Foi assim no passado, é assim hoje, e provavelmente ainda será assim no futuro mais longínquo que pudermos imaginar.

Portanto, cada parte desse todo tem que garantir sua existência e permanência neste universo estabelecendo uma “sintonia” com tudo que está a sua volta. E isso só se torna possível por ter essa parte a mesma origem de todas as demais. A ideia central que rege esse postulado é que tudo o que conhecemos, mais o que não conhecemos, é feito de uma mesma substância primordial. A isso chamamos mo-



ternamente de “princípio único” da criação, uma concepção que, se antes foi defendida e explorada no âmbito da maioria das religiões, atualmente é exaustivamente confirmada por todas as escolas científicas que se empenham em estabelecer a verdadeira natureza das coisas. Estão todas intensamente engajadas em descrever a Teoria do Campo Unificado, que foi primeiro intuída por Albert Einstein quando este chegou ao limite do modelo matemático que provava a Teoria da Relatividade.

“Campo unificado” e “princípio único” organizador são duas expressões modernas de uma antiga crença xamânica. E essa concepção é de tal forma importante para nós que será revisitada e aprofundada em suas consequências ao longo de nosso estudo. Com isso, servirá de base tanto para unir o passado e o presente, em termos conceituais, quanto para garantir que tudo que venhamos a estudar aqui se apresente dentro de uma única e indissolúvel lógica. Visto assim, faz sentido acreditar também nos outros postulados que surgem quando passamos a admitir este mais fundamental. Por exemplo, aquele que afirma que *todas as partes deste universo se integram em um todo por exibirem a qualidade da “sinergia”*.

Apesar de pouco conhecido, esse fundamento afirma apenas que a natureza só existe assim como a percebemos, um imenso mecanismo perfeitamente organizado, porque é formada de pequenos organismos vivos e não vivos que cooperam entre si. E quanto mais cooperam, mais semelhantes entre si se tornam, pois aprendem uns com os outros as melhores maneiras de fazer o que precisam estar fazendo para sobreviver, cada um em seu lugar, neste encadeamento de ações.

Assim voltamos ao antropomorfismo. Uma das melhores maneiras de identificar elementos semelhantes é reconhecer as características comuns a esses elementos. E, entre estas, sem dúvida a que salta aos olhos é a forma. Existe atualmente uma teoria que explica esse tipo de entrelaçamento, conhecida por Teoria Geral do Caos. Mesmo que não queiramos entrar inteiramente nas complexas bases físico-químicas que explicam por que a forma semelhante coloca os ele-

mentos contidos na natureza em contato íntimo, o que importa é que agora sabemos que um modelo classificatório baseado no antropomorfismo (formas humanas repetidas na natureza) é real, pode ser explicado cientificamente e funciona. E, na verdade, apresenta-se como uma estratégia válida de reconhecimento da aplicabilidade prática dos insumos fitoterápicos.

A nota dissonante é que, apesar de todo esse mérito, o antropomorfismo atualmente ainda tende a ser visto com ceticismo e resistência por parte do meio acadêmico formal. Quero crer que isso só acontece em razão do esquecimento e/ou da banalização da base conceitual que o suporta desde tempos imemoriais. Contudo, esse quadro tende a mudar. Pelo menos é o que se espera após o advento de uma teoria filosófico-matemática, produzida inteiramente dentro do ambiente acadêmico por um pesquisador nada anárquico, que vem servindo como “fio” unificador entre as concepções que regiam os homens do passado e aquelas que são pensadas pelo homem do presente: a Teoria dos Fractais.





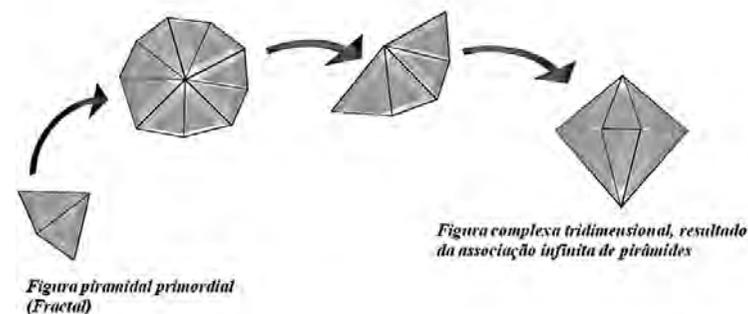
### CAPÍTULO III

Antropomorfismo, símbolos e psique humana



**É** claro que a exposição completa da prova matemática de que o antropomorfismo pode funcionar transcende as possibilidades deste livro. Porém, a ideia central é simples e, por si só, coloca-nos no ponto de vista ideal para compreender a maravilhosa lógica que essa teoria sugere: todo sistema complexo (seres vivos, cristais, planetas etc.) se organizou por meio da união de incontáveis unidades constituintes, os fractais, que são a menor parte funcional distinguível nesse sistema. E o que há de inusitado e “inédito” aqui é que se assume que essa mínima parte, por ser funcional e independente, reúne os atributos principais reconhecidos como característicos do sistema como um todo, inclusive a sua forma final. Isso quer dizer que, se um macrossistema complexo tem, por exemplo, uma forma final hexagonal, os microssistemas simples e fundamentais do qual é feito são todos hexagonais.

Em outras palavras, a natureza tem como estratégia criar formas complexas com base na repetição infinita das unidades básicas que as compõem. Hexágonos microscópicos serão então repetidos incontáveis vezes, tanto na forma quanto na função e, quando interagindo sinergicamente, isto é “cooperando”, formarão um grande hexágono que se expressa por meio de um pacote de funções essencialmente iguais àsquelas de suas partes.



*Figura 5 — Antropomorfismo e forma geral dos fractais*

Tal verificação talvez ficasse apenas enfeitando mais uma obscura prateleira da ciência moderna, não tivesse o matemático francês Benoît Mandelbrot sugerido e demonstrado que esse é o método de organização da natureza. Diante dessa ideia radical, e atendendo ao furor de opiniões que se seguiu ao artigo publicado por ele, vários ramos da ciência se debruçaram sobre suas plataformas experimentais para verificar as consequências possíveis da Teoria dos Fractais. E até hoje ninguém pôde refutar de forma consistente os postulados de Mandelbrot. Entretanto, independente das disputas entre os doutos acadêmicos da atualidade, o fato é que é relativamente fácil atestar a veracidade dessa concepção pela simples observação dos inúmeros exemplos de sistemas complexos que atuam em torno de nós: o formato de um delta de rio, flagrantemente semelhante ao de um animal que vive nesse ambiente, uma espécie de polvo, ou o aspecto tortuoso das matas-galeria que cortam a uniformidade de um planalto — levando umidade e nutrição a um terreno que, sem essa presença, seria inóspito e estéril — e que, quando vistas de cima, lembram imediatamente a estrutura do sistema circulatório sanguíneo (não por acaso, elas têm a mesma função no ambiente orgânico).

Podemos, ainda, pensar nas formas “aleatórias” que surgem em uma tela quando determinadas equações randômicas são resolvidas por um computador de alta velocidade, projetando estruturas simples ou tridimensionais por meio da repetição e aplicação infinita de seus resultados na figura de origem. É interessante destacar que tais formas randômicas exercem um estranho fascínio hipnótico nas pessoas. E tudo indica que isso ocorre porque apresentam padrões estruturais que todos nós podemos reconhecer subconscientemente como padrões orgânicos! Esses são, inclusive, os mesmos padrões que encontramos nas estruturas vegetais, minerais, planetárias, estelares etc.

Assim, o que essa teoria nos está demonstrando é que a infinitude que pensamos observar na diversidade criativa da natureza é de fato muito mais finita do que imaginamos. O universo se organiza segundo um número finito de formas básicas, o que já era sabido pelos

homens naturais há pelo menos oito mil anos e agora pode ser reconhecido por nós quando hipnotizados pelas formas randômicas produzidas ciberneticamente. Esses sábios da antiguidade sugeriam inclusive um número para expressar isso, citando, no milenar manuscrito chinês *Nei Ching*, as “10.000 mil formas que passaram a existir no reino de Wu Wei”. Obviamente, estou me referindo de novo à cultura oriental, que, em seus cânones mais antigos, nos ensina: “antes do início dos tempos, não havia movimento no reino de Wu Wei, o universo”. O próprio Wu Wei é apresentado como um espaço inerte onde tudo que existia era a substância fundamental primordial, o Jing. Mas então houve um momento em que um grande sopro, vindo desde Hu Dum, o centro, despertou o movimento em Jing. E a partir daí passaram a existir o Sol, os planetas e todas as 10.000 formas que se veem no mundo.

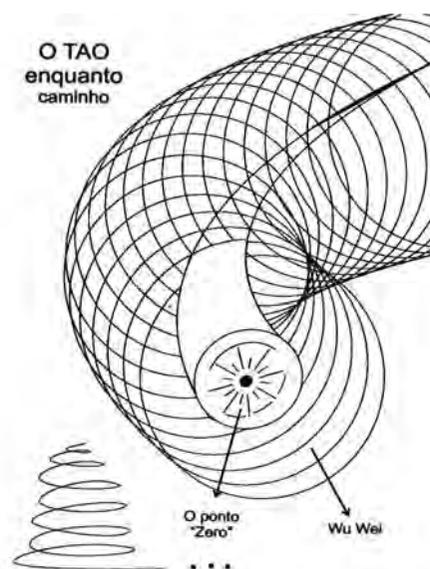


Figura 6 — O tao como caminho



Essa história, repleta de um simbolismo tão ou mais radical que o da Teoria dos Fractais, é semelhante a muitas outras versões que foram contadas, em outros cantos do mundo, por outras culturas antigas. Contudo, entre todas elas, a que mais nos chega isenta de “contaminações” é a cultura oriental, da qual extraí as imagens que acabei de utilizar para ambientar a proposta do antropomorfismo na ideologia ancestral. O mais interessante nisso é que, quando considerada em conjunto, essa herança parece expressar algo comum a todos nós: a percepção de que existe um princípio único organizador de todas as coisas.

Essa é uma informação aparentemente onipresente em toda a humanidade. E tem força simbólica suficiente para ir se aprofundando na psique humana ao transmitir a percepção de que foi graças a essa eterna presença organizadora que pudemos surgir e permanecer na realidade que conhecemos. Essa ideia fundamental nos é útil ainda para explicar muito do que se observa no comportamento humano, justificando fenômenos clínicos e sociais de uma forma tal que nos ajuda inclusive na compreensão do processo de adoecimento e cura. Por isso, a usaremos intensamente nos próximos capítulos, em que estaremos empenhados em montar uma base segura no terreno pantanoso das práticas terapêuticas não convencionais.

Continuando o exercício de unir o passado e o presente, e extrapolando para unir todas as “falas”, podemos ir ainda mais longe, para tentar “costurar” uma versão mais fidedigna da origem de nosso universo e de como o homem se encaixou nisso. Podemos imaginar que, como consequência da ação do princípio único organizador, todos os macrossistemas baseados no mesmo fractal só se tornam possíveis porque mostram atributos fundamentais semelhantes ou complementares entre si. Esses atributos emanam de uma fonte que está no centro do universo (Hu Dum!) e que atua produzindo um “movimento” harmônico e coerente, vibratoriamente, com as partículas constituintes da matéria primordial. Aquela mesma massa de matéria antiga onde passou a ocorrer movimento coerente por ação



do “sopro” vivificador, a partir do quê se reuniram as condições ideais para que se desenvolvesse tudo que conhecemos... Pelo que já estudamos sobre fractais, isso é o mesmo que dizer que sistemas complexos com formas semelhantes têm tropismos, ou seja, “afinidades”. Então uma folha com o formato de coração tem algo a ver com o coração, uma semente que tem o formato de rim tem atuação sobre o metabolismo dos rins, e assim por diante, até chegarmos à convicção de que tudo na natureza sofre os efeitos do “entrelaçamento”.

É claro que isso continua valendo mesmo no universo nuclear de onde surgem os princípios ativos que regem a farmacodinâmica dos compostos fitoterápicos. Então essa ideia passa a nos interessar muito, senão por basear cientificamente nossas convicções filosóficas, porque nos permite explicar objetivamente por que, em última análise, uma folha com o formato de coração, por exemplo, a unha-de-vaca (*Bhauinia platypetala*), é eficiente para tratar distúrbios cardíacos. Uma raiz com um formato que lembra um cordão de bolotas, por exemplo, o nó-de-cachorro (*Heteroptery aphrodisiaca*), seria ideal para tratar a coluna vertebral. E uma outra raiz, com o formato geral do corpo humano, por exemplo, o ginseng (*Phanax ginseng*), seria tônica para o metabolismo do corpo como um todo.

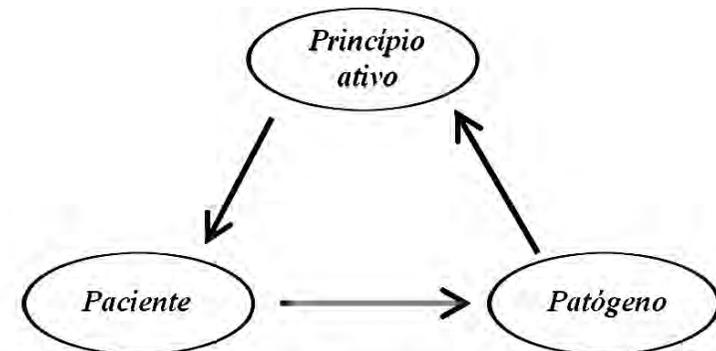
Mas você pode ainda estar argumentando: “ok, o antropomorfismo existe e explica a ligação entre as coisas de formato semelhante. Mas por que, afinal, esse conceito importa tanto?” Porque o antropomorfismo nos fornece a base de raciocínio que torna coerente a maior parte da associação empírica feita pela fitoterapia tradicional até os dias de hoje. Nota-se isso quando, estendendo a ideia dos fractais (ou do antropomorfismo) a outras dimensões de manifestação das formas reconhecidamente vitais, começamos a reencontrar todos os fenômenos citados na medicina de alta energia. E para nós esse tipo de medicina torna-se fundamental a partir do momento em que se define como o conjunto das racionalidades médicas consideradas tradicionais.

Um bom e conhecido exemplo disso está na homeopatia. O antropomorfismo, ou a realidade dos fractais, surge claramente no afo-

rismo básico que serve a essa disciplina: “o semelhante cura o semelhante”, conforme afirmou Samuel Hahnemann em *Organon da medicina racional* (1810). Assim, ervas que apresentam substratos oleosos amarelo-esverdeados, semelhantes ao suco biliar, são resolutivas dos distúrbios da vesícula. Ervas que apresentam seiva de forte cor vermelha fomentam a hematopoiese, isto é, a produção de sangue. E substâncias minerais que, quando ingeridas, produzem sensação de calor e sudorese são muito boas para a cura de infecções. A ponte que une essas características não é óbvia, mas, quando estudamos um pouco mais o significado das infecções em um organismo, encontramos as similitudes que aproximam esses elementos. Ocorre que, segundo a fisiopatologia tradicional, todo processo infeccioso agudo implica “calor”, o que pode ser facilmente verificado na forma de febre ou de um grande incremento na atividade dos tecidos infectados, que não por acaso muitas vezes só se curam após grande sudorese.

A homeopatia baseia-se no fato clínico de que todos os efeitos causados por uma substância, quando ingerida pelo organismo saudável, são justamente o grupo de sintomas para os quais aquela substância é medicamentosa. Isto é, os fatores que geraram aqueles sintomas, e que estão congregados na substância em si, e o organismo que os está experimentando pertencem ao mesmo grupo de fractais. O que elegantemente não exclui a ideia da infectologia de que toda doença tem uma base infecciosa e é um processo causado por um agente patogênico externo. A única ressalva que devemos admitir para aproximar essas duas teorias é que, não importando se esse agente externo for um micro-organismo ou qualquer outra coisa, o paciente e esse agente estão interagindo só porque são sintônicos entre si. Caso pertençam ao mesmo grupo de fractais, foram sinérgicos (cooperativos) harmonicamente até o momento em que, de alguma forma, um deles entrou em desarmonia (ou ambos). Ou ainda, estão desarmonizados entre si justamente porque não pertencem ao mesmo grupo de fractais.

De fato, não importa qual é o caso. A teoria homeopática, e sua longa prova clínica, nos permitem afirmar que o remédio homeopático, ao promover o reequilíbrio, não o fez por eliminar objetivamente o suposto agente patogênico. Antes, facultou ao paciente a sua cura por estabelecer, na tríade remédio-paciente-patógeno, uma ordem relacional que poderia inclusive já ter existido. Daí a percepção fundamentalista de que a homeopatia, mesmo sendo uma racionalidade médica padronizada dentro de rígidos procedimentos, e hoje prepotentemente dominada pela medicina convencional, não trata a doença, e sim o doente.



*O semelhante cura o semelhante.*

*O entrelaçamento aproxima as coisas que têm forma semelhante.*

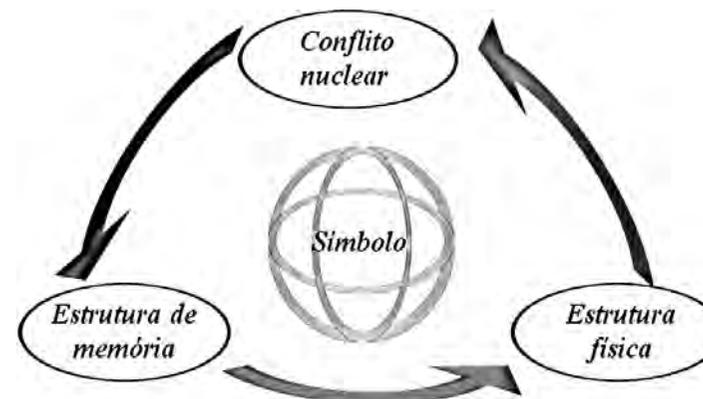
Figura 7 — O fenômeno homeopático e a Teoria Geral dos Fractais

Resumindo: ocorre na natureza um fenômeno fundamental, conhecido como “entrelaçamento”, que aproxima energeticamente todas as coisas que têm forma semelhante.





Uma das coisas mais importantes que vimos no capítulo anterior é que existe um número finito de formas na base estrutural da realidade. Se tomarmos isso como verdade, poderemos então imaginar que, pelo menos para este universo, todas as dimensões de nossa realidade estarão interligadas por essa mesma base. E podemos ir bem mais longe e trabalhar com a crença de que isso faz parte da estratégia que a natureza utiliza para colocar todas as coisas em contato pleno, estendendo-se inclusive à realidade “in-



*A “forma” da interação materializa a função da interação.*

*Figura 8 — Símbolo e energia vital*

terior” dos organismos que se desenvolvem nesse ambiente. Além disso, como um sistema vivo e coerente funcionalmente, somos um todo sem dissolução de continuidade, o que sem dúvida é uma característica que, para funcionar, tem que valer tanto para a estrutura orgânica quanto para a estrutura mental.

Como entramos em uma dimensão de existência tão pouco conhecida como a “mental”, aqui temos que ter muita calma. Para aproximar a Teoria Geral dos Fractais da psique, e obter com isso um aporte conceitual útil, temos que nos comportar como alguém que tenta caminhar



sobre uma placa de vidro muito fina. Um passo na direção errada... e afundaremos desastrosamente em raciocínios apressados, superficiais e sem base na realidade que queremos explorar. Aqui a questão é transferir conceitos de uma dimensão para a outra, e não buscar uma justificação para uma classe de ideias tão exóticas que em nada nos ajudarão a compreender a essência dessa questão.

Por outro lado, se o nosso objetivo não nos escapar, não enfrentaremos nenhum abismo intransponível. E isso simplesmente porque sim, os fenômenos que tornam reais os fatos relativos à estrutura do consciente e inconsciente humano decorrem da mesma estratégia organizacional que a natureza apresenta em todas as suas dimensões. Tais fenômenos, em que pese sua imensa complexidade, são uma mera continuidade da existência do próprio ser. Portanto, todo o nosso universo reacional, seja emocional, psíquico ou mental, surge e se organiza a partir da presença de um grupo finito de unidades funcionais que, quando repetidas e somadas inúmeras vezes, dão forma à dimensão da realidade pessoal que chamamos “mundo interior”. Mas, como estamos falando de uma parte da realidade que é “interior”, e portanto relativamente apartada do que é observável no entorno do indivíduo, e para desenvolver um raciocínio que nos mantenha sem o prejuízo de todas aquelas características exploradas quando descrevemos as unidades fractais, vamos utilizar aqui um outro termo, não menos desafiador, embora referente ao mesmo princípio. Vamos chamar essa unidade mínima funcional de “símbolo”.

E nos reencontramos novamente com eles: os símbolos! A psique humana está estruturada em cima de símbolos. E é atributo dessa psique elaborar a vivência do indivíduo processando-a criativamente, extraindo dela os significados em todas as suas dimensões e aplicando ao indivíduo cada uma dessas “imagens” na forma de ganhos experienciais. O que há de importante em ganhar e reter experiência é o acúmulo de vantagens estratégicas para resolver a vida, sendo que, em tese, aquele com maior experiência é o mais competente do ponto de vista relacional. Para nós, interessa que, com esse acúmulo progressivo de memória,



cria-se uma “matriz consciencial”. A existência desta há muito é postulada por todas as ciências que estudam o desenvolvimento do ser humano, mas só recentemente começou a ser associada com algo mais que apenas uma construção mental. Atualmente, percebe-se que tal “matriz” está firmemente ancorada em regiões muito bem definidas do neocórtex, o jovem cérebro que desenvolvemos quando iniciamos a experiência de ficar de pé, liberando as mãos para a manipulação de instrumentos. Ainda que passível de mapeamento neurológico, a “matriz consciencial”, ao entrar em uma atividade correspondente ao raciocínio, integra o cérebro como um todo, comprometendo todos os sistemas orgânicos em suas diversas instâncias de metabolismo.

Isso equivale a dizer que “pensamos” com o corpo todo! E que, conseqüentemente, qualquer atividade mental compromete a globalidade do indivíduo. Como esta é uma via de mão dupla, podemos afirmar que a experiência do ser vivente dá forma tanto às estratégias que ele irá utilizar para resolver a vida quanto ao seu corpo, mesmo que seja somente no nível das estruturas ou do metabolismo em si. Por isso a importância da ideia de que somos, em essência, o resultado da soma de três grandes troncos vivenciais: a vivência cotidiana, a vivência provida pela relação do Eu com as pulsões transmitidas pela herança deixada pelos antepassados e, finalmente, as vivências provenientes das influências do inconsciente coletivo. Tudo isso nos instrumentaliza na relação com a vida, o que sem dúvida se nos apresenta na forma de um pacote de símbolos que podemos acessar, combinar, recombina e transformar em termos de seus significados e valores.

Podemos apenas “manipular” os conteúdos que estruturam essas entidades simbólicas. Não é atributo do homem consciencial criar novos símbolos dentro da verdadeira acepção do que sejam tais símbolos. Estes, para adquirirem o peso de um fenômeno psíquico que atua biológica e sinergicamente, e que é capaz de fazer um trabalho harmônico em todas as dimensões necessárias, têm que ser fruto da evolução da espécie. Têm que “amadurecer” e se tornar conseqüentes



a ponto de assumirem um *status* específico: um nível de existência que entendemos como relativo ao dos fenômenos “energéticos”.

E aqui entra uma classe de conceitos que carregam muitos fatores complicadores. Portanto, se quisermos nos introduzir de maneira inteligente na dimensão energética de todas as coisas, teremos novamente que proceder com cuidado. Na verdade, atendendo à necessidade de aproximar este estudo ao nosso enfoque principal, será somente avaliando as implicações da palavra “energia” que começaremos a visualizar a melhor maneira de explorar essa dimensão da realidade. E essa estratégia seria construir, com nossas ideias, a possibilidade de aproximar todo esse arcabouço conceitual do que entendemos como “vitalidade”. Isto é, para entender o processo de adoecimento e cura como uma vivência que pode ser facilitada pela fitoterapia, é útil compreender “energia” como uma condição da matéria primordial, um “fator” que caracteriza uma categoria de eventos intensamente observada na natureza: as trocas de substância entre os sistemas que habitam os ambientes. Se tais trocas estão coordenadas de tal forma que provêm os meios para que esses sistemas permaneçam e se desenvolvam, são consideradas trocas nutricionais e próprias das estratégias de vitalização. Vitalizar é inerente a todo ser vivo, que inclusive se caracteriza como “vivo” justamente por realizar isso intencionalmente. Indo um pouco mais longe, quanto mais sofisticado esse ser vivo, mais características serão suas trocas, por serem todas consideradas de alta frequência. A “frequência” e o “comprimento de onda” são atributos intrínsecos à energia, o que de imediato coloca esse fenômeno no campo dos fenômenos vibracionais.

Observe o que estamos fazendo aqui. Estamos elaborando a ideia de que a realidade tem um modo de organização que pode ser descrito na forma de “ondas”: de vibração! É isso tem tantas consequências que agora há a necessidade de criar toda uma ciência para lidar com elas. Estamos postulando também que, como não poderia deixar de ser, a classe de fenômenos situada na base dos efeitos medicamentosos dos produtos fitoterápicos só pode ser entendida



completamente se a incluímos numa realidade vibracional. Podemos sentir a propriedade disso quando, para continuar percorrendo coerentemente, torna-se obrigatório o uso de conceitos como “movimento”, “frequência”, “sintonia”, “harmonia” e “comprimento de onda”. E isso funciona!

Funciona porque de fato, ao estudarmos as qualidades medicamentosas do ponto de vista da medicina e da filosofia de nossos ancestrais, estamos nos deslocando, com um novo olhar, pela dimensão mais sutil de organização da realidade. Uma dimensão em que fica evidente que tudo que somos, e tudo que está em torno de nós, é fruto da cooperação de um agregado coerente de fenômenos vibracionais. Portanto, ao iniciar a compreensão dos processos humanos nessa dimensão dos eventos de alta energia, temos que lidar com a realidade vibracional segundo a qual se estruturam todos os sistemas vivos. E isso implica abriremos a mente e o coração para não somente “pensar” esses conceitos. Antes, temos que “senti-los” com nossa mente subjetiva, alcançando a “identificação” dessa realidade em nós mesmos.

Também significa internalizar a certeza de que a carga simbólica a que nos referimos só começa a ser útil quando se torna uma ferramenta, algo com que podemos contar para lidar com nossa experiência de vida junto de nossos processos internos. Se nos servir a esse nível, servirá também como um meio para interpretar a realidade, estabelecendo uma “ponte” para com esta. Essa “abertura” nos permite um contato tão estreito com o universo que nos envolve que, para cumprir o papel que observamos ser cumprido, só pode fazê-lo por meio daquela comentada troca de substância.

Ao acessar um símbolo, ou uma quantidade deles, no processar psíquica e emocionalmente uma vivência, estamos movimentando energia. Estamos investindo um tanto de nossa preciosa vitalidade para que esse ato de “processar” realize dentro de nós o que chamamos de “adaptação”. Se nos adaptamos ou transformamos, usando nosso patrimônio simbólico, o próprio símbolo pode ser considerado um pacote energético ativo dentro de nós. E, como qualquer outro agregado



de energia, estará sem dúvida inserido na “ordem” universal que orienta a relação de todas as coisas. Isso implica admitir que o universo exterior tem, de alguma forma, uma “presença” em nosso universo interior. E que nosso metabolismo está estreitamente ligado e influenciado pelos movimentos dos poderes fundamentais da natureza, materialmente representados pelos elementos que transitam pelo planeta (água, fogo, ar e outros). Os antigos, muito anteriores aos gregos, gostavam de descrever tais elementos como cinco: ar, água, madeira, fogo e terra. E afirmavam que o homem (e sua simbólica interior, é claro) passava a usufruir do *status* de um sistema de representações energéticas coerente somente quando estava ligado, por ressonância, a esses cinco poderes fundamentais da natureza.

Isso não é dizer pouca coisa. Mais adiante, daremos um mergulho mais profundo nas ideias próprias à medicina tradicional, e esse será o melhor momento para entender o que são os tais “poderes fundamentais da natureza”. E então saberemos como eles estão presentes dentro de nós, regulando e cuidando para que nosso metabolismo nos mantenha dentro da ordem universal. Por enquanto, basta lidar com o fato de que é por meio de nosso patrimônio simbólico que nos tornamos o que somos em essência: uma função vital entre o ser criado, nós, e o ser criador... Deus?! Se entendermos isso, estaremos na posição certa para admitir que é justamente porque apresentamos esse comprometimento cósmico que perduramos nesta realidade, enquanto outras espécies estão desaparecendo após curta jornada. E permaneceremos enquanto enxergarmos e respeitarmos o fato de que não está dentro de nossas possibilidades alterar, por nossa conveniência, a base simbólica que recebemos ao nos integrar na cadeia vital que harmoniza a presença da vida neste planeta. Antes disso, temos que dar conta do poder que temos sobre o significado dos símbolos, o que certamente não é pouco para lidar. Podemos inclusive ter a certeza de que nada disso pode permanecer estático. Estamos o tempo todo empenhados em editar a evolução constante desses significados, pois somente na incessante interpretação e rela-



ção com tais elementos simbólicos é que viabilizamos um modelo de vida consistente com a mutabilidade do universo.

Nosso sucesso como organismo vivo depende disso, e o fator que mais pesa aí é o que chamamos de “equilíbrio metabólico”. Garantir o equilíbrio é uma tarefa tão fundamental que, quando fracassamos nela, do ponto de vista desta medicina que estamos procurando desenvolver, *só iremos experimentar o processo de “volta à normalidade” (cura?) se atentarmos para a adequação entre nosso método de vida e nossa simbólica interna*. Qualquer solução de vida afastada desse princípio comum não realiza o trabalho necessário, e então nem a melhor medicina será capaz de nos manter vivos.

Mas, voltando e abordando de uma outra forma, se os símbolos não são os significados em si, o que são eles? Para a medicina tradicional, são pacotes de energia vital, gerados por um ou mais dos poderes fundamentais da natureza e incorporados por nós por meio das trocas nutricionais que estamos empenhados em fazer o tempo todo. Esses pacotes de energia, quando bem assimilados, trazem “informação” para dentro do sistema orgânico ou, em condições especiais de amadurecimento social, para dentro do fluxo vital de um grupo inteiro de indivíduos. Quando isso ocorre nessa escala grupal, dizemos que estamos adquirindo uma “ideia”, uma construção mental à qual todos os integrantes daquele grupo podem ter acesso. Apesar de pouco conhecido e pouco comentado, esse não é um evento tão raro assim. De fato, é tão frequente que existe até um termo para identificar um símbolo que esteja no subconsciente de todos que pertencem a um mesmo grupo, com um mesmo valor. A esse símbolo, a psicologia chama de “arquétipo”. E considera isso tão poderoso que defende a certeza de que um grupo de pessoas só será um grupo se usufruírem, todas, de uma quantidade bem definida de arquétipos.

É claro que isso implica que os arquétipos têm uma poderosa influência na metodologia de vida daquelas pessoas. E, se isso é assim, podemos inferir que a influência dos arquétipos, por meio das rotinas comportamentais que estabelecem, atinge nosso metabolismo a tal



ponto que define como e por que adoecemos, e como podemos curar nossas mazelas. Na verdade, é no exercício de dar forma e substância a seus arquétipos que as pessoas usam a unidade fractal simbólica, tornando-se mais ou menos humanas e participantes do inconsciente coletivo de sua comunidade. Considerados dessa forma, os arquétipos humanos, embora não tenham o mesmo poder e atributos de um símbolo telúrico, ou lunar, ou solar, conseguem ter uma funcionalidade semelhante à dos poderes fundamentais da natureza, na medida em que o indivíduo, ao se integrar no grupo, nutre-se desses arquétipos como o faria com um referencial universal. Por isso, *quando reunidos em grupos que agem de forma coesa e cooperativa, os seres humanos conseguem atuar na realidade como um desses poderes fundamentais!*

Porém, essa pode ser uma ideia radical demais para a maioria das pessoas. O ser humano nivelado com um poder cósmico?! Sim. E isso nem é muito difícil de verificar. Na verdade, torna-se bem real quando observamos que, à medida que os grupos humanos se expandem, ou alargam seu campo de influência, passam a drenar sistematicamente todas as fontes de energia a seu alcance. E, quando fazemos essa realidade encontrar o fluxo de energia que alimenta todos os fenômenos deste planeta, estamos posicionados de forma a perceber o quanto o ser humano pode ser perigoso para a sobrevivência desse meio ambiente e dele mesmo. Isso, é claro, tem uma representação no nível da soma dos fluxos vitais (orgânicos e/ou psíquicos) de todos os indivíduos sintonizados nas mesmas características vibratórias. Se esse fato já dá suporte à ideia de que a presença do homem acaba influenciando profundamente seu ambiente, imagine-se o que é necessário ocorrer dentro desse mesmo homem antes que a natureza em si acabe sofrendo!

Não importa a forma como imaginemos isso, o fato é que as possibilidades pesam igualmente para ambos os lados. Se esses homens estão editando arquétipos sintônicos harmonicamente com os movimentos da natureza, sua presença se caracteriza por ser benigna e concorrente para o desenvolvimento sustentado de todas as espécies.



Porém, e infelizmente é o que costuma acontecer, se esses mesmos homens estão em desarmonia consigo mesmos, editam os mesmos arquétipos de forma confusa e desastrosa, tanto para si quanto para tudo que está em volta.

Mas de novo cabe a pergunta: o que tudo isso tem a ver com a fitoterapia e as plantas medicinais? Ocorre que, de todos esses fatos, um em particular é tão importante que define se alcançaremos nossos objetivos ao indicar este ou aquele medicamento a alguém que está sofrendo. Quem está seguindo o encadeamento dos fenômenos naturais, que sem dúvida acabam sempre nos incluindo, já percebeu que os arquétipos que habitam no inconsciente coletivo da humanidade são construídos com base nos mesmos símbolos fundamentais que regulam toda a troca energética na natureza. E isso não é verdade apenas para humanos. Todos os seres vivos de determinada região serão influenciados por esses símbolos segundo padrões semelhantes, o que criará um “elo vital” entre eles. Essa ligação, por ser em essência energética, mas possuir também uma apresentação bioquímica verificável, tem uma representação em todas as dimensões de existência dos seres que são vizinhos dentro um mesmo “ecossistema”. Para simplificarmos a visualização disso, não existe melhor forma que considerar a dimensão onde se materializam as trocas nutricionais. Um ser vivo se alimenta do outro dentro de uma cadeia alimentar, e por meio disso são feitas trocas de energia.

Essa é uma verificação conhecida da maioria das pessoas, mas um aspecto que pode ser surpreendente é que tais seres encadeados estão na realidade funcionando organicamente sob a regência dos mesmos arquétipos. E, por isso, têm um grau de aproximação suficiente para que um possa ser considerado como continuidade do outro no nível dos seus elementos constituintes. Um dos efeitos disso é que, graças a essa aproximação, o sistema digestivo mais complexo daquele que está acima na cadeia alimentar pode “reconhecer” a estrutura orgânica daquele que está sendo consumido. Mas, se tais seres pertencem a biomas muito distantes, energética e geograficamente falando, podem não se



reconhecer tão completamente. Nesse caso, é claro que as trocas de energia não estarão facilitadas. No âmbito da fitoterapia, isso implica que as plantas que servem de determinada forma a um grupo humano específico podem não servir da mesma forma a outro grupo que esteja distanciado biotipicamente.

Para quem tem dificuldade de enxergar isso, basta atentar para o que ocorre cotidianamente com as pessoas de nosso próprio grupo social, os sul-americanos. Somos um subgrupo de seres humanos metabólica e historicamente condicionados a consumir milho. As culturas americanas e mesoamericanas têm isso em comum. Mas houve um tempo em que essas culturas foram violentamente colonizadas pelos europeus, o que trouxe, entre outros prejuízos, uma importante deturpação do nosso padrão alimentar. Agora somos uma cultura muito mais do trigo que do milho, e a consequência imediata disso é que somos um povo de alergias e de processos crônico-degenerativos, frutos da vivência constante das irritações geradas por essas mesmas alergias. Nosso organismo não conhece suficientemente o trigo para digeri-lo de forma completa, por isso não demonstra capacidade de assimilá-lo sem se estressar, tanto que, a médio prazo, se põe doente de muitas formas. Se isso vale para um alimento, vale também para um medicamento! Como sabemos, a forma mais direta e constante que o ser humano usa para se automedicar fitoterapeuticamente... é se alimentando. Daí o vasto alcance do problema de falta de aproximação biotípica.

Resumindo: é muito importante que as pessoas sejam medicadas, ou se alimentem, com produtos oriundos da própria região em que nasceram, ou em que vivem há pelo menos quatro gerações. Se não for assim, isto é, se acessarem constantemente produtos importados de outras regiões, é muito provável que não consigam a cura necessária, ou o equilíbrio dietético necessário para manter minimamente sua saúde. Ou ainda, que tal cura e tal dietética não ocorram tão rápida e/ou tão completamente quanto ocorreria se as pessoas fossem medicadas ou alimentadas de modo adequado.



E isso vai mais longe ainda. Explorando as consequências da aproximação biotípica pelos seus aspectos sutis, vemos que a realidade simbólica/vibracional que existe na base dos eventos de adoecimento e cura se inicia na psique dos indivíduos. E daí vai migrando por vias de somatização, até sua estrutura orgânica. Como esse é um circuito de reações que pode ser explorado nas duas direções, tanto da mente para o corpo quanto do corpo para a mente, isso por si só revela o quanto de ação psicoemocional iremos desencadear com o simples ministrar de um medicamento. E o importante aqui é que, além das repercussões sobre as prescrições fitoterápicas, isso justifica de forma elegante todo aquele discurso ancestral que relacionava a atividade de curar e ser curado com a necessidade de “acreditar” na cura em si. O capítulo da ação psíquica dos fitoterápicos é de tamanha importância que temos que, em algum momento, começar a compreender de que forma essa ação se dá. E uma das maneiras mais interessantes de alcançar isso é definir o que seria essa coisa de “acreditar” nisto ou naquilo.

Felizmente, esse tipo de estudo já vai longe dentro das ciências que exploram o comportamento humano. Em que pese isso, de novo, pode ser surpreendente o comentário de que tais estudos apontam para o fato de que emprestar credibilidade a alguma coisa é na verdade um investimento de energia. Isso mesmo! A velha e boa “energia” reaparece em nosso horizonte de realidades. Mas vamos com calma para visualizar bem de que maneira esse conceito entra aqui.

O único patrimônio verdadeiro do ser vivente é o seu conteúdo de vitalidade, sendo todas as outras ambições que possam ser acalentadas no espírito humano simples consequências disso. Por isso, buscamos vitalidade o tempo todo. Esse é um movimento de tal forma capital que disputaremos ferozmente a energia disponível com qualquer um que esteja se nutrindo no mesmo ambiente. Mas o curioso é que, se pudermos, não iremos apenas consumi-la até nos fartarmos. Atendendo a um sentimento quase sempre fantasioso de que o estoque de energia é limitado, acumularemos quanta energia nos for possível para que nunca nos falte! Ocorre que essa ambição e capacidade



não são iguais para todos, o que gera um sem-número de efeitos no âmbito das relações humanas. Temos, além disso, uma leitura muito individual acerca da ética aplicável a esse movimento de lutar pelo maior aporte possível de energia; em consequência, geramos opiniões e investimentos igualmente muito particulares quanto a se devemos tê-la em excesso e o quanto. Infelizmente, não importando de que maneira tais meandros psicoemotivos interfiram na busca do maior volume de energia, isso produz uma distribuição desigual entre os consumidores alocados em um mesmo sistema biótico.

Levando o raciocínio para o campo que queremos explorar, importa saber que uma das estratégias que utilizamos para definir onde e quando iremos aplicar nossa energia é instituir o que chamamos de “credibilidade”. E na aplicação disso somos pautados por alguns comportamentos surpreendentes. O primeiro deles surge do fato de que não é necessário que algo seja “realmente” uma boa fonte de energia para que o consideremos tão relevante como se fosse. Simplesmente, por muitos motivos, temos a capacidade de criar a crença de que devemos investir nisto ou naquilo, a despeito de tudo que possa nos indicar que nada disso nos convém como fonte de energia. Por meio dessa faculdade é que nos permitimos classificar qualquer coisa como importante, e então desejá-la intensamente. A isso chamamos “emprestar” credibilidade.

E se por acaso estivermos investindo em algo que não tem qualquer valor fora de nossas “fantasias”, não há problema... somos perfeitamente capazes de transferir vitalidade para aquilo, a ponto de emprestar-lhe um valor que antes só subsistia em nós mesmos. E podemos fazer isso sistematicamente por períodos largos de tempo, o que, além de agregar mais valor ainda, acaba passando a todos uma impressão de que nosso foco de investimento é algo que tem o atributo da permanência. Então, em última análise, se temos que “tornar” algo importante para nós mesmos, o que fazemos é vitalizar esse “algo” a ponto de construir a perspectiva de que o conteúdo de vita-



lidade que teremos adquirido ali é maior do que nossos investimentos, e por isso se torna altamente interessante.

Portanto, “acreditar” em alguma coisa, na medida em que é um investimento de energia, é o mesmo que tornar essa coisa real. Ainda que esse conteúdo de realidade só valha para nós mesmos, o que importa é se alcançamos isso ou não. E alcançaremos se aplicarmos o volume suficiente de vitalidade nessa crença. Aproximando esses fenômenos da ideia de emprestar valor de credibilidade a esta ou àquela técnica de cura, é inteiramente possível e provável que este ou aquele medicamento, ou ritual, ou qualquer coisa que seja, realizará justamente e apenas aquilo que acreditamos que ela vai realizar... eminentemente, se o universo em que estamos aplicando tal cura é o nosso próprio sistema corpo-mente.

Entretanto, se o ser vivente elaborar sua matriz simbólica negativamente, estruturará um mundo de crenças e de modos de vida inteiramente distantes da realidade fundamental de onde surgiu. Como essas crenças não poderão ser nutridas naturalmente, para continuar sobrevivendo psicicamente dentro desse mundo, o indivíduo irá precisar aliciar outras fontes de energia que o ajudem a alimentar sua fantasia. Frequentemente, isso se consegue trazendo outras pessoas para dentro do campo de influência daquele pacote de idealizações, e é dessa maneira que se monta uma sociedade, suas religiões e suas instituições. Mas, como o mundo real não funciona em cima de fantasias, e não importando quantos existam empenhados nesse exercício mórbido, mais cedo ou mais tarde, essa contabilidade energética assumirá resultados tão negativos que o metabolismo daquele grupo, e/ou do ambiente em que vive, acabará desajustado. De qualquer maneira, o ser humano, quando alcança a forma de grupos funcionais, cria um sistema vital altamente complexo e tão poderoso que esse processo de desgaste poderá levar muitos anos, ou mesmo algumas gerações. Então, se as fantasias forem exercitadas e vitalizadas pelo tempo suficiente, atrairão tantos indivíduos necessitados das mesmas coisas que começarão a ser gerados os arquétipos que tornam



aquele amontoado de pessoas uma força planetária, o que pode se tornar ameaçador até mesmo para o planeta.

Perigosamente, esse pode ser um grupo funcional que estrutura suas crenças em cima de uma matriz fantasiosa, o que o torna fundamentalmente mórbido. Como necessariamente esse grupo estará inserido em um organismo planetário, que no nosso caso se representa pela Terra, poderá ser comparado a uma doença, uma “entidade infecciosa” que se multiplica descontroladamente e trabalha o tempo todo somente em prol de si mesma. Nesse trabalho, drena as forças do organismo hospedeiro, e pode fazer isso de forma tão violenta que um dia chega a exterminá-lo. Essa imagem pode parecer exagerada para alguém que não esteja atento ao que está ocorrendo em nosso mundo neste exato momento. Mas, para adaptá-la sem exageros, basta que nos coloquemos como aquelas “entidades” que se tornam daninhas não só por estarem única e exclusivamente voltadas à confirmação de suas fantasias institucionais, mas também porque resistem a qualquer comunhão nutritiva com as fontes primárias de vitalidade organicamente equilibradas deste planeta, os poderes fundamentais da natureza. E não o fazem justamente porque, se forem permitidas em seu ambiente as influências harmonizadoras de tais “poderes”, imediatamente serão denunciadas e enfraquecidas as ideias absurdas presentes na base filosófica de nosso grupo, o que claramente não contribui para sua sobrevivência nesse formato.

Em outras palavras, isolamo-nos do resto da criação porque temos medo do que iremos descobrir sobre nós mesmos se permitirmos um maior contato. Materializando esse medo na forma de suas consequências, podemos assinalar sem receio os terríveis processos de adoecimento que enfrentamos cotidianamente. Por exemplo, os distúrbios de humor e as doenças psiquiátricas propriamente ditas. Conforme esse ponto de vista, o que está causando tal epidemia silenciosa é o fato de que a disfunção psíquica de um grupo de seres humanos reflete a condição de cada um de seus membros. Se imaginarmos que somos uma espécie que pode controlar e explorar

tudo e todos ao seu redor, mesmo que isso se mostre de uma insanidade flagrante até para o menos dotado dos seres que estão neste mundo de homens, será isso que iremos incorporar em nossos organismos. E é claro que essa realidade energética simbólica transcende em muito o indivíduo que a experimenta.

Ainda assim, esse não é o pior aspecto de nossa atuação como grupo funcional. Pior que editar esse verdadeiro suicídio coletivo é não quisermos ver nada disso apenas por “preguiça”. Existe uma gigantesca acomodação bloqueando as pessoas na sua vontade de mudar. Sentimos que dará um trabalho enorme transitar, em relação ao nosso planeta, de uma atitude meramente egoísta e extrativista para uma ação mais inteligente e sustentável. E nenhum de nós se dispõe a sair da zona de conforto.

Ninguém será curado disso sem a intervenção de um processo harmonizador externo, que possa realocar nossa necessidade de comunicação com os poderes fundamentais no nível de nossos valores. Essa é justamente a proposta medicamentosa da fitoterapia como agente equilibrador dos processos psíquicos em uma massa de seres humanos que, lentamente, podem sair de seu marasmo institucional. Alguém pode imaginar que, desse jeito, nunca acontecerá nada, pois a terapêutica estará tocando um indivíduo em meio a centenas de milhões. E esse alguém teria razão se a taxa de adoecimento da humanidade não estivesse crescendo em uma curva exponencial. Podemos sentir que um percentual importante dos homens está psiquicamente doente. Essas pessoas estão lotando as agendas dos consultórios, os hospitais, as emergências psiquiátricas, as igrejas e/ou as antessalas de quaisquer instituições que as queiram receber e ouvir. E o que elas têm a dizer não é outra coisa: estão unidas por uma grande distorção do sistema de vida que as está desumanizando. E sofrem com isso. Não querem mais esse sofrimento, mas se sentem impotentes para mudar. Por isso, buscam os médicos e os curadores de forma geral. No entanto, a medicina convencional não sabe o que fazer com essa massa de pessoas. Sendo honesto e realista, se olharmos com cuidado,





não veremos nada no discurso da medicina moderna que se pareça com um caminho para aprender uma nova forma de viver. Há sim uma quantidade de drogas cujo único mérito é colocar o indivíduo em uma espécie de transe pacificador. Algo como: “fique quieto! Pare de se questionar! Tome esta pílula e pare de sofrer com aquilo que você não pode mudar!”

Apesar disso, existe sim outra proposta. E é tão antiga quanto a própria humanidade. Existe uma medicina que se propõe a cuidar do homem antes que ele adoça. Que o convida a retornar à sombra protetora da Deusa Gaia, de onde na verdade nunca deveria ter saído. A fitoterapia faz parte dessa proposta e está aí, como sempre esteve: uma poderosa representante da melhor medicina que pode ser praticada. E torna-se especialmente interessante e útil quando expressa em termos xamânicos.



## CAPÍTULO V

Princípio ativo e aromoterapia



**A**s ervas medicinais possuem o atributo de atuar na psique do indivíduo, e o fazem reforçando nele a presença simbólica dos arquétipos fundamentais que entraram em ação no momento de sua concepção. É claro que os pesquisadores acadêmicos preferem olhar para essa categoria de efeitos pelo viés dos potenciais antidepressivos, ansiolíticos, soníferos, calmantes, e outros diretamente relacionados com os componentes químicos encontrados nos insumos fitoterápicos. Contudo, a prova clínica que se desenvolveu ao longo da história da humanidade sugere que todo organismo vegetal, animal ou mineral possui atributos bioquímicos, biofísicos e bioenergéticos que vão muito além de uma ação isolada sobre esse ou aquele distúrbio de humor. A própria experiência xamânica demonstra que é possível fomentar o amadurecimento das pessoas e das comunidades por meio de estímulos fitoterápicos. Quando nos referimos a “amadurecimento”, estamos apontando para uma quantidade de efeitos sobre a pessoa humana tão grande e diversificada que de fato ninguém sabe medir!

Pois esta é a proposta da medicina tradicional: permitir que o processo de adoecimento e cura concorra para o amadurecimento do indivíduo, de preferência sob a facilitação da ação dos elementos curativos. Para tanto, os curadores versados nessa escola médica contam com a atividade medicamentosa própria das substâncias encontradas na natureza. Essas substâncias, quando submetidas a um manejo ponderado e sábio, libertam “algo” que identificamos, conforme já vimos, como “princípio ativo”.

Todo aquele que estuda ou estudou a atividade das substâncias sobre os organismos identifica a existência do princípio ativo. Mas, em que pesem os muitos séculos de observação organizada e cuidadosa dos orientais, ou os espantosos resultados das magias xamânicas, ou mesmo toda a sofisticada tecnologia de análise da ciência moderna, ninguém até hoje definiu de fato a natureza desse fenômeno. É claro que existem aqueles mais científicos e ortodoxos, acolhidos pela indústria em torno da medicina moderna, que preferem atribuir



a determinadas substâncias toda a atividade associada a uma planta. Mas, como veremos, essa hipótese produz um tipo de medicamento e uma estratégia terapêutica de muito baixa categoria, tão repletos de efeitos iatrogênicos indesejados que fica clara a falta de conhecimento e de experiência de quem produziu aquilo.

Portanto, neste estudo, não utilizaremos definições vindas dessa fonte. Aqui, identificaremos o pacote de atividades medicamentosas de qualquer substância também como “princípio ativo”. Mas o conceberemos inicialmente como um fenômeno complexo que pode ser verificado em qualquer dos três reinos que se estruturam nesta realidade: o vegetal, o animal e o mineral. Entretanto, por questões de facilitação pedagógica, e porque a dinâmica de atuação dos princípios ativos é mais visível nos organismos vegetais, vamos usar estes últimos como ambiente preferencial para explorar esse fenômeno.

Apesar desse ponto de vista simplificado, não são poucas as dificuldades a enfrentar. Como está destinado a acolher uma vasta quantidade de fenômenos naturais, o conceito de princípio ativo se apoia em um grupo de fatos que engloba tanta coisa importante que sua compreensão chega a exigir que nos debruçemos a explicar a própria vida. E, como nada se fará se esse conceito não for minimamente explorado, destinaremos um bom espaço neste estudo para conhecer a ideia de princípio ativo em maior profundidade.

Quando se chega à altura de tentar entender o que é o princípio ativo, espera-se que o ponto de vista do leitor esteja suficientemente alargado, para que sua mente funcione confortavelmente mesmo que as ideias surjam de forma nada objetiva. Se você não gosta disso, antes de abandonar o estudo, lembre-se de que estamos tentando explorar algo que ninguém enxergou ainda com precisão. Neste momento, você está em cima da fronteira do que sabemos sobre as plantas e suas capacidades de curar. Se for adiante, irá se tornar um explorador, e como tal terá que correr alguns riscos.

Porém, nem tudo são trevas e dúvidas. Sabemos que o princípio ativo é algo que emana do organismo vegetal. E a experiência de



muitos já determinou que, entre os produtos passíveis de serem extraídos de qualquer planta, o mais ativo fitoquimicamente se encontra na forma dos chamados “fatores constituintes voláteis”. Estes são compostos de moléculas tão instáveis quimicamente que fervem à temperatura ambiente e volatilizam com muita facilidade. Tornam-se, assim, tão leves e disponíveis que podem ser deslocados com a atmosfera quase sem gasto de energia, o que interessa muito a qualquer ser vivo que, por ser quase estático, tem sempre uma oportunidade limitada de apropriação de nutrientes. Por essas características, os fatores voláteis são largamente utilizados pela planta como portadores das muitas mensagens que ela pode produzir para interagir com o que está a sua volta. Nesse nível, tais fatores funcionam como “pacotes informacionais”, ou, se você preferir, verdadeiros códigos químicos identificadores da presença e da condição metabólica em que se encontra o organismo que os está liberando. E mais: qualquer planta odorífera é capaz de liberar quantidades relativamente grandes de fatores voláteis, alterando com isso não só as condições atmosféricas adjacentes a ela, como também as condições eletromagnéticas em um espaço circular tridimensional às vezes mais largo que aquele ocupado por sua folhagem.

Você provavelmente já entendeu que estamos falando dos aromas. Mas o que talvez você não tenha se dado conta é do quanto os fatores voláteis influenciam a proteção do nosso bem-estar na medida em que trabalham ativamente na qualidade do ambiente. Apesar de sermos todos continuamente estimulados pelas centenas de aromas liberados na atmosfera, e nem todos de origem vegetal, raramente se vê alguém que destina parte de seu tempo e espaço mental para atentar ao valor físico e psíquico dessa estimulação. Pois há que saber que somos seres altamente olfativos, que não percebemos aromas somente por nossos narizes e que grande parte de nossa elaboração mental se nutre essencialmente da informação que captamos do mundo de vida que está palpitando à nossa volta. É claro que nossa memória genética nos capacita e convida a identificar aromas, pois



o cheiro de alguma coisa, via de regra, antecede em muito a presença física dessa coisa. Sentir cheiros com acuidade representa uma vantagem biológica de inestimável valor, o que nos faz supor que a natureza nos coloca sensíveis a tudo que nos chega pela via olfativa. E constatar isso torna-se surpreendente à medida que vamos aprendendo que até mesmo nossos padrões de preferências estão condicionados pelos aromas exalados pelos animais, pelas plantas, pela água, pela terra, pelas pessoas, e assim por diante. Nosso mundo psicoemocional é intensamente aromatizado!

E não poderia ser diferente, já que, como vimos, é assim que a natureza nos faz saber da predisposição dos seres vivos com que nos dispomos a trocar energia. Mais claramente ainda, nossa opção em estar ou não em contato com qualquer estímulo, vindo de qualquer lugar, depende primeiro do “cheiro” que essa experiência assume. E, quando falamos em “opção”, abrimos com certo medo um leque tão vasto de possibilidades nas reações humanas que a única maneira mais confortável de nos referirmos a isso é, de novo, separar essa realidade em partes.

Pois bem, neste momento, interessa-nos a parte da vivência humana que se torna evidente quando o próprio ser humano não está vivendo prazerosamente. Estamos então interessados nos estados de desajuste, de desencontro consigo mesmo e com o ambiente, de desarmonia metabólica em todos os níveis, o que chamamos de “padrões de adoecimento”. Se não há prazer neste estado de desarmonia, certamente queremos sair dele o mais rápido possível. E desde muito antes de haver médicos ou medicina, para sair de tais condições, contamos com os elementos da natureza que podem modificar velozmente nosso estado de corpo e de espírito: os aromas. Depois... muito depois que o ser humano aprendeu a utilizar instintivamente os aromas, alguém foi adiante e pensou em expandir os efeitos que essa capacidade nos trazia por meio do uso sistemático de determinadas plantas. E, justamente por utilizar de forma concentrada plantas que se mostram ricas em princípios voláteis, esse alguém criou a aromoterapia.



Como já foi comentado, a fitoterapia foi a primeira técnica de cura que o ser humano pensou em prol de si mesmo. E, como também já ficou claro, em que pese muito dessa técnica poder ter sido desenvolvida com base em experiências ocasionais, a tradição nos ensina que, de fato, nossa melhor medicina nos foi verdadeiramente ensinada. Isso sugere que o homem, pelo menos subconscientemente, sente a arte de curar como algo tão precioso que só pode ter vindo a nós por favor divino: um presente dos deuses! E talvez por isso a medicina ancestral tenha estado sempre tão estreitamente correlacionada com rituais mágicos, forças supra-humanas e outros elementos mais espantosos ainda. Se foi assim, de fato não importa. O que importa é que o postulado central da medicina tradicional aponta para a psicogenia do adoecimento. Ou seja, desde o princípio, o homem tenta curar o homem a partir de sua psique! Se isso faz sentido para você, fica fácil admitir que as primeiras técnicas médicas foram de natureza aromoterápica porque nenhuma outra substância que não os aromas nos expõe tão rápida e profundamente às influências do princípio ativo das plantas.

Por sempre estarem subliminarmente presentes e agirem no campo psíquico do ser humano sem qualquer censura, os aromas são considerados os melhores veiculadores da essência mais sutil dos produtos fitoterápicos. Ancestralmente, eram descritos como “essências espirituais”, e a eles eram reputados poderes sagrados, altamente herméticos e sobretudo impressionantes para o comum das pessoas. E isso tem razão de ser. Nós, pensadores modernos soterrados em nosso próprio ego, costumamos olhar para essas coisas e diminuí-las ao nível das “crendices” populares, retirando desses usos e costumes todo o valor factual. Mas agora, perdendo miseravelmente a batalha cotidiana contra a doença e o desespero, somos obrigados a lançar um outro olhar a essa herança. Este é sem dúvida um caminho de resgate, e portanto sempre longo e difícil. Mas, por enquanto, basta saber que, nesses produtos voláteis, reside o que há de mais fitocinético no ser vegetal, animal, ou mineral. Tais produtos são uma classe de essências de grande



valor estimulante para qualquer organismo e, a depender da dosagem com que os utilizemos, tal valor poderá se tornar curativo.

Iremos definir o que exatamente torna tais elementos tão ativos. Mas de imediato podemos começar por entendê-los justamente como os entendiam nossos antepassados: como *estímulos capazes de reintegrar o ser vivente nos canais de comunicação com os poderes fundamentais da natureza*, tanto interna quanto externamente. Tais estímulos contribuíam, assim, para colocar o indivíduo no estado mental ideal de sensibilidade às mudanças necessárias, fazendo-o capaz de ajustar sua atitude perante si mesmo e perante tudo que o envolvia.

Esta sem dúvida é uma maneira simples e elegante de apontar uma classe de produtos fitoquímicos com capacidades euforizantes, alucinógenas, antidepressivas, e/ou tudo isso junto. Contudo, há que reafirmar que essa maneira de relatar refere-se não somente a uma atividade ansiolítica, ou antidepressiva, ou neuroléptica, ou qualquer outra desta natureza em separado dentro de seu mecanismo bioquímico. Os aromas não conseguem seus efeitos apenas por meio da relação bioquímica entre os compostos orgânicos constituintes dos dois seres que estão entrando em contato, a erva e a pessoa. Na verdade, essa é uma das propostas de explicação de mecanismo medicamentoso mais ambiciosas de que se tem notícia: entender tal ação como algo integrado a toda a fenomenologia “cósmico-telúrica-organo-psíquica” que vimos estudando. Vista nesse contexto, a ação fitoterápica aromática coloca em evidência que, assim como a disfunção não tem natureza puramente orgânica, não é resultado apenas de desequilíbrios físico-químicos. Assumindo que o princípio ativo consegue agir no indivíduo como um todo, atua também no nível supraquímico. Portanto, *o valor curativo das ervas não está apenas em suas moléculas constituintes*. Antes, o segredo de seu poder curativo está na carga simbólica fundamental que usa a materialidade dos grupos moleculares para deixar o ser vegetal sem ser perdida ou tão rapidamente modificada pelas influências ambientais.



As plantas, como todos os seres vivos, possuem uma memória simbólica estabilizada em suas moléculas constituintes. Essa memória ordinariamente é apresentada em uma forma pura, não modificada em sua estrutura energética pela elaboração de intelectos imaturos como o nosso. Então, se dois organismos sintonizados vibratoriamente (isso, conforme a Teoria dos Fractais, significa apresentar tropismos entre si das mais variadas naturezas: físicas, químicas, quânticas etc.) puderem ser postos em contato nas condições adequadas (o que a manipulação da planta provê), ocorrerá uma transferência do pacote simbólico de um para o outro, o que trará o metabolismo do receptor novamente para um eixo harmônico. Visto sob determinado aspecto, isso quer dizer sobretudo recuperar, nesse sistema, tanto a eficiência nas trocas de energia quanto a fluência, pelo organismo, daqueles símbolos e seus pacotes energéticos. E isso é o que podemos chamar de “saúde”.

Mas o nível de complexidade da elaboração psíquica humana é alto, além de multidimensional. Por isso, a desorganização do metabolismo sempre se dá em mais de uma categoria simbólica. Assim, para que qualquer estímulo tenha sucesso como referencial de reorganização, cria-se a necessidade de que seja tão ou mais complexo que a síndrome em si. Daí se justifica a apresentação de mais do que uma planta nas fórmulas fitoterápicas, cada uma contribuindo com um pacote simbólico específico capaz de movimentar o metabolismo em determinada direção. Embora bem justificada em sua pluralidade constituinte, para efeitos práticos, uma fórmula fitoterápica bem balanceada dificilmente terá mais de três a cinco tipos de plantas. E isso porque, conforme veremos adiante, precisam estar combinadas entre si de maneira tal que cada porção do princípio ativo resultante seja sinérgica com a outra. À vista disso, ao eleger qualquer medicamento, desejaremos sempre que seus efeitos tenham uma cinética o mais controlável possível. Precisamos então nos habituar a pensar uma fórmula complexa como um único estímulo: uma mensagem que apontará ao corpo doente um caminho de retorno às suas funções normais.



E para realizar isso com sabedoria temos que sair do engano técnico que sugere que é o pacote de substâncias contidas nas plantas que realiza o trabalho de debelar o que há de errado no corpo. De fato, temos que manter em mente que *não é o medicamento que cura o corpo*. Antes, é o corpo em si que, movimentado metabolicamente pelo estímulo medicamentoso, reconstrói suas rotinas uma a uma, obtendo sua “cura” no devido tempo.



## CAPÍTULO VI

Xamanismo e fórmulas magistrais



**D**efinimos que não são as drogas em si que agem diretamente nas funções orgânicas... ou pelo menos não deveriam ser. Na verdade, para praticar a melhor medicina, temos que ser humildes e admitir que a complexidade funcional de um organismo vivo é grande demais para ser encarada como “conhecida”. Sendo assim, imprimir a esse universo orgânico um estímulo químico tão forte (na forma de uma droga sintética), que não deixe margem a qualquer tipo de “interpretação”, é colocá-lo inapelavelmente em estados funcionais que, se fôssemos honestos, teríamos que admitir não saber exatamente aonde o levarão. Contudo, essa é apenas uma opção. Se pudermos nos comportar sob outra ótica, nos posicionaremos de forma confortável e ética para procurar o estímulo certo, no sentido de tocar o sistema no ponto e na intensidade exata para apoiá-lo somente onde o metabolismo está falhando, e não em outros, que são somente de seu próprio domínio. Se agirmos conscientes de nosso conhecimento limitado, não cairemos, por exemplo, na armadilha das reações individuais aos estímulos medicamentosos.

Isso mesmo! Apesar de termos todos uma base bioquímica semelhante, realizamos uma “leitura” desse substrato de constituintes químicos e físicos totalmente condicionada à nossa experiência pessoal, que é única e irreproduzível. Aproveitamos os estímulos que recebemos de uma maneira muito individual, o que constitui um pesadelo de possibilidades quando o caso é de alguém tratando alguém. E isso vai muito mais longe do que podemos imaginar. Na verdade, considerando um único ser vivente, não é realista esperar que este seja inteiramente estável em suas reações, pois ele não está parado na sua linha de adaptação ao meio. Tem que evoluir e se transformar o tempo todo, o que implica reconstruir-se continuamente, admitindo novos e mais diversificados padrões de reação, se quiser continuar viável neste universo. Por isso, a atividade potencialmente curativa de determinados componentes vegetais poderá ser experimentada de maneira muito diferente por um mesmo usuário, a depender do contexto em que se dá esse contato e/ou do intervalo de tempo entre



uma prescrição e outra. Isso fica evidente, por exemplo, em planejamentos terapêuticos que requeiram mais de quatro a seis meses de tratamento para alcançar resultados.

Olhando para os princípios ativos que alteram o estado de consciência, percebemos mais facilmente ainda a individualização das reações. Pesam nesse tipo de experiência fatores que não têm a ver diretamente com a atividade da planta alucinógena. Há uma distância enorme entre uma situação em que um indivíduo se intoxica de forma aleatória com o substrato de uma erva e entra em estado alterado de consciência, de um lado e, de outro lado, uma em que, dentro de um ritual xamânico, ingere a mesma substância, na mesma dose, e o estado alterado de consciência que é induzido segue exatamente a dinâmica imposta pelo símbolo fundamental contido no princípio ativo da erva que ele tomou. O fato de ter sido ministrada na dose certa, pelo tempo certo, e no ambiente certo, leva essa pessoa a ter uma experiência não apenas alucinógena, mas de acesso a outro nível de consciência, onde algo de muito útil para seu amadurecimento se tornará disponível — o que, em essência, é o que justifica tais rituais.

Como já foi afirmado repetidas vezes, o princípio ativo do organismo vegetal envolve muito mais partes desse organismo que somente este ou aquele alcaloide alucinógeno, ou de qualquer outra categoria, presente em sua estrutura molecular. Aplicado em separado, em altas concentrações, certamente o alcaloide sustentará sua atividade bioquímica e poderá intoxicar quem o tomar até o ponto de provocar um estado alterado de consciência, ou uma atividade anti-inflamatória drástica, ou ainda uma broncodilatação radical. Porém, esta será uma atividade de baixa categoria do ponto de vista do processo de cura, e geralmente “não vitalizante” do ponto de vista técnico, mesmo que o paciente se sinta transitoriamente melhor. Em última análise, não haverá aí uma atividade fitoterápica autoequilibrada. E isso ocorrerá na medida em que faltará ao estímulo químico a presença da ordem inerente quando os grupos bioquímicos sinérgicos são oferecidos de forma completa e amadurecida. Porém,

não conhecendo totalmente a repercussão que qualquer droga tem no organismo, ainda não dispomos de meios para equilibrar os estímulos tão precisamente. Nem necessitamos saber isso, pois tal precisão já está disponível, e sobrevive inerente à planta como um todo ou em partes muito bem definidas dela. Se pudermos confiar nisso e aplicar a melhor técnica, os efeitos que viermos a conseguir tenderão a ser da melhor categoria possível, seja a curto, médio ou longo prazo.

“Tenderão a ser” é uma associação de palavras com potencial para destruir toda a nossa segurança, mesmo aplicando o melhor estímulo com a melhor erva que a melhor medicina nos ensinou a usar. É uma dura realidade: a medicina não é uma ciência exata, e não tem como vir a ser. A despeito do mais amplo conhecimento, a experiência de cura pode ser lesiva psíquica e/ou fisicamente ao indivíduo. E isso seria muito mais frequente se não entrasse aí a figura mediadora do curador. Ou seja, é preciso um facilitador da experiência capaz de acompanhar os eventos com conhecimento de causa e, principalmente, sensibilidade. Isso geralmente implica a capacidade de entrar no mesmo nível de consciência do paciente sem a indução de estímulos externos. Para estar livre das amarras das reações induzidas, e abrir e fechar o portal de superconsciência conforme a necessidade, o curador ou xamã tem que estar de posse do melhor ponto de vista possível por suas próprias capacidades. Já que o que vai ser visto ou sentido pelo paciente pertence a um estado típico de “reação à erva” que ele tomou, esse é um estado que está para além do que ele seria sem esse estímulo, e portanto desconhecido para seu organismo. Assim, o controle da situação é um elemento fundamental, dado que a pessoa estará entrando em uma dimensão de realidade que funciona sob outras regras e outras dinâmicas que não aquelas para as quais sua estrutura mental e corporal está aparelhada.

Por isso, e pelo adendo de que qualquer processo de cura era sempre facilitado por um estado alterado de consciência induzido, às vivências desse tipo os antigos chamavam de “estar com os deuses”, sendo esta a única denominação que parecia abarcar a enormidade





da experiência. Por isso, tais momentos eram considerados preciosos para o indivíduo que os vivenciava. Alguns tipos de cura talvez ocorressem apenas uma vez na vida, outros, uma vez por ano. Mas as curas geralmente representavam processos bastante suaves e até mesmo superficiais. Sem dúvida, a experimentação do potencial de ação das plantas era muito mais frequente entre os xamãs, que permaneciam por dias em transe ocasionados pela ingestão sucessiva de grandes doses de substratos vegetais. Com isso, buscavam um maior e mais maduro contato com a fonte de sua magia, o que em última análise pode ser visto como um “curso” intensivo acerca da atividade medicamentosa de determinada planta, incluindo aí suas doses tóxicas.

Em verdade, a capacidade de viver em transe medicamentoso sem perder a saúde ou a razão talvez fosse a maior prova pela qual um xamã curador deveria passar. Por isso, para se tornar um desses mestres da medicina, o pretendente teria que percorrer várias etapas de aprofundamento e amadurecimento. À medida que sobrevivia a cada uma, capacitava seu organismo para aguentar a toxicidade inerente à etapa seguinte, e novas e mais profundas experiências se tornavam então possíveis. Esse processo levava anos para ser concluído, e era assim que tinha que ser, pois ao longo desse tempo o aprendiz amadurecia espiritual e eticamente ao receber dos mais antigos o conhecimento necessário à função que deveria assumir. Por outro lado, ia se preparando para o ritual final, cujo objetivo era realizar a “morte alquímica” que oportunizaria a aniquilação do seu ego. Esse sempre foi um processo de quase uma vida, uma vez que, se algum neófito chegasse a esse ponto prematuramente, ou mesmo fosse ainda incompetente para transmutar internamente as toxinas da erva indutora por ocasião de seu ritual de “formatura”, experimentaria não uma morte simbólica, mas a morte do corpo ou, o que é bem pior, a da mente consciente em um corpo vivo.

Entretanto, mesmo sem nos candidatar a visitar esses extremos reservados aos “homens da medicina”, temos algo a aprender aqui. Visto que os componentes vegetais, minerais ou animais podem,

ainda que de forma desequilibrada, ser biologicamente ativos (e isso não será considerado atividade fitoterápica), dois equívocos podem ocorrer no uso das plantas: primeiro, aquele erro conceitual já comentado segundo o qual é este ou aquele produto fitoquímico irritante o responsável pela atividade curativa da erva. Isso leva à crença de que basta dosar as concentrações para controlar o grau de estresse do organismo e, assim, tornar o produto curativo pelo mecanismo de excitação da imunidade. Segundo, a manipulação equivocada de uma fórmula pelo excesso de combinações e/ou concentrações. Nesse caso, estaremos combinando ervas poderosas que reagirão entre si sem o critério equilibrador de quem conhece o aspecto e a atividade de cada uma delas e, por extensão, do produto final. Dessa forma, chegaremos não a um medicamento, mas a um produto inócuo ou, o que pode se tornar dramático, a algum composto biologicamente ativo, mas de atividade desordenada.

Inclusive esse problema ocorre com muito mais frequência do que se imagina, principalmente em dois ambientes: nas preparações empíricas de raizeiros malformados e/ou mais interessados no retorno financeiro que suas tisanas podem produzir; e nos grandes laboratórios, onde novamente o interesse pecuniário sacrifica o tempo necessário para o levantamento de todos os aspectos de atividade da maioria dos princípios ativos. Aliás, é nesse ambiente pseudocientífico que vemos ocorrer a produção em escala industrial de uma classe de drogas que se assemelham muito mais a venenos, de ação rápida ou lenta, do que a medicamentos.

Infelizmente, aqui também a sociedade dos homens se mostra preguiçosa. Está se tornando comum ver produtos como esses enfeitando prateleiras em farmácias de grande movimento, disfarçados por etiquetas que alardeiam sua origem vegetal. Isso porque a indústria farmacêutica, em seu empenho de aproveitar todo o potencial financeiro de um público específico (aquele que resiste em tomar medicamentos sintéticos) e mantendo o compromisso de ser ainda uma indústria de alta tecnologia e credibilidade científica, está usando aquele primeiro





engano descrito como premissa de trabalho. Isto é, na crença de que a atividade do princípio ativo está em um ou mais componentes químicos integrados na planta, trata de separá-los, concentrá-los e estabilizá-los com outros produtos, formulando uma substância que “parece” ter a mesma atividade da planta em si.

Pelo que nós curadores naturopatas sabemos, em termos de fitoterapia tradicional, há uma ética universal que postula, em um de seus poucos itens: “siga sempre o que a experiência ensina e confirma, sob pena de resultados funestos anularem a sua cura a curto, médio ou longo prazo”. Sem dúvida, esse mandamento não é observado por aqueles que colocam o lucro adiante dos interesses humanos que permeiam a medicina, e pode tranquilamente ser aplicado a produtos do tipo descrito. Para o curador que passa uma vida a se preparar para exercer seu ofício, isso é incompreensível. Há uma forte “ética” a ser observada, e ela não está ali somente por questões morais. De fato, a única coisa que protege as pessoas envolvidas em um processo de cura é o “conhecimento”, ou “ética”, que as guia dentro dessa aventura.

Descrito assim, rapidamente, todo o sistema de vida que se desenvolveu sob a influência do xamanismo pode parecer muito complexo, e em alguma medida opressor da liberdade do indivíduo. Contudo, na prática, a ética dos xamãs era muito mais simples e instintiva do que podemos imaginar, além de ser algo aplicável a pessoas também simples e instintivas. Como tudo que se refere ao ser humano, tudo isso é, ainda hoje, mais difícil de relatar e justificar que de cumprir.

Em princípio, as pessoas deviam cultuar a Deusa nos festivais sagrados, e seguir valorizando a tradição de seus pais, sem jamais descuidar da própria família, além de trabalhar sempre em prol do grupo. E nunca deveriam desafiar as diretrizes assentadas pelo xamã. Tudo o mais era permitido, restando ao homem natural o cumprimento do seu arbítrio quanto à melhor maneira de conduzir a sua efêmera vida. Ao final, era a própria necessidade de se manter integrado ao grupo, ou de recuperar o equilíbrio nessa relação, que levava os homens aos xamãs e aos rituais de reconciliação com a Deusa, e não o medo ou a

angústia produzidos pela noção do pecado. E, caso alguém passasse um ano sem visitar o curador, era este que se deslocava até ele, sempre trabalhando no sentido de manter os elos de poder que os uniam. Pelo que já foi comentado em relação aos atributos simbólicos das plantas medicinais, fica fácil perceber como o xamã fazia isso.

Ele conhecia as pessoas e suas histórias. Frequentemente, também conhecia suas árvores genealógicas, estando numa excelente posição para inferir quais eram as tendências psíquicas e emocionais do indivíduo, usando o que modernamente chamamos de “estruturas de modelagem”. Esse modelo teórico, resumidamente, afirma que tendemos a repetir o comportamento de nossos antepassados, praticando as mesmas crenças e assumindo os mesmos arquétipos por forças genéticas e de aprendizado. É claro que, naquela época, ainda não havia um discurso tão elaborado para explicar de que forma alguém poderia ser conhecido e avaliado pela história de sua família. Mas os sábios da antiguidade tinham a compreensão de que existe uma “herança” a ser considerada na avaliação de cada pessoa, e que é muito provável que alguém siga os padrões de comportamento de seus antepassados. Também conheciam profundamente o caráter das plantas, das rochas e dos animais, e a cada um destes associavam uma quantidade de imagens que se referia à sua carga simbólica. Sabiam o que a tradição ensinava em relação ao que cada homem deve esperar de cada época da vida. E, caso percebessem em suas visitas ocasionais algo que escapasse a essa lógica, tratavam de revigorar no indivíduo os símbolos que estavam sem força nele. Para isso, reuniam em um ritual os símbolos fundamentais que se referem às diversas dimensões metabólicas da espécie humana, aqueles que regulam o comportamento do homem perante sua ancestralidade, e aqueles acessíveis nos facilitadores fitoterápicos. Assim, buscavam a reintegração daquele indivíduo, não só ao grupo social, mas à mágica comunhão com os poderes fundamentais.

Da mesma forma agiam os xamãs com relação à comunidade. A própria tradição de seus costumes, aprendidos na época em que os





deuses andavam entre os homens, tornava implícito que determinados símbolos deveriam ser renovados em determinadas épocas do ano e da vida. Então, para que as pessoas pudessem se preparar para as agruras de cada estação, purificavam seus espíritos e sintonizavam seus corpos com os movimentos telúricos e cósmicos. Isso ensinava ritos coletivos em que se ingeria o chá das plantas adequadas e se praticavam danças e cantos que visavam colocar todos os indivíduos em uma mesma frequência vibratória, o que lhes permitia permanecer fortemente sãos e unidos. Assim, antes do inverno, havia sempre um festival regado a plantas tônicas, aquecedoras, adaptógenas e euforizantes (mais adiante iremos estudar algumas delas). Antes das chuvas, havia as depurações (jejuns, saunas e períodos de isolamento), que removiam do sistema as acumulações que poderiam vir a se tornar mórbidas quando somadas com intensa umidade. No próprio inverno, havia os ritos promotores da fertilidade, preparando as mulheres para conceber na primavera. E assim por diante. Fora isso, o próprio xamã fazia suas observações e, se em sua diagnose percebesse qualquer tendência indesejável no comportamento da comunidade, logo promovia um encontro terapêutico.

Plantas como mirra (*Commiphora myrrha*), para limpeza e desobstrução; mostarda (*Brassica juncea*), ansiolítica e oxigenadora; limão (*Citrus limon*), antisséptico, tônico e circulatório; gengibre (*Zingiber officinalis*), tônico, adaptógeno e recuperador de tecidos; e coriandro (*Coriandrum sativum*), tônico para vias nervosas e anti-biogênico, são até hoje utilizadas com as mesmas finalidades, podendo inclusive cumprir papéis em contextos clínicos jamais suspeitados naquela época. Não que nos tempos ancestrais os homens naturais não enfrentassem angústias e, até mesmo, a loucura uns dos outros. Mas a intensidade desse tipo de problema atinge hoje níveis verdadeiramente antinaturais. A sociedade dos homens há muito trilha caminhos negros no que se refere aos seus alicerces mentais, espirituais e sociais. Os símbolos da Deusa estão soterrados por montanhas de valores absolutamente diferentes de tudo que um dia



fora sagrado. A própria noção de sagrado anda desaparecida do coração do homem, e ele se sente só, abandonado ao acaso e cada dia mais órfão de algo maior que ele próprio, o que era impensável para o homem natural.

Porém, já nos tempos antigos, o ser humano era o que é em essência atualmente, e raramente o feiticeiro da tribo ia a algum lugar buscar os problemas dos outros. De fato, não se passava um dia sequer sem que as suas artes não fossem requisitadas, e praticamente todas as decisões importantes passavam pelas bênçãos, ou pelos vetos, da Deusa. Em tese, a Deusa se pronunciaria sempre pela boca do xamã, mas é claro que, na ausência dela, ele mesmo é que aplicava o bom senso. De qualquer forma, com suas plantas e rituais, entre outras coisas, o feiticeiro ajustava:

- o momento em que as pessoas saíam da infância e adentravam o mundo dos adultos (por meio dos rituais de passagem);
- a união e a separação dos casais (permanente ou temporária);
- a ascensão e a queda dos poderosos (com a confirmação, ou não, do seu direito divino ao poder político);
- a riqueza e a pobreza das pessoas (por meio de magias que traziam ou retiravam o direito de posse);
- a escolha do nome (que frequentemente era tido como um patrimônio sagrado, uma identificação suprassocial, dividida apenas entre o portador e o próprio xamã, que assim se tornava o pai espiritual. Sem esse nome sagrado, o indivíduo tornava-se um “fantasma”, alguém a quem as pessoas não dirigiam a palavra, pediam opinião ou qualquer outra coisa — alguém que não estava “vivo”, no sentido social do conceito);
- a revelação do que iria proteger o homem durante a sua jornada pelo caminho da vida (por meio da definição do animal de poder, que se dava num segundo ritual de passagem, realizado normalmente dois a três anos após o ritual de identificação);



- a maneira como o homem iria construir a sua casa, bem como a disposição dos cômodos e dos móveis (otimizando a circulação da energia pela eliminação dos pontos de acumulação);
- o número de filhos que o casal iria ter, e se seriam meninos ou meninas (instruindo os pais sobre o momento em que deveriam estar juntos para conceber. Normalmente, essa era uma intervenção requerida pela esposa);
- o melhor momento para o plantio e, conseqüentemente, para a colheita (o xamã, além de ser um profundo conhecedor dos ritmos sazonais, lunares, solares etc. teoricamente tinha como prever más e boas temporadas).

E a lista poderia continuar, demonstrando que havia muito pouco na vida das pessoas em que a pressão dos olhos do xamã não se fazia sentir. É importante saber que a maioria dessas intervenções era requisitada voluntariamente e, como era encarada como um trabalho ou uma concessão ou “bondade” do feiticeiro, remunerada com favores e presentes. Embora claramente o xamã acabasse se convertendo em um segundo poder dentro da comunidade (o primeiro obviamente pertencia ao chefe político) e, por isso mesmo, nunca fosse muito bem-visto por outras autoridades, ciumentas, mas sempre temerosas de sua magia, na prática, terminava por instituir-se como um poder moderador. Por isso, na maioria das vezes, o xamã era tido como alguém benigno e protetor do povo. Afinal, era um representante da Deusa, gravada no inconsciente coletivo como amorosa e nutridora, ainda que terrivelmente justa.

É claro que, para cumprir todos esses papéis, o xamã tinha a sua “magia” (o nome antigo do que conhecemos hoje por “ciência”) e conhecia tanto a tradição como o significado iniciático dos símbolos. Utilizava intensamente os elementos da natureza, estabelecendo os contatos adequados para obter este ou aquele efeito sobre as pessoas e os processos, orgânica e psiquicamente. E aqui, como já ficou claro,



entra a nossa velha fitoterapia, que naquela época era muito mais que uma maneira de fazer a indicação de uma erva para dirimir um sintoma ou um desequilíbrio mais complexo. Explorando os reinos animal, mineral e vegetal, a fitoterapia que conhecemos hoje se manteve no recesso das cavernas e das “malocas” e era dominada por todos, em maior ou menor grau. Ainda hoje, isso é verdadeiro nas comunidades interioranas, onde qualquer filho da terra reconhece a maioria das plantas e sabe alguma coisa sobre seu uso medicinal, dietético ou mágico.

Contudo, há sempre aquele que sabe mais medicina, e por isso representa um recurso social. Como nessas pequenas comunidades a maioria dos males é ainda vista como a expressão de algum tipo de desajuste social (o social antigamente incluía as relações com a Deusa mãe, o planeta e seus poderes fundamentais), é preciso providenciar um ajuste da situação mental da pessoa, isto é, uma mudança de ponto de vista. É claro que experiências como essa necessitam de lugares especialmente preparados, quase sempre por questões de proteção do indivíduo, que em estado alterado de consciência fica muito sensível, bem como da condução de um pulso firme e experiente que saiba o que fazer nos imprevisíveis desdobramentos da experiência de cura... Isso é xamanismo puro! Hoje, a maioria dos recursos xamânicos para ajustar a vida do homem antigo ainda são inteiramente válidos. As poções, os rituais e os jejuns da antiguidade têm ainda se prestado a libertar tanto o corpo quanto o espírito de seus entraves e excessos.

Portanto, para tudo havia, e ainda há, uma fórmula “mágica” composta por uma ou mais espécies de plantas, animais ou minerais. E, para perceber o quão universal ainda é essa linguagem médica, o melhor método é senti-la dentro das muitas culturas humanas que vicejam pelo planeta, e aí pinçar exemplos emblemáticos de seu alcance social e individual. Por exemplo, podemos ir direto a uma porção do mundo onde os povos sempre viveram a realidade da medicina ancestral, a África. Temos ali um manancial inesgotável de recursos naturais de todos os tipos, e como as culturas africanas ori-



ginais nunca ascenderam de fato ao mundo moderno, continuam se valendo praticamente da mesma medicina há milênios. Tal estado de coisas produz, por exemplo, uma receita africana para obter força física: pilar onze sementes de *Garcinia kola* (orobô), onze partes iguais de *Aframomun melegueta* (amomo), um molho de *Allium Aescalonium* (cebolinha-branca), uma raiz completa de *Olax subscorpioidea* (egbó), uma raiz de *Securidaca longipedunculata* (ipetá), quatro peixes ojiji, quatro morcegos frugívoros, quatro lagartos e quatro porções de potássio concentrado; a pasta obtida deve ser seca ao sol e comida em pequenas porções quentes toda manhã. Da mesma fonte africana, temos um ritual para se permitir o enriquecimento: juntar uma parte de casca moída de *Dracaena fragans* (coqueiro-de-vênus), uma parte de enxofre vermelho e uma parte de *Butyrospermum paradoxum* (limo-da-costa); misturar e levar ao fogo brando com um pouco de sabão-da-costa. Com o sabonete assim feito, a pessoa deve lavar-se diariamente.

Obviamente, é impossível entrar no mérito da efetividade de compostos desse tipo. Se verificarmos o depoimento das pessoas, veremos que, para uns, o recurso foi extremamente efetivo, enquanto para outros de nada valeu. Mas, contabilizando de imediato um ganho no estudo desses fatos, aprendemos que, independente da natureza estranha ou não das receitas fitoterápicas, essa relativa “inconstância” em termos de resultados é inerente a toda medicina. Eminentemente quando olhamos para uma medicina que se pauta por métodos suaves e pouco invasivos.

Atravessando um oceano de distância em direção ao leste, encontramos uma outra porção de terra, tão ou mais antiga que o continente africano, o Brasil. Nessa terra, a ocupação humana é tão antiga que já passou por muitos momentos de ascensão e queda das civilizações que por ali se desenvolveram. Mas um dado interessante é que, diferente de outras regiões, os povos brasileiros raramente deixaram vestígios concretos de sua passagem. A não ser aqueles que se transmitiram entre as pessoas! Isso mesmo. Somos um povo pobre em ruínas de pedra e concreto ou grandes construções de qualquer



tipo, mas imensamente rico de uma tradição oral e de um valor espiritual raramente encontrado em outras partes do mundo. Será que isso por si só não define onde a cultura xamânica melhor se desenvolveu? Se lembrarmos que essa cultura se caracteriza justamente por se abrigar e desenvolver no ambiente natural, e por não ter nunca sentido a necessidade de levantar templos e imagens icônicas para adorar os seus deuses, fica muito sedutora a tentativa de situá-la aqui onde vivemos, na América do Sul, particularmente no Brasil.

Enquanto tal questão paira no ar, vejamos alguns sinais disso quando olhamos de perto o legado de nossos antepassados. Um bom exemplo é a “qualidade” diferenciada das receitas fitoterápicas ainda vigentes entre os povos indígenas. Temos, por exemplo, uma receita para aumentar a longevidade: uma parte de casca de dura-muito (*Dioscorea hirtiflora*), uma parte de agave (*Dracaena surculosa*) e uma parte de *Celtis integrifolia*. Levar ao fogo e queimar até obter carvão. Moer e tomar em pequenas porções todos os dias com aguardente ou mel. Observe-se que, em que pese a pretensão ambiciosa de combater o envelhecimento, não se prometeu em lugar algum que essa fórmula fitoterápica proveria a vida eterna. Além disso, aqui não entrou nenhum componente que poderia ser considerado exageradamente estranho pelo comum das pessoas. E, se estudarmos tal fórmula com cuidado, encontraremos muitos fatos que a tornam viável em suas pretensões. É claro que, para isso, teríamos que levantar o *screen* de cada uma das plantas que entram na fórmula, o que representa um trabalho tão grande que, ao que se sabe, nunca chegou a ser realizado. Mas um detalhe já demonstra que essa é uma receita de qualidade, que pode dar conta do que promete: a carbonização.

Aqui ainda não é o espaço adequado para estudar o que esse procedimento gera em termos de potenciação do preparado. Mas, para fazer sentir o quanto isso faz diferença, basta comentar que, em todas as fórmulas magistrais chinesas e indianas, que possuem uma inegável prova clínica por sua antiguidade e efetividade, a carbonização entra tanto para aumentar a longevidade do preparado quanto para



separar o princípio ativo dos seus agentes diluidores. Atente-se aqui para o detalhe de grande peso de que essa é uma “práxis” laboratorial que une dois povos, cada um em um lado do planeta.

Como isso se tornou possível? Uma das respostas a essa questão é supor uma origem comum para a medicina praticada por todos os seres humanos, o que inclusive já foi aventado quando se contou um pouco da origem do xamanismo. Contudo, independente de qual seja a verdade sobre isso, o que importa é que as fórmulas existem, e são em sua maioria extremamente funcionais. E, já que estamos estendendo nossa atenção para o Oriente, vejamos um bom exemplo pinçado nas culturas próprias dali. Na China, há um ritual para aumentar a potência sexual: nove gramas de pó da semente de alho-porró (*Allii tuberosi sêmen*), nove gramas de pó das sementes de astrágalo chato (*Astragali sêmen*), mais dezoito gramas de pó da semente de cuscuta (*Cuscutae sêmen*). Misturar a azeite doce como conservante e tomar uma pequena colher ao dia. Notem-se aqui algumas características sempre presentes quando a receita fitoterápica é de qualidade superior: quantidades precisamente estabelecidas, número reduzido de componentes e agentes veiculadores (azeite doce) que, por sua neutralidade e inocuidade, não interferem na dinâmica medicamentosa do princípio ativo, além de serem extremamente assimiláveis pelo organismo.

Utilizando tais recursos por milhares de anos, e mesmo sem conhecer o mecanismo de ação de tais procedimentos, certamente o homem teve a oportunidade de aferir seu valor como instrumento para melhorar sua qualidade de vida. E, em que pese o quase total desconhecimento dos mecanismos que regem os fenômenos intrínsecos à “magia das ervas”, realidade de ontem e de hoje, o homem vem se beneficiando dela ao longo de sua história. Essa maneira de entender a medicina nunca se extinguiu, apesar dos momentos em que o nível de credibilidade baixou e em que a intensidade da procura variou.

E continuaria tranquilamente assim se não tivesse havido, em determinado momento, uma inversão de comportamento. Que mo-

mento foi esse e o que o determinou? Perdeu-se na memória da humanidade. E perdeu-se por obra objetiva dos poderes que se ergueram depois, os quais se preocuparam diligentemente em destruir quaisquer registros e pessoas que pudessem trazer novamente a lembrança de tais recursos apócrifos. Se não fizessem assim, não teriam conseguido espaço duradouro no inconsciente coletivo, o que lhes dificultaria o alcançar de seus objetivos. O fato é que a história do homem sofreu a partir daí um hiato gigantesco em sua memória, ressurgindo aqui e ali apenas na forma de pálidas e tímidas referências. Com o tempo, e o trabalho sistemático de alienação dos povos, tornaram-se malditas e demoníacas todas as referências à Deusa, e a cultura xamânica definhou até quase se extinguir. Os próprios xamãs se recolheram às suas cavernas e aguardaram novos tempos, provavelmente assistindo de coração compungido à cultura do homem natural desaparecer em termos de pureza e conhecimento.

É na cultura chinesa, que resistiu ferozmente ao trabalho de desmonte e descrédito de sua herança, onde podemos buscar coisas significativas acerca desse processo. Recolhemo-nas, por exemplo, nos esclarecedores diálogos do mitológico Imperador Amarelo, Huang Di, com o seu médico (xamã) particular, Qi Pa, registrados no *Nei Ching*, o tratado dos processos internos: “por que atualmente as pessoas necessitam de acupuntura e de drogas amargas para se curarem, se na antiguidade bastavam os encantamentos e os processos mágicos?” Responde Qi Pa: “porque antigamente as pessoas tinham uma vida natural e simples, e honravam os antepassados. Então, os encantamentos eram suficientes. Agora as pessoas têm uma vida mais complicada e hábitos menos saudáveis, havendo necessidade da acupuntura e das ervas amargas”.

Entre outros detalhes, e mesmo considerando que esse diálogo não tenha efetivamente ocorrido, já que as duas figuras em questão são tão antigas que hoje só podem surgir como lendárias ou mitológicas, temos que fazer notar aqui que tais ideias e denúncias faziam parte do pensamento do homem já antes da cristianização de boa



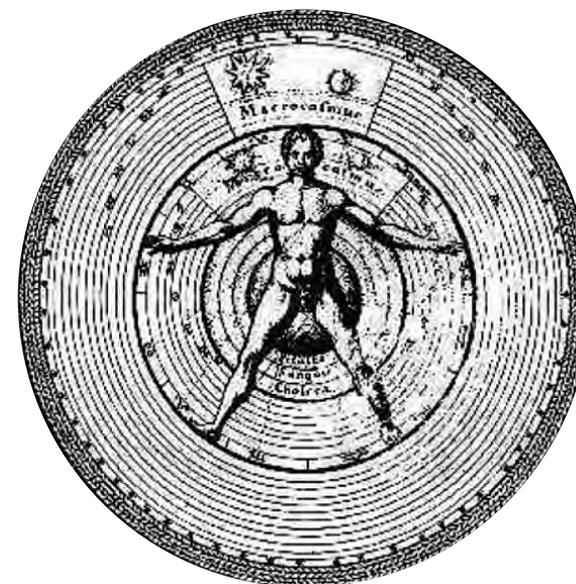
parte da humanidade. Nesse tempo recuado à pré-história da cultura moderna, os interlocutores já expressavam uma genuína preocupação com a degenerescência dos processos de cura, pois fica claro que ambos os recursos citados (acupuntura como processo de estimulação e fitoterapia como recurso medicamentoso) eram encarados como grosseiros ante a sutileza das técnicas mágicas características da antiguidade. E isso, para ser minimamente ousado com as datações associadas a esses “diálogos”, há pelo menos 4.500 anos! Esses comentários só chegaram até nós porque, por volta de 700 a.C., editou-se a primeira versão do *Nei Ching*, que depois veio a se tornar um dos principais pilares sobre os quais se construiu a tradicional medicina chinesa. Essa obra usa como protagonistas um imperador que deve ter vivido de 2698 a 2599 a.C. e seu médico, mas veicula uma opinião que provavelmente era corrente entre os pensadores da época, pois os autores do texto vieram desse meio.

Percebendo esse fragmento de texto sob essa ótica, e olhando para o que temos hoje em termos de recursos médicos, é interessante meditar sobre o que diriam os antigos chineses a respeito da medicina convencional moderna. Principalmente se considerarmos que a acupuntura e a fitoterapia, a que se referiram com certo pesar, são hoje consideradas expressões quase impalpáveis da medicina antiga, pelo menos para a maior parte da comunidade científica que estuda as ciências da saúde e da população em geral que, fora do Oriente, se encontra alienada pela comunidade médica quanto ao uso e à aceitação da medicina tradicional como recurso terapêutico válido.

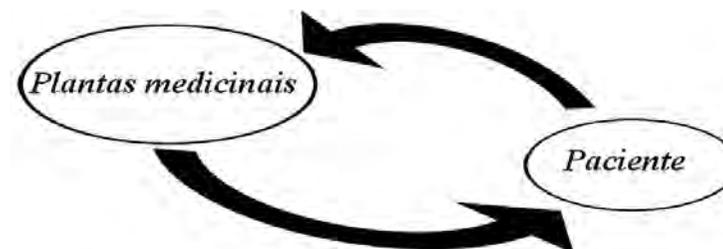


## CAPÍTULO VII

O princípio ativo e a vitalidade



**A**lém da prova laboratorial, que define a atividade curativa da erva em ambiente controlado, sabemos que a outra maneira respeitável de comprovar os atributos curativos de uma erva é o uso direto no ser vivente, por um tempo razoável — não menos que 10 a 12 anos — e numa quantidade de casos adequadamente documentados. A isso chamamos “prova clínica”, que, infelizmente para a maioria dos pesquisadores acadêmicos, é o tipo de comprovação que alicerça o uso da maioria dos produtos fitoterápicos conhecidos. E isso é assim por razões tanto históricas quanto econômicas e conjunturais. Apenas recentemente, talvez de 150 anos para cá, o homem se aplica em conhecer a natureza das coisas em ambientes controlados semelhantes ao laboratório tal qual o concebemos hoje. Pelos milhares de anos anteriores, o que havia era a experimentação de variações de procedimentos que constituem uma base tradicional que parece ter “sempre” existido.



*Figura 9 — O mecanismo fitoterápico*

Para sermos justos com as tradições registradas por inúmeros povos muito antigos, começamos este estudo registrando uma das versões da história da medicina. Mas, como essa versão não é considerada ortodoxa, alguns podem preferir aquela que sugere que as plantas medicinais começaram a ser usadas pelo homem primitivo, ainda quando este não era, nem física nem mentalmente, sequer parecido com o *Homo sapiens* que existe hoje. Nessa versão mais politicamente correta, assume-se que é provável que, em algum momento, uma espécie de macaco que vivia nas planícies africanas



tenha procurado certa planta por suas qualidades “refrescantes” para, por exemplo, lavar uma ferida inflamada. Isso é considerado possível porque a característica refrescante de um vegetal é empiricamente constatada pela sensação que a planta produz na boca ao ser mastigada, o que pode ser determinado em uma experiência casual do tipo: “será que é bom para comer?” Além disso, temos que admitir, até mesmo dentro da medicina tradicional, as ervas refrescantes são tecnicamente classificadas como “azedas”, o que obviamente é uma referência ligada ao sabor.

O que torna tais materiais especiais em relação a tantas outras apresentações de substâncias? Se a premissa dos elementos constituintes irritantes não é verdadeira, ou pelo menos não é suficiente para explicar tudo que se observa em torno da ação medicamentosa, qual é, afinal, a natureza dessa ação? Questionar isso é o que precisamos fazer. E estaremos no bom caminho se entendermos que definir o que há em uma planta que a torna curativa equivale a voltar ao tema, iniciado alguns capítulos atrás, do significado do “princípio ativo”. Para nos aprofundarmos nesse conceito, temos que de novo enxergar a natureza sutil do próprio princípio vital que permeia toda a criação. Ou, melhor dizendo, temos que observar o fluxo desse princípio, já que justamente o que o define é a capacidade de fluir.

E a primeira ideia importante que irá clarear esse olhar é que *a vitalidade não é uma substância, mas um “estado” especial que toda matéria existente neste universo pode assumir*. Sob esse ponto de vista, tudo possui o atributo da vitalidade, embora nem tudo esteja “vivo”. Para entender isso, é preciso ver que, na medida em que a substância fundamental que dá presença física a todas as coisas no universo ainda não se especializou, está retida em uma condição de baixa energia que, entre outras coisas, é amorfa. Não tem uma identidade, não tem uma função específica, e pode ser considerada inerte no que se refere a cumprir um papel que a torne distinta dentro do todo. Ali o princípio vital mantém o potencial para a vida, mas é um atributo ainda dormente quando comparado ao que ocorre assim que aquela



porção de matéria assume “movimento e intenção”. Movimento e intenção são duas qualidades que denunciam que o princípio vital começou a se libertar dentro das partículas constituintes da substância fundamental, e com isso adquiriu um novo *status* de existência, em que as trocas energéticas ocorrem em um ritmo frenético e crescente. A isso chamamos “vida” e, para compreender como se dá esse “ganho de qualidade”, teremos que aproximar desse evento dois conceitos complexos: vitalidade e energia.

Vitalidade e energia são duas “imagens” que se referem a um mesmo fenômeno e, apesar de pouco conhecidas na sua intimidade, surgem com frequência nos ambientes que tentam resgatar a tradição dos povos antigos. Mas, como a distância no tempo é muito grande, e a memória da humanidade é tão pouca, essas imagens permanecem desfocadas para a maioria dos estudiosos. Independente disso, como tais “sábios” estão comprometidos apenas com suas vozes, seus diálogos acabam causando mais confusão que elucidação para o comum das pessoas. Portanto, para ter sucesso onde muitos estão falhando, temos que nos municiar de humildade e admitir que esses não são conceitos que caibam em postulados simplistas. E por isso não serão explorados aqui todos de uma vez.

Fiéis a um formato bem simples quando nos referirmos à característica energética de determinada substância, na verdade tentaremos avaliar ou explicar a qualidade do princípio vital concentrado naquela porção de matéria. E, se tal substância participar do metabolismo de um sistema complexo empenhado na transformação dessa porção de energia, estaremos também explorando a maneira pela qual esse princípio vital torna aquele um sistema vivo. Isso quer dizer que, se o princípio vital está se movimentando, adquiriu para tanto uma “forma”, uma série de características que permitem ao sistema vivo se relacionar com o que está em volta. Nesse sentido, estar “vivo” é algo que tem a ver com se relacionar, com se comunicar dentro de uma lógica comum tanto a quem emite quanto a quem recebe a informação. Assim, uma porção de matéria que tem forma, inten-



ção e movimento, e que se comunica está plenamente viva, não importando o aspecto que tenha assumido neste ou naquele momento.

Portanto, é perfeitamente cabível se relacionar com uma rocha, um cristal, ou mesmo um punhado de terra como se essas apresentações de matéria pudessem interagir conosco de uma forma mais ativa que aquela inerente às combinações químicas e físicas. Salvaguardando as devidas proporções, a pouca intensidade ou a falta de sofisticação dos pacotes de energia que é possível trocar com apresentações de vida conceitualmente tão distantes da nossa não nos impede de assumir que, em seu próprio nível, tudo neste universo está sensível à nossa presença. E graças a isso temos, por exemplo, à nossa disposição todas as vantagens sobejamente conhecidas da geoterapia, e dentro dela a cristaloterapia como uma de suas vertentes mais antigas e eficientes. Nessa terapêutica, conseguem-se resultados surpreendentes com a simples imposição de um cristal de quartzo branco sobre o peito do paciente, ou sobre a parte deste que está afetada pela doença. É claro que os mecanismos que possibilitam esse tipo de cura nunca foram adequadamente explicados à luz do conhecimento moderno. Mas sempre o foram dentro dos cânones da medicina tradicional. Se tais explicações não são claras o suficiente para a ciência, não é algo que deva nos angustiar ou mesmo impedir de usufruir do poder de cura dos cristais. Contudo, é chegado um tempo em que, mesmo abordando esse nível de realidade sob o ponto de vista tradicional, a ponte conceitual com os modernos postulados que descrevem os vários estados da matéria é inteiramente possível de ser estendida. E isso nos será muito útil quando tivermos que tornar mais fáceis e práticos os herméticos postulados dos antigos sábios.

A vitalidade começa a deixar de ser um mistério insondável quando fica apresentada como uma condição, um *status* adquirido por uma porção de substância a partir do momento em que, excitada por um “pulso criador”, se torna capaz de trocar energia em uma escala antes não existente. A origem e a natureza desse “pulso criador” por enquanto apenas pode ser imaginada e, a depender de

qual cultura consultemos, são um mistério representado de muitas formas. Como estamos comprometidos em usar esse conceito como algo prático, faz mais sentido deixar as profundas discussões para quem necessita desse tipo de argumentação, e raciocinarmos em uma escala que possamos verificar e usar. Por isso, a sugestão é ficar mesmo com a nossa velha e confiável fonte solar.

Para o sistema ao qual pertence nosso humilde planetinha, tudo se inicia naquele astro que queima furiosamente. É do Sol que vem a maior parte do fluxo de energia com que temos contato e, como algumas linhas acima aproximamos os estados altamente energéticos da matéria com a presença de vida, faz sentido imaginar que, para nós, o Sol não seja uma fonte de energia casual. Ele produz o volume e o tipo de energia certos para que as condições do sistema planetário que orbita em volta dele sejam justamente do jeito que são. E, até onde sabemos, pelo menos nesse sistema as condições são adequadas para que a vida de base carbônica se desenvolva no terceiro planeta, a Terra.

O verdadeiro desafio é acreditar que nada disso é obra do acaso. Se aceitamos isso, entramos para a tribo de James Lovelock e seu conceito de “terra viva”, segundo o qual a vida provê as condições ideais para que ela mesma permaneça e se perpetue. Uma consequência disso é que do Sol emana uma carga de informação luminosa fundamental rica dos códigos (símbolos?) que usamos para definir nossa identidade vital. O que se está sugerindo é que todas as construções e desconstruções dos seres vivos existentes neste sistema solar, sejam físicas, orgânicas ou somente mentais e psíquicas, usam “tijolos” apropriados da irradiação daquele astro flamejante. E o Sol, por sua vez, deve ter se apropriado de tais códigos sob o formato de pequenas porções de energia modeladas pelo pulso criador no momento em que o universo foi gerado.

Os códigos que dão forma e substância à vida são inteiramente conhecidos em sua versão proteica, e têm sido exaustivamente interpretados pela engenharia genética. Por meio disso sabemos que existem, estão na base da evolução e são de número finito. Mas estão



sendo reunidos e arrumados de forma inteiramente inéditas todos os dias, por todos os organismos que surgem no ambiente assim que ele se torna promissor. O que se inicia de fato quando a vida começa a pulsar é uma interação diferenciada entre os pacotes de energia vital que são preexistentes no espaço circundante, e portanto concebidos em um tempo impossível de registrar em nossa escala. Quando os pacotes de energia se agrupam dentro de determinadas condições facilitadoras, formam sistemas complexos que, além de permanecerem, se expandem. E, se tais sistemas são constituídos essencialmente de luz solar tanto na substância quanto em seus padrões funcionais, tudo o que fazem é em prol de continuar existindo, fazendo transitar continuamente a energia luminosa.

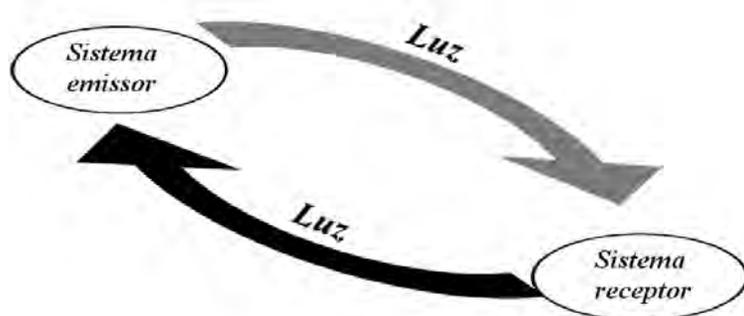


Figura 10 — A energia vital como fenômeno vibracional

Se isso for verdade, e tudo indica que é, James Lovelock percebeu uma dimensão extraordinária de organização cósmica da matéria. Lovelock é um biólogo que se tornou polemicamente famoso divulgando a ideia xamânica de que nosso planeta trabalha para manter as condições ótimas de desenvolvimento da vida. E para nós, que interagimos com tudo que se desenvolve na superfície deste planeta, buscando nos beneficiar do poder de cura potencial de cada substância ativa que pudermos encontrar, essa concepção não pode ser de todo uma fantasia. Afora alguns mais ousados que gostam de ex-

trapolar o conceito de “Gaia” (nome resgatado por Lovelock para apontar o organismo planetário, aproveitando uma denominação usada pelos antigos druidas celtas para identificar a sua grande “Deusa”), e de imaginar que nosso planeta é um organismo senciente que tem a percepção de que estamos aqui e que nossa presença tem valor, o fato de que este planeta é um sistema especializado em trocar energia o torna um sistema vivo sob todos os aspectos. E o que esse sistema faz melhor é manter a luz estabilizada na forma de substâncias nutritivas, o que lhe permite fomentar um alto grau de organização interna e ainda produzir um excedente destinado a promover a vida de tudo que se desenvolve em seu campo de influência. Isso significa que qualquer porção de matéria rica em princípio vital que esteja dentro da área que o planeta consegue alcançar tem a possibilidade de incrementar tanto suas trocas energéticas que acaba por ascender em seu *status* organizacional... e nasce! Passa a interagir com tudo que está a sua volta em larga escala, e movimenta substâncias ininterrupta e produtivamente para contribuir para o estabelecimento da homeostase (estabilidade metabólica) nesse sistema.

Respire um pouco essa ideia. Olhe bem para o que estamos admitindo. Estamos explorando a possibilidade de que a principal função da vida é fomentar mais vida ainda, não importa se isso acontece em um nível humano, dentro do útero de uma mulher, ou no nível cósmico, no ambiente protegido da superfície de um planeta. É o mesmo fenômeno repetido infinitas vezes desde que a primeira chama foi acesa pelo “pulso criador”. E essa é a maneira mais profunda e completa que já encontrei para tipificar o que chamamos de “princípio ativo”.

O princípio ativo tem uma função: proteger e fomentar a vida. Se quisermos considerar isso materialmente, na prática, o princípio ativo é tudo o que se transfere de um organismo para o outro quando estes estão atendendo à pulsão primordial de expandir o campo de influência da vida. É isto que o “pulso criador” deseja, afinal: que todo o universo se torne vivo em algum momento da



criação que provavelmente irá gerar as condições para que um outro universo seja concebido, e o processo continue. Portanto, essa “pulção”, veiculada até nós na forma de um pacote de luz, resulta em um desejo incontrolável de progredir, amadurecer e nos expandir. E isso nos introduz em uma sintonia onde o nosso referencial maior é o Sol e o seu movimento permanente de trocar energia. O que temos que fazer para enxergar essa dimensão de realidade atuando na nossa experiência cotidiana é atentar para a “inteligência” que pode ser facilmente surpreendida organizando essas “transferências e expansões”. Temos que observar também que não importa se o que estamos trocando com este ou aquele organismo são pacotes de luz estabilizados na forma de proteínas, vitaminas, hidratos de carbono, óleos essenciais, aromas... ou, simplesmente, um olhar: tudo isso carrega “mensagens” que modificam o *status* metabólico dos interlocutores. E, se o teor dessa modificação estabelece um novo e mais alto patamar de eficiência metabólica, é uma mensagem que nos aponta um bom caminho que havíamos perdido em determinado momento. Se isso ocorre assim, realizamos o que chamamos de cura!

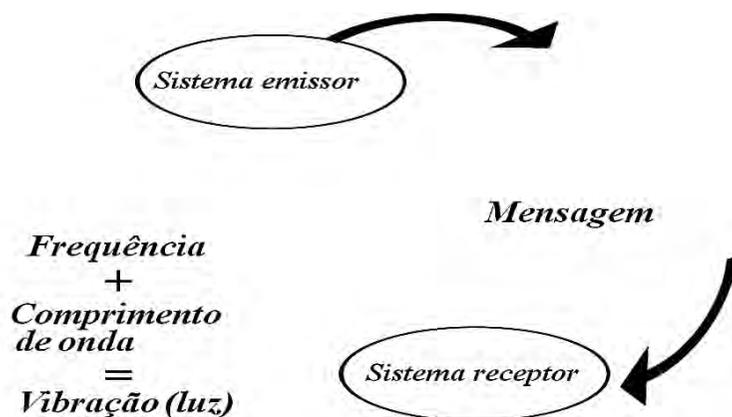


Figura 11 — A luz como fenômeno de comunicação



Mas esse é ainda um quadro geral, e por isso pode ser difícil para alguém aplicá-lo à nossa realidade ordinária. Contudo, encaixa-se perfeitamente na maioria dos eventos que estão muito próximos de nós. Como exemplo, no que se refere ao universo conhecido, todo sistema energético considerado vivo é um ser orgânico vital. Isso significa que esse é um sistema formado por uma série finita de subsistemas que demonstram o atributo da cooperação entre si. E que essa cooperação não se dá por outro motivo que não o de tornar cada vez mais eficiente e consistente o movimento e a transformação das substâncias que constituem tal sistema. Essa é a descrição comumente aceita de um organismo vivo extremamente vital, mesmo que esse estado de vitalidade não seja evidente (como nos minerais, por exemplo). Então, em última análise, como se sabe que tal ou qual sistema está vivo? Observando se esse sistema faz trocas com o ambiente. Ou seja, se ele se alimenta (absorve), digere (transforma) e expurga (devolve), há “movimentação do fluido universal” na apresentação daquele organismo. E é o nível de intensidade, alto ou baixo, dessa movimentação que usamos para identificar a presença de vitalidade. Portanto, a vitalidade pode ser encarada como uma “medida” que quantifica e qualifica a presença da vida.

Se o sistema está muito vital, troca energia rapidamente com o meio, transferindo substâncias de fora para dentro e de dentro para fora. Entretanto, o sistema vivo nunca devolve a substância absorvida da mesma maneira que a recebeu, nem na mesma quantidade. Uma parte ele retém e usa para se estruturar, ampliando e/ou adequando o seu próprio *quantum* de vitalidade e, assim, revelando atividade produtiva. Outra parte, a que ele considera não metabolizável (está fora de suas possibilidades de processamento), separa e devolve ao meio da mesma forma que recebeu. E ainda há uma terceira parte, tão transformada em sua apresentação que é difícil de relacionar com aquilo que nutriu o organismo inicialmente. Essa parte é liberada para o meio como uma espécie de “resposta” aos estímulos recebidos, e não por acaso é a porção energética mais interessante e difícil de



estudar, pois respondemos a estímulos em uma variedade tão grande de dimensões que se torna necessário reunir um colegiado multidisciplinar inteiro somente para reconhecer e separar cada reação. Mas essa é a porção de energia que liberamos no ambiente satisfazendo àquela pulsão fundamental que antes foi postulada. Por outro lado, é claro que toda a substância que foi retida dentro do organismo um dia retornará ao universo, mas pode ser que isso só aconteça quando tivermos cumprido todo o nosso ciclo de vida. Isso é assim porque uma das três leis que regem a ordem universal determina que *a quantidade de substância primordial inerente ao universo permaneça sempre igual, posto que esse é um dos parâmetros que o separa dos universos circundantes*. E essa é a primeira ideia, seguida de algumas de suas consequências.

A segunda ideia importante é que, para trocar substância com o meio, *todo sistema considerado vivo tem de ser aberto, tendendo a fechado*, o que acaba se tornando outra maneira de identificar o seu *status* vital. Nesse sentido, o nível de vitalidade deixa de ser apenas uma medida de intensidade de troca de informação e se torna um fator identificador da viabilidade de um organismo. Existem sistemas que surgem no universo e permanecem fechados de dentro para fora, embora sejam abertos de fora para dentro. Isso significa que tais organismos só recebem. Aparentemente, não trocam energia com o meio de forma construtiva e, portanto, definem-se por cumprir funções que podemos apenas imaginar. Pode ser que funcionem, por exemplo, como gigantesco coletores de “lixo”! Podem ser portais de transferência para universos mais jovens que ainda estão por nascer e que se beneficiam de nosso excedente. Mas, como são sistemas de ordem estelar, a princípio seu metabolismo não nos interessa.

Na nossa escala de tamanho, importa saber que a viabilidade de um sistema vivo é diretamente proporcional ao grau de disponibilidade desse sistema para se comunicar, o que significa continuamente trocar substâncias com o meio e/ou com outros sistemas. Se ele está muito vital, comunica-se muito, e tem que possuir muitas das chamadas “ja-



nelas metabólicas”. Esse é mais um conceito importantíssimo para compreender a dinâmica medicamentosa dos produtos fitoterápicos.

As janelas metabólicas são as entidades funcionais elaboradas pelo organismo com a finalidade de fazer a primeira “triagem” do que vem do meio circundante como matéria nutricional. Para tanto, aglutinam várias funções em um único mecanismo complexo. Esse mecanismo utiliza muitas estruturas orgânicas para funcionar, e por isso somente há muito pouco tempo a fisiologia acadêmica o identificou como um “equipamento” único. Porém, diagramaticamente, as janelas metabólicas são compostas de um aparato sensor especializado que alimenta uma via de condução nervosa; esta, por sua vez, alimenta o centro processador do sistema, e depois todo o sistema em si, por vias de comunicação secundárias. Isso está conectado a qualquer um dos aparatos de condução que admite e distribui nutrientes (pele, sangue, sistema linfático etc.) pelo organismo por meio da circulação de gases e/ou líquidos orgânicos. Acima de tudo, esse sistema tem ser “inteligente” para fazer isso nem tão lentamente que prejudique outras funções, drenando energia demais, nem tão rapidamente que a análise das substâncias fique incompleta. Além de todo esse “ferramental”, o corpo empenha seu centro organizador nesse trabalho, mobilizando a sua memória genética para reconhecer cada substância, e decidindo inclusive o que fazer com ela. Assim, as “janelas metabólicas” podem ser compreendidas como participantes das estratégias de recepção primária de nutrientes. São encarregadas de analisar e tentar reconhecer todos os pacotes energéticos que afluem ao organismo, encaminhando a assimilação daquelas que são úteis.

Dentro disso se encontram também os pacotes energéticos que reputamos equilibradores ou curativos, as substâncias medicamentosas. É importante assinalar que a fluência de mensagens das janelas metabólicas ocorre por uma via de mão dupla, pois tais mensagens alcançam também as entidades funcionais participantes dos programas internos de transformação da luz. Essas entidades são capazes de entrar em ação imediatamente desde que a substância que está sendo “triada”



seja reconhecida pelo sistema como passível de ser metabolizada. Isso significa que reconhecer ou não determinado insumo define a atividade deste dentro do organismo. Portanto, manter as janelas metabólicas funcionando a pleno vapor é uma condição fundamental para processar bem tudo o que aceitamos como estímulo. E atente para o fato de que esse aparato não reage apenas àquilo que consideramos material. Antes, atua em todo o espectro de estimulação que recebemos, influenciando o organismo em todas as suas dimensões.

De imediato, saber da existência desse aparato explica muitas coisas que antes eram conhecidas como pequenos mistérios do corpo humano. Explica, por exemplo, por que determinados alimentos são palatáveis para uns e não para outros. Sabemos que temos um critério complexo para manifestar preferências, e que tais critérios movimentam as estruturas metabólicas de maneira igualmente sofisticada. Além disso, sabemos que os imperativos orgânicos não são soberanos sobre nossas escolhas, pois, se considerarmos que nossas preferências qualitativas e quantitativas são expressões daquilo que devemos adquirir em termos de energia em determinada fase de nossa vida, é notório e lamentável que essa parte de nossas janelas metabólicas não funcione mais tão bem assim. O paladar atualmente faz parte de nossos mecanismos libidinais, o que nos leva a selecionar de forma esdrúxula nossos nutrientes, nossos ambientes e nossas companhias. Mas essa é uma outra discussão. Para nós, importa o capítulo em que essa seletividade faz com que cada pessoa reaja de uma forma muito individual ao estímulo medicamentoso.

A capacidade de reagir de forma equilibrada a um medicamento depende também da janela metabólica que usaremos para reconhecer e processar tal estímulo. Isso significa que podemos sim estar tão doentes que não conseguiremos nos beneficiar nem mesmo das substâncias curativas disponíveis, o que nos obrigará a desenvolver toda uma medicina preparatória para que aquele princípio curativo possa ser ministrado... ou não possa! É preciso entender que determinados organismos não reconhecerão em momento algum determinadas substâncias sim-



plesmente porque não possuem janelas que os tornem competentes para metabolizá-las de forma eficiente. Se isso é verdade, de onde surge a concepção de que podemos receitar substâncias olhando para quadros clínicos, e não para pessoas? Como é possível tornar o ministrar de um medicamento uma intervenção que siga os mesmos parâmetros indiscriminadamente dentro de um grupo humano? Como praticaremos uma medicina de massa nivelando as pessoas em um determinado diagnóstico e tratando a todos com os mesmos procedimentos?

Pois é, de fato não podemos. Segundo o mecanismo das janelas metabólicas, nem tentar isso faz qualquer sentido, exceto naquelas situações em que se necessita salvar a vida do paciente. Em momentos assim os danos paralelos associados às drogas que concentram altas dosagens de princípio ativo obviamente ficam em segundo plano, e a simples existência desses recursos realmente engrandece o valor da medicina moderna. Mas, a partir do momento em que a urgência foi sanada e em que o médico conquistou para o paciente o tempo necessário para fazer a cura acontecer, a ordem orgânica deve voltar a ser respeitada, sob pena de se estar sacrificando muito mais do que fomentando.

Voltemos ao processo de triagem. O sucesso da identificação das substâncias e/ou dos estímulos depende tanto da “memória” já acumulada pelo ser que os está recebendo como da capacidade desse sistema de interagir com os comprimentos de onda intrínsecos ao que está sendo apresentado. Um organismo amadurece ao longo do tempo, e um dos efeitos disso é que ele se torna progressivamente mais apto a lidar com toda a apresentação nutricional disponível no universo. Se souber conduzir a sua existência, será ao final alguém muito antigo, capaz de se nutrir de todas as apresentações energéticas existentes, e provavelmente saberá escolher aquelas de maior eficiência. Neste ponto é certo que estará se alimentando apenas de luz em suas frequências mais altas, o que representa um estágio de evolução impressionante quando consideramos tudo o que temos que fazer para nos nutrir.



De imediato, o conceito de janela metabólica traz à superfície o fato de que possuímos um número finito de códigos simbólicos que definem a interação de que somos capazes. Foram-nos fornecidos prontos e acabados pelo Sol, e vão se tornando gradativamente disponíveis em razão da experiência acumulada ao nos relacionarmos com o universo circundante. Por isso organismos muito jovens não são tão capazes de processar substâncias complexas, intoxicando-se e desestruturando-se com coisas que não perturbam organismos mais maduros. Ou seja, atendendo ao imperativo de se afirmar e expandir, o organismo jovem e inexperiente eventualmente tenta absorver até mesmo o que não reconhece, adoecendo por não possuir em atividade nenhuma janela metabólica que o capacite a lidar com aquilo. Depois, mais maduro e com suas pulsões tratadas de forma menos ansiosa, consegue não misturar seus imperativos pessoais, o que lhe permite uma seleção mais sábia e livre de perturbações.

Ainda assim, a possibilidade de ocorrer intoxicações voluntárias nos revela que cada janela representa, além de um recurso para selecionar o que é nutritivo e benigno ao sistema, uma espécie de “abertura” que, de certa forma, rompe a continuidade da delimitação que todo sistema estabelece para se separar do meio. Separar-se do meio, e manter essa situação razoavelmente estável, é justamente o que torna nosso sistema identificável como individual, dotado de seu próprio método de processar o fluido universal. Na natureza, essa é uma condição especial, mas inteiramente comum, pois tudo que se desenvolve neste universo tem que trocar energia, e se dedica o tempo todo a reeditar a própria identidade de diversas maneiras a fim de acompanhar a mutabilidade das condições de vida. Daí o grande valor da presença de vida que não aquela voltada para ela mesma. A vida não se repete, ainda que seja constante em suas bases fundamentais. Então, acaba expandindo isso para o universo, pois, à medida que se torna uma realidade, estabelece para si um campo de influência que será seu reflexo. Por isso também a necessidade de manter as trocas em um bom nível de intensidade implica expor seu

ambiente interior a interações muito difíceis de serem equilibradas, o que sem dúvida pode ameaçar a integridade do sistema. Mas esse será um preço pequeno a pagar, porque tal exposição também possibilita que os poderes absolutos da natureza se façam presentes dentro da experiência de estar, o que produz um ganho insubstituível.

De qualquer forma, nessa situação de abertura seletiva, é possível admitir pacotes de luz não inteiramente metabolizáveis, o que tem o potencial de desorganizar em demasia a ordem estabelecida pelo ser vivo. Essas serão então uma classe de substâncias que o sistema tratará como toleráveis, ainda que tóxicas, e cuja contabilidade em termos de aporte energético será sempre negativa, já que o organismo despenderá muito mais vitalidade do que ganhará ao trabalhar dobrado para se adaptar a insumos para os quais não tem aparato de assimilação. O problema é que os efeitos deletérios desse esforço não são aparentes imediatamente, levando algum tempo para vencer a imunidade e tornar-se visíveis. Isso leva os indivíduos a demorar um longo tempo até discernir que estão sendo mobilizados pelos sintomas de desarmonia, o que permite estabelecer elos afetivos com o hábito de se nutrir de uma dieta de estímulos de baixa qualidade. Depois que tais elos estão sedimentados, não há dúvida de que o indivíduo resistirá muito a abrir mão deles, às vezes chegando ao ponto de assumir o encurtamento de seu tempo de vida ou mesmo a deterioração acelerada da qualidade desta. O mesmo pode acontecer em relação a medicamentos, ou emoções, ou qualquer outra coisa que assuma o papel de estímulo em nossa vida. E aqui importa muito estender isso à maneira como selecionamos nossos alimentos todos os dias, meditando a respeito da qualidade de nossas opções de vida.

Mas, para nós, interessa saber mesmo é como essa visão se aproxima do fenômeno do princípio ativo das ervas. Começa a se aproximar sempre que consideramos esse fenômeno como uma decorrência do fato de que a realidade se estrutura sobre uma base luminosa. A luz é a representação mais ativa do que chamamos fluido universal, e isso se torna evidente principalmente quando a avaliamos em seu estado energético,





ou vital. O estado vibracional, especialmente quando atinge frequências elevadas, é uma condição que a substância cósmica assume para se propagar e realizar trabalho pelo universo. Mas isso só se tornará visível para a maioria dos seres quando esse estado alcançar uma condição irradante. Quando o pacote de energia ainda não está excitado o suficiente para produzir luz irradante assim como a imaginamos, corresponde ao fluido universal em seu estado fundamental, e é pobre em termos de vitalidade, já que poucos organismos poderão aproveitar um *quantum* de energia estacionado em comprimentos de onda tão largos. Mas, se a matéria cósmica já amadureceu o suficiente para emitir luz, ou, se preferirmos, alguma quantidade dessa matéria cósmica adquiriu o movimento necessário para se transformar em luz irradante, assume uma forma e um nível de organização muito especial que identificamos como “vital”. E isso passa a diferenciá-la de todo o resto, pois as frequências em que transmite seus pulsos são domínio de muitos.

Então, pelo menos do ponto de vista energético, ao se tornar capaz de emitir luz, mesmo que por um pequeno momento, qualquer porção de matéria pode ser considerada viva. Visto assim, e partindo da premissa de que todo tipo de matéria em sua estrutura íntima (no nível das subpartículas) não passa de um *quantum* de luz estabilizada, podemos inferir que *toda porção de matéria possui um princípio ativo* pronto a atuar no fomento da vida. A física de alta energia nos ensina que toda matéria pode ser transformada em luz e liberada para irradiação em determinadas condições. Isso significa que *tudo o que conhecemos pode se tornar um “remédio”*. Basta, para isso, que assimilamos seus pacotes luminosos de forma eficiente e harmonizadora. Então, quando manipulamos nossas ervas, o que queremos é que seu princípio curativo se torne mais disponível. Mas só podemos conseguir isso provocando a liberação da porção de luz que está “congelada” nas fortes ligações eletromagnéticas entre os átomos e as moléculas. Além disso, precisamos fazer isso de tal forma que não toda a luz se desmobilize, ou que se desmobilize de maneira aleatória.



Nosso paciente é um sistema vivo prejudicado nas suas capacidades de assimilação e aproveitamento dos pacotes luminosos. Além disso, somente uma fração dos pacotes disponíveis serão úteis para reconduzi-lo à normalidade. Assim, é fundamental que nossa técnica seja tão precisa que nos permita ser seletivos no sentido de desmobilizar apenas o comprimento de onda útil. Isso só é factível atualmente por meio de extensa prova clínica, ou de nossa aguda sensibilização para fazer essa leitura. Se alcançarmos isso, obteremos um produto inteligente no sentido de que, com a manipulação certa e um bom diagnóstico, o tornamos personalizado. Selecionando no espectro disponível justamente aquele comprimento de onda de que nosso paciente precisa, e que pode assimilar com vantagens, produziremos uma substância que tem tropismo máximo por sua condição, o que obviamente concorrerá para sua recuperação. E essa é a segunda ideia, acompanhada de algumas de suas consequências.

Há ainda um terceira ideia importante, implícita justamente nesse último comentário: as características irradiantes intrínsecas à matéria cósmica, somadas à condição de consciência, facultam aos seres vivos a capacidade de vitalizar outros sistemas com a própria luz. Mas isso só ocorrerá de forma plena se forem satisfeitas as condições de contato que o fenômeno luminoso exige. Entram aqui exigências do tipo ressonância entre as partes, tempo de exposição, frequência e comprimentos de onda em fases complementares. Na verdade, essas são todas características de fenômenos vibracionais comuns. Sob esse ponto de vista, *nutrição e medicação são essencialmente a mesma coisa*, desde que entendidas como fenômenos de transferência de luz de um ente emissor para um ente receptor, o que traça um paralelo entre o ato de curar e um fenômeno vibracional muito comum, a comunicação. Assim, se queremos lidar com uma imagem que nos traz para a realidade na sua mais ampla significação, é importante acreditar que a nutrição, ou medicação, é a forma mais básica de “comunicação” no nível biológico. E, se começarmos a



praticar a medicina desse ponto de vista, todas as nossas estratégias assumirão relevância especial para nós e para nossos pacientes.

Começaremos a perceber, entre outras implicações, que um medicamento, fitoterápico ou não, é uma “mensagem”, com tudo que isso implica em termos de necessidade de coerência para que seja bem “entendido” pelo paciente e produza as respostas certas. Graças a isso, você, leitor, que está recebendo minhas ideias por meio deste texto, e eu, autor, mais todos os sistemas vivos que estiverem dentro de nosso campo de influência neste momento, estaremos trocando pacotes luminosos, estejamos conscientes ou não desse evento. A própria consciência se altera como repercussão direta da comunicação e, sendo essa a característica energética mais dinâmica do ser vivo, o novo estado de consciência surgirá como um subproduto do fenômeno de transferência luminosa. Esse é um dos fenômenos mais complexos no processo de adoecimento e cura que temos que compreender. Mas vamos deixar para falar disso mais tarde, quando explorarmos o conceito de biodisponibilidade.

Por ora, esse conceito nos será útil apenas porque enriquece a explicação acerca da reação individualizada às substâncias biologicamente ativas. Contudo, a biodisponibilidade é um mecanismo da mesma grandeza da janela metabólica, pois abarca um grupo de fenômenos tão importantes que acaba por definir, na ponta do processo de reação, a que nível chegará a assimilação, pelo paciente, do estímulo medicamentoso que estamos administrando. Nesse sentido, a biodisponibilidade pode ser descrita como o resultado dos trabalhos desencadeados pela janela biológica, sendo o que definirá, por exemplo, se uma determinada erva vai ser curativa, tóxica ou meramente nutritiva para este ou aquele indivíduo. Mas antes de lidar com isso é preciso entender que todo fenômeno vital é um fenômeno luminoso e de comunicação em todos os sentidos; que todos os seres vivos são estruturados e funcionam sobre uma base vibracional; e que, para se manterem vitais, têm de manter toda a sua luz em movimento, interna e externamente. Se a luz não se propaga entre sis-

temas vivos, tende a “decair” energeticamente, atendendo à máxima universal que dita que toda quantidade de energia procurará sempre seu estado de menor agitação, ou entropia. Isso significa que a luz tende a voltar ao seu estado primordial, anterior ao pulso criador, em que era inerte e plena apenas de potenciais.





**A** partir daqui, contando que você entendeu os conceitos fundamentais que a medicina tradicional usa para explicar a fitodinâmica dos medicamentos fitoterápicos, tudo ficará mais fácil se pudermos visualizar essa categoria de medicamentos atuando dentro do paciente como um fenômeno inteligente.

A propagação de luz entre sistemas interagentes em um mesmo espaço é um fenômeno espontâneo e contínuo, que segue uma lógica. Isto é, as trocas permanentes entre os seres vivos estão organizadas em uma cadeia energética ou, para usar uma imagem mais comum, em uma cadeia alimentar que se estende por pelo menos oito dimensões. De fato, a única diferença entre esses conceitos (cadeia energética e cadeia alimentar), quando aplicados no nível vibracional, está na “altura” das frequências alcançadas por cada organismo posicionado acima ou abaixo em uma ou outra cadeia. Encadeamentos puramente energéticos costumam não envolver matéria densa, ocorrendo em níveis frequenciais extremamente elevados, ainda que dentro do espectro eletromagnético próprio desse universo. Já as cadeias alimentares reúnem trocas energéticas de baixa e média frequências, englobando por exemplo a digestão, que ocorre a partir da ingestão dos alimentos.

Contudo, para encaixar nossa concepção de “princípio ativo” nisso, temos que continuar raciocinando em termos de *quanta* de luz (que, afinal, é o primeiro alimento de todos nós) em seu estado de propagação mais elevado. Isso implica ir além dos fenômenos metabólicos que movimentam aquela porção de luz encapsulada nos pacotes nutricionais mais densos (proteínas, açúcares ou amidos e outros semelhantes). A princípio, isso pode soar um pouco estranho, mas logo as vantagens desse modelo ficarão evidentes, porque, para entender a maioria dos fatos relativos às relações entre as ervas e os indivíduos que estão vivendo processos de adoecimento, temos de lidar não só com realidades de transferência de matéria em estado adensado. Antes, temos que aprender a pensar em termos dos padrões de comunicação que tornam possíveis as transferências energéticas a partir do ser vegetal.



Isso significa começar a ver o ministrar de um medicamento (seja qual for a sua apresentação) como uma ação que desencadeia fenômenos muito mais complexos que aqueles descritos bioquímica e biofisicamente. Na verdade, temos que tratar isso como a elocução de uma “mensagem contida em um texto”, o que irá ajudar a perceber que o medicamento (texto) só fará o efeito esperado se a “mensagem” que ele carrega for inteligível (assimilável) por aquele que o “lê” (toma). Por outro lado, se o medicamento em si traz uma “mensagem”, é passível de mais de uma interpretação por parte daquele que o recebe (e também de interpretações diferentes para organismos diferentes), o que define o tipo de resposta que esse receptor dará ao estímulo medicamentoso naquele momento.

Em outras palavras, embora os processos de adoecimento e cura possam ser semelhantes entre os seres — o que pode passar a falsa impressão de que todos podem ser vistos e conduzidos como se fossem um —, na intimidade, cada um adoecer e se cura do próprio jeito (a interpretação de qualquer texto é pessoal). Isso implica, entre outras coisas, que o indivíduo só reage realmente bem à sua dosagem de medicamento se este tiver qualidades inteligentes, isto é, frequência e comprimento de onda específicos para aquela pessoa. E tocamos aqui o que poderia ser um dos mais contraditórios mistérios da fitoterapia tradicional: a sua universalidade no que se refere a indicação e dosagem. Essa “universalidade” quer apontar para o fato de que essa é uma medicina que dá certo, mesmo sendo pensada o tempo todo em termos de doses médias que em tese serviriam para todos; porém, isso vai de encontro com tudo que foi comentado aqui acerca da individualização das respostas terapêuticas. Como se explica isso?

A única maneira de lançar luz sobre essa questão é admitir que a fitoterapia, embora ainda reunindo processos de preparo e manuseio dos mais disparatados e acontecendo sob um manto de empirismo e desinformação, é uma prática médica muito mais “inteligente” do que se pode imaginar. Ao contrário do que ocorre com as drogas utilizadas no contexto da medicina convencional, os produtos genui-

namente fitoterápicos, mesmo se tomados por longos períodos e por muitas pessoas nas mesmas doses, são quase isentos de efeitos indesejados. E funcionam, pois contêm princípios ativos de reconhecido valor bioquímico, biofísico e bioenergético.

Para aproximar esses dois fatos, só o que podemos fazer é assumir que ocorre um “diálogo adaptativo” entre a planta, por meio da transferência dos pacotes luminosos que compõem o seu princípio ativo, e o doente. Graças ao equilíbrio inerente a uma fórmula magistral, é possível ao organismo do paciente aprender progressivamente sobre como assimilar o medicamento, estabelecendo uma relação que, como outra qualquer, possui certa flexibilidade. Se exigida apenas comedidamente, tal flexibilidade permitirá às partes envolvidas resistir ao estresse de certo grau de ignorância. E, se quisermos ir além em nossas ousadas inferências, apoiados por tudo que foi dito acerca da vitalidade, poderemos admitir que um dos atributos que tornam o “princípio ativo” um fenômeno inteligente é justamente a capacidade de se “ajustar” à necessidade ponderal (nível de concentração certa) do paciente. Isso implica que, ao se propagar um pacote luminoso de um organismo para outro, em condições favoráveis providas por estratégia clínica e manipulação medicamentosa lúcidas, a “consciência” do ser vegetal não se perde. O princípio ativo, desde que oriundo de um ser que podemos assimilar por estar próximo vibracionalmente, permanece sensível o suficiente para captar as necessidades de ajuste àquele indivíduo que o está ingerindo.

Assimile essa ideia com calma. Você precisará desse conceito para entender muita coisa misteriosa que ocorre nos tratamentos fitoterápicos. Em outras palavras, aquilo que chamamos de “consciência” impregna cada partícula do sistema que a gerou, o que de resto é um pressuposto tão antigo que até mesmo a ciência mais ortodoxa começa a admitir como verdade. Fala-se de memória corporal, de células-tronco com potencial genético para se tornar qualquer tipo de tecido e de outros fenômenos tais. Assim, é muito tranquilo contar com a possibilidade de algo desse fator consciencial fazer parte da base lumi-





nosa do princípio ativo e emprestar-lhe parte da capacidade de comunicação do ser doador. Essa é uma consequência tão direta deste nosso modelo explicativo que a verdadeira dificuldade que pode haver aqui é compreender por que isso não se dá sempre dessa forma!

Citamos agora há pouco que o produto genuinamente fitoterápico é quase isento de ocorrências iatrogênicas... quase! Embora raramente, um medicamento fitoterápico pode sim causar efeitos colaterais indesejados ou até mesmo graves. Por quê? Para compreender isso, temos que ir mais fundo naquela história da biodisponibilidade e no significado da tal “dose ponderal”. Mais adiante, detalharemos isso e o que vai compor um verdadeiro trabalho de “nutrição ponderal” (o termo “ponderal” aqui quer dizer dosagem progressiva na concentração certa), que é a melhor característica fitoterápica que um processo de cura pode ter. Por enquanto, o que importa é que, para que esse trabalho aconteça, é preciso que os canais de comunicação, isto é, as janelas metabólicas, estejam abertos e que os dois ou mais seres implicados estejam em sintonia em termos de biodisponibilidade. E a condição primordial para isso é a de que os interlocutores estejam próximos entre si na escala natural de transferência dos pacotes luminosos, ou seja, próximos em termos de cadeia energética. Ou melhor, estejam próximos na cadeia alimentar pelo menos do ponto de vista energético. Esse é um detalhe importante, pois se comunicarão de forma facilitada os seres que estiverem lado a lado na linha de transmissão dos padrões de energia inerentes às substâncias.

Para esclarecer mais ainda esse ponto, considere que aqui a expressão “padrão de energia” pode ser entendida como “assinatura vibratória”. Toda substância tem a sua assinatura vibratória, que funciona exatamente como estamos habituados a ver funcionar qualquer marca individual. Toda apresentação da matéria tem sua faixa de agitação interna, que desloca essa matéria a um determinado espaço individual onde seu nível de emissão de ondas eletromagnéticas permanece estável. Por meio dessa emissão, tal substância pode manter

contato com o meio, mas principalmente com outras substâncias vibratoriamente afins. No nosso macrouniverso, isso estabelece o que chamamos de afinidade química e/ou física entre os materiais, o que funciona biologicamente no nível dos tropismos que determinados órgãos têm por determinadas substâncias.

Para nós, que pertencemos a este sistema planetário, tal processo de encadeamento energético dos seres tem seu ponto de partida no Sol. Embora não seja a única fonte de emanção cósmica da qual nos nutrimos diariamente, esse astro está na base (ou no centro!) de todas as cadeias de transferência de energia. Portanto, quer essas emanções estejam dentro do espectro visível ou não, é dessa fonte que recebemos os pacotes luminosos mais fundamentais para a regulação de todo o nosso metabolismo, incluindo o psíquico e emocional. A parte visível da emanção solar apresenta-se em um intervalo vibracional que reflete apenas uma estreita banda da oscilação de suas partículas, ficando patente para quem quiser ver que o espectro frequencial alcançado por tais emanções é de fato muito mais vasto. Tão vasto que, se não fossem as defesas providas pelo organismo planetário, o Sol simplesmente nos incineraria com um bombardeio de massas fotônicas cujo comprimento de onda e frequência nem estamos próximos de poder metabolizar. Para situarmos um referencial numérico, o espectro eletromagnético visível vai de 3.600 Angstroms a 7.200 Angstroms de comprimento de onda, o que corresponde a mais ou menos 2% do espectro vibracional das ondas eletromagnéticas cósmicas.

Não podemos perceber visualmente cerca de 98% dos pacotes de emanções solares que recebemos diariamente, embora sem dúvida o nosso sistema seja sensível a um percentual muito maior quando considerado em todas as suas dimensões funcionais. Na verdade, desconsiderando a percepção por meios biológicos, que nunca são suficientemente precisos, mesmo utilizando os equipamentos mais sensíveis, estima-se que não podemos ainda lidar com mais que 10% das emanções solares, o que é muito pouco. Ainda assim, o Sol é a nossa principal referência vibratória, então logicamente





devemos possuir em estado de dormência uma quantidade de janelas metabólicas que, quando ativadas, um dia nos capacitarão a nos nutrir dele diretamente. Por enquanto, precisamos de uma quantidade enorme de organismos intermediários, começando pelo planeta, passando pelos animais e vegetais que consumimos, e terminando naquela categoria de “alimentos” considerados “da alma” (as emoções, sensações, ideias etc.). E tudo isso parece estar de bom tamanho, pois, surpreendentemente, não temos desenvolvido janelas suficientes nem para digerir a contento nossas fontes mais básicas de energia vital.

Isso significa duas coisas importantes. Primeiro, que o movimento de se alimentar, mesmo que de nutrientes sutis, significa estresse. Por conseguinte, existe sempre uma contabilidade a ser feita quando selecionamos um estímulo nutricional. Segundo, se não conseguimos uma eficiência metabólica de 100% com nenhum estímulo, há então um déficit permanente em nossa economia energética. Isso provavelmente está na base de uma atitude de busca de nutrição que é flagrante no ser humano, e que nos obriga a desenvolver soluções vivenciais extremamente criativas para fechar nossa quota de suprimentos. Por exemplo, estamos aprendendo agora a explorar metodologias alimentares customizadas, que são boas para determinados tipos de pessoas e não para outros, buscando com isso aumentar nosso rendimento digestivo. Um outro exemplo está no trabalho de aceitar que a energia de que necessitamos para viver vem muito menos dos alimentos densos, e mais dos alimentos sutis. Isso quer dizer que a energia que você usa para compreender este texto, para desejar ir trabalhar amanhã, para amar e ser amado... não vem dos alimentos!

Apesar de tê-la afirmado somente após uma justificativa relativamente bem amarrada, sei que essa ideia só fará sentido se você já percebeu que necessitamos, para manter uma relação adequada conosco e com o meio em que vivemos, de muitas apresentações diferentes de vitalidade. De fato, de muito mais tipos que aqueles possíveis de serem angariados nos alimentos densos de que dispomos. Então,

como nos tornamos viáveis energeticamente? Simples: tornamo-nos os segundos (ou terceiros) na cadeia alimentar que reúne os sistemas que se nutrem da emanção luminosa do Sol. E ao consumir outros seres vivos aproveitamos, além da energia contida em sua estrutura, a vitalidade gerada pela experiência vivencial deles. Na quase ausente capacidade de aproveitarmos a energia luminosa diretamente, aprendemos a extrair quase toda a luz de que necessitamos para viver dos seres mais primários dessa cadeia. Aprendemos a “extrair e processar” os pacotes luminosos estabilizados pelos vegetais (principalmente), por outros animais (medianamente) e pelos minerais (com menor eficiência ainda). Como não poderia deixar de ser, frequentemente nos valem do arbítrio e pervertemos um tanto essa ordem ao nos alimentarmos de outros processadores de energia de mais alta hierarquia, semelhantes a nós mesmos (comemos seres carnívoros, por exemplo). Mas é claro que isso está previsto na ordem natural de transferência de energia, e até certo ponto nosso organismo se mostra resistente a cardápios predominantemente carnívoros.

Mesmo que essa ordem possa ser desafiada, esse evento ainda significará que a transferência de energia estará dando saltos maiores que os previstos. Há que se esperar que isso ocorra com algum tipo de esforço por parte daquele que está buscando vitalidade fora dos fluxos facilitados. Para não forçar o equilíbrio geral do sistema em grau muito elevado, o que dificultaria fechar o balanço energético dessa equação, temos que acessar fontes luminosas de padrão vibratório próximo ao nosso, o que quer dizer que manter a ordem natural de transferência de energia é importante.

O passo seguinte neste discurso é aproximar isso da mecânica medicamentosa. Mas essa parte é tão fácil que antes vale atentar para um dos motivos que apoiam esta conclusão quanto à importância de consumir energia em fontes próximas vibracionalmente. O ajuste desse procedimento pode ser facilmente confirmado pela mecânica dos fluidos, uma física das mais antigas cujos fundamentos são quase instintivos. Essa disciplina aponta que as porções de matéria que,





quando vibram, produzem ondas muito semelhantes, em termos de frequência e comprimento de onda, tendem a entrar em “fase”. As ondas se sobrepõem e somam seu *quantum* energético, produzindo uma quantidade de energia final maior que a soma aritmética de cada uma. Isso ocorre porque todo sistema ondulatório está sempre trocando energia com o espaço circundante, o que cria um “campo de influência”. Quando dois ou mais desses sistemas entram em “fase”, acabam capturando toda a energia disponível no seu campo de influência, o que lhes permite se estabilizar em um nível vital mais alto que o anterior. É claro que, aumentando seu comprimento de onda ou sua frequência, obviamente os sistemas vivos se afastam de seus padrões originais, o que sugere que há um limite para essa subida de *status* vibracional. Se tais “afastamentos” alcançam os limites vibratórios relativos à faixa que determinado organismo pode processar, algum tipo de colapso vai ser experimentado, o que significa que o nosso sistema terá de fazer um esforço extra para equilibrar os novos pacotes luminosos com que tem que lidar.

Finalmente, estamos prontos para transferir todos esses fatos para a vivência medicamentosa. De fato, tal transferência não é difícil, porque alimentar-se é nossa principal forma de nos automedicarmos. Então todos os raciocínios alimentares podem e devem seguir os mesmos parâmetros reguladores dos medicamentosos, o que nos permite resumir incluindo esse último dado exposto no parágrafo anterior.

Duas necessidades têm que ser atendidas quando se selecionam medicamentos: primeiro, que o medicamento pertença a um reino próximo ou ressonante com a frequência vibratória típica do processo do paciente, o que justifica de forma elegante o fato de que a maior parte da fitoterapia ocorre em cima de insumos vegetais. Segundo, que o medicamento seja ministrado de tal forma que as reações do paciente sejam progressivas. Se aquilo que afirmamos antes é verdade, o que ocorrerá entre o paciente e o medicamento será o mesmo que ocorre quando dois sistemas vibratórios entram em fase. A onda típica do princípio ativo da erva vai “cavalgar” a onda do pa-

ciente, retificá-la nos pontos necessários e se somar a ela! Isso, ao final do processo, significará para o paciente o alcance de um nível maior de energia, o que preferencialmente deve ser experimentado aos poucos. Por outro lado, isso também justifica a crença geral de que o processo de adoecimento, quando bem administrado e resolvido, leva o indivíduo para outro nível de amadurecimento.

Simplificando: se alguém se alimenta de outro alguém pertencente ao mesmo reino (animal, no nosso caso), tenderá a desgastar o seu sistema mais que nutri-lo, por estar fomentando seu próprio comprimento de onda. A médio e longo prazo, isso obviamente irá levá-lo àqueles limites comentados antes, e obrigá-lo a viver constantes movimentos de expurgo dos pacotes de luz não metabolizados por significar excesso. Implicará também diminuir muito outras atividades, pois deverá se dedicar principalmente ao processo de “assimilação” e “expurgo”. É por isso que, do ponto de vista dietético, um carnívoro natural não precisa comer todos os dias. E, quando come, dorme ou permanece sonolento e lerdo por muito tempo, permitindo assim que sua vitalidade trabalhe essencialmente em transitar a energia que aportou em massa ao sistema. Da mesma forma, alimentar-se de seres pertencentes a reinos muito distantes na cadeia energética é forçar a capacidade de assimilação e processamento a níveis muito próximos do limite, o que, além de estressar o sistema e consumir muita energia, tende a criar acumulações de pacotes luminosos não passíveis nem sequer de serem expurgados. Haja vista a nossa dificuldade de assimilação dos minerais, e a quase inexistente capacidade de metabolizar metais.

Aqui o importante é perceber que o que buscamos ao nos alimentarmos de outros seres é trazer para dentro de nossos sistemas toda a emanação solar possível para, conforme relatado como verdade para todos os sistemas, nos estruturarmos e relacionarmos com o ambiente. Devido às nossas características metabólicas, necessitamos de intermediários para realizar esse imperativo, o que de imediato estabelece entre nós e toda classe de seres uma relação de





dependência que certamente faz parte da intenção de quem organizou tudo isso. Da mesma forma raciocinaremos para os medicamentos, que podem ser preparados com quaisquer representantes dos três reinos presentes neste mundo. Lidaremos melhor com os insumos vegetais, pois são oriundos de seres que estão logo ao lado na cadeia energética. Já os medicamentos derivados de insumos animais pertencem ao nosso nível estruturalmente, o que torna sua assimilação algo complicado, ainda que possível. O pior desempenho será obtido com medicamentos de bases minerais e metálicas, cuja presença em nosso metabolismo é apenas residual, e para os quais não temos janelas metabólicas competentes nem biodisponibilidade.

Dependemos então dos vegetais e dos minerais para adquirirmos a maior porção de nossa luz. Dependemos dos vegetais e minerais para nos aproximar mais completamente do significado da mensagem solar. E muitas vezes, atendendo a esse padrão imemorial de relacionamento, dependemos deles para voltar a ser capazes de nos relacionar com tudo que nos envolve, já que é por meio da luz deles que nos afastamos da nossa própria sombra. Mas, como frequentemente estamos ocupados somente conosco mesmos, nos fechamos em nossos excessos e personalismos e então adoecemos.

Você pode estar começando a ficar impaciente quanto à determinação da posição dos reinos nessa cadeia energética. E tem razão, porque a ideia usada para auxiliar na visualização das relações energéticas entre os seres foi a da conhecida cadeia alimentar! Contudo, o ponto interessante e desafiador que torna o nosso paralelo entre cadeia energética e alimentar um tanto quanto diferente é o fato de que *o encadeamento das transferências de energia entre sistemas vitais não é linear, e sim tridimensional*. Ao contrário da cadeia alimentar, onde a posição de cada integrante é fixa, na cadeia energética, a depender da fração do metabolismo que estivermos focando, os seres interagentes ora estarão no início (sendo então produtores primários) do encadeamento, ora estarão no fim (sendo, em relação aos que vêm antes, receptores secundários), fechando a cadeia quando seu

*quantum* energético retorna para o astro solar. E esse movimento de ir e vir se dá de forma organizada, apesar de usufruirmos de uma hierarquia complexa entre os reinos no que tange ao transferir e processar a energia intrínseca aos pacotes luminosos.

Para visualizarmos isso melhor, é necessário que abandonemos aquele gráfico típico da cadeia alimentar que posta cada sistema vivo um após o outro, organizando-os segundo a complexidade e estratégia de obtenção de energia. Substituiremos isso por um modelo tridimensional formado por três esferas concêntricas. O reino que está na base da cadeia energética, o mineral, fica mais próximo do centro. Aquele que se caracteriza por uma maior elasticidade vibratória, o animal, está na periferia. Entre estes está o reino vegetal, trocando energia com ambos e servindo de mediador. No centro obviamente está o Sol, que de fato é quem produz quase toda a energia que vai sustentar esse sistema.

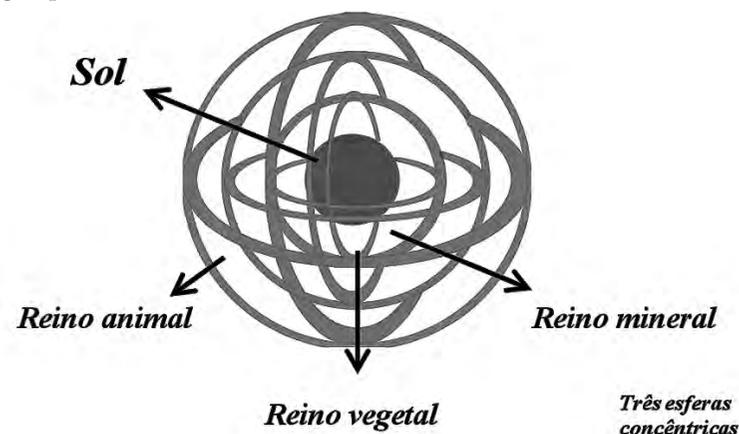


Figura 12 — A cadeia energética

Veremos assim que a hierarquia, quando expressa um fluxo energético “normal”, nunca se quebra. Para que um animal se alimente do que o Sol produz, é preciso que acesse essa produção já “traba-





lhada” pelos dois outros reinos. Mas é possível que ele busque energia diretamente da fonte, pois há um percentual de representação dos dois outros reinos em sua matéria constituinte. Temos minerais e vegetais em nossa estrutura celular e integrados em diversos graus de simbiose com alguns subsistemas orgânicos, o que nos coloca em comunicação direta e permanente com todos os reinos e com nossa fonte primária de vitalidade. Ainda assim, é preciso notar que as janelas metabólicas por onde se dão os fluxos de troca energética com esses agentes constituintes não são tão ativas ou importantes quanto aquelas típicas da posição hierárquica que nos é própria.

É claro que esse modelo é mais dinâmico e difícil de ser acompanhado do que a cadeia alimentar, mas felizmente nem é tão importante que penetremos nele até as últimas consequências. O que importa é registrar a ideia de que a realidade metabólica dos seres vivos é muito mais complexa do que se pode imaginar. E se dá em mais de uma dimensão simultaneamente, o que nos obriga a nos adequar a esse dinamismo se pretendermos nos inserir aí de forma inteligente. De qualquer maneira, tal estratificação tridimensional só reflete o fato de que determinados sistemas estarão mais próximos ou mais distantes entre si episodicamente, todos atuando dentro de uma faixa vibracional que é típica desse universo, usando sempre o espectro solar como referência.

E como o padrão vibratório característico a cada um, apesar de poder ser visualizado como um todo e representado por um único símbolo, é na verdade a resultante do somatório de uma infinidade de processos setorizados e relativamente autônomos para trocar de energia dentro do próprio organismo, poderemos nos beneficiar desse fluxo sem que isso represente necessariamente uma ruptura ou uma perda de atividade de grande extensão. Por isso, aliás, é que faz muito sentido nos voltarmos para a natureza quando, por qualquer motivo, nos perdemos de nosso equilíbrio. Os fluxos vitais que ocorrem ali são poderosos e contínuos, e sempre poderão ser aproveitados e até fomentados por aqueles que souberem se integrar nele sem al-

terá-los em sua ordem, ou mesmo destruí-los. “Destruir” o fluxo, no contexto da fitoterapia, significa por exemplo extrair o princípio ativo de uma planta, “purificá-lo” e aplicá-lo ao organismo em separado de todos os seus agentes equilibradores.

Trazendo essas imagens para a realidade medicamentosa, isso também quer dizer que um agente curativo só será 100% processado se estiver integrado na ordem hierárquica entre os reinos. Para entender isso na maior parte de suas implicações, olhe atentamente para nosso esquema esférico. Ele nos diz que, em nos colocando como pertencentes ao reino animal, se quisermos nos beneficiar de um medicamento de base mineral (enxofre, por exemplo), teremos que ter disponível na fórmula um mediador vegetal. Mas, se quisermos acessar de maneira eficiente um preparado cujo princípio ativo é essencialmente solar (um floral, por exemplo), teremos que ter presentes na fórmula mediadores do reino mineral e do vegetal. É preciso ter em mente que somos sim capazes de assimilar e processar a vitalidade solar diretamente, mas fazemos isso de maneira tão incompetente que o efeito de um medicamento estruturado sem os mediadores é muito menor. Há um imperativo colocado pela natureza que nos convida a ser o mais eficientes possível nas trocas de vitalidade. E isso obviamente assume uma importância extra quando o que está em jogo é o retorno à saúde, ou mesmo à vida. Portanto, não faz sentido pretender que este ou aquele ser vivente, postado na periferia da cadeia energética, ou mais próximo ao seu centro, realize trocas com qualquer substância para as quais não esteja, ou esteja pobremente, instrumentalizado. Por consequência, não é possível administrar doses de enxofre a alguém e esperar que isso atue de forma sempre benigna. Rapidamente, assim que a dose se tornar tóxica por efeito cumulativo, o que ocorre facilmente no caso do enxofre, esse organismo começará a se desestruturar, porque não tem recursos para fazer transitar os pacotes de luz que estão sendo introduzidos. Isso significa “envenenamento”, e possivelmente morte. E isso vale para qualquer substância neste universo!





*Não é possível separar nenhum princípio ativo de seus agentes mediadores sem retirá-lo de sua posição de equilíbrio dentro do fluxo energético do sistema solar.* Não é possível que, nessas condições, ele não modifique sua farmacodinâmica, e se transforme na verdade em algo incontrolável e/ou imprevisível. A posição hierárquica e a dinâmica de atuação relativas a qualquer substância serão sempre definidas na relação com os sistemas circundantes, e do ponto de vista da medicina é de fundamental importância apropriar-se do maior conhecimento possível acerca desses dois parâmetros quando estamos diante da iminência de usar tal coisa como medicamento. A atuação do estímulo curativo, conforme dita a ética humana e profissional, tem que ser a mais segura para o paciente. E será a própria relação dele com a droga, na medida em que estrutura um ambiente energético separado da sua realidade cotidiana, o que se encaixará ou não na direção momentânea do fluxo energético em que antes estavam inseridas aquela substância e aquela pessoa. Isso significa que essa relação, como qualquer uma, aliás, é um verdadeiro “jogo” do tipo estímulo–resposta, que se inicia quando o paciente começa a tomar o medicamento. E o sucesso nesse “jogo” depende de que cada um esteja em seu papel da forma mais equilibrada possível. Entretanto, isso é um pouco mais dinâmico ainda. Para acompanhar o “jogo”, é preciso ter em mente que o movimento de migração da luz é um fenômeno essencialmente de comunicação. Então, sempre haverá uma alternância de estados em que cada envolvido irá ocupar a posição de transmissor e receptor. E, se tal dualidade sofrer a interferência de uma terceira entidade energética (uma segunda rotina terapêutica, por exemplo), imagine a quantidade de variáveis que passarão a ter que ser equilibradas. E, para aqueles que são novos no universo da prática médica, saibam que isso acontece com muita frequência.

Daí considerarmos a relação entre medicamento e paciente como um evento dinâmico e inteligente. A alternância presente nele é um sinal disso, ditando por exemplo a curva de atividade que se observará quando começa a interação entre ambos. Quando o fluxo de

atividades estiver se deslocando na direção do medicamento, este estará ascendente na dualidade, e a tendência é que, a partir de seus comandos (estímulos), o paciente melhore. Já quando o fluxo aponta para o paciente, este se torna o estimulador. O desequilíbrio inerente àquele momento da pessoa entra então em prevalência, e é possível que os sintomas retornem a estágios vividos quando a síndrome estava em seu início. Isso explica, por exemplo, por que algumas pessoas precisam piorar para depois melhorar, quando começam a ser medicadas adequadamente. Como isso ocorre mais frequentemente quando o mal que as aflige está crônico (já é antigo), é possível inferir que o advento do estímulo medicamentoso desestabiliza a relação entre doença e paciente, tornando este último prevalente na relação com o remédio. Depois, quando o processo a que chamamos de “doença” começa a evoluir, os sintomas melhoram ou se modificam porque o metabolismo do paciente passa a estar condicionado pelo estímulo medicamentoso, o que corresponderá à prevalência do medicamento.

É de notar que a “inteligência” referida aqui não é do tipo orgânica, que é reacional e por sinal tão limitada e inconstante em seus parâmetros que muitas vezes parece tudo, menos inteligente de fato. Trata-se sim de uma “inteligência” que pode ser verificada e qualificada por ser relativa a processos adaptativos vividos por parte do medicamento e do paciente, que chegam a alcançar alto grau de objetividade, organização e eficiência.





## **OS MINERAIS**

Comentei rapidamente que, em determinadas circunstâncias de excitação, um ser mineral pode se comunicar ativamente com os dois outros reinos, liberando seu princípio ativo para utilização externa a ele. Esse evento não precisa da intervenção do homem para ocorrer, pois, apesar de não fazer parte da nossa experiência cotidiana, está perfeitamente encaixado dentro do intrincado fluxo de comunicação estabelecido na natureza. Em que pese isso, será incomum que as trocas necessárias ocorram nas intensidades certas quando sistemas tão afastados na cadeia energética entrem em uma relação que objective a equilibração de um deles. Portanto, a transferência vital entre um ser orgânico e um ser mineral provavelmente terá que ser provocada de forma consciente por um destes, e em geral essa será uma relação estreita no que se refere aos objetivos e às realizações possíveis. Isso é assim porque o que acontece quando se abre um “canal” de comunicação entre um representante do reino mineral (mais próximo da fonte na hierarquia solar) e qualquer um dos outros dois reinos é que se torna prevalente, no metabolismo do sistema orgânico, a atividade de seus próprios pacotes luminosos de característica mineral. Assim, tal comunicação ocorrerá melhor entre um sistema mineral e um outro que for intensamente mineralizado.

O Sol é um antigo mediador de energia cósmica e, coerentemente com isso, comunica-se via irradiação de uma carga luminosa que carrega para o espaço circundante grandes pacotes de códigos primitivos provavelmente gerados no momento da criação deste universo. Contando que esses pacotes informacionais já somam cerca de quatro bilhões de anos e estão desde o início sendo absorvidos e devolvidos por um número inimaginável de sistemas vitais, sem dúvida atualmente já alcançam níveis vibracionais muito mais altos que todos aqueles editados pelos entes existentes no nosso pequeno canto do universo. Inseridos nisso, cada reino que se manifesta na Terra interage espontaneamente



apenas com o que lhe é possível sintonizar, utilizando esse nutriente cósmico para regular e fomentar seus processos internos.

Importa perceber que é a janela metabólica de cada ser que cria ou não a disponibilidade de uma carga informacional que é gerada igual para todos. E é a isso que se referiam nossos ancestrais quando descreviam esse processo simbolicamente: “o toque divino”. Vista por esse prisma, a luz solar se configura como o principal elo de comunicação entre o criador e as criaturas, e em função disso a simples absorção dos nutrientes inerentes a ela prima por excitar nos seres vivos pulsões vivenciais próprias do ambiente psíquico e espiritual. Por isso, a primeira prescrição naturopática para indivíduos deprimidos é o banho de sol. A assimilação da luz solar pressupõe a existência de um aparato de captação e processamento muito sofisticado, que nem todo mundo tem.

Entre os minerais, por serem habitantes do único reino que recebe a emanção solar na sua forma original, encontraremos em trânsito um tipo de carga simbólica rica em códigos que disponibilizam fortes ligações com os poderes mais fundamentais da natureza. Portanto, todas as fórmulas altamente mineralizadas tenderão a produzir respostas orgânicas que se desenvolverão da psique para o corpo, o que representa uma direção de manifestação que ajuda inclusive a identificar fórmulas com essa característica constitucional. Isso quer dizer que os minerais tocam o sistema vivo nas dimensões funcionais que processam a luz de mais alta frequência, o que para nós significa ser estimulado mental, emocional ou espiritualmente. Eles conduzem então a efeitos que resultam em evoluções mentais, emocionais e comportamentais, que podem se refletir de maneira poderosamente benigna nos adoecimentos do corpo.

Seguindo a mesma lógica, constatamos que os medicamentos preparados com bases vegetais não tão condicionadas por sua concentração de minerais fomentam respostas que podem se desenvolver do corpo para a psique ou da psique para o corpo. Essa categoria de produtos funciona então como medicamentos de largo espectro, o

que justifica mais uma vez o porquê de ser a família dos produtos de base vegetal a doadora preferencial dos princípios ativos mais conhecidos. Finalmente, naqueles preparados de base animal, encontraremos estímulos que definitivamente se desenvolvem na direção do corpo físico, deslocando-se para a psique somente em um segundo momento. Portanto, apresentam-se como fomentadores das mudanças mentais, emocionais e comportamentais que se dão pela estruturação de novas condições físicas.

A grande questão é que, assim como cada fórmula pode ser pensada para produzir efeitos por caminhos adequados a cada dificuldade, o processo de adoecimento vivido por nós, as criaturas da natureza, refere-se em última análise ao desbalanceamento das atividades relativas a um dos três reinos presentes em nossa estrutura física! Como vimos, cada reino se caracteriza por se relacionar de determinada forma com o Sol. E essa forma é inteiramente relativa aos símbolos arquetípicos que se concentram na faixa de realidade ocupada por aquele grupo de seres. Quando, no processo de troca de energia, dois ou mais representantes deste ou daquele reino se aproximam vibratoriamente, trazem para o domínio de um a informação contida no outro. Assimilados pelos sistemas vitais por tais caminhos, tais pacotes luminosos tendem a “impor” seus programas funcionais, que é justamente o que procuram todos aqueles que se nutrem desta ou daquela substância. Mas, se a concentração dos programas que estão entrando torna-se excessiva, eles podem passar a competir com os símbolos preexistentes no organismo receptor, que facilmente se vê desequilibrado pelo excesso de estressamento que essa disputa significa. Porém, se a sua coerência metabólica está bem estabilizada, o que significa uma imunidade forte, esse evento não se torna provável, dado que as capacidades de absorção e processamento são maiores.

Existe também a possibilidade de que o trabalho realizado por uma carga informacional estranha em excesso seja apenas lentamente sentido como um problema. É claro que aquilo que um ser vivo pode





doar é fruto de sua maneira de experimentar a vida, o que às vezes produz mensagens que nos deslocam de nossa natureza. Por exemplo, podemos imaginar que os estímulos facilitados pelos seres minerais de certa forma nos convidam a abandonar nosso culto à individualização. Os minerais não são entidades individuais, mas coletivas e altamente interdependentes. Portanto, da mesma forma que não precisam conter seu aparato processador em uma “membrana”, ou estruturar qualquer outro recurso de individualização parecido, passam àquele que se beneficia de seus pacotes luminosos uma pulsão que os estimula a repetir esse modelo! Podemos concluir então que medicamentos de base mineral são bons para indivíduos vítimas de egocentrismo excessivo, dado que os estimulam a uma “agregação” maior com tudo a sua volta. Mas talvez não sejam tão bons para aqueles que têm dificuldade de estruturar suas personalidades, que resolvem isso pela simples aquisição de comportamentos e crenças socialmente confirmados.

Insumos terapêuticos de base mineral são ferramentas de alta precisão que podem tanto ajudar a resolver problemas difíceis quanto instaurar disfunções mais difíceis ainda. Eles agem diretamente na psique do indivíduo, e isso significa mexer em uma dimensão de existência muito pouco conhecida. Daí o cuidado com que a tradição lida com prescrições desse tipo. De fato, essa medicina exige um trabalho diagnóstico muito bem feito, pois aqui a margem de erro, se realmente existir, é muito pequena. Caso isso não seja respeitado, provavelmente teremos em nossas mãos alguém com padrões de adoecimento do tipo estabelecido pelo excesso de mineralização. Nessa situação, a pessoa pode desenvolver violentos comportamentos compensadores de uma insegurança patológica: quadros de carência afetiva que não havia antes, estranhas necessidades de apoio para realizar coisas e outras reações de mesmo mote. Organicamente, esse paciente pode vir a ter deposições minerais pelo organismo como um todo, editando calcificações, litíases, nódulos e coisas desse tipo.



## OS VEGETAIS

Como ficou estabelecido, os vegetais compõem uma gama de seres inseridos em um substrato vibracional intermediário, cuja característica principal é estar sempre abertos a todas as possibilidades relacionais. Podemos inclusive começar a tipificar sua natureza justamente por essa característica, e ver os vegetais como sistemas vivos que tendem a editar um metabolismo passivo ao transferir sua energia para quaisquer outras categorias de vida. Por estarem a meio caminho na hierarquia vibracional da cadeia energética, possuem elementos constituintes dos outros reinos, o que lhes faculta repetir todas as características funcionais já observadas na natureza. Têm, portanto, o potencial de se combinar com qualquer organismo de forma harmônica, o que de imediato os torna uma espécie de faz-tudo no universo das curas e medicações.

Assim podemos, grosso modo, dividir os vegetais em duas grandes categorias: os que são altamente mineralizados e metalizados, e os que são ricos de moléculas orgânicas. Os primeiros, além de portadores de valores intrínsecos, são excelentes candidatos a mediadores secundários de pacotes luminosos minerais fundamentalistas. Podem, então, estruturar raros e poderosos preparados destinados às curas psíquicas e emocionais, encaixando-se na extensa lista dos ansiolíticos, antidepressivos, alucinógenos, euforizantes etc. Já a segunda categoria de vegetais está mais afeita à cura do corpo biológico, tanto por suas qualidades quanto por mediar as qualidades estimulatórias do reino animal. Entram assim na lista dos tônicos funcionais, purgativos, fomentadores das circulações, da digestão e da imunidade, catalisadores de reações etc.

Obviamente, esse é o grupo mais acessado e mais conhecido por toda a fitoterapia tradicional. Como os escolhemos para ambientar a maior parte do discurso contido neste estudo, estamos o tempo todo falando especificamente sobre suas qualidades. Por isso, não há a necessidade de abrir aqui um espaço maior para esse reino.



## OS ANIMAIS

O reino animal é o mais distante da fonte solar no que diz respeito à capacidade de absorção direta das emanações luminosas. Vive, por assim dizer, dos pacotes de luz estabilizados pelos dois outros reinos, recebendo portanto uma quantidade de informação já bastante transformada e elaborada por cada sistema que o antecedeu na manipulação dos símbolos solares primários. Em razão disso, o reino animal reúne os seres de maior complexidade metabólica, que editam comportamentos mais complexos. Entretanto, isso não faz dos sistemas vitais desse reino indivíduos “superiores” e/ou mais evoluídos que aqueles pertencentes a outros níveis. Seus comportamentos, por exemplo, são mais complexos por serem frutos das influências dos pacotes luminosos de todos que foram absorvidos dentro da cadeia energética, e não porque seu grau de evolução já lhes faculte capacidades que outras espécies de seres ainda não têm. Por outro lado, esse reino é composto por uma categoria de sistemas vivos altamente reativos às condições circundantes, que veem os demais sistemas predominantemente como fontes de energia potencial. Por isso, pensam a si próprios como os “consumidores” finais de tudo que há no universo, levando às vezes tal percepção até as últimas consequências.

Tais posturas caracterizam todos os animais, mesmo os mais simples. Na cadeia alimentar, que, como vimos, é muito mais linear que a cadeia energética, os animais são os primeiros integrantes que têm que consumir a estrutura vital de outros seres para permanecerem vivos, por isso o gestual dos predadores é característico deles. É claro que a esse gestual corresponde uma psique autojustificadora, mas, como esse nível de realidade é altamente subjetivo, só se torna visível em uma espécie de animal que o desenvolve também até as últimas consequências: o ser humano.

Está claro ainda que, apesar de diferenciado em muitos e importantes aspectos, o ser humano não deixa de estar submetido aos mesmos ditames metabólicos que caracterizam o reino ao qual pertence. E isso acaba representando uma vantagem para nós, pois nos possibilita estu-



dar todo o reino animal por meio dessa espécie em particular. Além de editar basicamente os mesmos comportamentos, o ser humano apresenta a facilidade de ter desenvolvido uma capacidade ímpar de projetar sua realidade interna no meio circundante por meio da fala, da escrita, da música etc. Tudo isso significa que podemos conhecer a natureza intrínseca desse bicho simplesmente lançando um olhar atento à maneira como ele lida consigo mesmo e com o mundo a sua volta.

O ser humano chama a atenção por se apresentar como um produtor e receptor de vitalidade altamente flexível. Como é detentor de um sistema orgânico sofisticado, realiza uma quantidade de processos vitais simultaneamente, estando então apto a lidar com um intervalo relativamente largo de padrões vibratórios. Em razão disso, usufrui de tamanha condição de flexibilidade metabólica que pode assimilar quase todo o espectro da luz integrada por outros seres, mesmo que estes pertençam a reinos distantes. Por serem extremamente competitivos, realizam transferências energéticas ressonantes com as janelas metabólicas de todos os outros sistemas, empenhando-se em ocupar todos os nichos onde o fluxo energético é forte. Mas, como também sofrem a pulsão de expandir seu campo de influência estabelecendo em torno de si as condições ótimas para seu desenvolvimento, nunca estão satisfeitos. Por isso, são capazes de induzir outros seres a se colocar à sua disposição, e metabolizar em comprimentos de onda fáceis de serem absorvidos e processados. Isso torna o animal humano uma espécie de generalista onívoro, obrigando-o a atuar de maneira agressiva em um meio onde a tendência é a supremacia dos especialistas. Fechando o círculo de causalidades que aprisiona essa espécie, o preço a pagar por tanta diversidade de canais de nutrição é justamente o que a leva a se tornar predadora de todas as outras espécies: não consegue assimilar a luz solar diretamente.

Por causa dessa realidade, o ser humano desenvolve a capacidade de ser extremamente lábil vibratoriamente, o que lhe permite trocas vitais num ritmo impensável para os seres pertencentes a outros reinos. Como, em decorrência disso, estão o tempo todo envolvidos



com a busca e o processamento de pacotes luminosos das mais diversas categorias, uma de suas necessidades mais fundamentais é a manutenção de um sentido de identidade que os proteja de ser consumidos por seu próprio alimento. Essa é outra maneira de dizer que os seres humanos estão empenhados em manter sua individualidade a todo custo, o que os obriga a se posicionar de maneira inversa no que diz respeito à relação que têm que manter com o resto da criação. A totalidade das outras espécies e de outros sistemas tem seu fator de consciência focado no fomento do coletivo, o que impõe uma condição de menor valorização do “eu” para privilegiar o “nós”. Mas, para o ser humano, intensamente comprometido com sua individualidade, a melhor estratégia postural é inteiramente diferente. Na sua relação com o meio, edita a tendência de supervalorização do “eu” em detrimento do “nós”, o que faz toda a diferença em sua metodologia quando o assunto é a busca dos pacotes de luz de que necessita para seus processos internos. Embora nem sempre contribua para tornar tais seres mais harmônicos em relação a si mesmos e a outros, isso é o que determina a superior magnitude dos espaços que eles ocupam e o *quantum* de vitalidade que fazem circular neste universo.

Dessas características, inferimos com segurança que os produtos medicamentosos de base animal serão muito bons para fortalecer e/ou recuperar um sentido de identidade orgânica, o que significa fomentar tudo aquilo que trabalha no sistema para manter sua integridade. Exemplos disso são os aparatos fisiológicos que servem à imunidade, à construção da autoimagem, à comunicação interna do organismo, à produção hormonal etc. Os preparados dessa classe são considerados bons imunogênicos, adaptógenos, cicatrizantes e catalisadores das funções de absorção, transformação e comunicação.

## A CADEIA ENERGÉTICA

De tudo isso, conclui-se que a “cadeia energética” na verdade segue uma lógica “holográfica” e dinâmica. Ela estratifica e organiza as trocas



vitais que se refletem por ela sem fixar as posições dos sistemas envolvidos. E não tenta estabelecer a hierarquia vigente entre tais sistemas conforme padrões funcionais do tipo mais ou menos complexos, mais ou menos vitais, produtores primários ou secundários. Então, qual é a ordem implícita aqui? Reconhecendo que toda manifestação de vida vem de um mesmo substrato amorfo e que todas essas entidades possuem potenciais dos três reinos, a cadeia energética prima por posicionar cada sistema de acordo com seu *status* momentâneo no ambiente das trocas de energia. Gera, com isso, uma imagem segundo a qual o que existe é um *equilíbrio dinâmico* entre as várias identidades de cada ser. Esse equilíbrio é relativo ao momento e só será garantido pela alternância dos estados de receptor e doador na comunicação entre os integrantes da cadeia.

Esse tipo de equilíbrio pode ser surpreendido no fato de que tudo que está inserido nessa cadeia energética define sua manifestação limitado por padrões de contração e expansão. Tudo neste universo se expande e contrai alternadamente o tempo todo, fazendo o fluxo de energia inverter sua direção a todo momento. Então, dentro dessa realidade onde o que prevalece é a alternância de estados, *a relação entre os sistemas vitais só será harmônica se estes puderem ser complementares entre si na alternância de seus estados de contração e expansão*. A isso nossos ancestrais chamavam de movimento de “respiração conjunta”, e encaravam como a microrrepresentação de um grande “respirar” vivido por todo o universo. Por isso, acreditavam que o ser vivente só permaneceria saudável e perfeitamente integrado à realidade se acompanhasse esse ritmo cósmico. Pregavam que, quando um aquecer, o outro deverá esfriar; quando um estiver ativo, haverá um outro que estará passivo; quando um for feminino, o outro se tornará masculino; quando um estiver subindo, o outro deverá estar descendo... e assim por diante.

Na prática terapêutica, o que precisa acontecer entre o paciente e o remédio é justamente o que estamos chamando de “respirar conjunto”. Assim, quando estivermos cursando um processo que nos obriga a um



extremo “calor interno” (uma imagem que representa extrema agitação metabólica), só nos relacionaremos bem com os princípios ativos que estiverem “vibrando” uma mensagem de “resfriamento”. Isso significa duas coisas: primeiro, que o mecanismo de ação mais simples dessa medicina é tipicamente compensatório (aquecimento se resolve com resfriamento). Segundo, que, nessas condições de superagitação de nosso sistema, somente iremos nos relacionar bem com substâncias que nos convidem a diminuir o movimento.

Em outras palavras, o tipo de movimento metabólico fomentado neste ou naquele momento de nossas vidas é o que definirá o nosso pouco ou muito “tropismo fitoquímico” por esta ou aquela planta. Por isso, na fitoterapia tradicional, há uma importante preocupação em manter um raciocínio simples e direto. É preciso, antes de mais nada, perceber a natureza do movimento que os agentes patógenos implementaram no organismo do paciente (se de expansão e aquecimento, ou de contração e resfriamento), e só então eleger quem ou o que lhe será ministrado. Objetiva-se com isso que os fitoterápicos reunidos pelas fórmulas magistrais resultem em um princípio ativo complementar com o estado interno de quem o ingere, compensando assim as distorções vibratórias e permitindo que o organismo se equilibre.

E não poderia ser diferente. Se estivermos comprometidos em exercitar a melhor medicina possível, e principalmente se levarmos em consideração que um mesmo indivíduo vegetal poderá ser ora um agente aquecedor (agitador), ora um resfriador (calmante), teremos que ter bem claro onde e como interviremos no paciente. A depender somente de com quem, ou de com que parte do sistema o medicamento estará se relacionando, é que deveremos estabelecer nossa estratégia clínica. Um bom exemplo disso está na cura da gripe. Uma planta usada frequentemente nesse quadro é o gengibre (*Zingiber officinalis*), que entre outras qualidades aquece o sistema respiratório e resfria o sistema digestivo.



Mas o estado gripal, apesar de corriqueiro na vida da maioria das pessoas, na verdade é frequentemente mal compreendido. O que chamamos de “gripe” pode, apesar de exibir uma sintomatologia parecida, ter ao menos duas origens. Uma possibilidade é que os sintomas estejam sendo causados pela presença de um organismo invasor, algum dos muitos vírus do tipo *influenza*, por exemplo. Outra é que os sintomas estejam sendo causados por uma reação orgânica a um agente alergênico. O importante é que, se a gripe é de caráter infeccioso, corresponde a uma invasão resultante de um estado de baixa de imunidade. Isso equivale a algo que, resumidamente, pode ser entendido como um estado de “resfriamento” do corpo. Mas, se a gripe é de fundo alérgico, corresponde a um estado em que a imunidade está superfuncional, não importa se com ou sem razão. Isso pode ser associado a um estado de “aquecimento” do corpo, o que obviamente pede um tratamento diferente daquele adequado para a primeira possibilidade.

Como é um aquecedor das vias respiratórias, o gengibre traz um princípio ativo bom para o primeiro caso, a gripe infecciosa. Mas certamente não será adequado para o segundo caso, a gripe alérgica. E, sendo o gengibre um bom imunogênico (aumenta a atividade imunitária), é possível que o paciente com um quadro gripal do tipo alérgico experimente uma piora em seus sintomas se for tratado com alguma coisa que aumente sua agitação interna! Se não devemos ministrar gengibre ao nosso paciente alérgico, o que podemos lhe dar? Para usar aquilo que aprendemos estudando a cadeia energética, e partindo do princípio de que nesse caso é bom trazer o sistema imunológico para níveis “normais” de atividade, podemos ministrar um produto animal: o veneno da abelha, por exemplo. Esse produto é portador de um princípio ativo conhecido, desde a antiguidade, como veiculador de propriedades anti-histamínicas (antialérgicas).

Após estudarmos a cadeia energética, podemos, pelo menos em tese, prever que tipo de reações nossos pacientes apresentarão ao ingerir esta ou aquela droga medicinal. Para isso, basta que compreendamos com



quais seres terão a comunicação facilitada por estarem lado a lado nessa cadeia relacional esférica. Veremos que aqueles pertencentes ao mesmo reino, ou a reinos próximos do ponto de vista vibracional, têm maior possibilidade de se relacionar mais e melhor. Mas a oportunidade de troca só estará otimizada se os seres em interação forem capazes de se apresentar complementares quanto aos estados alternantes. Podemos assumir então que tudo pode se relacionar com tudo, mas segundo graus variáveis de integração entre seus pacotes luminosos. Isso mais uma vez reforça a ideia de que toda substância pode se tornar um medicamento, bastando para isso que se movimente dentro do “balé” das posições alternantes de recepção e doação, contração e expansão etc.



## CAPÍTULO X

Padrão energético, diluições e homeopatia



“ Toda substância pode curar.” A veracidade dessa crença viceja em meio à medicina tradicional desde há milhares de anos e provavelmente foi a primeira coisa ensinada ao homem por Pacha Mama, no início da história da humanidade. Mas para nós, observadores posicionados em desvantagem na longa linha do tempo, a realidade disso será mais bem sentida em um ambiente conceitual atual. Felizmente, esse ambiente existe, e devemos isso ao trabalho de um homem corajoso e genial chamado Samuel Hahnemann.

Por volta de 1800, esse médico reuniu tudo que sabia sobre atividade medicamentosa e começou a testar em si mesmo que sintomas a ingestão de uma série de substâncias era capaz de produzir em um organismo saudável. Isso lembra alguma coisa? Um grande curador experimentando em si mesmo os efeitos de drogas e poções... o fato é que, sob violentos protestos dos vetustos doutores daquele tempo, as experiências de Hahnemann formataram para a humanidade a possibilidade da homeopatia. Essa atualmente é inclusive uma técnica terapêutica considerada pelos médicos naturopatas como detentora de um *status* superior justamente por estar apoiada em métodos de manipulação que tornam disponíveis os pacotes luminosos retidos nas substâncias. Isso é feito pelo incremento do nível vibratório das partículas constituintes da substância, levando-a a ascender a frequências e comprimentos de onda sintônicos com os processos vividos pelo paciente. Basicamente o método homeopático consiste em aplicar, a qualquer substância matriz (chamada tintura-mãe, embora nem sempre se refira ao mesmo tipo de preparado matricial usado em fitoterapia), uma técnica de percussão que associa a diluição progressiva do substrato com a “sucussão” (agitação na forma de impactos rítmicos) dessa diluição. Obtém-se assim um substrato medicamentoso excitado vibratoriamente, desencadeando a expansão e a desestabilização dos pacotes de energia “congelados” na estrutura atômica dos elementos constituintes daquela matriz.

Esse método só difere do texto xamânico por se basear no fato de que a maioria das substâncias que não estão integradas a sistemas



vivos estão inertes, tendendo a permanecer em seu menor estado de agitação interna se não forem modificadas artificialmente. Mas até mesmo nas diferenças a homeopatia nos presta um serviço, pois é um elegante exemplo de como a verdade pode vir à tona em ambientes totalmente diversos simplesmente porque é... verdade! Cabe aqui estabelecer alguns paralelos interessantes. Lembra-se da necessidade dos sistemas vitais de buscar constantemente a “homeostase”? Pois esta é mais facilmente garantida quando o nível de “entropia” (agitação interna) do sistema é mantido o mais baixo possível. Porém, baixar a entropia dos materiais é uma tendência que frequentemente torna o seu princípio ativo indisponível a outros sistemas vitais, que então têm de aplicar grandes quantidades da própria energia no processo de assimilar e digerir. Mas nem sempre o sistema receptor está vital ao ponto necessário, o que o torna incompetente para retirar o princípio ativo do material que está procurando assimilar. Portanto, mesmo que o organismo seja ordinariamente capaz de capturar um determinado pacote de energia, e principalmente se este tiver que ser apropriado de um reino não paralelo, ou pelo menos não próximo vibratoriamente, em uma situação de disfunção, é provável que não se consiga “quebrar” as ligações eletromagnéticas daquele nutriente. Nesse caso, em condições normais nada ou muito pouco acontecerá em termos de troca de energia, o que equivale a não obter reação alguma por parte do organismo receptor.

Concluindo, ao lidar com organismos fora de sua normalidade, frequentemente precisamos “despertar” o princípio ativo inerente às substâncias curativas antes de as apresentar ao paciente, eminentemente quando essas substâncias não foram sintetizadas a partir de seres vivos. Antes de Hahnemann, era necessário associar tais substâncias a um catalisador (acelerador de reações químicas e físicas) adequado e esperar, e esperar, e talvez esperar um pouco mais ainda até que o medicamento estivesse pronto. Isso às vezes consumia um ano de preparação, o que deixava um sem-número de situações a descoberto por envolverem a necessidade de intervenções mais



urgentes. Após Hahnemann, sabemos que uma das melhores maneiras de obter um princípio ativo totalmente disponível é diluir o material, e agitá-lo de tal forma que ocorra o rompimento das ligações que tornavam aquele um encadeamento molecular estável.

Mas isso em tese só é necessário quando o princípio ativo não está agregado a um substrato de base orgânica. Se estiver, é de se supor que a intensidade das trocas energéticas provocadas por sua presença alcance um patamar suficientemente elevado para que todas as reações inerentes à relação entre paciente e medicamento se ponham a andar. Como sabemos, isso implica que o princípio ativo do doador esteja pronto para transitar entre sistemas, e consequentemente disponível nos ambientes vibracionais favoráveis. Entretanto, a realidade nunca é tão simples quanto a teoria.

Há muitos fatores na relação entre sistemas vitais além da pulsão fundamental de realizar trocas energéticas. Lembra-se de que todo sistema vital, justamente para ser viável, necessita estruturar e/ou manter sua identidade? Pois na atenção a essa necessidade reside aquilo que gostamos de chamar de exercício da “seletividade”. Isso parece essencial, pois a faculdade desse exercício é inerente a tudo neste universo. Ela decorre do fato de que nem todos os pacotes luminosos disponíveis em um ambiente de troca poderão ser aproveitados como estímulos estruturantes. Como já vimos, apesar dos eficientes filtros representados pelas janelas metabólicas, é possível que, em um momento de “abertura”, migre para o sistema uma quantidade de pacotes luminosos desestruturantes, o que vem a ameaçar diretamente a integridade do organismo. Por isso a qualidade desses símbolos deve ser encarada como importante. E, para otimizar essa qualidade, há uma série de recursos de percepção que têm a única e exclusiva missão de permitir que o sistema escolha cuidadosamente os “parceiros” com que vai realizar suas trocas energéticas. Sem dúvida, os melhores nutrientes são aqueles que melhor se sintonizam com o organismo em termos de seu universo metabólico. Mas o que importa perceber é que “seletividade” significa “resistência relativa”



tanto a receber quanto a doar, o que mais uma vez tem o potencial de tornar o princípio ativo indisponível em determinado momento.

Em razão disso, frequentemente é necessário que, além de “desestabilizar” as fortes ligações eletromagnéticas que tornam um material inerte, precisemos “convencer” o sistema vital ao qual esse material pertence a ceder seu princípio ativo. Porém, não há muito o que argumentar com uma planta, por exemplo. E, se o que estivermos desejando é o poder medicamentoso de um componente mais simples que está dentro dela, pior ainda! Por outro lado, sabemos de um desejo de qualquer porção de matéria, por mais simples que seja: ampliar seu campo de influência para que, um dia, cresça tanto que deixe de ser apenas vital para se tornar “viva”. Então, uma das maneiras de conseguir que esse material coopere e torne disponível seu princípio ativo é “seduzindo-o” com a possibilidade de se inserir em um ambiente favorável à expansão de seu espaço individual.

Como já foi dito, todos os sistemas vitais têm a tendência de ampliar sua massa interna para expandir seu campo de influência, mas todos sabem que devem lutar por isso sem perder sua identidade. Conforme postulamos, essa é uma pulsão fundamental transmitida a toda a matéria no momento em que a vida surgiu neste universo, pois a vida providencia a sua continuidade provendo o ambiente favorável para que ela própria se estabeleça e multiplique. A partir disso, e sempre agregando o fato de que toda matéria neste universo é portadora de um princípio vital, podemos observar que toda substância tende a se tornar viva a partir de determinado ponto de agregação, o que fomentará progressivamente aquelas características que lhe permitem ascender em *status* vibracional. Mesmo as substâncias mais simples possuem a pulsão de evoluir, não por outro motivo que não a já citada tendência de se agregar... e nascer. E há um ambiente em que tal expansão se torna extremamente viável, pelo menos no nível energético: o ambiente da diluição.

Mas, talvez argumentem alguns, não é justamente o contrário? Quando se dilui uma substância, não estamos justamente desfazendo



sua identidade química? A substância em questão não resistirá em sofrer a perda daquilo que a tornaria viva em algum momento? Sim, em determinado sentido, esse argumentador teria razão. E é por isso que a maioria dos processos de diluição são tão seletivos quanto à escolha do diluente. Quando inseridas em um ambiente favorável, as substâncias não resistem a sua desagregação molecular, porque “sabem” que ascenderão a um outro nível de organização. E o tal “ambiente favorável” surge quando o diluente que se apresenta é viável química e fisicamente. Mas como substâncias apenas vitais, portanto sem consciência, “sabem” de alguma coisa?

Ocorre que, quando a diluição é viável, comentar a “leitura” que os materiais fazem dessa fusão é uma maneira de relatar a simples afinidade físico-química entre os materiais. E isso pode ser posto assim, reduzido a frias reações químicas, porque não esconde o fantástico fato de que as substâncias nunca perdem uma oportunidade de se expandir. Em outras palavras, a matéria nunca deixa de realizar uma troca energética tão vasta que leve seu estado intrínseco de entropia a dar um salto de qualidade gigantesco — no caso, tão grande quanto o tamanho da massa representada pela quantidade de diluente. E isso significa, na minha linguagem, estar mais próximo da vida do que nunca.

Para entender isso melhor, pare e pense: o que ocorre de fato quando diluímos algo? Observe, por exemplo, uma quantidade de sal sendo diluída em uma porção de água. Todo mundo conhece essa reação, porque é uma etapa quase sempre presente na preparação dos alimentos. Sem entrar no mérito dos fenômenos que ocorrem no nível das ligações químicas, que de resto são muito conhecidos por todos, vamos direto ao que nos interessa. As moléculas de sal irão se combinar com as de água somente porque na estrutura da água há uma “porta” magnética aberta para estabelecer ligações. Mais precisamente, essa “porta” é uma ponte eletromagnética que exhibe uma característica tal que se torna disponível para uma grande diversidade de substâncias. Por isso mesmo, a água é tida como um diluente ge-



nérico muito bom, que funciona espetacularmente se as substâncias a serem diluídas forem de natureza orgânica. Fique com isso em mente enquanto focamos um pouco mais a água em si.

As qualidades da água como diluente não se resumem às de uma substância formada por um tipo de molécula que tem uma ponte energética estrategicamente colocada. Se observarmos a água do ponto de vista físico-químico, veremos que sua molécula sempre se estabiliza da mesma forma: basicamente, é a união de dois átomos de hidrogênio com um de oxigênio, que assumem no espaço uma posição precisa quando aproximados. E, se não houver interferências externas, isso será sempre igual! As forças eletromagnéticas que estão se relacionando ali impõem isso, e são tão constantes em seu resultado que aquela forma da molécula de água é um dos parâmetros utilizados para reconhecê-la quimicamente.

Pois bem. O que os homeopatas sabem, e sabem também todos os químicos e físicos deste planeta, é que, a cada vez que a água se associa a outra substância, o ângulo formado entre os átomos que a compõem muda sutilmente. Mas o que os homeopatas sabem de mais importante, e que nem todos os químicos e físicos sabem, é que, depois que um certo número das moléculas de água que estão reunidas em um recipiente assume uma nova posição, as restantes tendem a copiar esse novo formato, mesmo que não estejam influenciadas diretamente pela associação com qualquer outra substância.

Agora voltemos à associação do sal com a água. Todos sabem que a quantidade de sal que aquela porção de água pode diluir é limitada. Sabemos que, em condições normais de temperatura e pressão, rapidamente se chega a um ponto de saturação a partir do qual qualquer sal que acrescentemos nessa mistura se depositará no fundo do recipiente. Mas, se aquecermos um pouco o ambiente, a distância entre as moléculas de água aumentará, alguns átomos de hidrogênio escaparão de seus lugares e mais sal poderá então ser diluído naquela porção de água. Porém, quando tudo esfria, o sal antes



excedente não volta a se separar da água, e temos o que os químicos chamam de solução supersaturada.

Se isso é possível, tudo indica que ainda havia muitos lugares vagos naquela massa de água. Então, por que o sal parou de se diluir? Independente do que teorizam os cientistas acadêmicos, que a partir daí não conseguem saber exatamente o que está acontecendo, os homeopatas acreditam que o sal parou de se associar à água antes de seu ponto máximo de saturação porque entrou em jogo a perda potencial de sua identidade química. Naquela diluição, as partículas constituintes do sal se desagregarão somente até o ponto em que ainda estiverem presentes as menores porções em que seja possível identificar sua “assinatura” eletromagnética. Portanto, não é apenas a água, com suas ligações moleculares periféricas a serem preenchidas, que regula a quantidade de sal que vai se diluir. O próprio sal sabe até onde pode ir sem que desapareça sua identidade, e irá parar de se combinar com a água assim que atingir esse limite.

Lembra-se daquela ideia de que existe uma inteligência inerente às transferências de princípio ativo? Pois bem, graças a essa inteligência, a natureza garantiu uma condição dentro da qual uma substância pode expandir seu campo de influência infinitamente sem desaparecer. E esta se estabelece, no nosso exemplo, assim que o ponto de saturação “normal” da água é atingido. No momento em que o sal para de se desagregar quimicamente para não perder sua identidade como substância vital, temos uma massa de água alterada o suficiente para provocar a reação em cadeia que irá transformar toda a água daquele recipiente em água com sal... mesmo que nem todas as moléculas de água estejam associadas ao sal. Isso significa que as moléculas livres da água “copiaram” o formato eletromagnético que é padrão para a água com sal, e assim assumiram todas as condições inerentes a esse novo formato.

E significa mais. Sabemos que água com sal é um bom coadjuvante na cura das infecções de garganta porque essa diluição age como um poderoso antisséptico: limpa os tecidos diluindo o muco e os de-



pósitos de produtos finais, além do quê muda o nível de acidez da mucosa, tornando o ambiente hostil aos micro-organismos que estavam se multiplicando ali. Às vezes, é até possível que daí em diante a imunidade consiga assumir as ações, e a infecção de garganta se resolva com um simples gargarejo com água e sal. O fato surpreendente surge quando se verifica que a água que copiou o formato da água com sal exibe exatamente as mesmas propriedades antissépticas... mesmo que não haja ali qualquer vestígio físico de sal. Ou seja, a água transformada eletromagneticamente assumiu o mesmo comprimento de onda e a mesma frequência do princípio ativo do sal, multiplicando a presença desse princípio até o limite de sua massa líquida.

E não terminamos ainda com os mistérios. Os homeopatas descobriram que, se tomarmos uma décima parte daquela água modificada e a diluirmos na mesma quantidade inicial de água, aplicando a essa diluição um certo número de impactos mecânicos, multiplicaremos por dez a atividade do princípio ativo do sal. E, se fizermos isso sucessivamente, associando sempre ao ato de diluir um certo número de impactos rítmicos (talvez trinta e seis sucussões), iremos obter tanto quanto quisermos desse princípio ativo, com o acréscimo de que, a cada diluição dinamizada, teremos feito esse princípio escalar vibratoriamente na cadeia energética... tornando-se mais e mais ativo a cada diluição.

Isso se chama dinamização homeopática, um processo que, nesse caso, acabou produzindo um poderoso medicamento para infecção de garganta. Na homeopatia, temos várias diluições desse tipo, todas extremamente ativas ainda que sua análise laboratorial não aponte nenhum traço químico da substância matriz após a sexta diluição. Para citar um produto comercialmente conhecido e frequentemente indicado para os males da garganta, podemos ficar com um mineral chamado barita, cuja dinamização na trigésima potência não conhece concorrentes à altura de sua efetividade. Na nossa linguagem, o que ocorre ao homeopatizarmos água com sal, ou barita, ou qualquer outra coisa, é que todas as substâncias que se comportam como di-

luentes copiam os padrões de onda do princípio ativo da substância matriz. E o fazem ao assimilar os pacotes luminosos contidos nela. Como todas as trocas energéticas ocorrem mais ou menos dessa forma, podemos imaginar que tudo poderia se comportar tanto como solvente quanto como soluto. Mas, na prática, somente algumas substâncias se comportam assim, sendo a melhor delas a nossa velha e muito querida “água”.

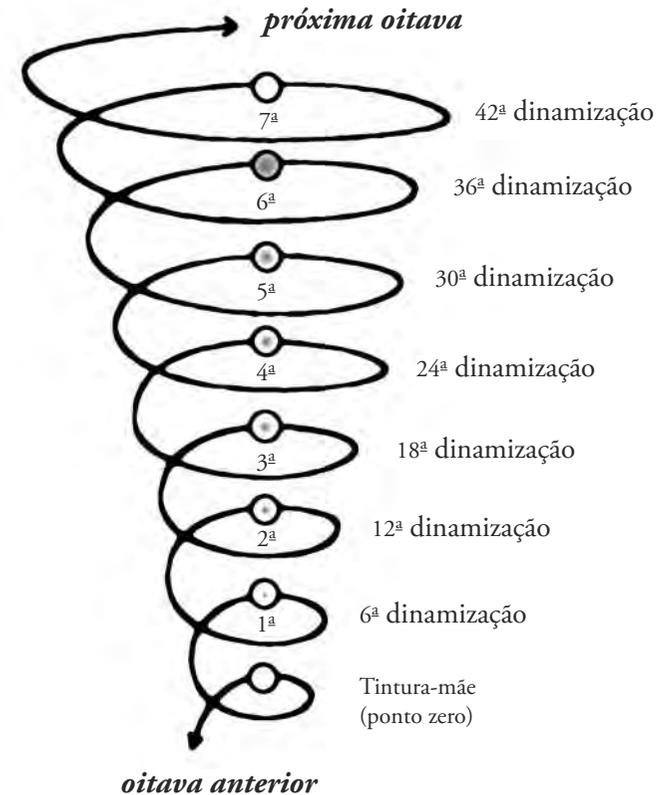


Figura 13 — Processo de expansão da luz





Um primeiro pensamento que explica isso é que, baseado numa lógica físico-química, esse processo teria um limite relativo à capacidade da substância matriz de transformar os padrões luminosos constituintes do diluente. A química orgânica prevê a capacidade de diluição como algo diretamente proporcional ao número de valências livres que o material diluente apresenta, algo que faz alusão àquelas “portas” ou pontes magnéticas potencialmente ocupáveis por qualquer radical livre. Contudo, o que se observa é que não há esse limite! Como vimos, o processo pode se tornar tão extenso quanto o próprio volume de diluente que estiver presente na reação, não importando a dimensão da massa contida nesse volume. Mas, se levarmos somente a físico-química em conta, isso surge como uma perfeita impossibilidade. Graças a esse fato, muitos pesquisadores afirmam, e muitas “instituições governamentais” acatam, que a homeopatia é pura charlatanice, que qualquer remédio homeopático acima da sexta dinamização, no qual não podem ser percebidos traços moleculares da tintura-mãe, é isento de atividade medicamentosa, sendo os efeitos observados puramente placebos.

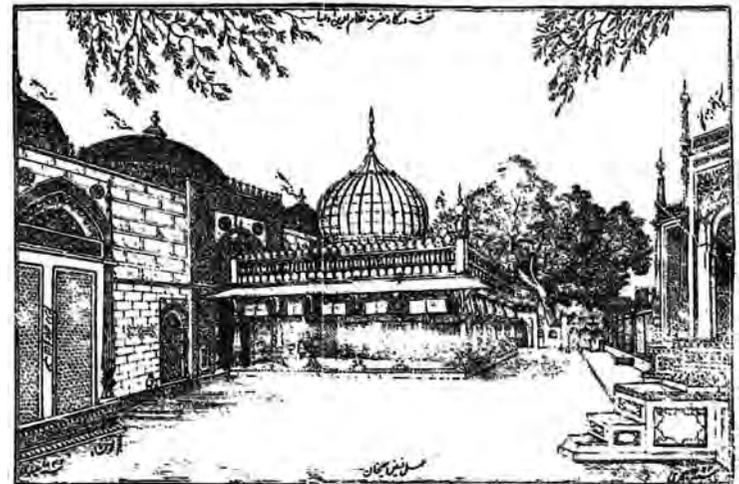
O que ocorre então, já que a homeopatia, como modelo médico de alta categoria, prova seu valor todos os dias? Como se explica o efeito placebo em uma criança de alguns dias de nascida? Como se explica a cura de animais tratados com medicamentos homeopáticos, de peixes a bovinos, passando por cães, gatos e cavalos? Como se explica uma planta se curando com homeopatia? Alguém lhe explicou o que se esperava dela enquanto se aspergia o medicamento? Na verdade, a única maneira de explicar isso é aceitando o fato de que o princípio ativo pode ser assimilado pelo diluente, e que a atividade inerente a esse princípio não está somente na sua estrutura física. É preciso aceitar que a substância diluente só é tradicionalmente usada como tal porque tem uma característica empática e neutra. Essa substância “gosta” de assumir outros padrões luminosos, e o faz justamente porque pertence a uma classe de substâncias superiores cuja identidade vibratória é bastante “elástica”, não sendo ameaçada pela

visitação de estados vibratórios diferentes do seu. Isso permite a elas incorporar temporariamente padrões outros que, sendo inferiores do ponto de vista da estabilidade, assumem significados metabólicos (carregam informação) mais ativos biologicamente. Um bom diluente é um sistema vital tão estável em seus padrões luminosos que tende a ser biológica e quimicamente neutro, praticamente não modificando a sua situação interna ou a de outros sistemas quando em contato com eles. Mas ainda assim é um sistema vital e possui, como qualquer outro, o imperativo de se relacionar trocando pacotes de energia. Almeja, com isso, cumprir a sua parte no fomento do nível de vitalidade circulante no universo, este universo que um dia quer ser todo vivo. Por isso, está sempre pronto a expandir tantos padrões quanto a sua identidade puder suportar.





CAPÍTULO XI  
Medicina ayurveda



Outro ambiente técnico em que podemos inferir esse fenômeno de expansão do padrão energético é em uma vertente da medicina oriental, a medicina ayurveda, originária da Índia. Ali podemos encontrar vários exemplos de processos de dinamização, alguns bastante parecidos ao processo homeopático. Como esse é um modelo médico de mais de oito mil anos, sendo mesmo anterior à tradicional medicina chinesa, podemos inferir que não só a homeopatia provavelmente tem suas origens na medicina oriental, como esta própria é uma medicina de alta energia. Se não fosse assim, não teriam os antigos se dedicado a desenvolver tantos recursos para otimizar a preparação de um medicamento fitoterápico.

Um desses exemplos, que é o que mais chama a atenção, está em um velho método ayurveda para produzir medicamentos que captam o poder curativo das pedras preciosas e semipreciosas. O primeiro detalhe interessante está no fato de que o preparado terminado simplesmente não passa pela diluição química da substância matriz, que obviamente é a própria pedra. E isso é de se enfatizar porque a maioria das pessoas (técnicos principalmente) acredita que, para iniciar, ou pelo menos facilitar, uma diluição há que otimizar o contato entre as substâncias que vão participar do processo. Na maioria dos casos, isso significa partir os solutos (o que será dissolvido) nas menores unidades possíveis, sem prejuízo de suas propriedades medicamentosas, é claro. Isso é assim porque acreditamos que, para obter uma boa diluição, quanto mais desagregarmos o soluto, mais ele vai se agregar, no nível molecular, ao solvente. E na verdade, no nível físico, isso funciona assim mesmo.

Contudo, agora sabemos, a realidade do princípio ativo é supra-física. Isto é, continua sendo uma realidade física no sentido de pertencer a este universo material, mas mais referente à física de alta energia, que somente agora começa a ser desvendada no âmbito acadêmico, no formato da física das subpartículas. Entretanto, muito antes deste nosso tempo, a *gemoterapia ayurveda* já provava esse fato de maneira elegante. Nessa “gemoterapia”, o método de preparação



dos medicamentos é tão essencialmente energético, e tão amadurecido, que consegue saltar várias das etapas de preparação dos insumos fitoterápicos. A gemoterapia ayurveda apoia-se nos mesmos princípios que exploramos quando da descrição dos preparados homeopáticos, mas está tão além desse procedimento que consegue tornar disponível o princípio ativo sem agredir fisicamente o sistema doador.

Isso quer dizer que a medicina ayurveda conhece a realidade energética tão a fundo que coleciona métodos puramente vibracionais para obter a transferência de pacotes luminosos. E a gemoterapia surge como um bom exemplo disso na medida em que acessa o princípio ativo das gemas preservando totalmente a integridade da pedra. Consegue isso graças a uma preparação lenta e minuciosa do cristal, o que significa excitá-lo por via da aplicação de estímulos sonoros, ou luminosos, ou por outros métodos, desestabilizando o princípio ativo pelo incremento da agitação das suas partículas constituintes. Após isso, o manipulador se limita a imergir a gema em água ou em álcool absoluto, deixando-a ali por um tempo tradicionalmente definido (isso varia de acordo com a pedra e o objetivo). Após esse tempo, o álcool ou a água, que, como vimos, é um excelente solvente, porque possui grande plasticidade molecular e vibracional, terá copiado os padrões luminosos do cristal excitado. Como para o medicamento homeopático, essa água transformada assume as mesmas propriedades vibratórias do cristal, estando assim indicada para resolver os padrões de desarmonia associados tradicionalmente àquela pedra.

Para vermos um exemplo, podemos recuperar o que ensina a medicina ayurveda em relação aos rubis. Reza a tradição que estes são excelentes tônicos para o sistema como um todo e, embora mostrem um tropismo especial pelo fígado e pelo coração, trazem para quem os usa a promessa de uma mente alerta e de sabedoria nas escolhas. Dessa forma, os médicos tradicionais receitam as gotas do gemoterápico feito à base de rubi para quem está fraco e adinâmico, sem estar faminto ou doente, para aquele que não consegue se decidir



entre duas coisas, ou dois caminhos, ou duas pessoas. E, finalmente, também para aqueles que precisam enfrentar grandes batalhas pessoais, como vencer um grande mal que o esteja consumindo.

Estudando essas indicações, vemos com satisfação que aquilo que aprendemos sobre a cadeia energética, e sobre a atividade geral dos integrantes de cada um dos grandes reinos, pode ser verificado nessa medicina de oito mil anos. O medicamento tem base mineral, portanto, sua atividade reflete diretamente no comportamento e na psique de quem o toma. Além disso, como o soluto (a gema) e o solvente (a água) saem do processo sem nenhuma alteração de massa detectável, o nível de presença de reações químico-físicas é algo em torno de zero. Isso prova que não há diluições e/ou combinações moleculares nesse método e, como a prova clínica é irrefutável, deixa-nos como única alternativa a realidade dos fenômenos relativos às trocas energéticas que ocorreram entre as substâncias.

Como já comentado, a medicina ayurveda é um modelo médico tão antigo que talvez seja a principal fonte dos conhecimentos que estruturam a medicina chinesa. E provavelmente tanto serviu de base para essa e outras escolas médicas da antiguidade quanto serve atualmente para algumas técnicas terapêuticas que fazem parte dos recursos médicos ditos não convencionais. Um exemplo moderno altamente representativo disso, que o mundo inclusive aprendeu a respeitar e consumir, é um tipo de composto fitoterápico de origem inglesa que identificamos por Florais de Bach. Os florais são fitoterápicos de alta energia elaborados por um homeopata inglês, Edward Bach, que só se tornaram possíveis quando esse pesquisador sistematizou um método terapêutico que uniu suas percepções do valor psicoativo dos preparados à base de flores aos métodos ayurvedas de extração e fixação dos princípios ativos por solarização e/ou lunarização (mas muita gente gosta de imaginar que o bom Dr. Bach “recebeu” suas inspirações prontas, talvez emanadas de uma origem divina!).



Porém, a bem da verdade, temos que lembrar que a Inglaterra ocupou o território hindu por muitos anos, só saindo de lá como poder colonizador quando garantiu outros caminhos para seu comércio com o Oriente e quando o custo para manter aquela colônia se tornou maior que o lucro. E, nesse processo, extraiu do povo hindu bem mais cultura que riqueza material. Principalmente, os ingleses aprenderam muita medicina, mas também a tomar banho, a lavar a boca depois de comer, a esterilizar instrumentos e ambientes com óleos essenciais e muitas outras coisas que ajudaram a retirar seu povo da barbárie em que estava atolado desde a Idade Média. De qualquer forma, foi preciso surgir um outro homem genial para juntar aquilo que estava diante de todos. O Dr. Bach apoiou-se em seu sólido entendimento da homeopatia e deu um passo além, unindo-a com uma medicina cuja prova clínica, por ser tão vasta e antiga, é inatacável. Portanto, não cabem aqui dúvidas quanto à eficácia curativa dos métodos e das crenças ayurvedas, que provam a sua realidade todos os dias, e, por extensão, quanto à eficiência dos florais do Dr. Bach. Mas, infelizmente, também não cabem dúvidas quanto ao nosso despreparo para lidar com tais conhecimentos, posto que, todos os dias, recusamos recursos como esses simplesmente por não compreendermos quase nada dos fenômenos que suportam as transformações alquímicas produzidas por essas técnicas de processamento.

Mesmo assim, se pudermos sair de nosso medo e relacionar com objetividade tais métodos com outros provenientes de outras culturas, aprenderemos que *a luz solar não apenas habita na intimidade dos materiais, como se constitui na própria essência de seus princípios ativos*. Aprenderemos também que a luz serve como catalisador nas transformações que as substâncias são capazes de realizar e cuja natureza ainda podemos apenas suspeitar. E isso é tão notório que constatamos com certo espanto que a luz pode trabalhar tanto para tornar o princípio ativo disponível na forma de um medicamento quanto, por motivos que nem sequer imaginamos ainda, torná-lo



inacessível por dissipá-lo na direção de sua origem, o Sol, em um intervalo de tempo infinitamente pequeno.

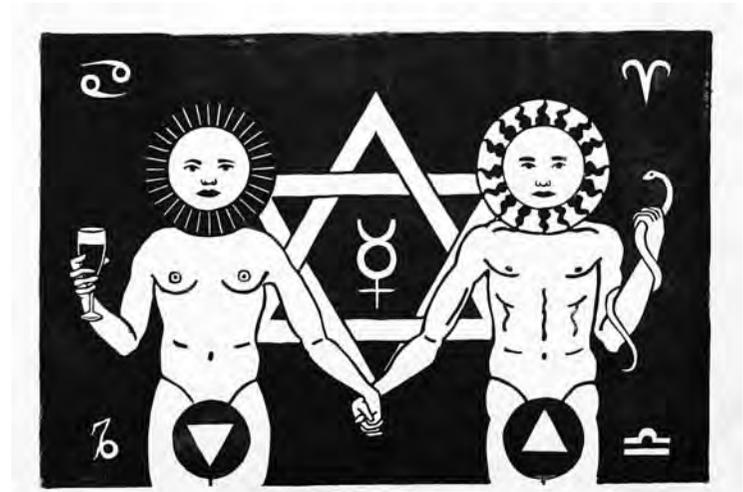
Enfim, se queremos produzir o melhor medicamento com base nesse conhecimento, temos que ter a coragem de ir muito mais fundo nessa categoria de fenômenos. Temos que nos aliar àquilo que torna todos os materiais sistemas vitais, bem como compreender a dinâmica de expansão dos padrões luminosos.





## CAPÍTULO XII

Fitoterapia, medicina e doses ponderais



**T**omando contato com o que sugere o pensamento médico ancestral, percebemos facilmente que a fitoterapia, como método de utilização prática da vitalidade que se manifesta nos materiais, se diferenciará do modelo médico convencional somente se for admitida na totalidade de suas possibilidades terapêuticas. Isso quer dizer que, se não quisermos que o método fitoterápico seja apenas mais um ambiente onde se aplicam drogas para resolver sintomas, temos que começar a pensar o poder curativo das ervas como algo que, se aplicado de forma coerente, atuará por todas as dimensões do ser vivente. Isso implica aceitar que os agentes fitoterápicos são, sim, uma resposta para os males do ser humano, sejam eles psíquicos, físicos ou emocionais. Mas também há que ficar claro que tais recursos só cumprirão seu papel de oferecer algo mais do que o que já está sendo conseguido com as drogas sintéticas se pudermos utilizá-los em uma perspectiva diferente.

Dito de uma maneira mais simples, uma planta, ou um cristal, ou um produto animal são capazes de se transformar em um medicamento tão bom que nenhum aspecto da doença que aflige o homem será por eles deixado para trás. Nada ficará mal curado se soubermos o que, como e quanto tomar de cada uma dessas misteriosas tisanas fitoterápicas. Sendo assim, não faz sentido aplicar todo esse potencial para resolver sintomas que estão na superfície dos processos de adoecimento. Isso inclusive nos leva a um aspecto importante para a compreensão do que acontece quando alguém toma um preparado como esse. O efeito fitoterápico nos indica que, do ponto de vista da cinética medicamentosa, *o fenômeno da cura sem efeitos colaterais ocorre principalmente por ser fruto da comunicação inteligente entre os "princípios ativos" dos sistemas interagentes.*

Explica-se. Até agora, assumimos que toda substância tem isto que chamamos de "princípio ativo" porque, pelo menos no nível vibracional, tudo está potencialmente vivo. Aceitando isso, tomamos como reais dois desdobramentos diretos: primeiro, que *qualquer substância tem potencial curativo*, principalmente dentro de contextos disfuncionais (quadros clínicos) semelhantes ao que surge, em termos de sintomas,



quando o organismo hígido toma contato com ela (essa é a linha de hipótese que apoia, por exemplo, a homeopatia); segundo, que *todo sistema vital, justamente por possuir um princípio ativo, pode se curar por meio dele* somente disponibilizando, para qualquer parte com problemas, um *quantum* maior desse tipo de vitalidade. Lembre que, na nossa linguagem, vitalidade é um fenômeno complexo relativo à capacidade do sistema de movimentar luz, algo que obviamente ele pratica fazendo essa luz transitar por seus subsistemas. Então, é instintivo considerar a possibilidade de que, se um desses aparatos internos sair de seu eixo de equilíbrio, poderá resgatá-lo pelo simples ato de se comunicar mais intensamente com outros subsistemas que estejam processando de modo harmônico. Na prática, isso significa autocura, e o princípio ativo utilizado dessa maneira se identificará como “princípio de cura”.

A tradição dos antigos conta que todos possuímos essa capacidade. E também afirma que esse princípio de auto-organização fundamentalmente não encontra limites para o que pode realizar no organismo. Por isso, o despertar desse princípio é perseguido por todas as técnicas médicas caracterizadas como métodos de estimulação que não lidam necessariamente com o ministrar de substâncias estranhas ao organismo. Para obter resultados, dependem única e exclusivamente da resposta imunitária, que sem dúvida é a face orgânica desse fenômeno essencialmente imaterial. Mas não apenas as técnicas estimulatórias contam com o “princípio de cura” latente nos organismos. Inclusive no contexto da medicina convencional se reconhece que todo organismo vivo tem a capacidade de se auto-organizar, e na verdade pratica isso todos os dias ao colocar a imunidade em ação sempre que um elemento patógeno o perturba funcionalmente.

Porém, o que chama realmente a atenção é que, uma vez que entra em atividade, esse princípio se mostra capaz de curas “impossíveis”. Isso fica evidente quando esse fenômeno atua em processos considerados terminais pela medicina, dando uma sobrevida ao paciente que seria inviável por quaisquer outros meios conhecidos. Ainda assim, no ambiente da medicina ortodoxa, o princípio de cura não é muito comen-

tado, embora seja sempre reconhecido como real e encarado como mais um atributo mal explicado do sistema autoimune do paciente. Esse sistema de fato é mal compreendido pelas ciências médicas, e é claro que, em razão disso, o leque de possibilidades contidas nele continua sendo um mistério, assim como os mecanismos e a ordem intrínseca que sobrevivem dentro dele.

Considerando esses dois elementos, a existência do princípio de cura e o fato de que o medicamento e o paciente se comunicam por meio de seus princípios ativos, fica fácil perceber que ambos os organismos que estão se relacionando no processo fitoterápico (a erva e o paciente), em verdade, trabalham juntos no ambiente orgânico e/ou psíquico do indivíduo. Os pacotes luminosos estabilizados no nível das organelas celulares constituintes do aparato de imunidade entram em ressonância com aqueles que estão sendo aportados com a ingestão do medicamento. E conseguem mudar a situação disfuncional do indivíduo receptor porque essa relação recupera nele aqueles códigos metabólicos que se desestruturaram no processo de adoecimento.

Essa fala poderia ser resumida afirmando que, na verdade, o que ocorre quando alguém toma um medicamento vibratoriamente harmônico é que o princípio ativo da substância medicamentosa entra em contato ressonante com o princípio de cura do paciente. Então, e somente se essa “ressonância” for consistente, a cura acontece por ação do princípio de cura que foi desperto, e nunca por ação do princípio ativo. Um dos detalhes desse mecanismo, que inclusive ajuda em sua comprovação, é que *reagirá melhor ao medicamento fitoterápico aquele paciente que dispuser de maior vitalidade* e, portanto, de um princípio de cura forte e abrangente. Tanto isso é verdade que, principalmente quando lidando com pacientes muito debilitados, o terapeuta experiente vitaliza o organismo adoecido com processos não medicamentosos (nutricionais ou estimulatórios, por exemplo) antes de iniciar o tratamento fitoterápico propriamente dito. Ele sabe que, se relacionar a pessoa ao medicamento antes que ela própria possa fazê-lo, das três opções indesejáveis, uma se apresentará: ou nada acontecerá, ou o poder





medicamentoso da erva será muito inferior às suas possibilidades reais, ou, na pior das hipóteses, a reação do paciente será extremamente adversa ao medicamento. Se ocorrer qualquer coisa parecida com isso, estaremos diante de um problema de procedimento.

A princípio, a não ser que se objetive algo diferente disso, a fitoterapia está inclusa no rol das terapêuticas que agem de maneira suave e gradativa. Essa é inclusive uma das razões pelas quais normalmente não se contabilizam efeitos iatrogênicos nesse ambiente terapêutico. E é assim, agora o sabemos, porque a substância medicamentosa ministrada, em razão de suas características resultarem de associações luminosas harmonicamente equilibradas e de estarem regidas por princípios sutis inteligentes, muito ao contrário de forçar reações no organismo, independente da situação deste, une-se à imunidade (ou princípio de cura) e trabalha com uma cinética muito mais próxima (mas não igual) à da nutrição do que à da medicação.

Se entendermos isso, ficará muito mais fácil conduzir um tratamento lúcido com base em estímulos fitoterápicos. Simplesmente, o que temos que fazer é definir que o princípio ativo está sintônico com o princípio de cura, e é claro que só poderemos realizar isso de dois modos: dominando uma técnica diagnóstica capaz de ampliar, para nós, os sussurros do corpo, o que é mais difícil; ou conhecendo a fundo a indicação clínica das fórmulas magistrais. Na verdade, existe não uma, mas algumas técnicas diagnósticas capazes de nos proporcionar essa informação de maneira precisa, e em algum momento todo estudante de medicina tradicional que queira realizar a melhor medicina possível tem que olhar com cuidado para elas. Mas aqui o foco está em aprender a ministrar insumos ao paciente, e é possível que não haja espaço suficiente para um investimento desse tipo. Então, sobre o que nos ocupa no momento, atente novamente para algo muito importante que acabou de ser mencionado: *a substância medicamentosa ministrada trabalha com uma cinética muito mais próxima à da nutrição que à da medicação.*

Já que introduzimos o conceito de nutrição, o que ele tem de significado que seja útil para nós? E, afinal, o que torna esses dois meca-

nismos, nutrição e medicação, diferentes entre si? Na nossa linguagem, e isto já foi dito aqui de várias maneiras e em muitos momentos, nutrir-se significa trocar energia com o meio. Se trocamos diretamente com os mediadores cósmicos (o Sol, a Lua, os planetas etc.), estamos nos nutrindo das emanções mais fundamentais que transitam pelo espaço, e nosso desempenho como assimiladores não será dos melhores. Mas existe sim um nível de assimilação dos pacotes luminosos siderais por parte de nosso organismo, e há que saber que um determinado nível de nosso metabolismo depende de estar sendo nutrido diretamente por essa simbólica primordial.

De qualquer forma, o que caracteriza essas trocas como nutrícias pode ser resumido em dois aspectos: em primeiro lugar, as trocas energéticas processadas por mecanismos nutricionais geram mais reações externas que internas por parte do sistema receptor. Isso significa que, quando se alimenta, você se empenha em responder mais a quem lhe passa essa quantidade de energia. Então, as respostas são focadas na fonte do alimento, e basicamente o que você pretende ao devolver a essa fonte algo de sua energia é tanto equilibrar a relação entre doador e receptor, o que é sempre bom para ambos, quanto garantir que ela continue ativa pelo tempo que lhe parecer interessante.

Por outro lado, as reações internas que o aporte nutricional produz, de preferência, serão energeticamente positivas em relação ao que custa o seu processamento. É fundamental que o aporte de nutrientes ao sistema gere mais vitalidade do que custa a assimilação e o trânsito desse pacote de informação pelo organismo. Isso implica que a equação custo/benefício tem que ser sempre positiva para o lado dos benefícios nas relações nutricionais, sob pena de o organismo rapidamente se tornar inviável energeticamente. Porém, tudo isso só será uma realidade se o organismo receptor possuir tantas janelas metabólicas quantas forem necessárias para que os nutrientes disponíveis sejam não só reconhecidos, como processados com o menor custo energético relativo. Na prática, isso significa saber escolher o bom alimento





entre tudo que está oferecido, e ser capaz de digeri-lo com o mínimo de esforço ou estresse.

Já as trocas medicamentosas para o sistema seguem uma dinâmica bem diferente. O primeiro dado é que o empenho do sistema de manter alta a intensidade de respostas orgânicas à fonte doadora é mínimo, o que significa que os medicamentos geram muito mais atividade interna que externa. Em tese, um organismo que está sendo medicado está doente, e é claro que isso deve redefinir suas prioridades. Esse é um momento em que o sistema estará voltado para si mesmo e fechado, pelo menos parcialmente, a quaisquer trocas vitais, pois todo o seu patrimônio energético poderá ser necessário para lhe garantir a continuidade da vida. Basicamente, as únicas trocas admitidas nessa situação são aquelas fomentadoras do eixo metabólico em desequilíbrio, e de fato muito poucas respostas serão enviadas à fonte desses pacotes luminosos, principalmente porque não há o interesse de que esse estímulo entre em excesso ou por longos períodos.

As janelas metabólicas ativas serão aquelas específicas para os comprimentos de onda e para as frequências reconhecidamente “curativas”, o que significa que, nesse processo, o organismo deverá se tornar intensamente seletivo. Paralelamente, a energia destinada aos mecanismos de assimilação e processamento dos pacotes nutricionais provavelmente estará toda, ou quase toda, mobilizada pela atividade de buscar e interagir com os elementos curativos e com a luta contra o agente patógeno. Isso deixa o organismo muito pouco competente para digerir aqueles alimentos que porventura possam ser assimilados, o que produz lentidão no processamento. Como um processo digestivo lento torna a equação digestiva quase sempre negativa para o lado dos benefícios, o mais provável é que o sistema pare de se alimentar e invista tudo em se reequilibrar no menor tempo possível.

Por fim, resta a questão da dosagem. Caracteristicamente, os pacotes luminosos considerados nutricionais serão aceitos pelo sistema em quantidades maiores que aqueles considerados curativos. Esse inclusive é um dos fatores determinantes que o organismo contabiliza

para definir as estratégias que serão usadas para processar aqueles insumos. A partir disso, o que ocorre no cotidiano é que os nutrientes que aportam ao sistema em doses mínimas tendem a ser explorados como medicamentos, independente se de fato trazem os princípios ativos necessários naquele momento. Se as quantidades superam determinado patamar, que é móvel e relativo ao momento orgânico, os pacotes luminosos nutritivos são processados como alimento mesmo, e é claro que os reflexos que atuam aí tentam estabelecer todos aqueles parâmetros citados há pouco. Mas, se as doses crescerem e se tornarem realmente grandes, o organismo estará diante de uma dura realidade. Existe excesso de informação, e o que se fará com ela depende de tantos fatores que é quase impossível prever o que acontecerá. Os excessos tanto poderão provocar um reflexo de expurgo, o que é sempre violento e incomodativo, quanto poderão ser apenas acumulados em uma tentativa de cobrir os dias em que a oferta de luz não for tão abundante. Mas é claro que o “espaço” existente para isso é limitado, além do quê, acumular energia também custa energia. O fato é que lidar com excessos nunca é interessante a médio e longo prazo, já que eles tendem a gerar muito mais desgaste e desagregação metabólica do sistema que fomento de suas funções vitais.

Alguém disse que, “a diferença entre um medicamento e um veneno é apenas a dosagem”. Seja lá quem for que disse isso, estava coberto de razão. É claro que podemos extrapolar esse axioma para a relação entre nutrição e medicação, principalmente tendo visto todos os fatos citados acima. Mas para nós, que estamos empenhados justamente em aprender a administrar substâncias biologicamente ativas em quantidades que não se tornem tóxicas, esse axioma não satisfaz. Saber que determinado medicamento pode se tornar um veneno ou um alimento não explica o que realmente acontece entre um e outro estado. Mas, se atentarmos para o fato de que, em resumo, a diferença entre um veneno, um medicamento e um alimento é uma questão de intensidade de resposta por parte do organismo ante a presença dessa substância biologicamente ativa, estaremos sim encontrando um bom





caminho para estabelecer a posologia que deve regular o aporte de nossos fitoterápicos. Entendido isso, podemos explorar uma quantidade de outros aspectos importantes.

Como dito, qualquer substância pode ser medicamentosa, desde que esteja envolta das condições adequadas para ser usada como tal. Graças a isso, a técnica de cura que todos utilizamos mais frequentemente é a “fitoterapia”, a cura pela alimentação. Essa é uma vertente da fitoterapia extremamente interessante na medida em que une a obrigatoriedade de consumir alimentos diariamente à necessidade de tomar medicamentos. Todos sabemos que, a princípio, não queremos nos medicar, eminentemente quando essa necessidade tem que ser suprida por largos períodos. Se isso ocorre por preguiça, falta de disciplina, ou simplesmente porque “precisamos” de nossa “doença”, não importa. O que faz diferença é que a fitoterapia pode acontecer por via alimentar, o que resolve de imediato o grande problema da adesão ao tratamento. De fato, essa é uma solução tão completa para tantas questões que envolvem o ministrar de medicamentos que atualmente existe até uma disciplina focada em tornar essa opção uma ciência em separado: a nutracêutica.

Essa parte da ciência da nutrição está empenhada em estabelecer o potencial medicamentoso dos alimentos que consumimos todos os dias, objetivando equilibrar nossa dieta de maneira que ela se torne curativa, e/ou preventiva, de todos os males. Porém, há um universo de dificuldades a serem enfrentadas pela nutracêutica, sendo a primeira e talvez mais importante delas a “dosagem”. E isso é assim porque toda substância será nutritiva, medicamentosa ou tóxica não só a depender do quanto ela está se concentrando no organismo, mas também do quando, do como, do porquê e do “quem” dentro do organismo a está acumulando. Na medida em que se entende por nutritiva toda substância que pode ser processada pelo organismo segundo uma dinâmica de transformação que não extrapole os ritmos próprios a ele, percebe-se a entrada de uma grande quantidade de variáveis que se tornam vitais simplesmente porque modificam bastante os parâmetros funcionais corporais.

Contudo, ainda que sejam reais, tais dificuldades não impedem uma solução para lidar com tantos parâmetros funcionais.

Justamente em razão de sua cinética medicamentosa suave, o fitoterápico na maioria das vezes é muito mais acessado cultural e tecnicamente como um tipo de alimento do que como medicamento. Embora isso possa de imediato estabelecer uma enorme vantagem da qual os fitoterápicos usufruem no campo do equilíbrio medicamentoso, justamente por isso a medicina convencional ignorou o valor da fitoterapia por um longo período da história moderna. Obter uma cura via estabelecimento de novas rotinas alimentares é uma proposta tão simples que beira a fantasia. É fácil demais... por isso, não pode ter chance de dar certo, conjecturam alguns. Ainda assim, dá muito certo todos os dias para aqueles que se preocupam em se alimentar de forma coerente. E por “coerente” entenda-se uma alimentação direcionada a atender às necessidades momentâneas do corpo (que de fato sabe escolher o que precisa, se lhe damos a chance) e regulada, em seu ritmo e quantidade, por reflexos puramente fisiológicos. Em todo caso, é preciso enfatizar que o metabolismo dos alimentos, embora próximo ao dos medicamentos, não tem o mesmo valor do ponto de vista reacional. Isso implica que a nutracêutica só cabe como recurso terapêutico quando o quadro é do tipo crônico ou crônico-degenerativo, que são padrões de adoecimento de desenvolvimento tipicamente lento. Esse detalhe provê ao organismo a chance de mudar as coisas progressivamente, que é inclusive a situação que pode produzir as curas mais consistentes.

Também é preciso compreender que, quando se diz que a dinâmica medicamentosa própria dos agentes fitoterápicos costuma ser suave, não se está afirmando que essa categoria de medicamentos não possa, nas concentrações adequadas e no ritmo certo, promover reações tão poderosas quanto qualquer medicamento sintético. E isso é tão verdade que frequentemente se torna um problema para quem prescreve o medicamento! A fitoterapia desperta a atenção de muitos que, imbuídos das mesmas expectativas geradas pela prescrição de uma droga sintética, gostariam de aproveitar essa modalidade terapêutica como



uma alternativa de mesmo nível, que possa ser experimentada sem os riscos inerentes ao uso continuado de drogas pesadamente tóxicas... mas, em que pesem os importantes ganhos que essa medicina garante, o provável é que essas pessoas se frustrem com a aparente falta de consistência das curas fitoterápicas.

*A fitoterapia não é a melhor medicina para praticar nas urgências médicas.* Por tudo o que vimos estudando, podemos assumir que os insucessos fitoterápicos são estímulos voltados muito mais para fomentar a qualidade de vida do paciente do que para lhe salvar a vida em um momento de necessidade aguda. Apesar da ansiedade que o curador pode experimentar em ajudar seu paciente, *a promoção de reações muito intensas está longe de ser a melhor técnica em termos de fitoterapia.* E isso não poderia ser diferente, dada a natureza intensamente biológica do medicamento fitoterápico, que inclusive é bem apresentado somente dentro do contexto de um modelo médico que acredita muito mais na prevenção que na cura.

*Há que se ter a oportunidade (o tempo) necessária para “viver” a experiência da cura como uma consequência da experiência do adoecimento,* sob pena de o indivíduo não “aprender” nada com essas vivências, o que é tudo o que não se quer. Dentro dessa ótica, o melhor medicamento será aquele que, muito antes de suprimir o processo, auxiliar o organismo a cursá-lo da forma mais suave e produtiva possível. E esse não é o perfil de uma droga para ser utilizada em urgências. Portanto, a atitude mais equivocada que se pode adotar em relação à fitoterapia é aumentar a frequência de tomada do medicamento, ou a sua dosagem, no intuito de obter curas mais rápidas ou confortáveis.

No ambiente da medicina tradicional, por mais estranho que possa parecer, uma das consequências mais importantes é que *o medicamento e a disfunção orgânica não são necessariamente antagonistas no processo de adoecimento e cura.* A ideia que dá sentido a isso é aquela velha concepção de que a “doença” nunca é um processo desprovido de lógica. A doença não simplesmente acontece. Ao contrário, segundo a tradição,

ela é uma produção da pessoa, algo a que ela se dedicou, consciente ou inconscientemente, e que, portanto, tem uma função a cumprir.

Lembra-se da proposta que descreve a relação do princípio ativo e do princípio de cura como um evento inteligente? Pois este é, talvez, o melhor momento para visualizar a magnitude disso. Se o princípio de cura é o que imaginamos que é, a pessoa que experimenta o desequilíbrio em tese estará o tempo todo recebendo sinais de que algo de errado está acontecendo com seu corpo. E se, apesar disso, persiste nas rotinas que sabe ser adoecedoras, é porque, mesmo que subconscientemente, a pessoa pretende tirar dessa vivência algum tipo de ganho. Segundo esse ponto de vista, não faz o menor sentido intervir nesse movimento de outra forma que não seja protetora ou facilitadora, mesmo que isso implique desenvolver uma terapêutica que não visa ao conforto do paciente.

Daí o aforismo esclarecedor de que a fitoterapia, mesmo no âmbito da medicina tradicional, pode ser praticada de duas formas: como uma técnica médica que apresenta estímulos compensadores dos sintomas, equilibrando o sistema por fomentar no organismo as funções que regulam aquelas que estão em disfunção; ou como uma técnica que fornece estímulos fomentadores dos sintomas, equilibrando o sistema por facilitar neste a evolução máxima do movimento metabólico imposto pela patologia, tornando esse processo tão agudo que sua evolução automaticamente dispara os mecanismos antagonistas próprios da imunidade. Note-se que, qualquer que seja o caso, o medicamento trabalhou “a favor” do paciente sem atacar diretamente a doença. E sempre junto dos recursos de imunidade, que para nós é o braço orgânico do soberano princípio de cura.

É claro que quem tenta uma cura por esses meios tem de estar muito consciente de todas as implicações dessa escolha. Se não for assim, há muita possibilidade de essa pessoa se ver frustrada nas suas expectativas quanto à melhora definitiva de seus sintomas. Há de se compreender que a proposta da fitoterapia é uma cura de dentro para fora, de preferência associada com a própria maturação orgânica e psíquica do

paciente. Por isso mesmo, é um tipo de cura muito mais interessante que outros tipos sob qualquer aspecto. Embora isso seja um tanto óbvio, é útil salientar que o organismo que se cura assim aprende os “caminhos” percorridos por aquele agente patógeno. E isso significa que, por meio do adoecimento, o organismo se apropria da capacidade de resistir melhor ao patógeno em uma próxima oportunidade de contato. Ou seja, na medida em que cumpre toda a rotina de relação com os agentes patogênicos, o organismo aprende a se relacionar com eles, desenvolvendo uma imunidade específica ou, pelo menos, uma resistência maior para lidar metabolicamente com condições semelhantes.

Dito de outra forma, uma cura fitoterápica realizada com sabedoria equivale a estruturar o que chamamos de “memória biológica”, que é tudo o que a medicina preventiva convencional persegue ao se dedicar a vacinar a população. O diferencial entre essas duas abordagens é que a fitoterapia não precisa expor ninguém à estranha situação de inocular no organismo um agente agressivo para estabelecer uma condição de resistência a esse agente. E, se o que postulamos acerca de a realidade vital deste universo implicar a busca constante de estabelecer as trocas energéticas mais fomentadoras do próprio “eu”, como irá se encaixar nisso a proposta de introduzir no sistema um padrão vibratório que, ainda que pretensamente enfraquecido, prima por ser desestruturante?

Entretanto, permanece o fato de que, no sentido da orientação filosófica de suas técnicas, a fitoterapia é muito mais uma *medicina estimulatória*, que se associa com a capacidade de cura do organismo, que qualquer outra coisa. E, se não for entendida assim, seguramente terá potencial para repetir todos os inconvenientes de qualquer técnica invasiva e intoxicante. Por isso mesmo é que, reforçando os princípios que devem orientar o ato de medicar, ao ser introduzidos por esse ato na relação com qualquer princípio ativo, temos pelo menos três níveis de dosagem que precisam ser reconhecidos para que possamos prever a resposta orgânica que iremos experimentar: em primeiro lugar, a *dose medicamentosa*, que geralmente é uma dosagem pequena, tão pequena

que às vezes é considerada desprezível aos olhos do leigo; em segundo lugar, a *dose nutricional*, que é uma dose um pouco maior, às vezes cinco ou seis vezes maior que a medicamentosa; e, em terceiro e último lugar, a *dose tóxica*, que promove grandes e agudas reações e pode inclusive ameaçar a integridade do organismo. Seguramente, qualquer substância pode ser ministrada nesses três níveis, promovendo as reações inerentes a cada intensidade de estimulação.

Tradicionalmente, equilibra-se a dosagem levando em consideração o sexo, a idade e o peso de quem irá tomar o medicamento. Procura-se, com isso, estabelecer a melhor dosagem inicial individualmente, nunca menosprezando o fato de que se deverá agir dentro de um contexto onde se mantenha uma estreita percepção das reações às primeiras tomadas do medicamento. Isso vem a reboque do fato de que, nessa escola de pensamento, o medicamento tem a ver com a pessoa que o toma, e não com a doença em si. De qualquer maneira, dependendo do que se quer obter em termos de atividade de processamento (nutrição ou medicação), há referenciais claros que ajudam a definir se a intensidade das reações está coerente com o formato da janela biológica relativa àqueles pacotes de luz que estão entrando como estímulo.

Por exemplo, como já comentado, encara-se tradicionalmente como nutritivo todo estímulo que entra em contato com o sistema e promove um trânsito de substâncias biologicamente ativas sem que o sistema baixe o seu desempenho em suas outras funções. É claro que, em algum grau, o processo de digestão sempre vai ser priorizado pelo organismo em detrimento de outros trabalhos metabólicos, mas isso não pode significar mais que uma leve desaceleração dessas outras atividades. Se ocorrer de outra forma e o organismo se mostrar mais perturbado que o necessário para garantir uma boa digestão, é porque a vivência que se estabeleceu após a ingestão do alimento não é do tipo certo. Dentro disso, para fornecer um referencial que todos possam reconhecer, a simples necessidade de dormir depois de uma refeição pode ser considerada indicativo de problemas caso o indivíduo não seja exclusivamente carnívoro. Entra na mesma categoria a sensação de peso pós-prandial, se

esta perdurar por mais que alguns minutos após uma refeição complexa. Esse inclusive é um sinal que se repete tão frequentemente na experiência das pessoas que, curiosamente, a maioria delas não só não o valoriza como negativo como chega a gostar dele!

Por outro lado, uma dose medicamentosa tende a promover grandes transformações a curto e médio prazo. As funções orgânicas se alteram significativamente, e pode ser mesmo que o organismo pare de investir energeticamente em outras coisas que não aquelas diretamente envolvidas com sua cura. Como já foi sugerido que o trânsito digestivo não deve alterar significativamente a dinâmica global do sistema, se ocorre algo parecido à parada metabólica, a dosagem ingerida pode começar a ser encarada como excessiva para efeitos de nutrição. E talvez já esteja entrando na categoria das doses tóxicas, já que a dose medicamentosa racional tende a ser muito menor que a dose nutricional. De fato, a única substância que podemos ingerir em maiores quantidades sem que isso signifique imediatamente uma reação tóxica é a água. Contudo, até mesmo esta tem seu limite, que é algo em torno de dois litros por dia, a depender da manutenção de um nível mediano de atividade física e da presença de um nível mediano de umidade relativa no ambiente (algo em torno de 40%).

Na verdade, mais uma vez quem dita essas quantidades é o paciente, por meio da seletividade imposta por suas janelas biológicas, que estabelecem aquilo que chamamos de “disponibilidade biológica” ao medicamento. Tal fenômeno torna extremamente seletiva toda relação entre sistemas, conferindo a esta ou àquela substância o *status* de nutritiva, medicamentosa ou tóxica, conforme seja mais ou menos facilmente processada pelo organismo. Como a “disponibilidade” é um fator individual e variável, a grandeza das dosagens é flutuante e relativa, mesmo considerando uma única pessoa tratada em dois momentos. Então, as variáveis são muitas para serem todas controladas e/ou previstas, o que torna o ato de medicar algo tão delicado que somente uma vasta experiência pode ajudar o curador nesse ponto. A partir disso, não há como estabelecer com segurança algum referencial universal que

sirva como ponto de partida e que seja útil na prática. O que manda realmente é a experiência do curador, aliada ao seu conhecimento dos princípios ativos e do paciente.

Então, para garantir um efeito medicamentoso otimizado, o mais interessante é começar com dosagens suficientemente grandes para promover reações, mas ainda tão pequenas que não produzam reações erradas. Apresentadas dessa forma, as substâncias adquirem uma cinética medicamentosa bastante específica, mobilizando o sistema seletivamente segundo seus tropismos químicos e vibratórios. As reações passam a ser também específicas, produzindo um quadro benigno de respostas lentas e progressivas, cuja qualidade e localidade ideal é possível avaliar. É claro que esse grau de precisão será variável também em função da cinética fitoquímica associada com o princípio ativo ministrado. Se este pertencer à categoria dos princípios tônicos genéricos, obviamente as respostas orgânicas estarão distribuídas por todo o sistema, e é possível que não sejam facilmente visíveis. Porém, e esta é a maior parte da realidade fitoterápica, se os princípios ativos estiverem inseridos em determinadas categorias, as respostas verificadas serão tão específicas e tão bem localizadas nos plexos correspondentes que será quase impossível não fazer uma boa leitura de resultados. Nisso se incluem, por exemplo, as ervas hepatotônicas, fomentando as atividades do fígado, as ervas cardiotônicas, fomentando as atividades do coração, e assim por diante.

Novamente, qualquer coisa diferente disso será um indicativo de que as dosagens estão inadequadas ou de que os medicamentos são impróprios para aquele caso. Se for essa a realidade, a tendência é a estimulação equivocada aliciar sistemas orgânicos em excesso e promover reações não equilibradas. Mesmo as *smart drugs*, ou tônicos genéricos que excitam o sistema como um todo, têm que agir dentro de uma lógica condicionada pelo que tradicionalmente é reconhecido como “maré energética”, um fenômeno biológico regulador do deslocamento da vitalidade pelo sistema ao longo de um dia. Isso significa que, pelo menos na fitoterapia praticada com conhecimento, não há o caso de

uma erva promover eventos orgânicos desencontrados com a linha terapêutica, salvo em dosagens ou procedimentos inadequados, ou na hipótese de reações alérgicas específicas.

Mas, para que nossas mentes reducionistas “ocidentaloides” não fiquem inteiramente desprovidas de um referencial numérico, a tradição sugere a dosagem de um a três gramas por dia para a pessoa adulta, de peso mediano (cerca de 65 kg) e de idade mediana (por volta dos 35 anos). É claro que, em tempos atuais, a pesquisa se torna a cada dia mais intensa, e esse referencial pode ser grandemente alterado para esta ou aquela planta de comportamento interativo diferenciado, que já tenha sido descrito, ou pelas condições especiais que este ou aquele indivíduo apresente. Seja como for, explorando esse referencial, teremos:

- para pacientes entre 0 e 2 anos, 1/6 da dose média;
- para aqueles entre 2 e 8 anos, 1/4 da dose média;
- para aqueles entre 8 e 12 anos, 1/3 da dose média;
- para aqueles entre 12 e 15 anos, 1/2 da dose média;
- para aqueles entre 15 e 25 anos, 2/3 da dose média;
- para aqueles entre 25 e 50 anos, 1 dose média;
- e, finalmente, dos 50 anos em diante, de acordo com as condições do paciente em termos de peso e vitalidade, 1 dose média.



## CAPÍTULO XIII

Atividade fitoquímica e antídotos



**S**e esses números realmente têm razão de ser, o que dizer da infinidade de maneiras empíricas com que as ervas são ministradas dentro do ambiente doméstico da medicina popular? Como é possível que uma tisana feita sem nenhum tipo de preocupação com dosagens ou biótipos obtenha tão frequentemente bons resultados na administração dos pequenos males do dia a dia, sem causar quase nenhum relato de superdosagem, falta de resultados ou efeitos adversos? A única resposta para esse tipo de indagação continua a ser o que é inerente ao princípio ativo.

A esta altura, já compreendemos que tal princípio não é meramente físico-químico. Sabemos que está intrinsecamente ligado a fenômenos como vitalidade, imunidade e disponibilidade biológica. Sabemos também que é um fenômeno vibratório, referindo-se na sua intimidade ao trânsito de pacotes de luz solar adquiridos pelo ser vivente na interação com o meio e com outros sistemas. Temos em consciência que esse princípio está inserido em uma ordem universal complexa, que dá uma forma coerente à sequência de reações de transformação das emanações luminosas que denominamos “metabolismo”. E tudo isso pode ser representado pelo ato de se “comunicar” que costumamos associar aos sistemas vivos, e que agora, por razões de melhor elucidação do mecanismo de relação entre todas as coisas, estamos chamando de “princípio ativo”.

Apesar de vencido todo esse caminho, é possível que muitos de nós ainda estejam sentindo falta de alguma coisa para que uma imagem mais ampla e coerente tome forma em torno desses fenômenos. Temos essa sensação porque intuitivamente estamos conscientes de que, até agora, nos referimos o tempo todo ao aspecto desse grande fluxo universal ligado à multiplicação de si mesmo, ao fomento da vida, à vitalização em si ou, mais genericamente, à *geração e aniquilação contínuas de todas as coisas que existem e existirão*. Há de existir um fator de equilíbrio que torne o fluxo de geração algo contido dentro de uma ordem — algo como um “contrafluxo” que possua igual valor em todos os aspectos e que atue tão continuamente



quanto o próprio movimento de geração que impulsiona as trocas na cadeia energética, a qual hierarquiza os vários reinos vitais.

Esse fator existe e, no que se refere ao fenômeno fitoterápico, é identificado como o “antídoto” relativo a cada substância biologicamente ativa integrante do princípio ativo de todo ser vegetal. Isso quer dizer que só age de maneira equilibrada no organismo doente porque possui uma natureza bipolar. Na verdade, ele é a resultante da relação entre dois movimentos de fluxo vital que ocorrem dentro do sistema vivo, gerando assim uma condição inteligente de autoequilibração. E, como essa é uma realidade que atinge todo o organismo vegetal, animal ou mineral, pode ser tida como aquilo que garante, na natureza, a adequação da atividade medicamentosa ligada às substâncias.

Em outras palavras, o princípio ativo é a comunhão de duas categorias de pacotes luminosos suportados por dois tipos de substâncias tróficas entre si que frequentemente, mas nem sempre, se associam em uma única molécula. Um carrega os códigos simbólicos fomentadores das transformações e é genericamente encarado como “excitatório”. O outro carrega os códigos simbólicos fomentadores das “acumulações” e é encarado como inibitório. Mas ambos estão assim integrados e estabilizados apenas no ser vegetal integral, sendo o componente biologicamente ativo de uma única substância complexa ou surgindo da interação entre duas ou mais substâncias.

Quando consideramos aquilo que identificamos por “disponibilidade biológica”, que é função do formato da janela biológica, estamos tentando expressar a situação instantânea em que está o jogo de relações entre esses dois movimentos nos seres interagentes (erva e paciente). A disponibilidade biológica será máxima quando os códigos excitatórios e inibitórios de ambas as partes realizarem um encaixe tal que se integrem, sistema por sistema, em uma transferência equilibrada de padrões de luz. Se isso ocorre (e com frequência ocorre), os subsistemas predominantemente transformadores do organismo receptor nutrem-se dos códigos excitatórios oriundos do doador, reforçando sua atividade. Do mesmo modo, os subsistemas



predominantemente acumulativos do receptor nutrem-se dos códigos inibitórios do doador, reforçando ou readquirindo a plenitude de sua atividade.

Essa é, em termos de disponibilidade biológica, a descrição dos eventos que ocorrem quando ministramos um medicamento fitoterápico comum, segundo uma estratégia de cura pelos semelhantes (hipótese homeopática). Como já comentado, há uma segunda maneira de realizar o mesmo trabalho de cura, colocando em contato os contrários compensadores. Nesse caso, o encaixe dos padrões luminosos, que antes ocorreu dentro de uma dinâmica de ressonância com os subsistemas “agonistas”, é agora complementar entre si, ocorrendo então uma dinâmica de ressonância com os subsistemas “antagonistas”. Isto é, os códigos excitatórios da erva inibem os códigos acumulativos do paciente, permitindo a florescência da atividade nos subsistemas transformadores. Por outro lado, e se esta for a necessidade, será ministrada uma erva cujos códigos inibitórios são prevalentes, o que provocará uma depressão dos códigos excitatórios do paciente, permitindo a florescência da atividade nos subsistemas acumulativos.

É provável que, em um primeiro momento, você ache tudo isso muito confuso, mas isso só acontece porque a sua estrutura mental está treinada para lidar apenas com relações de competição, e não com relações de cooperação. Quando passarmos este modelo para símbolos únicos, tudo ficará mais visível e simples. Por enquanto, é suficiente apreender a ideia central que justifica a sempre benigna atividade curativa das plantas: a ideia de que *a atividade medicamentosa da erva só será equilibrada se estiverem integrados, no medicamento final, a parte irritativa do princípio ativo e o seu antídoto*. Separados, ambos continuam a fazer efeito, mas sem dúvida segundo um formato descontrolado e, na maioria das vezes, não tão produtivos quanto poderia ser em sua melhor apresentação. Na prática, quando se separa a parte irritativa de seu antídoto (o que ocorre na maior parte das sínteses laboratoriais que procuram depurar e concentrar o princípio ativo), obtém-se um poderoso pacote de estímulos que



agem sem seus “freios” naturais, o que deixa o caminho aberto para os indesejados efeitos iatrogênicos. E é interessante notar que o uso popular das plantas medicinais quase sempre respeita isso. Daí o sucesso que esse tipo de medicina se caracteriza por obter.

Entretanto, é claro que existem maneiras de produzir um medicamento fitoterápico distorcido. E quando não é pela separação forçada dos princípios irritativos, é pela combinação de ervas que não possuem uma “sinergia” adequada. Por isso é que, se não forem meticulosamente pensadas, as formulações fitoterápicas podem produzir tantos ou até mais problemas que aqueles que se destinavam a resolver. É por isso também que as formulações fitoterápicas mais antigas sempre são tão mais seguras quanto ativas. Não por acaso, a maior parte dos procedimentos domésticos e instintivos de preparação das ervas tende a utilizar a planta integral, ou as partes tradicionalmente reconhecidas como mais ativas, quando preparadas segundo os procedimentos certos.

Mas será que num contexto diferente, um hospital, por exemplo, onde o número e a gravidade das disfunções é muito maior que no ambiente doméstico, tais metodologias seriam seguras? Provavelmente não. Por isso, vale a pena tentar desenvolver técnicas ainda melhores que aquelas introduzidas pela ancestralidade, sem contudo deixar de valorizar tudo que nos foi ensinado por ela. É preciso sim continuar a fazer evoluir a medicina tradicional, mas sem o sacrifício da pureza de seus processos, assim como sem colocar nossas necessidades fantasiosas como mais importantes que a verdade.

Então teremos que continuar a nos preocupar com o como vamos obter os efeitos certos? Como eleger tal e qual erva para esta ou aquela síndrome? Como combiná-las para que tenham os efeitos esperados, e não outros? Calma. Como dito, tudo depende de dominar a melhor técnica. Contudo, nada será mais importante e/ou determinante para apontar o grau de adequação de sua prescrição quanto as reações do paciente. Nenhuma técnica, por mais conhecimento de causa que traga, cobre todas as especificidades de todas as situações. Portanto,



nada substituirá a sua capacidade de ler o resultado das interações entre os dois sistemas que você colocou em contato quando ministrou ao paciente (sistema receptor) um medicamento (sistema doador). As reações do paciente poderão ser captadas no relato da pessoa, o que fica obviamente condicionado ao julgamento tendencioso dela, e portanto não é uma fonte de resultados muito confiável. E poderão ser captadas também nos contadores reflexológicos inerentes ao próprio organismo, o que se torna mais confiável na medida em que tais contadores, por serem gerados a partir do sistema nervoso central, expressam sinais que independem da interpretação e/ou capacidade da pessoa de relatar fielmente o que sente. Temos, para isso, áreas reflexológicas onde iremos preferencialmente colher nossas impressões: a pele, os pelos, o pulso, a respiração, o batimento cardíaco, as eliminações, o pavilhão auricular, a língua e diversas outras.

Tudo isso significa que as ervas podem ajudar o homem a resolver desde o mais simplório mal-estar gástrico até a mais obscura alteração de consciência que denuncie o estabelecimento da doença psíquica ou mental. E também que isso só é diferente do que temos em termos de medicamentos sintéticos porque pode ser aplicado segundo uma visão que valoriza a totalidade do processo daquele que está em desequilíbrio. Nessa totalidade, estão inclusos desde os aspectos ecológicos até os somatológicos, passando pelos psicossociais e psicoemocionais.

E por acaso há outro tipo de abordagem que funcione? Mesmo que de modo instintivo consideremos que não, infelizmente essa é uma visão que tem sido quase um privilégio da medicina tradicional. Senão, vejamos: qual medicamento convencional que você conhece tem sua dosagem dependente da hora e do lugar de nascimento da pessoa que o toma? Qual outro você pode citar que é influenciado pela posição da pessoa na sua família? Que medicamento sintético é ingerido primeiro como alimento para só então, em ocasiões específicas, ser encarado como medicamento? Provavelmente nenhum.

E isso estabelece uma diferença e uma distância que vai se alongando cada vez mais entre estas duas escolas de pensamento médico,



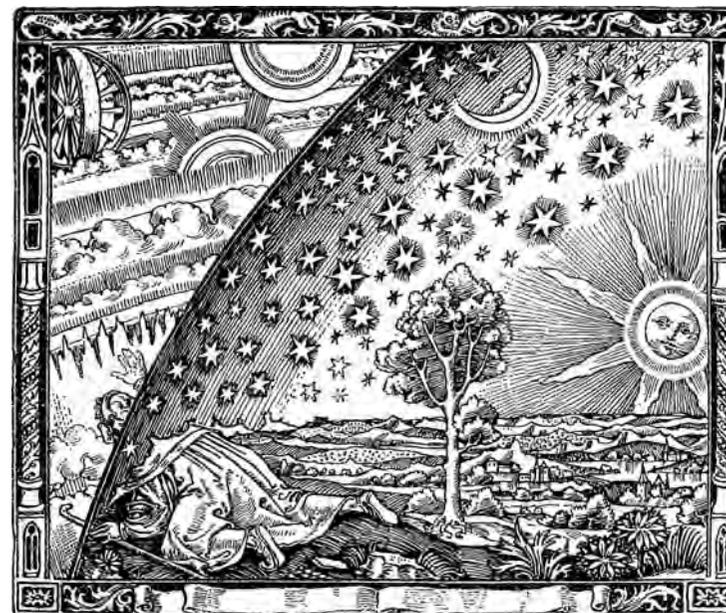
a tradicional e a convencional. Enquanto a última acredita no adoecimento como um processo de “vitimização” do paciente (e, por isso mesmo, pretende uma cura rápida e indolor), aquela vê nisso um processo de aprendizado, precioso e insubstituível no sentido da otimização das capacidades de relacionamento do organismo com o meio que o envolve. E somente por isso propõe uma cura no devido tempo, mesmo que se empenhe constantemente em proteger a integridade do paciente conforme esse processo de aprendizagem se desenvolve sem a sonegação de nenhuma de suas fases naturais. Enquanto a medicina convencional “paternaliza” o processo de cura, considerando o doente incompetente para ajudar a tomar decisões e promover as ações relacionadas ao seu momento de vida, e por isso isentando-o de ser vitorioso ou fracassado nisso, a medicina tradicional precisa da colaboração do paciente. Precisa da sua cumplicidade e da disponibilidade para o contato com seus limites oportunizado pelo processo de adoecimento.

No ambiente da medicina tradicional, é o próprio doente que faz, ou não faz, a sua cura, aproveitando ou não tudo que o curador lhe oferece como facilitador de seu processo, e também o que pode advir daquilo como lucro e experiência. A medicina convencional tem urgência. A medicina tradicional tem paciência. A primeira olha para as massas, a segunda vê o indivíduo. A primeira valoriza o resultado, ao passo que a segunda valoriza o que é sagrado. A primeira vê a característica do mecanismo, a segunda vê a alma do organismo. A primeira é a medicina de hoje. A segunda é a medicina de sempre.



## CAPÍTULO XIV

O princípio ativo e seus suportes bioquímicos



**L**embra-se da ideia de que “somos aquilo que comemos”? Pois está na hora de entender que isso vai muito além dos alimentos. De fato, esse aforismo tornou-se popular para transmitir de forma simples um fenômeno relativamente complexo que envolve a memória corporal. Memória é uma capacidade que, até bem pouco tempo atrás, se entendia como algo relativo aos processos mentais ou intelectuais. Contudo, atualmente se sabe que existem vários níveis de memorização do que experimentamos ao longo da vida, e está ficando claro para a neurofisiologia e para a psicologia do aprendizado que muito do que registramos se localiza em estruturas extracorticais. Existe sim uma memória de alta categoria que transita pelo cérebro e suas estruturas anexas, mas esta se ocupa apenas daquilo que pode afetar diretamente a funcionalidade dos subsistemas orgânicos considerados de alta categoria, bem como daquilo que ainda estamos aprendendo.

O que já está introjetado e ajuda o sistema a melhorar seu desempenho torna-se um reflexo. A fisiologia envolvida no assentamento de um novo reflexo ainda é um mistério para a ciência que estuda o aprendizado, mas sabe-se que, depois que o corpo constrói uma rotina reflexológica, esta fica disponível permanentemente por um longo prazo. E mais. Sempre que acionado, aquele reflexo se reforça como estrutura independente, chegando ao ponto de não necessitar da intervenção direta do cérebro para entrar em ação.

Para nós, importa a parte da memória que se estabelece no nível celular. Isso mesmo! Nossas células lidam com determinados recursos de memória, e são tão autossuficientes nisso que repetem em seu microcosmo interno aparentemente tudo que pode ser observado relativo ao corpo e à mente. Na ponta interna do processo, a tradição ensina que as próprias partículas constituintes do ser vivente memorizam a experiência do todo, e de fato identificamos esse efeito quando descrevemos a realidade vibracional. Na microdimensão em que a luz realiza seus trabalhos, os pacotes de energia de que somos constituídos (moléculas, átomos, íons e micropartículas menores ainda) são,



em última análise, suportes físicos para uma quantidade de códigos gravados em seus padrões vibratórios. Tais padrões contêm toda a informação útil que foi possível ao organismo acumular, e que pode ser transmitida de um organismo ao outro por meio das trocas energéticas que habitualmente vemos ocorrer entre os sistemas vivos.

Vimos estudando a parte desses fenômenos que possibilita a ação do princípio ativo por meio das transferências de alta energia, que tipificam o efeito fitoterápico. Mas, se quisermos simplificar o discurso, basta realizar o raciocínio em termos alimentares. Dentro disso, podemos resumir a materialidade de tais mistérios comentando que queremos da vida aquilo que o nosso alimento nos estimula a querer! Quem se alimenta de carnes quer continuar a ser primitivo e denso. Quem se alimenta de açúcar quer viver tudo rápida e compulsivamente. Quem se alimenta de vegetais crus já quer o contrário, vivendo tudo de forma lenta e vegetativa... e assim por diante.

O fato de a alimentação ter o poder de condicionar nosso comportamento pesa tanto que alguns transformam sua dieta em algo tão elaborado que o ato de comer se assemelha mais a um culto do que ao que realmente é: uma necessidade fisiológica. Porém, para a medicina, as considerações filosóficas em torno do consumo de alimentos só vão até o ponto da verificação se estamos nos alimentando dentro de uma estratégia coerente com nosso momento de vida.

Mas, antes que a alimentação se torne uma discussão infundável (porque sempre é), vamos focar no fato de que estar neste mundo é uma experiência pulsante e cheia de vitalidade. O metabolismo é “queimador”, está predominantemente excitado e reflete a realidade de um ser vivo totalmente envolvido por sua própria expansão. Essa é a melhor fase da vida desse ente orgânico, e portanto um momento em que aquelas substâncias que são a base de sua existência tornam-se, para ele, agudamente curiosas. Na maturidade, as substâncias que compõem o princípio ativo de qualquer sistema vivo exibem atributos novos e muito especiais. Algumas se diferenciam por se tornarem extremamente instáveis, reagindo rápida e facilmente à presença de mui-



tas outras. Outras são ainda mais misteriosas, e parecem não fazer objetivamente nada no contexto metabólico em que estão inseridas. Simplesmente aparentam não ter função, mas é claro que a possuem, mesmo que não possamos vê-la! Outras ainda estão voltadas a estruturar os mecanismos de preservação do próprio sistema em que estão integradas, contribuindo para manter do lado de fora organismos e padrões vibracionais considerados estranhos e não bem-vindos. Outras são aplicadas na reconstrução contínua das membranas que isolam o organismo do meio, e as suas partes entre si, garantindo certa independência a toda estrutura que tem que realizar um trabalho específico. Outras, por fim, estão ainda muito bem integradas no sistema, mas simplesmente são tão tóxicas e irritantes que, quando apresentadas a possíveis predadores, tornam seu produtor não palatável aos interessados nos pacotes de energia estabilizados nele.

Para ficar mais fácil de memorizar, e ao mesmo tempo cobrir a maior parte do que vemos expresso na natureza, vamos citar alguns dos exemplos mais importantes de tais substâncias-suporte.

## ALCALOIDES

São substâncias formadas por cadeias moleculares de base carbônica que exibem radicais nitrogenados e contêm bastante hidrogênio em suas moléculas. Graças a isso, tendem a alcalinizar os sistemas onde se encontram (daí a sua denominação) e pertencem àquela família de substâncias extremamente energéticas e fomentadoras das transformações. Por conseguinte, introduzem no sistema orgânico códigos excitantes, combinando-se por afinidade aos subsistemas preponderantemente “aquecedores”. Neste contexto, o conceito de “aquecimento” do sistema quer reunir, numa única imagem, todos os movimentos metabólicos ligados à produção de trabalho.

Dada sua diversidade (existem muitos tipos) e suas características, os alcaloides são de difícil classificação, encaixando-se em um amplo número de janelas metabólicas. Lembre-se de que o número de janelas



metabólicas disponíveis para uma substância é um bom referencial para avaliarmos a disponibilidade biológica do organismo em relação a ela. Com isso, podemos inferir que o nosso sistema (assim como tantos) “gosta” de se relacionar com outros que tenham a oferecer seus alcaloides, o que certamente está ligado ao fato de não podermos sintetizá-los sozinhos e à capacidade que apresentam de remover obstruções ao fluxo de energia. Para nós, é claro, é vital manter a luz em movimento, e tudo que nos possa ajudar nisso é muito bem-vindo.

Não por acaso, os alcaloides são metabolizados (transformados em pacotes luminosos menos complexos para serem mais bem absorvidos e conduzidos) principalmente pelo fígado, que, dentro da hierarquia funcional, é um órgão de alta categoria e “capitalizador” da maior parte dos movimentos de aquecimento que surgem no organismo. Conclui-se facilmente que o fígado é um órgão bastante “quente” por si mesmo, e representa um elegante exemplo de possibilidade de cura pelo processo das afinidades. Sabendo que todos os princípios amargos são hepatotônicos, concluímos que toda planta alcalogênica amarga é curativa para o fígado.

## TANINOS

São representantes daquele tipo de substância que parece não fazer nada dentro do sistema no qual se encontram; contudo, claramente se constituem por grupos de códigos inibidores, embora muito poucos organismos pareçam conseguir metabolizá-los internamente. Metabolizar, neste contexto, além de ser um processo de “desmonte” dos complexos pacotes luminosos, significa associar os pacotes mais simples obtidos com os códigos funcionais próprios de algum dos subsistemas estruturantes do corpo. Por esse meio, os taninos estabilizam-se nos tecidos e os protegem.

Por serem difíceis de lidar, os taninos são bons mantenedores da segurança do vegetal, atingindo facilmente a estrutura proteica de muitas membranas externas de micro-organismos potencialmente



agressivos. Por isso mesmo, as plantas taninoides são muito cobiçadas pelos curtumes, sempre interessados em trabalhar o couro de forma a estabilizá-lo e protegê-lo da desagregação de suas fibras. Como o tanino precipita (coagula) as proteínas, tornando-as inertes, é um excelente estabilizador. Pelo mesmo motivo, também é considerado um bom antisséptico.

A união de sua agressividade química com o seu teor inibidor torna-o um agente antibiótico de valor. Cabe enfatizar a diferença entre uma *atividade antibiótica* e uma *atividade antibiótica*. Embora resultem em efeitos semelhantes, inibindo infestações de micro-organismos em sistemas superiores, as duas atividades são fundamentalmente diferentes em seus mecanismos. Enquanto os antibióticos são preparados constituídos de substâncias tóxicas que agredem qualquer sistema vivo indiscriminada e diretamente, os agentes antibióticos atuam por tornar o meio interno pouco interessante para esses mesmos micro-organismos, inibindo seu desenvolvimento ali. Por não serem diretamente agressivos, os agentes antibióticos são muito mais interessantes como base para medicamentos, dado que apresentam menor possibilidade de atacar também o organismo hospedeiro da infestação.

Existe aqui um efeito que causa muita discussão no meio médico acerca da conveniência de ministrar antibióticos. Para os defensores, está claro que os antibióticos não afetam o sistema orgânico infectado de forma importante, a despeito das inúmeras reações adversas associadas com sua ingesta (algumas, sim, bastante graves). Para os detratores, está claro que administrar um veneno a um organismo que já está com problemas é um contrassenso. Além disso, as reações individuais das pessoas guardam sempre a possibilidade de que alguém seja tão sensível a essa classe de drogas que se veja mais agredido pelo medicamento que pela infecção.

Para o médico naturopata que trata seus pacientes com fitoterápicos de alta categoria, esse tipo de discussão não tem razão de ser. Em seu ambiente conceitual, sabe-se desde longa data que nenhuma



substância deve ser ministrada isoladamente. Sabe-se que, desde que a estratégia clínica seja coerente, o princípio ativo colocado à disposição do paciente vai facilitar a cura não por atacar micro-organismos invasores, e sim por fomentar no corpo suas capacidades de se proteger deles. Sabe-se, também, que o que define o melhor medicamento é função não da atividade bioquímica implícita à sua estrutura molecular ou à sua concentração, mas da relação da parte irritante com o antídoto que resulta no efeito global do princípio ativo.

Isso quer dizer que, somente na presença reguladora de seu antídoto específico, uma substância potencialmente antibiótica tornar-se-á mais “inteligente” em termos de farmacodinâmica. Isto é, tornar-se-á apenas antibiogênica, no sentido de ser seletiva quanto às entidades vitais às quais vai se agregar. Nesse movimento, em vez de ter que ser acumulada ao ponto em que começa a trabalhar na desestruturação dos indivíduos invasores (atacando-os de forma direta) e, possivelmente, do ambiente em que eles estejam alojados, mostrará tropismo espontâneo pelas membranas do indivíduo invadido. Sendo espontâneo, esse tropismo não dependerá de altas concentrações, permitindo assim um suave trabalho de transformação das condições ambientais internas.

Essa pode parecer uma inferência por demais simplista para ter algum foro de verdade. E é uma concepção simples mesmo. Mas é graças a esse nível de compreensão que podemos entender por que determinada substância pode ser curativa em um contexto e, em outro, tóxica ao sistema. Para nós, para que isso ocorra, basta por exemplo que se separe o fator irritante de seu antídoto. A adequação das concentrações parece igualmente obter efeitos assim, tornando a substância potencialmente ou não agressiva ao indivíduo tratado. Porém, *qualquer medicamento, em qualquer dosagem, é estressante para o sistema*. O que diferencia a fitoterapia é que o estressamento ligado à presença da atividade tóxica do medicamento ocorre em níveis tão baixos, e tão lentamente, que as reações são sempre mais administráveis. E, como vimos, a simples atividade de se alimentar produz no organismo efeitos muito

semelhantes. Daí que não há de fato negociação: todo medicamento incomoda, portanto, o melhor negócio é não precisar dele!

## ÓLEOS ESSENCIAIS

Fazem parte de uma categoria de substâncias voláteis principalmente por serem altamente instáveis quimicamente, e por isso mesmo portadores de pacotes luminosos voltados às atividades de comunicação. Dada a sua instabilidade (são moléculas de baixo peso enriquecidas por radicais fracamente interligados ao núcleo central, mais estável), os óleos essenciais são facilmente percebidos e agregados pelos indivíduos pertencentes a reinos pareados na cadeia energética, o que os torna excelentes “mensageiros”.

Em razão dessas características, podem atrair ou repelir outros sistemas vitais, comunicando a maior ou menor disponibilidade biológica do ser que os libera. Internamente, podem ser compreendidos como portadores de códigos excitantes, trabalhando no “aquecimento” dos sistemas que os agregam. Diferentemente dos alcaloides, mais afetos ao fígado, mostram uma fantástica elasticidade trófica, podendo impregnar vários subsistemas e, por isso mesmo, ser metabolizados em diversos órgãos e vísceras.

Esse *pool* de características torna os óleos essenciais poderosamente curativos, incluindo em seu universo de influência os processos psicomentais. Como já comentado, essa é uma qualidade um tanto rara quando consideramos apenas substâncias *in natura*, dada a complexidade metabólica que envolve essa categoria de aco-metimentos. Por isso, na fitoterapia popular, temos muito poucos métodos de extração e utilização de óleos essenciais purificados — principalmente se estivermos à procura de métodos que sejam claramente explicados, e que não estejam dissimulados entre os procedimentos classificados como mágicos. Na medicina tradicional, a manipulação que explora com eficiência essa dimensão de atividade dos princípios ativos também não é muito divulgada, pois pressupõe





pacotes de energia de alto padrão vibratório, difíceis de equilibrar. Portanto, para produzir um medicamento viável (seguro e efetivo), é preciso estabilizar ou dinamizar o substrato fitoterápico, tornando-o disponível. E, depois disso, é necessário conhecer suficientemente sua farmacodinâmica para ministrá-lo em doses adequadas. Como aqui a dose tóxica é muito próxima da dose medicamentosa, não existindo dose nutricional, essa é uma reunião de habilidades que tende a se tornar rara.

Ao contrário do que vemos hoje, em tempo nenhum o uso medicamentoso dos óleos essenciais foi disseminado entre a maioria dos grupos humanos, mesmo estes atribuindo aos aromas um grande valor no universo da fitoterapia. Apesar de se apresentarem tão difíceis de usar, devido ao seu alto poder resolutivo, os óleos essenciais integram um capítulo à parte no conhecimento da atividade das ervas medicinais, dado que foram, e ainda são, grandes apoiadores em praticamente todos os momentos de angústia na história da humanidade.

## MUCILAGENS

São açúcares de grande peso molecular, não muito metabolizáveis para a maioria dos organismos nem muito reativos de forma geral. Entretanto, exibem uma qualidade especial entre as substâncias biologicamente ativas: uma grande capacidade de se associar à água. Nessa associação, as mucilagens estabilizam-se em uma consistência gelatinosa, o que as coloca em permanente disponibilidade para serem assimiladas pelos tecidos mais hidromórficos. São substâncias que adquirem uma importância crucial para nós na medida em que, no entendimento da medicina tradicional, o metabolismo da água é um fator capital para todo ser vivente.

Já comentamos sobre a água quando abordamos sua especificidade em termos de elasticidade vibratória. Ficou esclarecido o seu grande valor como solvente universal, e sobretudo ficou evidenciada sua capacidade de “copiar” e fixar padrões de luz coerentes. Em razão



disso, a água acaba sendo capaz de expandir a superfície de contato do princípio ativo de determinada substância, o que a torna não apenas um solvente, mas também uma substância que pode assumir muitos papéis biológicos. Nenhum movimento de vitalidade seria possível se a água não impregnasse todo o sistema, deslocando-se continuamente entre as camadas de membranas e por outras vias de condução (por exemplo, o sistema linfático). Sendo assim, não apenas dependemos do nosso teor de água para tornar nossos subsistemas comunicantes como devemos à sua habilidade de estabilizar e expandir luz nossa capacidade de realizar a maioria das transformações necessárias à condução dessa mesma luz por nosso sistema. Ou seja, *sem água em movimento, não há metabolismo* e, por conseguinte, não há vida. Por isso, a medicina tradicional trata como diretamente proporcional à qualidade da nossa saúde a qualidade da água que mantemos no corpo. E, como não poderia deixar de ser, considerá-la uma portadora de luz por excelência fecha um poderoso circuito entre água, luz, movimento e vida.

Por sua característica hidrotrófica, as mucilagens adquirem um valor extraordinário como agentes biológicos que podem nutrir o sistema de padrões de luz excitatórios e condutores de água pelo organismo. Com essa única atividade, as mucilagens garantem o metabolismo como um todo, propiciando melhor digestão, reposição de nutrientes, hidratação dos tecidos, condução dos excretos, oxigenação celular etc. Entretanto, é preciso ressaltar que o seu extenso leque de atividades está ligado à água, e não aos seus atributos químicos isolados. Sem a associação com a água, a mucilagem tende a ser uma substância sem janelas biológicas disponíveis, o que significa dizer que não a aproveitamos diretamente.

## RESINAS

São substâncias molecularmente pesadas, complexas e aparentemente inertes, assumindo funções a depender de com quem estão



associadas quimicamente. Por isso, são boas condutoras de outras substâncias biologicamente ativas (óleos essenciais, por exemplo), tendo seu princípio ativo como uma expressão da atividade dos padrões luminosos que hospedam temporariamente. Assim, as resinas tendem a não assumir características metabólicas definidas, podendo cumprir trabalhos excitatórios ou inibitórios. São menos elásticas em nível vibracional do que a água, mas também podem facilitar a condução dos nutrientes pelo sistema, assim como incorporar um papel importante na regulação das transformações quando se associam com glicosídeos, heterosídeos e heterosídeos esteroideais (facilitando e reforçando as sínteses hormonais).

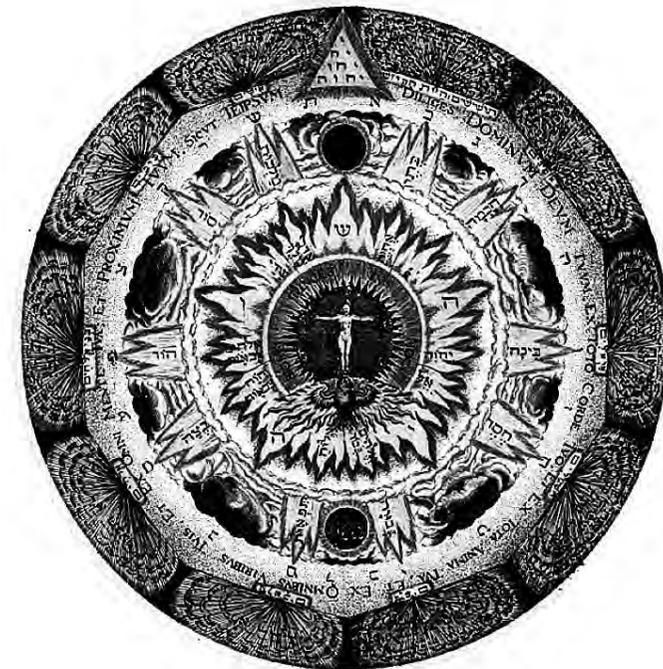
Quando em contato com o ar, as resinas tendem a se solidificar rapidamente, assumindo um aspecto de cola leitosa ou semitransparente. Por isso, são produtos úteis na cicatrização de tecidos, ajudando a isolar o meio interno do meio circundante enquanto ocorre a recomposição dos tecidos.

Outros suportes químicos menos importantes podem ser encontrados nos organismos vegetais (tais como as saponinas, os flavonoides, os fitosteróis e os princípios amargos), mas todos tendem a repetir as funções desses que comentamos, com sutis variações em determinadas fases do processo de condução da luz.



## CAPÍTULO XV

Cinco movimentos e maré energética



**D**iante de tudo o que foi visto, ficou patente que temos dois pontos de vista para abordar a fitoterapia como técnica terapêutica. Um deles, o “científico”, trata essa disciplina em termos do que ocorre em volta do princípio ativo, considerando-a como função dos compostos orgânicos biologicamente ativos. Simples ou complexos, tais compostos são encontrados nas plantas e deverão ser trazidos para fora do organismo vegetal em si para que se obtenham as maiores concentrações possíveis em uma apresentação depurada. Por outro lado, seguindo a mesma lógica de abordagem, essa escola de pensamento também tenta estabelecer uma estratégia clínica baseada na apresentação sintomatológica, fechando suas hipóteses diagnósticas em torno mais disso do que da disfunção deste ou daquele órgão ou parte do organismo. Se o curador tiver condições para tanto, o grupo de sintomas será agregado em uma única imagem diagnóstica, o que irá condicionar toda a estratégia clínica ao relato de uma “doença” e a tudo que se sabe acerca da relação desta com as drogas. A planta, como ser vegetal, passa a ser encarada apenas como veículo do princípio ativo, e não como um agente em sua integralidade.

Esse ponto de vista produz uma relação entre erva e paciente do tipo “sintomatológica”, o que faz muito sentido, uma vez que há uma infinidade de “doenças” relatadas no âmbito da medicina convencional que, em verdade, são sintomas de síndromes mais complexas e abrangentes. Surgem daí aquelas associações diretas que tornam a automedicação uma realidade, pois, do jeito que são colocadas ao público em geral, parece que tomar medicamentos é algo muito simples. Assim a fitoterapia “científica” acaba adquirindo um formato do tipo “tal planta para tal sintoma”, um raciocínio que se tornou tão comum que, para muitos, é a única maneira como ocorre a indicação popular. Contudo, mesmo seguindo um modelo parecido com o da medicina convencional, as indicações populares das plantas nunca são tão simplistas a ponto de indicar uma erva somente para este ou aquele sintoma, mesmo que este seja tão complexo quanto uma “doença”.



O raizeiro, ou mesmo a pessoa do povo que busca uma erva popularmente relatada como boa para resolver isto ou aquilo, sempre procura um medicamento para uma “situação” já estabelecida. Essa situação, quando analisada criteriosamente, mostra-se um quadro clínico complexo e multidimensional, englobando inclusive uma sintomatologia que vem desde as camadas psíquicas até as somáticas, passando por elementos existenciais e socioculturais. Daí encontramos, frequentemente associada à indicação terapêutica da planta, uma série de referências estranhas que tentam sistematizar as atividades “mágicas” daquela erva.

Mas é claro que tais referências mágicas não cabem em uma descrição que se pretenda “científica”. Daí que, como a dor do homem é muito mais antiga que sua necessidade de domínio sobre a natureza, e como o uso medicinal das plantas é uma resposta tão antiga quanto as dores que ele procura atender, de fato é a cultura popular que introduz e mantém viva a segunda maneira de ver a fitoterapia: a empírica e tradicional. Esta se diferencia da fitoterapia científica por ser menos mecânica, mais orgânica e eminentemente pessoal. Caracteriza-se também por levar o paciente a se relacionar com a planta *in vivo*, aproveitando seus “poderes” para a cura tanto do corpo quanto do espírito. Observe-se que uma relação *in vivo* pressupõe o uso da planta recém-colhida ou, o que é muito mais impressionante, o uso da planta como uma entidade que se torna curativa simplesmente estando “presente” nos espaços ocupados pelas pessoas.

Isso significa que, mesmo não alcançando um grau de metodologia e sistematização tão elevado, que possa ser reconhecido academicamente, tal qual o que é encontrado em todas as técnicas que dão suporte à medicina convencional, a fitoterapia preconizada pela sabedoria popular aborda o potencial medicamentoso das plantas de forma muito mais completa. Abre um leque de indicações terapêuticas bastante mais abrangente, e usufrui de um surpreendente entendimento sindrômico do processo do paciente. Sendo assim, é claro que a maneira de ministrar os medicamentos também se torna



diferenciada em relação às técnicas de posologia convencionais, valorizando processos de manipulação e apresentação dos princípios ativos que, segundo as crenças e a experiência, tornam o medicamento capaz de se “afinizar” muito mais com a pessoa que com a “doença”.

Na maior parte das culturas, essas “outras maneiras” de tornar disponível o poder de cura das plantas assumem uma conotação de “magia e mistério”. Mas de fato, quando analisados friamente, esses métodos revelam que a atividade da essência medicamentosa será acompanhada por uma série de ritos e práticas que, na maior parte das vezes, têm por única e exclusiva finalidade colocar a pessoa em um estado mental favorável à ação do medicamento. Como atualmente já se sabe que a aderência do paciente ao tratamento é de fundamental importância para o processo de cura, é muito interessante, sob quaisquer pontos de vista, possuir recursos que tanto forneçam um ambiente onde os fenômenos de autocura estão facilitados quanto criem uma sintonia mental e orgânica com os poderes fundamentais da natureza. Com base nisso, e em todo o envolvimento psicossocial presente na experiência de tomar um medicamento, vê-se que o uso popular das plantas sabe contar com todos os elementos ativos que estão ali reunidos e que se acredita regerem a vivência de adoecimento e cura. Sem entrar nos infundáveis e improdutivos questionamentos quanto ao valor real dessa maneira de ver a medicina, o que importa perceber é que tal metodologia vem dando certo para a maior parte da humanidade desde sempre. E isso estabelece uma prova clínica irrefutável, mesmo que os mecanismos intrínsecos a tais processos não estejam ainda mais claros que aqueles que se referem às reações frutos da aplicação dos estímulos “placebo”.

Portanto, principalmente para quem não se sente comprometido com o determinismo mecanicista da abordagem dita “científica”, a necessidade da comprovação laboratorial sem dúvida fica em segundo plano. Valoriza-se por consequência a comprovada capacidade desta ou daquela planta de resolver a situação de adoecimento do paciente, não importando se toda uma “encenação” tenha que ser



montada para que os aspectos psicoemocionais encontrem um lugar nesse tratamento. Contudo, é também inegável que, para todo profissional comprometido eticamente com sua atuação, dinâmicas como essa deixam uma lacuna incomodativa no que se refere ao não entendimento do que está acontecendo com as pessoas assim medicadas. Utilizar-se de técnicas e procedimentos pouco claros deixa muita margem para que o casual e o episódico substituam a consistência da melhor técnica, o que certamente não é aceitável quando se considera que é a saúde das pessoas que está em pauta. Sendo assim, e para a observância dessa melhor técnica, é muito bom saber que nem todas as culturas ancestrais valorizaram os atributos “mágicos” da mesma forma, nem sempre praticando os cantos, as danças e os rituais considerados mais pertinentes. Há aquelas que, amadurecendo segundo posturas diferenciadas das culturas indígenas ocidentais, tornaram-se metafísicas, mas não esotéricas ou teosóficas, vendo os amplos atributos curativos de uma erva mais como manifestações de fenômenos naturais que como eventos de origem “divina”, ou de dimensões outras que não esta onde habitamos.

Apesar dessas diferenças, um observador mais atento percebe que as ideias e os fatos que dão suporte a todas essas tradições são as mesmas em essência. E, ainda que variando profundamente os elementos simbólicos utilizados, o que estabelece a diferença entre um discurso e outro é o nível de sistematização que está por trás desses símbolos. A sistematização reflete de imediato seu valor na apresentação de um modelo funcional biológico que seria uma microexpressão da funcionalidade global que envolve o ser vivente. Contudo, entre todas as culturas às quais tivemos acesso, nenhuma se apresentou mais madura quanto a isso e às técnicas e práticas que envolvem a medicina de alta energia do que a cultura oriental. Por isso mesmo, essa fonte é muito utilizada como ponto de partida para a elucidação dos aspectos mais herméticos de tudo que textos como este propõem, o que nos obriga a ceder ao convite e trabalhar para acessá-la também. É dessa cultura que podemos retirar uma abordagem que explica a



funcionalidade orgânica de forma que esta corresponda ao que construímos até aqui em termos de fitoterapia energética. Produziremos então um contexto ideológico em que tanto a terapêutica quanto a relação médico-paciente sejam mais humanas, mas não menos consistentes no entendimento da fenomenologia envolvida e na depuração das técnicas medicamentosas.

Porém, em razão de a metodologia oriental implicar um entendimento da fisiologia humana extremamente diferenciado em relação ao que é pregado pelo conhecimento ocidental convencional, e para usufruirmos tudo que essa escola pode nos ensinar no que tange ao uso das ferramentas terapêuticas, temos que entender os conceitos fundamentais que regem o pensamento dos antigos orientais. E felizmente já estamos um tanto adiantados nisso, pois demos um primeiro passo muito importante quando introduzimos as concepções que explicaram o fenômeno do princípio ativo de um ponto de vista vibracional. Comparando as duas propostas, fica claro que o conceito de realidade vibracional permeando toda a manifestação criativa deste universo, que foi aqui apresentada primeiro como uma proposta da cultura xamânica, não por acaso, repete-se nos fundamentos sobre os quais se apoia a filosofia oriental. Portanto, se pudermos transferir tudo que já foi postulado em relação à teoria geral dos sistemas interagentes para um modelo explicativo focado no aparato orgânico descrito à moda do Oriente, teremos cumprido a maior parte do caminho para reunir o que sabemos com a maneira como o oriental pensa e aplica sua fitoterapêutica, inclusive no que se refere à metodologia de manipulação e apronte das substâncias para que tenham sua atividade medicamentosa otimizada.

Resta-nos somente aceitar definitivamente uma imagem onde a realidade se manifesta e organiza segundo fenômenos vibracionais, o que implica aceitar também que a matéria vibra, se agita e se transforma segundo padrões de interação inteligentes, e que pode se tornar sensível às transformações do meio além de adequar seu *status* funcional conforme essa leitura. Se pudermos fazer isso, tornaremos



implícita em nosso mundo ideológico uma lógica de organização baseada em *ciclotímias alternantes*. Mas, para explicarmos isso de maneira objetiva, vamos considerar como exemplo apenas o universo orgânico humano (que é uma manifestação “micro” em relação à gigantesca dimensão do todo), sem esquecer que os fenômenos considerados aqui, na verdade, são universais.

A filosofia oriental mais ancestral ensina que *o metabolismo de todas as coisas vivas é organizado em uma sucessão de pequenos ciclos inclusos em ciclos muito maiores*. E a consequência mais imediata disso, embora a princípio todos esses ciclos possam ser igualmente representados pelo grande ciclo universal (muitas vezes descrito como o “respirar de Brahmam”, conforme está no *Livro dos Vedas*, uma obra fundamental da cultura hindu), é que, para sentir o ritmo imposto às transformações sofridas pela luz dentro do organismo, é preciso ver a ciclotímia como uma sucessão de atividades que se desenvolvem para movimentar a vitalidade em pequenas porções de cada vez. Cada ciclo faz avançar um tanto de luz na espiral frequencial e, como estamos visualizando isso por meio da imagem da respiração, é preciso manter claro, após estudar um pouco o fenômeno que chamamos vitalidade, que “respirar” pode significar muita coisa. Porém, já que muito do que temos a compreender acerca de como e por que uma planta se torna ativa como medicamento refere-se justamente ao que abrange esse significado, por enquanto vamos dar um pequeno passo de cada vez. Vamos começar atentando para o fato de que o metabolismo é uma sucessão cíclica de movimentos de expansão e contração dos padrões luminosos, estando ou não tais padrões implicados no ato de respirar fisiologicamente.

Também sobre isso fala Jamal Yalassúria, um grande médico e professor que, pela maior parte de sua vida, dirigiu um hospital público focado na prática da medicina tradicional no Sri Lanka, e que de vez em quando andava pelo mundo ensinando a sedentos doutores ocidentais a arte de curar: “o homem, assim como toda a criação, se expande e se contrai. Respirando, faz conduzir a vitalidade pelo



corpo seguindo a transformação dos fluidos vitais de uma forma perfeitamente equilibrada e ciclicamente estável”.

Isso significa que o que vemos no universo, vemos nas criaturas geradas pelo universo. Tudo se expande e se contrai ciclicamente, respirando e mantendo o movimento fundamental. Isso pode ser percebido em todos os cantos, mas é dentro da unidade temporal de uma incursão respiratória (inspiração, latência, expiração) que o podemos ver melhor. De certa forma, juntando as ideias fundamentais que foram propostas aqui, já era possível imaginar que em algum momento aproximaríamos a concepção do princípio ativo dos fenômenos orgânicos que garantem a vida dentro do nosso sistema. Todos esses fenômenos luminosos vibracionais estão, em última análise, focados na expansão do campo de influência dos sistemas que os geram. Portanto, é lógico conceber que os seres se comunicam por meio de uma quantidade de recursos que, quando reunidos, podem ser encarados como um único atributo: um princípio ativo que pode se transferir de um organismo ao outro, materializando um fenômeno que poderíamos entender como um exemplo de comunicação vital.

Os pulmões e a pele são os órgãos mais “externos” que possuímos. Estão voltados para fora, portanto, em uma posição privilegiada para receber em primeira mão todo e qualquer estímulo. Como concebemos um estímulo como algo capaz de introduzir um “texto”, uma mensagem funcional pode levar o organismo a se tornar mais “aquecedor” (fomentando as funções de troca e transformação) ou “acumulativo” (fomentando a reposição e o desenvolvimento das estruturas) conforme esse texto imprime, no sistema, um ritmo respiratório mais ou menos acelerado do que havia antes.

Se considerarmos que, mesmo não recebendo estímulo externo algum, o próprio sistema realiza alternadamente esses movimentos (acumulação/aquecimento, contração/expansão), identificaremos aí um terreno orgânico onde se desenvolve continuamente uma ciclotímia autopromovida e autorregulada — uma atividade respiratória



na qual o aquecimento corresponde à inspiração-expansão e a acumulação corresponde à expiração-contração. Isto é, *os movimentos de aquecimento e acumulação são uma realidade inerente à economia metabólica*, não dependendo de estímulos para ocorrer. Isso traz à tona uma realidade profunda, onde o sistema vivo “gosta” de se comunicar em padrões vibratórios cuja ciclotimia seja semelhante à dele próprio. Isso foi inclusive sugerido quando explicamos que, na realidade vibratória em que vivemos, terão melhor comunicação os sistemas que souberem vibrar em frequências ressonantes ou complementares. Pois quem define essas ressonâncias são os ciclos alternantes de um e de outro sistema em comunicação. E atuarão melhor no metabolismo aqueles princípios ativos que ressoarem harmonicamente com a ciclotimia em processo no sistema quando do aporte do medicamento.

Há em tese duas possibilidades para a ciclotimia: ela será função ou do ritmo de trânsito dos pacotes de luz que estejam circulando pelo organismo, ou de um pacote de estímulos que estejam produzindo um estado alterado naquele ritmo considerado “fisiológico”. É claro que essa segunda hipótese se refere ao que chamamos “adocimento”. O que estamos dizendo é que há o princípio ativo que irá se relacionar melhor com você quando você estiver em seu padrão vibracional fisiológico, comportando-se, por exemplo, como um alimento; e há uma outra família de princípios ativos que se relacionarão melhor com você quando você estiver fora de seu estado fisiológico básico, comportando-se então como medicamentos. É isso que a homeopatia ensina ao demonstrar que toda substância pode se tornar curativa justamente para aqueles padrões de adoecimento que surgem quando a ingerimos saudáveis.

Dito de outra forma, uma planta pode se tornar o único remédio viável para um sintoma que aparece quando a ingerimos sem estar doentes. Isso só é assim porque o seu princípio ativo consegue se relacionar com o nosso por ressonância ou complementaridade. Se nos nutrirmos de alimentos compatíveis frequencialmente, não desen-



volveremos sintomas, porque nosso sistema é capaz de se adequar vibratoriamente àqueles princípios ativos ingeridos. Mas, se consumirmos alimentos cujo princípio ativo é próximo, mas não harmônico, então desenvolveremos sintomas. Contudo, graças ao fato de os organismos se relacionarem por valores frequenciais ressonantes, esses sintomas poderão ser resolvidos por uma apresentação homeopática desses mesmos alimentos. A orientalidade propõe que essa cura pode ser efetivada pelos seguintes mecanismos:

- nutrição dos padrões vibracionais que estão sendo distorcidos no sistema e, portanto, permitindo a perda de coerência metabólica;
- nutrição dos códigos luminosos que deveriam estar controlando outros que, por vários motivos, não podem mais ser controlados de modo adequado e estão se tornando excessivamente prevalentes, o que também perturba a coerência metabólica;
- inibição direta do código luminoso prevalente citado na segunda possibilidade. Porém, esta não seria a melhor técnica, uma vez que tenta uma linha de interferência baseada em diminuir a vitalidade de alguma coisa em um sistema que luta por ser vital. Assim, ou você enfrenta a resistência do sistema em mudar nessa direção ou, o que é pior, não consegue dosar com perfeição a intensidade do estímulo inibidor, o que sem dúvida vai custar algum outro esforço por parte do organismo. Infelizmente, ainda assim, esse raciocínio é muito utilizado por resultar em uma linha de atuação direta e simples.

Apesar de instintivos e básicos, esses três princípios regulam toda a estratégia clínica desenvolvida pela medicina oriental. E não são determinantes somente dos recursos fitoterápicos que serão escolhidos, embora tais recursos sejam talvez o tipo de estímulo mais valorizado nessa escola de pensamento. Então, pode-se inferir que a dinâmica de desenvolvimento da ciclotimia metabólica é um foco



de interesse permanente para quem quer prescrever o medicamento adequado. Principalmente quando se está em um processo terapêutico mais amplo, pois é nas respostas obtidas nesse nível que se perceberá o sucesso ou o fracasso do que se está praticando em termos de intervenção. É claro que, para fazer uma boa avaliação disso, há de se ter em mente um esquema de interações que demonstre, pelo menos de maneira aproximada, o que se espera encontrar quando estamos visualizando a atividade desta ou daquela víscera, neste ou naquele momento. Isto é, para verificarmos a qualidade das respostas do paciente a um estímulo medicamentoso, necessitamos de um “referencial de normalidade”.

Na tradicional medicina oriental, várias teorias foram desenvolvidas para atender essa necessidade, mas apenas duas são de nosso interesse: a Teoria dos Cinco Movimentos e a Teoria da Maré Energética. À parte a metodologia diagnóstica, que procura perceber os valores metabólicos do corpo via sinais colhidos nos campos reflexológicos (o que permite uma leitura instantânea da atividade metabólica), o que se obtém com essas duas teorias é um discurso fisiológico de natureza eminentemente funcional. Esse discurso inclusive poderia ser descrito como uma abordagem energética da realidade orgânica que pretende dar uma visão vibracional da maneira como os subsistemas se relacionam entre si. Está claro que, devido à antiguidade dessas ideias e à evolução da fisiologia organicista acadêmica, muitas dessas elaborações foram abandonadas há séculos pela medicina clínica convencional, criando uma distância sensível entre uma escola de pensamento e outra. Entretanto, na prática médica cotidiana, nenhuma das postulações ancestrais se mostrou absurda ou inconsistente até hoje, vindo a servir desde sempre como poderosas ferramentas de raciocínio tanto para a compreensão dos processos de adoecimento e reação do paciente quanto para a estruturação de uma estratégia de intervenção lúcida e coerente com os ritmos e movimentos do sistema em si.



## OS CINCO MOVIMENTOS

Portanto, continua valendo a pena estudar essas imagens antigas, sendo a primeira ideia importante a de que existe uma *hierarquia metabólica* entre os órgãos e as vísceras. A hierarquia não é pensada em termos de uma “importância relativa” inerente a cada um, mas idealizada para expressar a forma e a qualidade que regem este ou aquele plexo na sua atividade de transformação da vitalidade. Esse conceito cria muito mais uma “ordem” e uma “sequência” de transformação dos pacotes energéticos do que qualquer outra coisa, sendo útil para começarmos a entender de que maneira a erva estimula o metabolismo e auxilia a cura. A *ordem* está sintetizada na Teoria dos Cinco Movimentos, ao passo que a *sequência* está mais bem demonstrada na Teoria da Maré Energética.

A Teoria dos Cinco Movimentos propõe que nosso organismo está dividido funcionalmente em plexos metabólicos. Um “plexo metabólico” compreende um mecanismo complexo formado pela união das presenças funcionais e estruturais de um órgão com os canais por onde circula a vitalidade inerente a ele. De acordo com essa teoria, ocorre a reunião das atividades de um órgão e uma víscera num mesmo plexo, o que torna este um sistema de organização ainda mais rico de implicações. Os “plexos” estão interligados por um fluxo contínuo de influências, organizado segundo dois padrões de interação: o padrão relativo à “criação”, que expressa de que maneira cada plexo cria as condições para que o próximo na cadeia hierárquica possa se manifestar, correspondendo portanto a um padrão de aquecimento-expansão, e o padrão de “controle ou dominância”, que expressa a maneira como cada plexo se relaciona com o controle que um outro exerce sobre ele, regulando a intensidade da sua funcionalidade. Esse é, portanto, um padrão de acumulação-contracção. Isso quer dizer que, segundo a Teoria dos Cinco Movimentos, o metabolismo envolve cinco pares de órgãos e vísceras que se relacionam de tal forma que um par fomenta a atividade de um segundo, ao mesmo tempo que controla a atividade de um terceiro.



A simplicidade desse modelo é notória, e se mostrará rapidamente no exercício de sua utilização prática. Ele pode ser mais bem visualizado e compreendido no seguinte esquema:

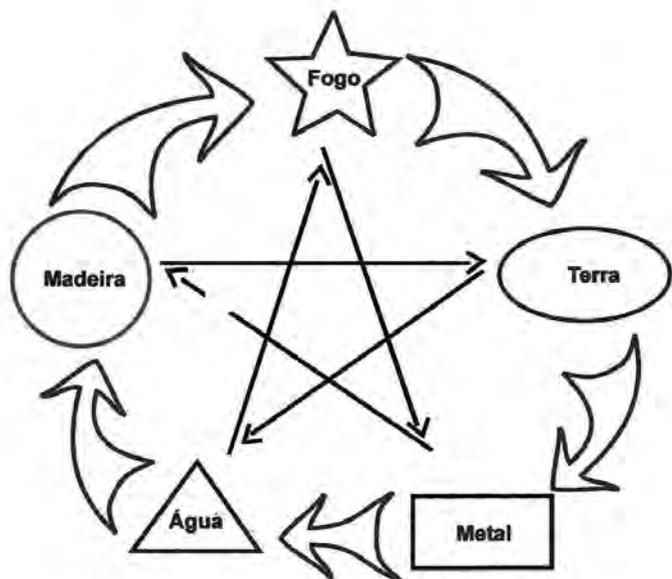


Figura 14 — Cinco movimentos

Então, para identificar o que é necessário em termos de estímulo terapêutico fitoterápico, neste nosso caso, temos de perceber de qual forma essa “ordem” está afetada. Em outras palavras, considerando que essa sequência é a imagem dinâmica do metabolismo em equilíbrio, o que temos de fazer para tratar nosso paciente é definir em qual ponto os ciclos de criação e dominação foram perturbados ou quebrados. Com base nisso, e conhecendo a atividade das ervas, poderemos ministrar esta ou aquela de modo que o seu princípio ativo atue e ajude o organismo a realinhar a relação entre os plexos segundo um daqueles três mecanismos: por reforço do que está fraco,

por controle do que está em excesso ou por reforço daquele que controla o que está em excesso.

Isso seria equivalente a realizar a hipótese diagnóstica da medicina convencional, só que nos termos próprios à medicina tradicional, o que pode ser conseguido de maneiras diferentes: pela colheita dos dados propedêuticos, pela colheita da história em anamnese e/ou pela colheita e avaliação dos sinais reflexológicos. É claro que fazer um diagnóstico desse nível exige um tipo específico de conhecimento. Contudo, para ter efeito prático em terapias tão democraticamente praticadas quanto a fitoterápica, a indicação tradicional da atividade das plantas é atualmente tão completa que podemos até prescindir de estudos como esse. Hoje em dia, para utilizar as ervas e os princípios já colecionados na farmacopeia, basta relacionar os dados propedêuticos do paciente (colecção dos sinais vitais e sintomas) com o *screen* das plantas (lista de substâncias biologicamente ativas encontradas em determinado organismo vegetal, mineral ou animal, bem como a descrição das suas atividades) que já será possível realizar uma boa indicação terapêutica. Com isso, a associação entre doença e medicamento revela-se muito mais simples, embora as dificuldades do bom curador não terminem aí, pois, para exercer a melhor medicina, há que se relacionar o medicamento à pessoa que o vai tomar. Para um melhor entendimento de como isso acontece na prática, vejamos um exemplo simples:

*Quadro clínico:* o paciente apresenta disúria (dificuldade para urinar), edema localizado principalmente nos membros inferiores, adinamia (sente cansaço desmotivado) e tendência à hipertensão arterial.

*Hipótese diagnóstica:* enfraquecimento dos códigos que regulam a atividade renal, causando a prevalência do padrão acumulação-contracção nesse plexo (em outras palavras, está ocorrendo diminuição da atividade renal).

*Estratégia terapêutica:* fomentar o padrão de aquecimento no plexo renal de forma que este aumente a função dos rins. Ao mesmo tempo,





inibir a prevalência do padrão de acumulação renal, estimulando a atividade do seu plexo controlador (estômago e baço-pâncreas).

*Indicação:* chá do caroço do fruto do abacateiro (*Persea gratissima*), que fomenta o padrão de aquecimento dos rins; e chá da folha do jambolão (*Syzygium jambolana*), que fomenta a atividade do complexo baço-pâncreas para que este controle o padrão de acumulação em excesso nos rins.

Algumas coisas são importantes de perceber nesse exemplo. Primeiro, veja-se com cuidado a estratégia de montagem do raciocínio, que usa elementos puramente funcionais para identificar o que está acontecendo e o que precisa ser feito, focando a disfunção e não o agente patógeno (foca a pessoa). Observe-se que em momento algum se necessitou responder à pergunta óbvia acerca da causa do descontrole dos padrões funcionais renais, embora isso não possa ficar sem ser verificado dentro da rotina terapêutica. E isso pode ser feito tão diretamente porque se acredita que o princípio ativo da erva imperial — o abacateiro — é inteligente, ou seja, “sabe” o que fazer melhor que qualquer terapeuta. Se for uma boa indicação, essa erva não irá desempenhar um papel somente em relação ao principal sintoma relatado, retenção urinária, causando uma mera diurese. Antes, irá *introduzir no próprio rim um código excitante que irá fomentar todas as suas funções*, o que significa estimular o padrão de aquecimento desse plexo, enquanto já inibindo um tanto seus códigos de acumulação. Estes últimos, segundo nossa hipótese, estão em excesso e por isso precisam ser paralelamente controlados.

Isso implica que a erva indicada terá que ter a capacidade de movimentar a atividade dos rins, além de exercer toda uma atividade de controle nos plexos anexos (como veremos adiante, a atividade renal é muito mais extensa do que o imaginado pela fisiologia convencional). Considerando aquele diagrama dos cinco movimentos e a sua clara proposta de interligação de todos os subsistemas, com o tempo, essas atividades acabarão por envolver todo o organismo, e



isso implicará a resolução das causas que levaram ao problema. Mais uma vez, fica claro que o modelo não depende de localizar o que gerou a disfunção para começar a agir, embora obviamente a investigação médica deva prosseguir até que esse dado esteja esclarecido, sob pena de o paciente não se afastar daquilo que o está agredindo.

O segundo elemento importante está no direcionamento da estratégia terapêutica. Aqui é vital enxergar que toda a intervenção foi direcionada no sentido de fomentar as atividades, não se cogitando suprimir isso ou aquilo para obter o mesmo efeito. Observando o esquema, pode-se inferir que outra estratégia seria inibir a atividade do complexo fígado-vesícula, para diminuir indiretamente o padrão de acumulação nos rins. E isso até que poderia ser feito. Mas, como foi comentado, não seria a melhor técnica por tentar implementar, em um sistema essencialmente vital, um programa inibidor de uma atividade. Por ser extremamente cooperativo, o organismo até certo ponto atenderia também a uma solicitação desse tipo, mas isso nunca ocorreria sem um custo expressivo.

Em terceiro lugar, há de se perceber que foi eleita uma planta de ação direta, que seria classificada como “erva imperial” dentro da técnica de formulação magistral oriental, e uma outra, embora pudesse ser mais de uma, de ação indireta, que seria classificada como “erva ministerial” ou “popular”, dentro da mesma técnica.

É claro que estudaremos com mais detalhe essa metodologia de tratamento, que, dentro da fitoterapia tradicional, organiza a atividade medicamentosa das ervas associadas numa mesma prescrição por categorias baseadas nas atividades, o que deixará essa linha de raciocínio mais bem fundamentada. Por ora, o importante é sentir, por meio desse exemplo, que toda aquela teoria que expus não fica apenas no reino das elucubrações inteligentes. Muito ao contrário disso, materializa-se numa técnica terapêutica simples e altamente resolutiva, o que significa o alcançar de nosso objetivo.



## A MARÉ ENERGÉTICA

O segundo modelo, a Teoria da Maré Energética, aperfeiçoa a aplicação desse método. Permite estabelecer o melhor momento em que o medicamento deve ser ingerido, bem como a periodicidade ideal a ser observada, estipulando quanto tempo deve ser interposto entre as várias tomadas do medicamento. Em um linguajar ocidental, a Teoria da Maré Energética é uma ferramenta pensada para definir a posologia.

Da mesma forma que para os cinco movimentos, um esquema demonstrativo nos possibilitará ver melhor o que essa teoria propõe. A ideia central é que o padrão de atividades que dão uma determinada forma à vitalidade (que pode ser desdobrado em dois, padrão de aquecimento e padrão de acumulação, correspondendo alternadamente aos momentos de incremento e depressão da funcionalidade dos plexos) se “movimenta” pelo sistema de duas em duas horas. Estabelece, com isso, um efeito de “ondas”, ou períodos, em que se verifica uma maior ou menor atividade de acumulação ou aquecimento nos órgãos e nas vísceras alternadamente. A definição das atividades em si vai depender do tipo de metabolismo que este ou aquele plexo realiza prioritariamente, mas no geral a maré energética trabalha estabelecendo uma sequência precisa na visitação periódica que a vitalidade edita nos órgãos e nas vísceras. O efeito é de onda, aparecendo quando consideramos a curva de ascensão e descendência sucessivas do nível de atividade.

Embora diagramaticamente apareçam como sucessivos, os dois movimentos que compõem a maré energética são simultâneos. E isso é assim porque existe um fator de contraposição na atividade inerente aos órgãos e às vísceras. Ou seja, sempre considerando a interligação entre plexos demonstrada pelo esquema dos cinco movimentos, desenvolvem-se continuamente pelo sistema dois efeitos de onda contrapostos entre si. Eles se relacionam de forma tal que, quando uma delas está no máximo, a outra está em seu mínimo. Seguindo na mesma lógica, podemos verificar que, quando o padrão de aquecimento está deixando



um plexo, sua atividade “queimadora” está diminuindo, ao passo que a “acumulativa” está aumentando, o que implica que, em um plexo complementar, a atividade “queimadora” está aumentando e a “acumulativa” está diminuindo. Isso irá gerar um gráfico no qual se entrelaçam duas curvas senoidais duplas, uma para o aquecimento e outra para a acumulação em cada órgão, o que irá resumir a variação cíclica do nível de atividade nos plexos metabólicos.

❖ O Qi visita cada meridiano por 2h, complementando o circuito em 24h nesta ordem:

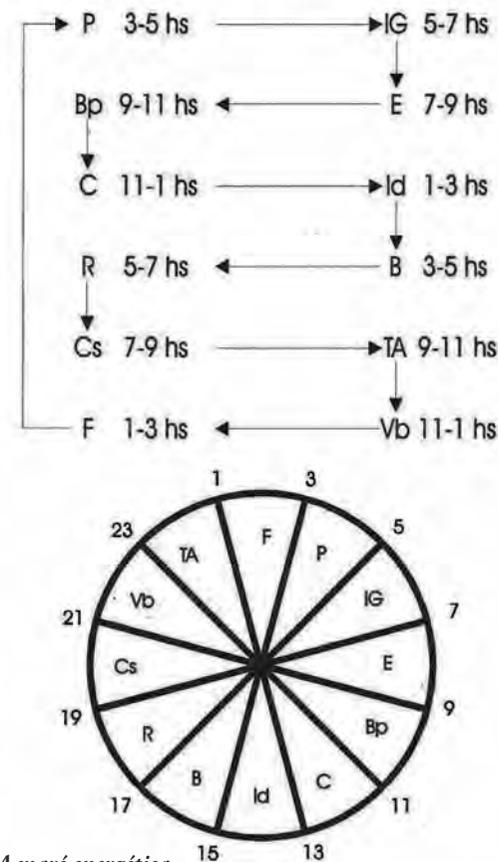
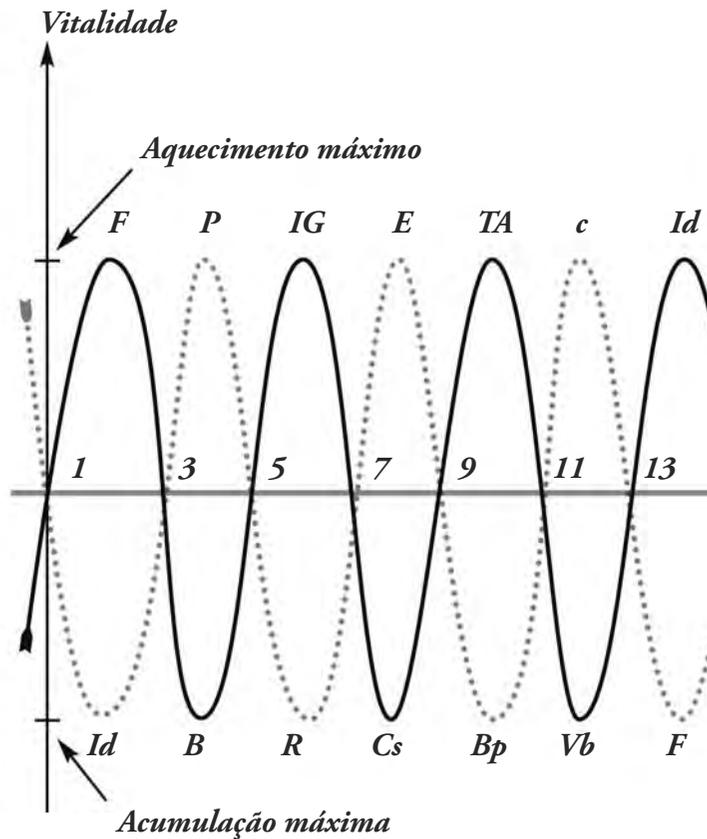


Figura 15 — A maré energética



A teoria é tão madura que permite inclusive a escolha do tipo de metabolismo que queremos ver. Usando os gráficos, podemos focar a atenção nos momentos de atividade máxima ou mínima de cada plexo afetado, expressando a curva qualquer um dos dois movimentos (aquecimento ou acumulação) a cada momento do dia. E isso é de um valor inestimável para quem está com o problema de resolver o que fazer e quando fazer! É claro que, se estamos diante de um quadro clínico no qual entendemos que devemos agir de forma direta, excitante ou ini-



bidora do plexo adoecido, procuraremos localizar os momentos de florescência do aquecimento ou da acumulação naquele plexo, a fim de ministrar o medicamento nos momentos de atividade máxima. Por outro lado, se entendermos que a melhor abordagem é indireta (como naquele exemplo em que excitamos um plexo controlador para obter a inibição da atividade em excesso no plexo adoecido), procuraremos ver na curva de atividades os momentos de menor atividade do plexo adoecido (quando ele poderá ser mais facilmente controlado) e aqueles de maior atividade do plexo controlador (quando ele estará naturalmente propenso a exercer o maior nível de controle, e a ser estimulado a cumprir esse papel). O esquema a seguir torna toda essa atividade de escolha muito direta e simples.

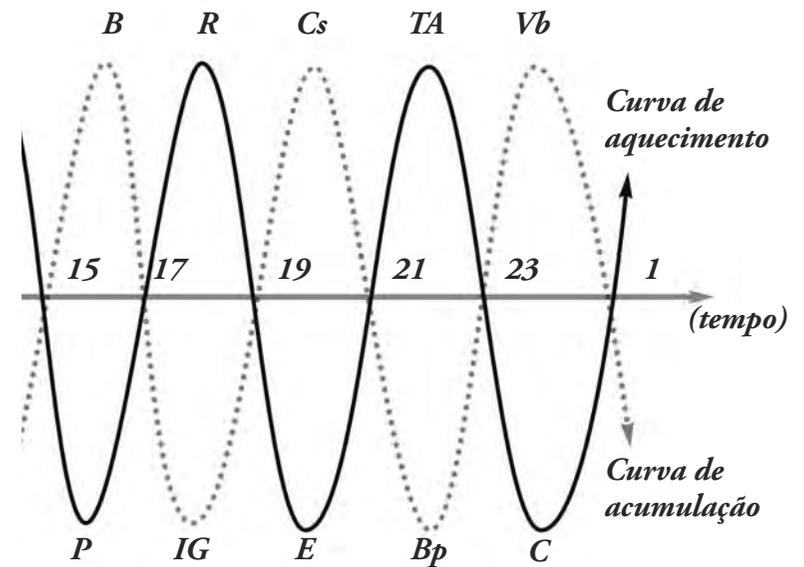


Figura 16 — Ciclos alternantes na maré energética



Unindo os recursos da Teoria dos Cinco Movimentos e da Teoria da Maré Energética, teremos um método de prescrição fitoterápica extremamente equilibrado, no que se refere à relação entre as ervas, e preciso no que diz respeito tanto à eleição desta ou daquela erva, ou grupo de ervas, quanto à maneira como o paciente deve tomar o medicamento para obter os melhores resultados. Melhor ainda, todos os referenciais utilizados aqui para firmar tais parâmetros de tratamento são extraídos do metabolismo do próprio paciente, o que produz uma intervenção terapêutica que permanece subordinada aos ritmos e aos tempos de reação naturais ao organismo. Isso pode ser o que fará a diferença entre o sucesso e o fracasso da terapêutica. Além disso, não dependemos da identificação dos fatores patogênicos para começar a intervir, pelo menos em um primeiro momento (prescindimos dos exames laboratoriais, por exemplo), o que em determinadas circunstâncias pode significar um ganho de tempo precioso no processo de cura do paciente.

Em outras palavras, esse tipo de abordagem, quando praticada em sua melhor técnica, nunca força o sistema em nenhum aspecto. Obtém assim um processo de cura sem efeitos colaterais, no tempo adequado para que todos os eventos relativos àquela experiência possam ocorrer, alcançando, conseqüentemente, resultados muito mais consistentes no que se refere a prevenir recidivas do mesmo mal. Lembra-se do efeito “vacina”? Pois é ele que garante que ocorra o “aprendizado” das estratégias utilizadas pelos patógenos para atacar o organismo, tornando-o forte e apto a bloquear tais ataques. É preciso assinalar que esses ganhos são reais e independentes da natureza dos fatores patogênicos, estando aqui obviamente valorizados não apenas os patógenos endógenos (fatores internos), mas também os patógenos exógenos (fatores externos).



## CAPÍTULO XVI

Fisiologia dos órgãos e das vísceras



**A**inda que esses dois modelos tenham sido compreendidos em essência, é possível que, para aquele observador atento, um detalhe não tenha escapado. Para aplicá-los, foi preciso reconhecer, antes de tudo, que, no exemplo citado, o problema ocorria nos rins, e que havia uma relação importante de controle entre o complexo do baço-pâncreas e a atividade cumulativa do plexo renal (no caso, a ação controladora é relativa ao pâncreas, dado que, nos cinco movimentos, há uma relação cruzada entre órgãos e vísceras, o que será mais bem explicado adiante, no estudo da fisiologia energética). De onde vieram essas informações, se de forma alguma a fisiologia convencional relata tais interações?

Vieram do conhecimento ancestral da fisiologia energética dos órgãos e das vísceras. Isso significa que as teorias utilizadas aqui como base do raciocínio clínico da medicina ancestral fundamentam-se, na verdade, em um universo muito mais amplo de conhecimento acerca da funcionalidade do sistema vital. E posso garantir que esse conhecimento é extremamente pertinente e necessário. Contudo, a coletânea de tradições descrita como “fisiologia energética” implica um nível de entendimento da funcionalidade orgânica tão completo e vasto que foge do alcance deste trabalho. Ainda assim, como já se fez patente, há de se deter o mínimo de conhecimento dessa fisiologia para utilizar a técnica fitoterápica segundo essa escola tradicional de pensamento, o que nos obriga a pelo menos uma “visita rápida” a esses assuntos.

Se estivéssemos começando este estudo neste ponto, o que seria o caso para aqueles interessados apenas em dominar as técnicas relativas à medicina tradicional, teríamos um longo caminho a percorrer antes de poder falar da fisiologia dos órgãos e das vísceras segundo a escola do pensamento oriental. Contudo, iniciando o entendimento dessa técnica de prescrição a partir de sua realidade vibracional, podemos usufruir do “terreno mental” que conquistamos para entender facilmente que toda a fisiologia energética é, essencialmente, a descrição detalhada de um agrupado de fenômenos vibracionais de comunicação.



Isso implica que, para a orientalidade, a melhor percepção que se pode criar em relação ao metabolismo é que ele representa um fluxo único e complexo de padrões de informação em trânsito permanente pelo corpo. Sendo assim, a ótica é valorizar mais as funções de interação entre os subsistemas que os subsistemas em si, embora as funções intrínsecas a cada um também precisem ser conhecidas, mesmo que consideradas apenas em segunda instância.

Dentro disso, tradicionalmente organiza-se esse estudo em duas direções simultâneas: classificação pelos *três aquecedores* e classificação pelos *cinco órgãos e seis vísceras*. A primeira estratégia de classificação descreve o sistema orgânico como a reunião de três grandes subsistemas tornados intercomunicantes por um complexo de vasos denominado “triplo aquecedor”. Como já comentado, de acordo com a tradição, os vasos que garantem o fluxo da vitalidade entre cada um dos “aquecedores” (subsistema que ocupa um determinado “espaço” dentro do metabolismo global, realizando um número definido de funções), mais a presença física dos órgãos e das vísceras que compõem esses mesmos “aquecedores”, formam um único aparato que tem por finalidade maior receber os influxos vitais exógenos (vindos de fora do ser vivo) e endógenos (vindos dos outros aquecedores e do Eu profundo). Além disso, realizam a transmutação desses símbolos, de modo a torná-los passíveis de nutrir cada um dos plexos em questão. Percebe-se então que existe uma discriminação precisa do que cada “aquecedor” faz, mesmo considerando que o próprio termo “aquecedor” denuncia que tipo de metabolismo esse sistema triplo realiza genericamente.

Como temos estudado, a medicina tradicional vale-se do fato de ser possível, por meio de estímulo, induzir dois tipos de atividade no organismo: a de “aquecimento”, que corresponde ao incremento das funções, e a de “acumulação”, que corresponde ao incremento das estruturas. Mas, para não termos que enfrentar maiores digressões, lembre-se apenas de que, embora haja outros tipos de estímulo, nesta discussão os que se tornaram pertinentes são os relativos ao princípio



ativo das ervas medicinais. Estas foram descritas como um tipo de informação que tem que exibir um padrão de onda sintônico com o sistema tomador, do contrário, não poderão obter dele muita resposta. Então, fica óbvio que tais induções só são possíveis porque esses dois movimentos já existem *in natura* no metabolismo, ocorrendo apenas uma otimização de qualquer um deles quando do aporte dos estímulos. Segundo o que foi exposto no estudo da maré energética, nosso metabolismo pode ser explicado pelo entrelaçamento desses dois tipos de atividade, ficando a cargo da boa relação entre os plexos a manutenção do perfeito sincronismo que deverá ocorrer na alternância de todos os fenômenos menores que compõem cada um. E cabe ao estímulo “cavalgar” uma dessas “ondas” para entrar na dinâmica funcional do sistema de forma produtiva.

Nesses termos, o que consideramos saúde é o perfeito sincronismo entre a florescência do “aquecimento” e a degenerescência da “acumulação” e, na virada do ciclo, a florescência da “acumulação” e a degenerescência do “aquecimento”. Já a doença corresponderá a qualquer situação em que isso não esteja ocorrendo de forma fluente. O importante a perceber é que a funcionalidade dos órgãos está voltada para manifestar essa harmonia, sendo o sistema do triplo aquecedor especialista em promover todas as reações de fomento da funcionalidade que mantêm coerentes as ondas de maré. Posto isso, fica fácil inferir que, quando esse sistema trabalha, e ele trabalha o tempo todo, segundo uma curva de maior ou menor atividade, o organismo se empenha naquelas atividades que significam a sua manifestação como sistema vivo (nutrição, digestão, comunicação, expurgo etc.). Por isso, a tendência de quem pensa o ser vivo como um ser apenas “ativo” (talvez não valorizando a parte do ser “passivo”) é associar o metabolismo com o aquecimento e, por conseguinte, com o triplo aquecedor. Por essa razão, e por outras menores, a maioria das técnicas de estimulação estão voltadas para uma comunicação com esse sistema, embora existam também aquelas específicas para os sistemas de acumulação.



Exercitando a medicina oriental, o que se aprende é que, na medida em que se consegue harmonizar a função de cada um dos aquecedores com o organismo como um todo, o processo de cura de qualquer padrão de desarmonia (doenças em geral) torna-se possível. Assim, ao tratar os *pulmões* e o *coração* e suas estruturas anexas, você está harmonizando o *aquecedor superior*. Quando trata o *figado*, o *estômago*, o *baço* ou o *pâncreas* e suas estruturas anexas, você está harmonizando o *aquecedor mediano*. E finalmente, quando trata os *rins* e as *estruturas urológicas e ginecológicas*, você está harmonizando o *aquecedor inferior*.

Somente essa informação já esclarece muita coisa, mas, como o volume de fatos pertinentes é grande, certamente é mais interessante tomar contato com isso de maneira mais sistemática. Nesse interesse, então, vamos discriminar:

## AQUECEDOR SUPERIOR

Formado basicamente pelo coração e pelos pulmões, coordena todas as funções relativas a cada um desses plexos isoladamente (que estudaremos adiante, por ocasião dos comentários sobre a classificação por órgãos e vísceras) e a recepção dos pacotes luminosos referentes à respiração. Nesse processo, os pulmões obtêm o que entendemos por gás atmosférico, que possui muito mais coisas que o famoso oxigênio, decodificando-o em seus pacotes constituintes: padrões luminosos solares, padrões luminosos emitidos por outros seres vivos, padrões luminosos telúricos, padrões luminosos do espaço profundo etc.

O aquecedor superior também atua na transmutação de padrões psicoemocionais de aquecimento, um atributo claro do coração, que recebe todos os influxos vitais ascendentes pelos canais oriundos dos demais plexos. Esses influxos aportam ao coração a fim de combinar-se entre si, formando um único e complexo código vibracional que é identificador do sistema como indivíduo. Isso garante a integridade do metabolismo, algo importante principalmente em se considerando que este tem que estar coerente para se relacionar de modo harmônico com os padrões



luminosos capturados pela atividade pulmonar. Essa atividade, por ser primeiro cumulativa de nutrientes voláteis e depois distributiva de líquidos orgânicos, realiza uma categoria de transferências encarada como essencialmente “fria”, atuando também na compensação dos possíveis excessos que venham a acometer o coração em razão de sua presença ser semelhante à de um funil energético.

Tudo que produzimos internamente de informação passa pelo coração, o que tende a torná-lo uma verdadeira fornalha em termos de agitação metabólica. Sendo assim, é fundamental que esse órgão tenha como manter o equilíbrio, evitando acumulações excessivas. Os pulmões são quem lhe permite esse equilíbrio, graças à habilidade de transformar movimento-agitação em pacotes de energia ricos do padrão de acumulação e dissipação. Os produtos vitais sintetizados aí serão utilizados pelo organismo na reposição dos desgastes estruturais, na distribuição desse aquecimento para outras regiões do corpo e na descendência de tudo isso para os plexos integrantes dos dois outros aquecedores. Diante disso, fica esclarecido que, enquanto o coração recebe e administra um influxo de vitalidade endógena, os pulmões recebem e administram o influxo de vitalidade exógena. Visto assim, o aquecedor superior em sua totalidade está voltado para, combinando esses dois fluxos vitais, *viabilizar a comunicação do interno com o externo e do superior com o inferior*.

É claro que essa visão poderia ser direcionada para uma centena de aplicações, mas, para termos acesso a um exemplo emblemático, pensemos somente no que se refere aos processos psicoemocionais. Nesse nível, é a atividade desse aquecedor que nos permite, quando saudáveis, a relação psíquica e emocional com o mundo circundante, inclusive as pessoas e, entre elas, nós mesmos. Indo um pouco mais longe, podemos dizer que, enquanto é o coração que lida com nossa produção interna, trabalhando com as reações fruto do processamento de tudo que experimentamos na vida, são os pulmões que lidam com nossas reações diretas às estimulações externas. E todos podemos pelo menos suspeitar as infundáveis implicações disso.



## AQUECEDOR MEDIANO

Dividido entre as influências do aquecedor superior e do inferior, esse é um subsistema reconhecidamente de transição. E por isso existe certa discussão sobre que estruturas de fato o integrariam. Contudo, a maior parte dos autores da ancestralidade concordam que ele seria formado pela interação entre o fígado, o estômago e o complexo do baço-pâncreas (a vesícula também é vista como integrante, mas, como é uma víscera anexa ao fígado, costuma não ser citada na mesma posição hierárquica).

Sendo de transição, esse aquecedor trabalha principalmente unindo o que está no alto com o que está embaixo, garantindo o movimento do que está embaixo para cima (atributo do fígado) e do que está em cima para baixo (atributo do baço-pâncreas). Entretanto, também realiza sínteses essenciais, tais como a desestabilização dos pacotes luminosos que adentram pela via alimentar (atributo do estômago, comandado pelo fígado). Mas é preciso não confundir essa função com a absorção de nutrientes, que se dá, em sua maior parte, nos intestinos. Prepara, assim, os alimentos para liberar seus nutrientes para que sejam absorvidos pelos outros subsistemas (atributo do baço-pâncreas). Outra atividade própria desse aquecedor é a depuração do tecido sanguíneo (atributo do fígado), que é aportado ao sistema hepático para ser renovado (separando-se o puro do impuro, o que é um atributo do baço-pâncreas) e redistribuído entre os demais plexos.

Voltando ao nosso exemplo emblemático, no nível existencial, esse aquecedor nos permite realizar, quando saudáveis, nossas definições e discriminações pessoais. Trabalha em tornar possível discriminar o que é interno e pessoal, separando isso do que é externo e existencial, e ajudando-nos a reconhecer nossas tendências e caminhos. Permite-nos, por conseguinte, separar o que é primitivo do que é sofisticado, o que é instintivo do que é intelectual, e outras discriminações dessa natureza. Dá para imaginar o que acontece em nossa vida se não temos um aquecedor mediano saudável!

## AQUECEDOR INFERIOR

Esse é um equipamento formado pela interação entre os rins (que, para a tradição oriental, são contados em número de três), a matriz da concepção (plexo formado pelo útero e pelos ovários, na mulher, e pela próstata e pelos testículos, no homem), pela bexiga e, para quem vê assim, pelo fígado (este, como já comentado, também é posicionado por alguns autores no aquecedor mediano. Então, por motivos didáticos, vamos considerá-lo como pertencente a este último). Em uma hierarquia inferior, por sua simplicidade funcional, mas igualmente importantes, também se incluem aí os intestinos, como vísceras de passagem e absorção do que é denso, porém aproveitável.

Como se pode notar, o único plexo de alta hierarquia presente nesse aquecedor é o dos rins, que condicionam a atividade nesse subsistema (quando se reconhece aí o fígado, a descrição do aquecedor muda um pouco, com a agregação de algumas funções e de um outro plexo de alta hierarquia). Portanto, o que mais chama a atenção aqui são as sínteses relativas às capacidades de perpetuação de si mesmo, inerentes a todo sistema vital. Isso significa que os rins permitem ao indivíduo estabelecer pontes de comunicação com outros sistemas vivos em um nível diferente daquele do aquecedor superior, talvez de forma mais intensa e aprofundada, por dar corpo àquela dimensão da sexualidade considerada sensual, “sagrada”, na maioria das culturas. Isso caracteriza esse aquecedor como aquele empenhado nas funções de concepção, geração e manutenção dos códigos matriciais (numa linguagem mais ocidental, códigos genéticos) inerentes a essa “família-espécie” de indivíduos. Estão inclusas aí a capacidade de troca e percepção tanto para tornar o sistema vital sensível à presença de fontes de estímulo (por exemplo, outros seres vivos) quanto para regular a intensidade e a qualidade de aporte desses estímulos. Em outras palavras, o aquecedor inferior, além do que já foi descrito, está centrado em prover o sistema de mecanismos de imunidade, que funcionem não apenas no que se refere





às defesas orgânicas e psíquicas, mas também na depuração do exercício da sexualidade, tanto sensual quanto social.

Para não deixar de comentar também o valor existencial desse plexo, pode-se enfatizar novamente os componentes relativos à sexualidade. Afirmar que são os rins os responsáveis por vitalizar essa dimensão da experiência do Eu significa dizer que eles são permanentemente requisitados em seu equilíbrio e sua plenitude vital, seja lá em que esteja empenhado circunstancialmente esse mesmo Eu. Podemos então inferir o quanto é importante manter nossa saúde renal para fazermos de tudo.

Pelo estudo do triplo aquecedor, pudemos perceber que a medicina tradicional valoriza todas as funções orgânicas convencionalmente relatadas, mas segundo uma simbologia diferente, o que lhe permite expandir o entendimento dos processos de adoecimento e cura até o nível dos fenômenos sutis. Além disso, e justamente em razão desse ponto de vista mais amplo, algumas funções relativas a este ou àquele órgão só são relatadas nos cânones tradicionais. Isso implica dizer que, ao contrário da crença de muitos que reputam a esse discurso um empirismo fantasioso, a fisiologia energética não só considera adequadamente toda a fenomenologia físico-química como vai além dela e encaixa aí os fenômenos vibracionais.

Por outro lado, apesar de as prescrições estarem direcionadas para este ou aquele problema, que envolve este ou aquele plexo, acreditando-se no modelo funcional sugerido aqui, há de ter ficado óbvio que a atuação dos fitoterápicos nunca será localizada. Pelo contrário, observando-se a interligação entre as estruturas e os circuitos biológicos, é improvável que qualquer estímulo possa ser retido em sua atividade no sistema como um todo.

Então quando, por exemplo, estamos diante de um quadro clínico que afeta os pulmões (talvez, um quadro pneumônico) e desejamos usar a lógica funcional do triplo aquecedor para tratar o problema em suas raízes, temos de verificar também a funcionalidade



do coração e, se tivermos condições, todos os eventos psicoemotivos presentes no momento de vida do paciente. À luz dessas verificações podemos, com maior conhecimento de causa, prescrever não somente uma erva antibiótica ou refrescante (indicadas no caso da pneumonia), mas também uma outra que melhore a comunicação entre esses dois órgãos, e talvez uma terceira que ajude a mente a processar os “nós” existenciais (no caso da pneumonia, quase sempre se estará associando à sintomatologia clínica um quadro psíquico de entristecimento profundo, sentimento de impotência e perda). Considerando esse alcance, fica evidente a capacidade de aprofundamento dos efeitos terapêuticos em si. Fica também claro que as possibilidades de promover uma cura muito consistente, com menor probabilidade de recidiva, aumentam bastante.

Os tratamentos feitos à luz dos fenômenos ligados ao triplo aquecedor quase sempre estão relacionados às síndromes consideradas complexas, porque envolvem em seus sintomas vários plexos e seus circuitos de comunicação. Contudo, não existem apenas síndromes complexas como maneira de perceber os processos. Dito de uma maneira melhor, as síndromes sempre serão complexas, no sentido de não se conceberem processos isolados num sistema tão interligado. Mas é possível que o grau de invasão da síndrome ainda não seja alto, estando então diante de nós a oportunidade de abordar o paciente ainda no início do desequilíbrio. Nesse caso, a abordagem por aquecedores pode se mostrar não ideal, em razão das talvez excessivamente numerosas reações que qualquer intervenção desse tipo significa. Para casos mais simples, técnicas mais simples e diretas, é o que reza a tradição.

Daí a segunda direção de sistematização do estudo da fisiologia energética, abordando a funcionalidade orgânica pelo levantamento da atividade dos órgãos e das vísceras. Quando falamos dos cinco movimentos, deve ter ficado claro que a inter-relação entre eles se materializava pela atividade intrínseca a cada um dos órgãos e das vísceras que se agrupavam ali. O diagrama que usamos inclusive põe



em evidência que cada movimento é a expressão funcional do contato entre dois plexos, um aquecedor e um acumulador. Se listarmos os plexos ali reunidos, obteremos um grupo de estruturas de alta hierarquia funcional que, na verdade, compõem a base do metabolismo com a soma sinérgica de cada uma de suas funções:

- órgãos: coração, fígado, baço-pâncreas, pulmões e rins (e mais um órgão energético sem estrutura física associada, a circulação-sexo ou pericárdio);
- vísceras: estômago, intestinos delgado e grosso, bexiga, vesícula e triplo aquecedor (que também é um “órgão” energético sem estrutura física diretamente associada, aqui compreendido de maneira um pouco mais simples, embora tudo que já foi estudado sobre ele continue valendo).

Como já deve ter ficado evidente, principalmente se você tiver em mente o diagrama dos cinco movimentos, o metabolismo se autoequilibra de diversas formas, mas sem dúvida usando sempre um entre vários tipos de organização binária que põem um órgão e uma víscera numa cooperação mais estreita. Sendo assim, nesta abordagem, temos os seguintes pares funcionais preferenciais: coração e intestino delgado; estômago e baço-pâncreas; pulmões e intestino grosso; rins e bexiga; fígado e vesícula biliar. Cada par compõe uma unidade funcional que pode ser relatada como um “movimento” do metabolismo (nesta altura, já deve ter ficado claro que um “movimento” se compõe da entrada em atividade de um certo número de códigos luminosos, que direcionam o metabolismo desta ou daquela forma).

Tomando contato com isso, duas coisas podem ter chamado a atenção. Primeiro, a distinção esporádica entre órgãos e vísceras, o que não é muito comentado na fisiologia convencional, embora seja conhecido. Na medicina tradicional, isso assume uma importância maior em razão de esses plexos estarem diferenciados pelo tipo de metabolismo que apresentam preferencialmente. Isto é, os órgãos estão diferenciados das vísceras por tenderem a realizar um metabolismo do tipo aquecedor



(fomentando a sua função e a das estruturas acopladas), embora possuam o potencial de acumulação também. Já as vísceras estão diferenciadas pelo oposto. Tendem a realizar a acumulação prioritariamente (fomentando a sua estrutura e a dos seus acoplados), embora também possuam o potencial de aquecimento.

O segundo aspecto é que os acoplamentos entre plexos não são os mesmos colocados pelo triplo aquecedor. Isso se deve ao fato de estarmos nos referindo agora a circuitos de interligação distintos, o que traz à pauta uma das características mais impressionantes da metodologia organizacional do sistema vital. Como esse é um sistema vivo, que aprende com a experiência, atualmente se estrutura em termos de intraconexões, segundo uma estratégia de duplicação (às vezes triplicação) das vias de fluxo vital. Isso significa que o sistema orgânico se protege de colapsos garantindo o fluxo de energia ao prover mais de uma via de transmissão.

É claro que, coerentemente com uma economia de eficiência, nenhuma via de comunicação fica ociosa até que seja requisitada para suprir uma deficiência episódica. Pelo contrário, permanentemente, cada um desses circuitos movimenta padrões luminosos inerentes a eles. Mas, na medida em que se fizer necessário, é perfeitamente possível que os acoplamentos entre os plexos permitam ao sistema redistribuir suas ordens de fluxo vital, de forma a contornar e/ou compensar bloqueios de vias de transmissão paralelas. Por isso, temos vários circuitos de intraconexão interagindo entre si e cooperando o tempo todo. Essa estratégia obtém na prática uma harmonia metabólica duríssima de ser quebrada e/ou vencida; entretanto, é notório e lamentável que, ainda assim, consigamos vencê-la tão frequentemente.

Em todo caso, apesar de novamente se estar valorizando as conexões entre os plexos, esta é a versão simples do discurso fisiológico. Então vamos a ela:



## CORAÇÃO

É o mestre de todos os subsistemas, pois contém os códigos luminosos utilizados pelos demais para manter a identidade do metabolismo. Como existem muitos circuitos e muitas sínteses acontecendo ao mesmo tempo, facilmente essa ordem poderia perder eficiência se periodicamente não fosse recuperada a noção de “um”, garantida pelo sistema global em cada uma das partes como meio de mantê-las cooperativas. O coração é o aquecedor dos vasos, conservando-os abertos para que o sangue circule. Na tradição, acredita-se que a circulação do sangue se deva muito mais ao estado de complacência, isto é, de abertura dos vasos do que à atividade de “bombeamento” do coração. Por isso a descrição em termos de circulação *versus* vasos.

O coração promove a circulação do sangue, emprestando a este não só o seu movimento físico, como também a sua “direção”. Na medicina tradicional, há uma valorização marcante da presença do sangue puro arterial em todas as estruturas, próximas ou distantes. Garantir que esse fluxo alcance as estruturas distais e a condição de “puro” é imprimir ao sangue sua direção.

É, por fim, aquele que provê o sangue do “espírito”, tornando-o puro e vitalizante, e trabalhando continuamente para levar tais qualidades a todas as estruturas. E é dessa forma que o coração “aquece” o corpo inteiro. Há a tentativa de entender esse “espírito” como uma imagem que se refira à presença de oxigênio, já que o sangue puro é o sangue arterial. Mas, em verdade, isso se refere a toda a série de metabólitos nutritivos que o sangue conduz na forma de micronutrientes e hormônios, além de vários insumos sutis que compõem o princípio ativo desse órgão. Na tradição, diferencia-se o sangue arterial do venoso também em termos dos códigos luminosos que este carrega em sua trajetória. E, segundo essa perspectiva, é por meio da cooperação com os pulmões e os rins que o coração consegue enriquecer o sangue com a vitalidade necessária ao fomento das funções orgânicas.



## PULMÕES

Recebem o influxo da energia cósmica vinda pela respiração, distribuindo-a para todo o corpo com a umidade e o sangue (os pulmões contribuem poderosamente para a hemodinâmica, imprimindo um movimento rítmico de expansão e contração do tórax). Na recepção do influxo cósmico, ocorre a purificação e a vitalização do sangue e dos líquidos orgânicos. Isso é válido mesmo para os líquidos intersticiais, que se deslocam entre membranas por canais ditos colaterais. Além disso, para alcançar todas as estruturas, tais líquidos dependem do movimento da caixa torácica, na incursão respiratória, e das flexões e extensões articulares.

Em cooperação com os rins, os pulmões estabelecem a primeira barreira de proteção do corpo, fomentando todo o aparato de imunidade. São os pulmões que geram a perspiração cutânea a partir do fechamento e da abertura dos poros, permitindo assim a formação de uma capa eletrostática iônica, em função da migração, para fora e para dentro, de micropartículas eletricamente carregadas. A maioria dos micro-organismos é muito sensível a campos eletromagnéticos, o que os leva a selecionar este ou aquele ambiente como propício, a depender das características desses campos. O corpo se vale disso para tornar o ambiente em volta da pele pouco convidativo a esses micro-organismos. Por outro lado, é sabido que os campos eletromagnéticos, por serem fenômenos magnéticos vibracionais, têm a capacidade de selecionar comprimentos de onda de vários tipos por ressonância ou dissonância. Isso implica que todas as emanações vibratórias que nos abordam continuamente (som, luz, emanações radioativas etc.) encontram, nessa capa iônica, uma primeira barreira seletiva inteligente, com capacidade de diminuir a intensidade de penetração dessas emanações vibratórias.

Por meio dos líquidos orgânicos, que distribuem, e do sangue, que ajudam a aquecer (tornar nutritivo), os pulmões fomentam as funções orgânicas. Nutrem a pele e controlam a abertura e o fechamento dos



poros, constituindo assim um sistema de excreção e nutrição também por respiração.

## BAÇO-PÂNCREAS

O baço extrai a essência luminosa dos alimentos (princípio ativo), fazendo-a ascender às estruturas superiores (coração e pulmão). Ascendendo o que é essencialmente puro, fomenta a atividade da mente, permitindo o seu acesso à memória e à sabedoria. Ele controla todas as válvulas e a capacidade dos tubos de conduzir (controla, pois, o que foi chamado de “complacência”), sendo, portanto, o órgão que fomenta os peristaltismos. Além disso, mantém todos os líquidos em seus devidos lugares, por vitalizar o tônus de todos os tecidos, principalmente o das tubulações.

Por sua vez, o pâncreas realiza a ligação horizontal com o fígado, o que lhe permite atuar também no controle das atividades de aquecimento e acumulação do corpo.

## ESTÔMAGO

Desestabiliza os pacotes luminosos contidos nos alimentos, preparando-os para serem conduzidos às vias superiores. Faz originar a “essência densa”, conduzindo-a aos intestinos para que sua parte pura possa ser absorvida. Observe-se que os nutrientes físico-químicos são aqui encarados como “densos” e, portanto, não entram *a priori* na fórmula de vitalização funcional do corpo. A primeira consequência disso é que, segundo a tradição, toda essa digestão e absorção de elementos densos nutre apenas o corpo, nunca a mente e seus processos superiores. Como a percepção pessoal de bem-estar e de capacidade de realizar a vida são atributos da mente, fica fácil perceber que digestão e vitalidade psíquica são dois movimentos que não combinam.

Além disso, o estômago leva ao corpo a parte telúrica da essência dos alimentos, isto é, seus nutrientes físico-químicos. Para a tradição,

a mente e o espírito são nutridos pelos estímulos cósmicos, e o corpo é vitalizado pelos nutrientes planetários.

## FÍGADO

É aquele que purifica o sangue de tudo que este traz de turvo em seu retorno ao coração. Para realizar esse trabalho, o fígado tem de conter o sangue em seu interior, armazenando-o pelo tempo necessário para que todas as reações de identificação das células sanguíneas se processem adequadamente. Com isso, acaba exercendo certa contenção da hemodinâmica, assumindo a responsabilidade de regulador do aporte sanguíneo a todos os demais órgãos.

Como contém o sangue, e na tradição oriental acredita-se que as estruturas recebem algo da nossa produção psicoemotiva também por via sanguínea, o fígado trabalha ainda em controlar o nível de descarga dos produtos emocionais. Não permite, por exemplo, que tais produções subam excessivamente ao coração, protegendo-o de se sobrecarregar de qualquer aporte abusivo de emoções e de qualquer carga mental violenta.

O fígado é também o mestre do aquecedor mediano, regulando, com o baço-pâncreas, as atividades de descida e de subida da essência dos alimentos. E, por fim, nutre a parte exterior das articulações, vitalizando os tendões, os ligamentos e as cápsulas articulares como um todo, sendo por isso responsável por manter estáveis as partes articulares.

## RINS

Os rins contêm, ancorados na porção direita de seu plexo, os códigos funcionais fornecidos pelos antepassados no momento da concepção, o que em tese corresponderia ao que os ocidentais gostam de identificar como herança genética. Para a tradição oriental, a informação genética é um conjunto de informações bioquímicas e biofísicas





que só entra em atividade sob estímulo renal. Ela é descrita como “essência ancestral renal”, cujos códigos luminosos seriam depositados no rim direito para serem utilizados pelo metabolismo ao longo do amadurecimento do indivíduo. Ancorados no rim esquerdo estariam, portanto, os códigos reguladores de todas as funções fisiológicas (hormonais, filtradoras, excretoras, hidrolíticas etc.) que, comumente associadas aos rins, só entram em atividade conforme as emanações estimulatórias do rim direito. O rim esquerdo é ainda o mestre do aquecedor inferior, atuando com os pulmões no controle dos líquidos orgânicos e na separação entre o puro e o impuro.

Curiosamente, essa escola de pensamento descreve um terceiro rim, que, assumindo uma posição mais centralizada, estaria totalmente afeto às atividades da “matriz da concepção”. Para muitos, é difícil acreditar na existência dessa estrutura, que se caracterizaria principalmente por não possuir um suporte orgânico denso que pudesse ser verificado fisioanatomicamente. Esse terceiro rim, portanto, é sempre questionado, sendo descrito por alguns autores, em termos de suas funções, como o rim direito. Contudo, para nós, que a esta altura já nos habituamos a pensar o sistema orgânico como fruto do adensamento de padrões luminosos, é fácil visualizar esse terceiro rim como um conjunto de padrões funcionais gerados pela matriz e pelos rins orgânicos, unindo assim esses dois plexos em todos os trabalhos relacionados com os códigos luminosos acumulados na matriz ancestral e em outros anariados pelo ser no momento do seu nascimento.

Na tradição, considera-se que a vitalidade circulante pelo sistema advém de duas fontes: primeiro, está aquela que é fruto da união entre o que foi doado pelos pais e o que foi recebido de emanações cósmicas e telúricas no momento do nascimento. Esta tem de especial que se esgota lentamente ao longo da vida, e não pode ser repostada. Segundo, aquela vitalidade oriunda das atividades cotidianas de extração da essência dos alimentos, bem como da aquisição dos pacotes luminosos provenientes do universo circundante. Esta, sim, é repostada e queimada diária e continuamente para manter o metabolismo andando.



A partir da “matriz ancestral” que os rins contêm e administram, fomenta-se o desenvolvimento físico e psicológico do indivíduo em todas as idades. Isso acaba emprestando ao plexo renal uma importância ímpar dentro do sistema, dado que suas atribuições são exigidas ao máximo enquanto dura a vida do indivíduo. Os rins também nutrem a “matriz reprodutiva”, inclusa na matriz da concepção, tornando-se assim responsáveis pela fertilidade e pela definição sexual da pessoa, no sentido de dar suporte energético e biológico a um comportamento relacional coerente com as necessidades do indivíduo.

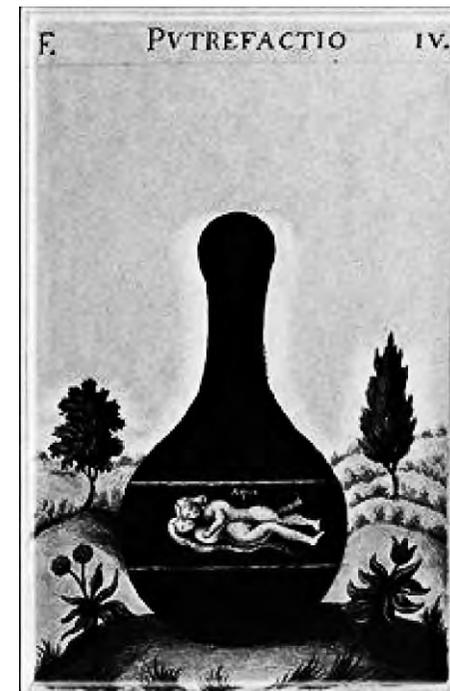
Com os pulmões, os rins fomentam a imunidade, aquecendo as medulas (óssea e espinal) e garantindo a continuidade de todos os tecidos (mucosas internas). É, portanto, desses dois plexos que vem a umidade e os campos elétricos que contêm as micropartículas eletricamente carregadas formadoras daquela “aura” protetora que temos em volta de nosso corpo. Já com os pulmões e o coração, os rins tornam também competente o Eu para conduzir internamente as emoções, as relações afetivas e a capacidade de “ver” a vida com lucidez.

Restaria comentar a fisiologia relativa à vesícula biliar, à bexiga e aos intestinos delgado e grosso. Contudo, para a tradição, essas são vísceras de menor hierarquia e consideradas mais como vias de passagem do que como plexos metabólicos. Não são equipamentos transformadores da qualidade da vitalidade, portanto não constituem fontes primárias de problemas ou soluções. No entanto, sabe-se que tais vias de passagem adoecem, perdendo frequentemente sua coerência metabólica e chegando mesmo à “morte” dentro do organismo. Mesmo nesses casos, a medicina tradicional procura as raízes das disfunções que acometem essas estruturas secundárias nos órgãos e nas vísceras primárias, considerando sempre que o que se percebe nos primeiros são sintomas reflexos de problemas que se desenvolvem nos segundos.





CAPÍTULO XVII  
Atividades das plantas e métodos de formulação



**T**endo feito esse rápido “passeio” pelo ponto de vista da medicina tradicional no que se refere à maneira como a vida se organiza no nível do corpo, estamos mais aptos para começar a pensar nossa estratégia clínica. Contudo, qualquer um que deseje fazer este exercício, e principalmente que já tenha tentado correlacionar o *screen* das ervas medicinais (mesmo apenas aquelas já relatadas na farmacopeia oficial, que correspondem a uma parcela insignificante do que há para ser conhecido) com os quadros clínicos identificados, certamente vai se assustar com o gigantesco esforço de memória que isso implica. E, se isso é uma realidade para uma fitoterapêutica tão “jovem” quanto a ocidental, imagine o volume de informação disponível em culturas com registros que remontam de 3.000 a 8.000 anos atrás.

A aplicabilidade disso ficaria seriamente ameaçada se não fosse elaborada uma maneira de reunir as plantas em grandes grupos de atividade, estes sim mais manobráveis em termos de estudo e memorização. Entretanto, na antiguidade e eminentemente nas culturas não ocidentais, o ponto de vista mais próximo do que se pode considerar “científico” era o dos grandes pensadores e filósofos, que representavam a fonte inteligente de onde emanava a maior parte da produção intelectual da época. Estes, encarnando o pensamento não cartesiano que vicejava na cultura humana da época, eram acima de tudo pragmáticos e realistas. Por isso, pensaram sua descrição da realidade sutil e/ou concreta da atividade das ervas, e da própria medicina como um todo, somente em relação ao que podiam observar diretamente.

Então, a mentalidade aplicada à institucionalização da fitoterapia não foi diferente daquela que serviu de base para todas as técnicas curativas que vicejam pelo Oriente. Sendo os grandes pensadores frequentemente também os grandes curadores da antiguidade, trataram de organizar todo o universo vegetal, animal e mineral segundo a sua fitocinética (as classificações botânicas, zoobotânicas, químicas e semelhantes vieram alguns milhares de anos depois, o que agora impõe o trabalho de unir conceitualmente as duas metodologias).



Classificaram então os elementos segundo a sua natureza de comunicação vibracional, o que equivale a dizer que esses princípios foram categorizados em função da reação das pessoas quando em contato com eles. Isso definiu que os produtos medicinais podem estar inclusos inicialmente como ativos em duas grandes categorias: de acumulação ou de transformação. A “transformação” claramente está ligada ao processamento dos metabólitos, e portanto em “aquecimento”. Só para lembrar, o “aquecimento” é a imagem que comporta todas aquelas atividades fomentadoras da funcionalidade dos órgãos. Sendo assim, um estímulo aquecedor aumenta a função de partes específicas do corpo ou da economia orgânica como um todo, tendo pouco a ver com temperatura. Já a “acumulação” é aquela outra imagem que comporta as atividades fomentadoras das estruturas orgânicas. Portanto, um estímulo acumulativo aumenta a função de reposição estrutural de partes específicas ou do soma como um todo. Entretanto, tenha em mente que isso começa por acumulação de luz, e vai em um crescendo até chegar ao ponto de esta se condensar em matéria após vencer algumas etapas.

Vale enfatizar que, considerando a atividade metabólica sem interferências indutivas (sem estímulos externos), quando se dedica ao aquecimento, o sistema automaticamente deprime as funções de acumulação, e vice-versa. Mas isso pensando o metabolismo deste ou daquele plexo isoladamente. O sistema tende a estar acumulativo em um lugar e aquecedor em outro, mas nunca fomenta ambos os movimentos simultaneamente em um mesmo plexo.

É claro que isso nos fornece uma “visão panorâmica” das atividades que, entretanto, está longe de cobrir as infindáveis especificidades de cada subsistema. Mas o modelo reconhece tal insuficiência e vai adiante, assumindo em cada uma das categorias pelo menos quatro atividades. Todas são relativas às movimentações que a substância pode induzir na dinâmica de apresentação da vitalidade orgânica: promoção da ascendência; promoção da descendência; promoção da circulação de dentro para fora; e promoção da circulação de fora para



dentro. Como essa terminologia não é comum, pode ser que a ligação com as funções orgânicas não seja tão imediata. Para suprir isso, associamos abaixo alguns termos mais explicativos.

*Promoção da ascendência:* refere-se às ervas que têm potencial tônico e aquecedor. Excitam o organismo a realizar absorções, transformações e eliminações. Também fomentam as secreções internas e externas, aumentando o desempenho de forma geral. Aqui o termo “ascendência” é uma alusão ao fato de que, para realizarmos a transformação necessária, há que primeiro separar o puro do impuro, fazendo ascender o puro e descender o impuro. Esses dois conceitos, puro e impuro, referem-se aqui apenas à presença ou não de uma janela metabólica para aproveitar o insumo que entra como nutriente, e não necessariamente à possível toxidez do material. À essência pura cabe despertar as atividades superiores relativas ao cérebro e à mente, mas isso é descrito dessa outra maneira porque, na antiguidade, o fisiologismo neurovegetativo, ou mesmo o do sistema nervoso voluntário, era grandemente desconhecido, sendo o cérebro considerado uma víscera “curiosa”. Mas já se percebia que dependia dele toda a organização dos ciclos internos, assim como dependia da clareza da mente a aplicabilidade produtiva de tudo isso.

*Promoção da descendência:* refere-se às ervas que têm atividade sedativa e fomentadora da acumulação (sendo, portanto, indiretamente inibidoras do aquecimento). Elas estimulam o organismo a diminuir sua atividade de maneira localizada ou global. Portanto, a depender dos pacotes luminosos veiculados pelo princípio ativo, podem realizar a analgesia (que é diferente da anestesia, pois não interrompe a propagação de sinais nervosos), induzir o sono, dispersar a agitação mental e/ou física, harmonizar excessos de atividade, promover cicatrizações e/ou reposições, e iniciar os expurgos. Em certo sentido, quando tomadas em associação com ervas aquecedoras, produzem atividades associadas complexas que melhoram a recuperação



das estruturas, estimulando a troca celular, a produção de camadas de defesa e outras semelhantes. O termo “descendência” representa uma alusão ao fato de, neste contexto, se acreditar que tais funções são atributos, em sua maioria, das medulas baixas (espinal e óssea) e do cérebro reptiliano (associado com o tronco cerebral, o cerebelo, os intestinos e suas secreções hormonais).

Outro fator ligado à “descendência” é a propriedade orgânica de separar o puro do impuro ao absorver uma carga de pacotes luminosos (por via alimentar, por exemplo). Dentro disso, percebe-se que o processamento do que é puro se dá em estruturas altas (pulmão, coração e cérebro), ao passo que o processamento do impuro se dá em estruturas baixas (fígado, rins e matriz). Dessa forma, fomentar a “descendência” é o mesmo que encaminhar o processamento e o expurgo do que não pode ser aproveitado daqueles pacotes de nutrientes densos. Atente-se de novo para o fato de o termo “impuro” não fazer, necessariamente, alusão a um material inaproveitável ou tóxico para o sistema. Antes, é mais uma classificação relativa ao tipo de metabolismo que tais insumos devem sofrer, em função da janela metabólica, para transitar pelo organismo. Somente após esse trânsito é que se separa o considerado descartável, fenômeno que ocorre nos intestinos para os produtos densos, e nos pulmões e rins, para os produtos sutis.

Mais um detalhe importante é que a “depressão” das funções se dá, dentro da melhor técnica, não pela ação direta da medicação, mas pela ação de controle de um subsistema sobre o outro. O princípio ativo, desde que veiculado ao corpo de forma integral, tende a agir segundo uma dinâmica de estimulação, e quase nunca de inibição. Dentro disso, é claro que a planta contém substâncias quimicamente ativas que vão atuar nas funções pelas quais apresenta tropismos físico-químicos, causando efeitos inclusive inibidores. Mas, como o princípio ativo é inteligente, sua atividade tende a ocorrer dentro dos ritmos naturais do corpo, e tais efeitos tendem a estar contextualizados. Além disso, em razão de o princípio ativo só atuar



por meio da integração com uma janela metabólica, também age dentro de uma atividade mais ampla que a mesma planta desencadeia simultaneamente, o que evita ou minimiza as superatividades.

*Promoção da circulação de dentro para fora:* refere-se a ervas tônicas que trabalham para movimentar metabólitos das estruturas mais internas para as mais externas, sendo, portanto, ervas fomentadoras da sudorese, das desintoxicações e dos expurgos de forma geral (promovendo inclusive a queda do cabelo e as escamações da pele e das unhas etc.). Por outro lado, também se refere àquelas ervas tônicas que melhoram as comunicações e transferências de vitalidade entre plexos de categoria superior e outros de hierarquia inferior. Considera-se genericamente que os plexos mais complexos, que comandam o metabolismo, no sentido de realizarem funções mais vitais, estão mais “internalizados” por estarem mais protegidos e comprometidos com os demais, pertencendo portanto a um grau hierárquico superior. Outros plexos, menos intrincados e menos envolvidos com funções metabólicas capitais, estão mais “superficiais” em relação àqueles primeiros, podendo ser mais facilmente alcançados tanto pelos elementos patógenos quanto pelos estímulos curativos. Nesse sentido, circular a vitalidade de dentro para fora significa também diminuir a atividade de funções capitais (respirar, por exemplo) para privilegiar funções secundárias (digerir e excretar, por exemplo. Se você questiona a veracidade disso, experimente fazer uma atividade aeróbica após uma refeição pesada).

*Promoção da circulação de fora para dentro:* obviamente, o significado disso é o oposto do item anterior, englobando ervas que propiciam a nutrição (fomentando a receptividade e a absorção, e não o desdobramento). Uma aplicabilidade não óbvia disso é considerar, por exemplo, as ervas antidepressivas, que basicamente ajudam o indivíduo a voltar a se comunicar com o mundo circundante, via potencialização de seu aparato sensorial, trocando consequentemente



mais energia com este. Para a tradição, a síndrome depressiva é uma consequência, e não uma causa. Portanto, qualquer substância que melhore as comunicações e ajude a harmonizar o metabolismo dos agentes nutrientes, fomentando a vitalidade geral do sistema, pode ser descrita como antidepressiva. Aqui é útil notar que raras são as plantas ligadas especificamente à experiência do prazer, que em tese poderia ser considerado o recurso diretamente antagonista ao entristecimento. As que possuem mais essa atividade o fazem por meio de um alcaloide euforizante ou alucinógeno que geralmente também trabalha na otimização dos mecanismos de percepção da realidade, o que leva o indivíduo a explorar preferencialmente a realidade circundante em relação a sua realidade interna.

A partir daqui, o modelo segue agregando subcategorias dentro dessas categorias, um estudo que pode se tornar bastante árido, embora também bastante profundo. Contudo, essa especificidade crescente só nos serve para perceber mais claramente as espécies vegetais, minerais ou animais difíceis de reconhecer no que se refere à atividade do princípio ativo. Portanto, é ocioso descer a esse nível, principalmente em uma abordagem que pretende ser mais clinicamente utilitária. E isso pode ser assim porque o uso da farmacopeia tradicional não depende exatamente desse conhecimento pormenorizado, fazendo-se real por meio da consulta às fórmulas e indicações magistrais. Utiliza-se de espécies relatadas há muitíssimo tempo, o que torna desnecessário esse estudo para aqueles interessados na fitoterapia como ferramenta clínica. Já para os pesquisadores, o comprometimento com o assunto pode ser diferente, sendo justamente os espécimes pouco conhecidos o foco de interesse, e a subcategorização, a materialização de seus esforços. Por isso, será mais útil para nós estabelecer indicativos classificatórios mais práticos. Por exemplo, aquele que reúne as substâncias biologicamente ativas pelos sabores e suas indicações:

- ervas ou produtos picantes: removem as obstruções e promovem as circulações. Por exemplo, o gengibre (*Zingiber officinale*);



- ervas ou produtos doces: tonificam e regulam o sistema. Por exemplo, o mel de abelha;
- ervas ou produtos amargos: tonificam e secam. Por exemplo, a carqueja (*Baccharis triptera*);
- ervas ou produtos azedos: adstringentes e umedecedores. Por exemplo, a laranja (*Citrus sinensis*);
- ervas ou produtos salgados: amaciam e purgam. Por exemplo, o sal gema ou sal amargo);
- ervas ou produtos suaves: resolutivas e equilibradoras. Por exemplo, a bardana (*Arctium lappa*).

Ou aqueles indicadores centrados nas cores:

- amarelo: tonifica o estômago e o baço-pâncreas, sendo um estabilizador de forma geral (um estabilizador é um agente que regula o metabolismo);
- azul: tonifica o rim e a bexiga, sendo um fortificante e um resolutivo de obstruções. Normalmente, as obstruções resolvem-se pela condução dos excessos para serem expurgados ou para preencher áreas de “vazio”. O termo “vazio” refere-se às áreas de menor metabolismo, e não àquelas onde não há nenhum. Obviamente, um tecido morto não pode absorver vitalidade alguma;
- verde: tonifica o fígado e a vesícula, sendo cicatrizante e suavizante (a “suavização” é algo como a desaceleração de processos e/ou a sedação de sinais agudos, tais como uma analgesia leve);
- vermelho: tonifica o coração e o intestino delgado, sendo um tônico geral e fomentador da atividade do tecido nervoso (melhora, portanto, toda a sensibilidade orgânica);
- branco: tonifica os pulmões e o intestino grosso, sendo um fomentador das articulações e das fâscias tendinosas.



Há ainda classificações apoiadas nas formas, mas estas já foram sobejamente comentadas no capítulo que abordou o antropomorfismo. Lembre-se apenas de que a ideia central é que as ervas com formas que se aproximam da forma de determinados órgãos apresentam tropismo por estes.

De posse dessas sistematizações e de outras que podem surgir, fica possível começar a colocar nossos pacientes em contato com os princípios ativos dos produtos e das plantas, usufruindo de uma abordagem abrangente produzida por uma escola de medicina das mais completas e antigas. A despeito da desejável simplificação disso, alguns detalhes de bom senso são imprescindíveis de serem observados na elaboração das estratégias clínicas utilizando fitoterápicos. O primeiro deles, e talvez mais importante, é perceber se a melhor técnica pede uma abordagem pela oposição (tratamento pelos contrários) ou pela facilitação (tratamento pelos semelhantes).

Como já comentado, a tendência, para aqueles que acreditam mais numa metodologia “curativa medicamentosa”, é tratar pelos opostos. Nesta, acredita-se que fica a cargo da substância o trabalho de cura, e não propriamente do atributo imunogênico do organismo, que quase sempre é a abordagem da medicina convencional. Como a própria expressão sugere, ocorre a oposição entre os movimentos que a disfunção induz no organismo e aqueles que são induzidos pelo princípio ativo. Em verdade, esse tipo de abordagem não traz nenhum problema implícito, sendo com certeza uma boa técnica para quando se deseja um resultado rápido, embora passageiro. Os problemas começam a surgir quando, com o desaparecimento ou a amenização dos sintomas, ambos, curador e paciente, acreditam que todo o trabalho está feito. Frequentemente, isso significa uma cura parcial, o que propicia as recidivas ou, o que costuma ser mais grave ainda, as reapresentações do mesmo mal com aspectos mais profundos e graves.

A nossa segunda opção, o tratamento pelos semelhantes, elimina quase por completo tais riscos. Essa abordagem não se direciona ao



problema em si, mas sim ao paciente, fazendo possível a cura a partir da atividade imunogênica. Isso resulta em uma vivência mais completa e mais consistente em termos de manutenção dos resultados, além de ser mais controlável em termos de velocidade de atividade. Entretanto, como os mecanismos para obter isso são mais complexos, geralmente os curadores não dominam os princípios necessários para pensar suas estratégias clínicas, ou simplesmente têm “preguiça” de usá-los, delegando toda a resolução das complexidades às formulações fitoterápicas magistrais. Chegam, então, aos resultados por meio da sinergia entre as atividades dos princípios ativos, não se preocupando com o que está ocorrendo na intimidade do processo. Sem entrar no mérito da melhor ou pior medicina, é claro que isso implica mais conhecimento e mais tempo para obter reações, sendo portanto uma maneira de proceder somente indicada em casos crônicos ou isentos de uma sintomatologia aguda que requeira uma melhora de urgência.

Qual seria então a melhor abordagem? A resposta a isso seria a nossa segunda coisa importante a considerar. Eleita a abordagem, precisamos escolher o melhor veículo para editá-la, sempre tendo em vista o caminho mais direto. Há uma tendência da medicina tradicional em atuar dentro do formato das fórmulas magistrais, em razão das crenças quanto ao equilíbrio de tais apresentações e da facilidade de obtenção de seus componentes no Oriente. Entretanto, para nós, que não possuímos essa tradição, é perfeitamente aceitável e possível resolver muita coisa com uma única planta, o que atende ao princípio da simplicidade como melhor técnica, mas contraindica recorrer sempre a uma fórmula onde estejam reunidas duas ou mais espécies.

Quem vai definir se esta ou aquela é a melhor abordagem é o próprio paciente, na medida em que reage fazendo a apresentação de seus sinais vitais e da sintomatologia que está se modificando a partir dos estímulos veiculados pelo medicamento. Na média dos casos, o ideal é *reverter o quadro agudo com um tratamento pelos contrários, e depois desenvolver uma linha terapêutica imunogênica tratando pelos semelhantes*. Isso tanto atende à necessidade de



apresentação de resultados quanto cumpre a ética no sentido de não interromper o tratamento.

E como conseguir isso? Usufruindo dos poderes do princípio ativo diretamente, ou de combinações inteligentes de vários deles. Conhecendo principalmente como as plantas se relacionam entre si e com o paciente, podemos obter preparados cuja forma final é a mais harmônica possível. Basta, para isso, que dominemos os conceitos básicos. Para a tradição, definir tais relacionamentos significa estabelecer uma hierarquia entre as atividades, apoiada na fitocinética de cada planta pertinente e nos objetivos de cada fase do tratamento. Outro elemento que sempre entra, mas em um segundo momento, é o grau de disponibilidade biológica do paciente (lembra-se das janelas metabólicas?), que pode desenvolver ou não reações alérgicas ao preparado em si, ou apresentar reações ideais em tempos variáveis (uns mais rápido, outros mais lentamente). Contudo, isso só poderá ser verificado após o primeiro momento do tratamento, uma vez que até mesmo o relato de experiências anteriores não é determinante das reações que se pode esperar (a sensibilidade atópica/alérgica é variável ao longo do tempo e em função de muitos fatores, o que implica dizer que as reações ao medicamento sempre serão circunstanciais e pessoais). Sistematizando os tipos de droga, temos:

- drogas imperiais: são aquelas consideradas diretamente ativas para o caso e constituem a espinha dorsal de toda formulação. Muitas vezes, são ministradas isoladamente (em uma abordagem pelos contrários, por exemplo), mas aceitam as combinações com muita eficiência, por normalmente conterem substâncias não tóxicas e altamente tônicas;
- drogas ministeriais: são aquelas que apresentam sinergia pelas drogas imperiais, atuando na mesma direção e podendo ou não apresentar um índice de toxicidade, a depender da disponibilidade biológica. Normalmente são substâncias tônicas para o sistema imunológico e/ou para o sistema neurovegeta-



tivo, melhorando a atividade de qualquer medicamento por fomentar as capacidades de absorção;

- drogas populares ou assistentes: são consideradas de hierarquia inferior por serem frequentemente tóxicas, mesmo em doses terapêuticas (isto é, em pequenas doses). Ainda assim, são substâncias interessantes como medicamento, dado que podem ser suavizadas pelas drogas imperiais e ministeriais (ou vice-versa), ao mesmo tempo que podem incrementar a atividade da fórmula como um todo. Por isso, são consideradas agentes resolutivos, acelerando processos ou simplesmente tornando-os dinâmicos pelo estressamento que promovem;
- drogas-guia: são consideradas de hierarquia semelhante à das drogas populares, mas raramente produzem reações tóxicas e trabalham mais na condução do princípio ativo da droga imperial. O termo “condução”, aqui, é uma alusão à capacidade dessas ervas de encaixar a erva imperial em uma janela metabólica, tornando-a mais disponível ao organismo. O modo de conseguir isso é baixando a “censura”, isto é, o organismo fica menos seletivo e mais irrestritamente absoritivo.

Considerando tais categorias, resta-nos combiná-las de acordo com o que estamos objetivando em termos de atividade. Se a proposta implica um tratamento de longo prazo, realizaremos uma fórmula com drogas imperiais e ministeriais na proporção genérica de duas ministeriais para cada imperial. Se, por outro lado, há o interesse em respostas mais prontas, de curto ou médio prazo, entrarão aí as drogas populares, acelerando o processo. Realizam-se então as fórmulas em uma proporção de uma imperial, uma ou duas ministeriais e uma ou duas populares, totalizando de cinco a seis agentes ativos (existem fórmulas magistrais com muito mais espécies, contudo, a boa técnica preconiza uma média de seis).

De qualquer modo, quanto mais complexa for a fórmula, menores serão as concentrações relativas entre as espécies, principalmente



se o tratamento for de médio ou longo prazo. Há de se considerar sempre os fenômenos relativos às janelas metabólicas, que fazem variar o nível de disponibilidade biológica ao longo do tempo, criando intolerâncias ou inocuidade fitoquímica. É para minimizar isso que não se devem planejar dosagens fixas por mais de sessenta dias contínuos, nem determinar a descontinuidade das tomadas periodicamente (por exemplo, a cada quarenta dias) para “dessensibilizar” o sistema (isso significa criar uma nova demanda pelos pacotes luminosos inerentes àquela planta).

Outro elemento importante é ter em mente que quem deve determinar a fitocinética da fórmula é a erva imperial, o que obriga a usar maiores concentrações desta do que das outras. Fora isso, existem maneiras de controlar o efeito por meio das combinações entre categorias. Vamos a elas:

- efeito direto: uma erva com uma bateria de efeitos;
- efeito aditivo: duas ou mais ervas de mesma categoria somando seus efeitos. Aqui é necessário manter em mente que cada fórmula de preferência será elaborada com base em uma única erva imperial, ficando esse efeito aditivo para as ervas ministeriais e populares. Porém, há casos em que a tradição já conhece tão bem os efeitos de determinadas ervas imperiais que as associa com tranquilidade;
- efeito sinérgico: duas ou mais ervas de categorias diferentes somando seus efeitos (é o que se encontra na maior parte das fórmulas);
- efeito antagônico: duas ou mais ervas de mesma categoria se neutralizando e/ou se controlando entre si, quando em percentuais de concentração diferentes (aqui se deseja tornar o tratamento mais consistente pela desaceleração dos efeitos, ou melhor adequação geral com o metabolismo do paciente);
- efeito inibidor: duas ou mais ervas de categorias diferentes relacionando-se para inibir efeitos indesejados. Esse tipo de conhecimento é evidentemente de grande valor, pois torna



possível a ingestão de drogas que, de outro modo, não poderiam ser tomadas. Principalmente no âmbito das abordagens pelos contrários, existem muitas plantas que se evita usar em razão de seus componentes potencialmente tóxicos, apesar de reconhecidamente indicadas. Porém, de posse desse tipo de experiência controladora da toxidez, torna-se seguro e preferencial utilizar tais ervas;

- efeito neutralizante: duas ou mais ervas de mesma categoria ou de categorias distintas neutralizando a toxidez desta ou daquela de menor categoria (encontra-se mais o uso disso para as ervas populares e ministeriais);
- incompatíveis: duas ou mais ervas que, quando juntas numa mesma fórmula, potencializam tanto o princípio ativo final que tornam a fórmula tóxica. Isso ocorre muito quando as concentrações relativas não são observadas e respeitadas. Mas constitui também uma informação de grande valor sobre o que não fazer em fitoterapia, evitando os acidentes filhos da ignorância.

Tal é a experiência da medicina tradicional no uso de mais de um agente fitoterápico. É claro que o nível de complexidade cresce quanto mais numerosa for a presença de elementos diferentes, podendo então tudo isso passar a impressão de pouca praticidade. Contudo, a favor desse modelo terapêutico, como já comentado, existem os milhares de anos de prova clínica e a coerência dos esquemas idealizados para relatar os fenômenos dos quais resultam essas associações de atividades. Tais vantagens justificam com sobra qualquer investimento que se faça para agir dentro da melhor técnica.





**C**om base na análise dessa variedade de interatividades, pode-se perceber o número quase infinito de possibilidades a serem exploradas quando combinando magistralmente duas ou mais substâncias fitoativas. Graças a essa sedutora perspectiva, a maioria das prescrições tradicionais tratam de obter os melhores resultados procurando a potencialização dos efeitos medicamentosos pela harmonia das combinações. Nenhum problema surge nisso, desde que os parâmetros da melhor técnica sejam observados com rigor. Contudo, é justamente essa “melhor técnica” que nos convida a procurar, além do resultado mais completo e consistente, a simplicidade. E isso muito mais em nome da segurança que se busca garantir dentro do processo terapêutico do que de qualquer outra coisa.

Simplicidade, aqui, resume-se em duas coisas. Primeiro, uma diagnose realizada o mais direta e lúcida possível (o que é simples de fazer quando possuímos o conhecimento suficiente). Segundo, o uso do mínimo desejável de substâncias biologicamente ativas, para que o número de variáveis em termos de resposta terapêutica seja o mais controlável possível. Pode causar surpresa, mas frequentemente esse número mínimo não precisa ser mais que um. Isso quer dizer que, a despeito da tendência da maior parte dos fitoterapeutas de conjugar substâncias (na forma de várias plantas, ou de plantas com essências animais, ou ainda tudo isso com vários minerais etc.), não raro o que o paciente realmente precisava era de uma única espécie de princípio ativo para compensar um ou mais aspectos do seu processo. Mas isso implica acreditar que a primeira função da terapêutica é dar ao sistema apenas o apoio de que ele necessita. E nada mais.

Se é assim, em que trabalham as demais espécies vegetais, animais ou minerais que estão presentes na fórmula? Geralmente, quando não perfeitamente equilibradas entre si ou com a substância imperial, produzem sintomas paralelos e quadros de toxidez suaves ou agudos, desaceleram ou aceleram os efeitos, influenciando poderosamente a dinâmica de cura integral, e assim por diante. Causam então toda espécie de pequenos ou grandes problemas, o que



inclusive entra na história da fitoterapia de maneira negativa. O relato desses problemas afasta dessa técnica muitas pessoas que poderiam dela se beneficiar, e oferece à comunidade científica acadêmica argumentos acerca dos alegados perigos potenciais da “medicina empírica realizada por pseudomédicos”.

Então, como se cercar de segurança ao utilizar a fitoterapia? Novamente, a resposta é a simplicidade. Conhecer com segurança para que serve cada planta e como manuseá-la, extraindo com sabedoria todo o seu potencial curativo. Saber para que serve cada parte do indivíduo vegetal, fazendo as correlações óbvias com o quadro clínico do paciente. Se soubermos isso, certamente poderemos considerar que temos o domínio dos instrumentos classificatórios que nos permitem sem muita dificuldade associar tal e tal espécie aos quadros clínicos que lhe sejam correlatos. Porém, por mais formados que estejamos dentro dos cânones da medicina tradicional, ainda estaremos restritos ao que se conhece dentro da tradição utilizando esse tipo de guia.

A própria tradição acaba servindo, então, como uma espécie de ambiente conceitual e documental dentro do qual o curador consciente trabalha com certa tranquilidade, apoiado pela antiguidade de uso das substâncias relatadas ali. Mas e quando se deseja (ou mesmo se é obrigado circunstancialmente) a recorrer ao vastíssimo universo de espécies pouco conhecidas? Há quem contabilize mais de uma centena de novas espécies vegetais comentadas a cada ano. E isso apenas considerando a flora brasileira! Que se diria se acrescentássemos as espécies animais e minerais, também grandemente estudadas por um sem-número de pesquisadores pelo mundo afora?

Dá pra sentir que a tradição acaba sendo insuficiente para atender a todas essas possibilidades e, prevendo isso, trata de suprir as deficiências fornecendo maneiras genéricas de reconhecer atividades. Já foram mostradas algumas, quando expusemos as correlações pelo formato da planta, pelas cores, pelos sabores e pelas atividades obtidas a partir das combinações. Agora, fechando este capítulo de classificações genéricas,



podemos sugerir algo com base nas atividades esperadas utilizando esta ou aquela parte de cada planta.

Aqui entra um axioma básico que guia o raciocínio: considerando que o gradiente vibracional relativo a cada processo de desequilíbrio segue a lógica dos semelhantes, classificaremos os processos como de baixa, média ou alta frequência, conforme o grau de penetração da disfunção na verticalidade do organismo. Visualizando o organismo vegetal também verticalmente, trata-se de associar as frequências baixas às estruturas vegetais da base (raízes e troncos), as frequências médias às estruturas intermediárias (ramos, folhas e brotos) e as frequências altas às estruturas de ponta (flores, inflorescências e frutos). Então, temos uma classificação assim:

## **FLORES**

Contêm o princípio ativo na sua mais sutil apresentação. Entram aqui os elementos florais e aromaterápicos, além das substâncias comumente consideradas ativas nos processos de alta frequência que afetam os sistemas mais capitais para a economia orgânica e as funções cerebrais superiores. Sendo quase todos estabilizados no nível de óleos essenciais, esses elementos são intensamente aromáticos e voláteis, possuindo as mais altas concentrações de substâncias biológica e psiquicamente ativas encontráveis na natureza. E isso por entrarem nas atividades de comunicação, reprodução e defesa dos organismos vegetais — funções que, em tese, são das mais sofisticadas em relação às trocas que esses seres realizam com o universo circundante. Por essas características e por se apresentarem em quantidades mínimas dentro do fisiologismo natural das plantas, os aromas são utilizados em doses quase infinitesimais (muito pequenas) e, geralmente, como elementos enriquecedores de outros compostos não tão irritantes (mais suaves e neutros).

Fica fácil inferir que as flores carregam o princípio ativo codificado em pacotes de luz próprios para a harmonização dos processos

em que o grau de psicogenia é elevado (distúrbios de humor, distúrbios comportamentais, toxicomanias, quadros dementes, somatizações etc.). Por outro lado, e justamente em razão desse universo psíquico de utilização, entram na maioria das prescrições consideradas “mágicas”, mas sempre na expectativa de que atuem como elementos suavizantes, curativos ou simplesmente protetores daquele que é o foco do ritual. À parte as essências florais, que possuem uma fitocinética muito particular, todos os elementos ativos aqui apresentam algum tipo de tropismo pelo sistema nervoso central, por constituírem versões diferenciadas de elementos alcalogênicos. Por isso, atuam muito mais nos mecanismos de homeostase orgânica, regulando funções, que diretamente no ambiente interno dos órgãos e das vísceras.

São também elementos suavizantes que entram nas fórmulas para abrandar sintomatologias muito agudas, demonstrando grande valor como substâncias calmantes, ansiolíticas, sedativas e refrescantes. Quando não são apresentados como drogas imperiais, os elementos aromoterápicos e florais trabalham como substâncias ministeriais, entrando nas formulações magistrais como desaceleradores, como indutivos ou como drogas-guia. Porém, quando são utilizados diretamente (por via oral ou cutânea, por exemplo) ou puros (sem associações em diluições), frequentemente invertem toda essa indicação, tornando-se elementos aquecedores do metabolismo e, portanto, agudizando os processos. Mas é preciso considerar que, em determinadas situações, isso pode ser até interessante, na medida em que alguns distúrbios estão tão aprofundados que são difíceis de tratar ou sequer identificar. Nesses casos, a aplicação de um óleo essencial ou aromoterápico pode ser de grande ajuda para que se desenvolvam sintomas mais nítidos e/ou mais “à flor da pele”. Entretanto, essa é sem dúvida a sua mais perigosa utilização, em decorrência de sua alta capacidade de penetração no sistema, o que às vezes significa reações alergênicas e irritativas desconfortáveis.

## RAMOS E FOLHAS

Aqui se encontram as estruturas que entram na maior parte das indicações fitoterápicas, e isso porque a maioria dos acometimentos tratados nessa medicina pertence à classe das disfunções de frequência mediana na escala vibracional. Um outro motivo reside na preocupação que se deve ter em relação à preservação da planta ao utilizar partes dela para a elaboração dos medicamentos. Isto é, a princípio, as únicas partes que uma planta pode doar sem que isso ameace a sua sobrevivência ou saúde de forma geral são os ramos secundários e as folhas maduras — não considerando, é claro, as partes que ela elabora justamente para serem doadas, ou seja, os frutos. Estes, apesar de entrarem aqui como portadores de princípios medicamentosos de média frequência, podem ser considerados à parte por pertencerem a um tipo de procedimento mais voltado para a suplementação alimentar, que possui uma fitocinética também diferenciada. Em todo caso, quando utilizando as partes constituintes dos frutos em separado, é possível acessar os princípios ativos com atividade medicamentosa, resgatando esse tipo de dinâmica no ambiente das prescrições. Embora tenhamos de reconhecer que apenas uma minoria lúcida dos “raizeiros” extrativistas exercita esse tipo de racionalidade ao abordar as plantas na mata ou no campo, existe uma tendência a recolher apenas essas partes simplesmente porque é delas que a tradição fala quando relata a fórmula em si.

À parte a evidência de que a própria tradição está assim trabalhando para proteger as fontes dos princípios ativos, em verdade o que se observa é que a maior parte das experiências dos seres vivos, disfuncionais ou não, ocorrem nesse extrato mediano de fenômenos vibracionais. Sendo assim, é natural associar os eventos de aquecimento e acumulação que o sistema experimenta com a atividade dos ramos e das folhas. Lembre-se de que “tratar” alguém de um quadro clínico, para a medicina tradicional, é apenas uma atividade de aplicar estímulos que restabeleçam o fisiologismo cotidiano próprio

àquele sistema. E isso, ao final, só significa aquecer ou resfriar o organismo em um todo ou em partes, conforme o necessário.

Como o que se encontra nessas estruturas são substâncias que participam do processo de nutrição e autorregulação do organismo vegetal, são esses os pacotes luminosos que se podem extrair daí. Entretanto, como se trata de estruturas que estão sendo constante e naturalmente recicladas, é importante observar seu grau de maturidade para colhê-las no melhor momento. Como regra geral, esse momento é aquele no qual todos os eventos da respiração já estão presentes e amadurecidos, o que se determina pelo aspecto geral do ramo ou da folha em termos de textura das cascas, da presença de entrecasca, das cores, das nervuras, do aspecto da seiva etc., mas não senescentes (não demonstram sinais de envelhecimento e descarte).

## RAÍZES E TRONCOS

Estas partes estão obviamente ligadas aos princípios acumulativos inerentes ao organismo vegetal, representando os eventos de frequência mais baixa nesse metabolismo. Em razão disso, fornecem estímulos que trazem códigos capazes de atuar nas capacidades de conduzir os metabólitos, funções estas que todo organismo deve manter em plena atividade sob pena de permitir as obstruções e as acumulações patogênicas.

Embora seja fácil o engano de atribuir às baixas frequências pouca importância em relação aos demais processos, na verdade temos de ter em mente que é justamente nesse nível que o adoecimento começa a acontecer. Isto é, são as dificuldades de condução que levam o sistema às suas dificuldades de comunicação entre os plexos, o que prepara o terreno para a maioria dos acometimentos crônicos e agudos. Sendo assim, é das raízes e dos troncos que podemos retirar tudo aquilo de que necessitamos para assegurar um metabolismo consistente, extremamente resistente a ataques externos e longo de forma geral. Por isso mesmo, essas são as partes vegetais mais exploradas pelas dinâmicas fitoterápicas (cura pela alimentação), embora sejam

também muito exploradas medicamentosamente. Contudo, esta última opção não é a melhor, dado que, justamente devido ao nível frequencial bastante básico prevalente aí, as estratégias absorptivas naturais necessitam de tempo para ocorrerem, embora sejam de longe as responsáveis pelas melhores curas.

Isso quer dizer que os medicamentos preparados com raízes, caules de sustentação e troncos são aqueles que comumente necessitam de mais tempo para mostrar seus efeitos, embora compensem isso com a profundidade que alcançam em termos de transformações metabólicas. Ainda assim, frequentemente a situação aguda do paciente, ou a falta de maturidade dos curadores que se permitem entrar na ansiedade de melhora do paciente, exigem reações imediatas, o que leva às formulações e/ou manipulações indutivas de fitocinéticas mais curtas. Isso, claro, transforma a característica natural do princípio ativo presente ali, o que dificulta a relação deste com o organismo e torna o medicamento mais propenso a produzir reações iatrogênicas. Entretanto, a tradição é rica de maneiras maduras e sobejamente testadas para obter os melhores resultados, o que torna esse tipo de procedimento frequentemente seguro.

Outro nível de atividade relacionado às raízes e aos troncos (e dos mais desejáveis de estimular) é aquele referente ao vegetatismo. Todos os organismos (pertencentes aos reinos vegetal, animal, mineral, devico ou outros) realizam uma série de funções que têm por único objetivo a manutenção da estabilidade dinâmica de seu metabolismo. Tais funções, portanto, são baseadas em elementos autorreguladores e fomentadores de seu crescimento, se ainda não atingiram seu estado de plena maturidade. Sendo assim, referem-se a eventos metabólicos voltados tanto para a percepção e interpretação do mundo exterior quanto para as necessidades instantâneas do sistema em si, em relação àquele cronograma de desenvolvimento detalhadamente inscrito em sua cadeia genética. Inclui-se aí o momento em que a curva de vitalidade, após cursar um extenso platô de estabilidade,



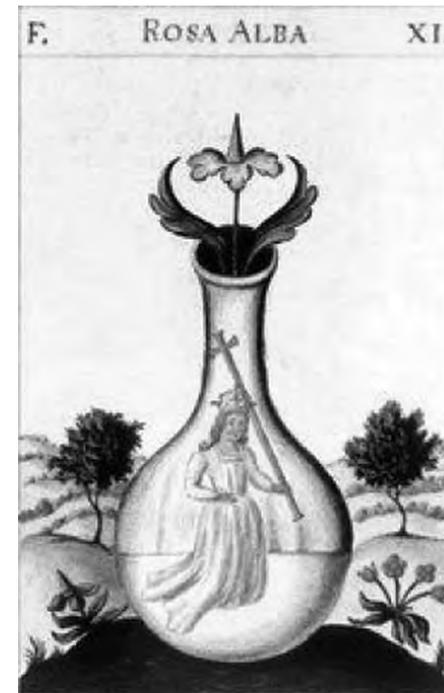
começa a inverter seu movimento e estabelecer a época da senilidade crescente dos subsistemas e processos.

Reencontramo-nos então com algumas das mais sofisticadas funções que um organismo pode apresentar (eventos de alta frequência, portanto). Essas funções estão muito além, em termos de complexidade e implicações, daquelas mais cotidianas ligadas às transmutações dos pacotes luminosos que adentram e/ou deixam o ser vivo de forma geral (mais academicamente descritas em termos de nutrição, digestão, absorção e excreção). Fecha-se aqui um grande ciclo de vida em que, do mais simples, surge o mais complexo, da mesma forma que, do mais simples, tira-se o que é útil para o mais complexo, e vice-versa. Da raiz à flor, está o ser vegetal em ressonância com todas as dimensões de existência de todos os reinos, dando e recebendo aquilo que o define como participante daquela extensa cadeia de trânsito da vitalidade universal.



## CAPÍTULO XIX

O princípio ativo: extração e fixação



**P**or tudo que comentamos acerca da quase miraculosa capacidade de cura das ervas medicinais, certamente já ficou claro que, se pudéssemos usufruir plenamente da relação com as plantas, nunca conheceríamos qualquer dor ou disfunção. E na verdade temos diariamente a chance de criar essa realidade quando fazemos nossa opção alimentar. Muito embora este seja um fato antigo e já tornado surrado e óbvio de tão comentado, a melhor maneira de manter e proteger nossa harmonia pessoal continua sendo pela alimentação.

Essa é a maneira pensada e equilibrada pela natureza, em termos de ritmos, dosagens e apresentações, para que os reinos paralelos façam transitar a luz inerente a cada um e provejam a todos do necessário para ser e estar íntegros. Mas, muito infelizmente, não é a maneira do homem e de nenhum dos seres que dependem dele para decidir sua dieta. E graças a isso (embora não só a isso) visitamos tão frequentemente o desequilíbrio e o desencontro com a adequação de nossos tempos, nossos ritmos e nossas necessidades. Graças à nossa ignorância quanto aos poderes fundamentais da natureza, não nos permitimos mais acessar a luz nos tempos e nas medidas adequadas, e necessitamos de um sem-número de processos especiais para buscar aquilo que, em outros tempos, nos seria facultado espontaneamente.

A esses “processos especiais” podemos chamar de métodos e práticas de extração e fixação dos princípios ativos: algo que, apesar de alijado de nossos instintos, podemos ainda aprender a dominar como técnica racional sabendo que, mesmo atingindo níveis de excelência nas várias maneiras que se conhecem para realizar tais processos, nunca devemos perder de vista que qualquer sistema tende a manter sua integridade física e vibracional. Temos de aceitar e compreender que nenhum método ou aparato será tão capaz de conter e veicular o princípio ativo quanto o próprio organismo que o contém. Isto é, ao desestabilizar artificialmente tal princípio para torná-lo disponível ao nosso metabolismo, sempre estaremos perdendo alguma parte preciosa dele, o que não ocorreria se o estivéssemos acessando segundo



as relações previstas pela ordem universal. Contudo, sempre há a melhor técnica para tudo, o que nos impele a nos esforçar ao máximo para perder o mínimo.

Tudo começa com a escolha do lugar e do momento certos para colher os insumos vegetais. E aqui entra o bom senso na consideração de alguns elementos que sempre serão importantes ter em mente ao fazer esse tipo de eleição. Isto é, o que você quer obter no final? É um produto fresco e de bom aspecto que contenha exatamente aquilo de que você precisa e que não traga coisas indesejáveis para dentro do seu sistema ou do sistema de seu paciente? Então, isso significa cercar-se das melhores condições possíveis para conseguir o que se quer.

Por exemplo, tendo compreendido a realidade vibracional que permeia as manifestações dentro deste universo, é de se esperar que você já saiba que a troca de pacotes de luz é espontânea, natural e desejável entre todos os sistemas considerados vivos. Assim, é instintivo perceber que as suas condições pessoais trazem elementos importantes para o momento em que você vai se aproximar de uma planta e pedir a ela algo da sua “magia de cura”. E isso, muito além de uma consideração “fantasiosa”, é algo que se mostra inteiramente lógico quando ponderamos o que está de fato ligado ao nível de estresse do organismo vegetal no momento em que este vai ser manipulado.

O estresse, quando acima do nível biologicamente aceitável, gera uma química muito próxima àquela relativa ao pânico em qualquer organismo vivo. Se você duvida que uma planta possa sentir pânico, experimente “aterrorizar” uma delas, uma violeta, por exemplo, diariamente prometendo-lhe que irá arrancar e torcer seus galhos, que não irá lhe dar quase nada de água, e toque para ela uma seleção das piores músicas que você possa conceber. A violeta, uma espécie ornamental conhecida por sua resistência a ambientes difíceis e por florir nas mais adversas condições, na verdade só o faz quando se sente feliz! Sob pânico, mesmo que você não cumpra nem metade de suas ameaças, rapidamente ela irá fenecer ou, pelo menos, nunca mais irá exibir as belas flores pelas quais foi tão apreciada e comprada.

Ou ainda, para uma experiência mais visível e de resposta imediata, experimente estressar uma vaca pouco antes de ela ser ordenhada. Então, compare a quantidade de leite que é possível extrair dela em relação ao dia anterior, uma manhã fresca e corriqueira, quando tudo foi feito com calma e sem novidades.

Se o estresse significa uma química ligada ao medo, certamente não é o que você quer e não corresponde de forma alguma à melhor condição para dois seres cooperarem. Ficando isso claro, também fica óbvio que aquele dia em que você estiver raivoso, triste e deprimido, desvitalizado por adoecimento ou outra causa qualquer, em suma, esteja fora de suas condições normais de vitalidade e racionalidade, não é o dia para iniciar processos tão sensíveis quanto este de preparar medicamentos. E isso, é claro, será tão importante quanto de mais alta energia for o processo que você está intencionando. Tenha a certeza de que, quanto mais altas as frequências inerentes ao procedimento, mais sensível este se torna às condições ambientais. E nós todos, como manipuladores, fazemos parte ativa desse ambiente. E mais: se sua atividade implica ir à mata ou ao campo para reconhecer e selecionar precisamente uma espécie vegetal, que normalmente medra somente em uma determinada região, que pode ser de difícil acesso e em meio a uma centena de outras espécies muito semelhantes morfológica... decididamente, é melhor deixar para outro dia ou encarregar outra pessoa que lhe seja de confiança.

Por outro lado, há os aspectos de estresse relativos à própria planta. É claro que a ideal é aquela planta que pode ser acessada em seu próprio ambiente, bem nutrida e protegida pelas condições ecológicas mais adequadas, e que esteja em seu melhor momento para ser manipulada em um cuidadoso processo de extração. Fora isso, decididamente não é ideal aquela planta que germinou a duras penas à beira de uma estrada onde o movimento de veículos e de pessoas é intenso, e onde ela respira gás carbônico e uma centena de outros gases estranhos. Ou seja, onde ela recebe, pelo ar, pela água de escoamento e pelo acúmulo ao seu pé de terra lixiviada das plantações próximas,





inúmeros tipos de pesticidas, agrotóxicos, químicos farmacológicos de uso veterinário etc. Tampouco é ideal aquela planta que tenha sido ameaçada no último ano pelas queimadas provocadas pela falta de senso dos que se aproximam da vegetação seca com o fogo aceso, seja por diversão, seja por simples distração. Essa planta seguramente não será um indivíduo dos mais bem-humorados ou disponíveis para trocas de vitalidade. Portanto, a erva fácil, em exposição na beira do caminho, pode não ser a melhor escolha se o que você quer é um medicamento ou um alimento de razoável capacidade curativa ou nutritiva. É claro que um ser vegetal não pode, a princípio, evitar ser colhido, mas seguramente pode transformar de tal modo a sua química interna que nada de bom será realizado com suas partes.

Em uma outra dimensão de problemas, muitas vezes ocorre a versão artificial disso tudo. O indivíduo realizador e empresário descobre que o ramo dos fitoterápicos é uma das indústrias mais promissoras deste e do próximo século, e resolve investir nisso comercialmente. É claro que ele tem em vista uma grande produção, sonha com a exportação de seus produtos e quer obter tudo isso com o máximo de lucro e o mínimo de risco e custo. Orientado nessa direção, escolhe um rincão de terra previamente agricultado, livre de quaisquer espécies vegetais invasoras, pedras, tocos ou restos da antiga vegetação nativa, o que para ele é o paraíso em termos de economia quanto aos investimentos iniciais, pois ali metade do caminho já foi percorrido e ele não terá que aplicar capital para beneficiar a terra. Acha também a área ideal por estar próxima a uma rodovia, não distante de um grande centro urbano que certamente poderá ser o consumidor primário da sua produção. Ele pensa em fretes baratos e pouca dor de cabeça com transporte e armazenagem, diante dos muitos silos e armazéns de estocagem em volta que costumemente são alugados para guardar as safras anuais de grãos. Ele pesquisa o mercado para assegurar o seu investimento, dedicando-se a uma espécie vegetal que esteja sendo muito procurada por suas qualidades fitoquímicas, e descobre que, no momento, há muito mercado para

uma planta típica do estuário do Rio Indo, no sul da Índia... e por aí adiante. Infelizmente, porém, ele pensa tudo errado.

Um horto medicinal não segue as mesmas regras de cultivo que uma monocultura forrageira ou alimentar em grande escala. Há questionamentos se até mesmo a produção em grande escala, em quaisquer condições, seria algo exequível sem perdas preciosas e definitivas de qualidade. É um fato reconhecido que a medicina tradicional foi pensada em um tempo em que a humanidade lidava com necessidades muito diferentes em termos de ritmos e quantidades. A realidade do homem era algo mais humano, e o seu ciclo de vida e morte, muito mais natural. As comunidades eram muito menores, os sonhos e as idealizações eram menos ambiciosos e mais exequíveis. O nível de frustração também era muito mais baixo, e as diferenças entre as pessoas, menos profundas. O nível de “dor” que a humanidade experimentava não era tão elevado, e o que havia estava perfeitamente coberto pelos extensos recursos lenitivos da natureza.

Esses recursos ainda estão aí, mas o ser humano que poderia se beneficiar deles está profundamente transformado, distante de sua realidade essencial, e como que aprisionado em um sistema de vida que ele mesmo criou em torno de suas fantasias... Mas, se realmente não é possível explorar industrialmente todo o potencial medicamentoso das plantas medicinais, o que fazer para atender à enorme demanda que existe atualmente? Estamos fadados a padecer dos efeitos deletérios da indústria de medicamentos sintéticos?

Definitivamente não. Há uma resposta vinda da própria natureza que se renova e se adapta constantemente, desde que tenha chance para tanto. O homem moderno pode reconciliar suas necessidades hipertrofiadas com a melhor capacidade de cura das plantas, explorando aquelas espécies tradicionalmente cultiváveis e realizando um extrativismo migratório e racional das espécies selvagens (que ainda não aprendemos a cultivar!). Extraindo sem depredar (um pouco em cada lugar e nunca extinguindo totalmente os representantes da espécie naquela área), o ser humano, ao invés de destruir, excita a





natureza a se reproduzir e a prosperar. Associado com o planeta, o ser vivente consegue inclusive o que não era provável sem a sua presença: que determinados indivíduos vegetais apareçam em lugares onde nunca foram vistos! E isso será apenas uma pequena parte da maravilhosa possibilidade de interação entre os seres que vegetam neste intrincado e misterioso sistema pulsante de vida.

Entretanto, a nossa realidade é individual e nem todos sentimos a necessidade de realizar uma *plantation* para produzir em grande escala. Para os “mais humanos”, as respostas da tradição estão prontas e são satisfatórias. A estes, é destinado o conhecimento que reza que cada erva tem o seu metabolismo e que, mesmo considerando a esmagadora diversidade de espécies, apenas dois fatores são preponderantes: água e luz. Nesse sentido, para reconhecer o melhor momento de colher a erva que sabemos útil para o nosso caso, tudo que temos que perceber é como está o metabolismo da água e da luz em relação àquela parte da planta que vamos utilizar. O resto é bom senso e intuição. Para exemplificar isso, vejamos o raciocínio perante situações concretas.

## COLHENDO RAÍZES

Vamos nos colocar no lugar de um ser vegetal que não pode se mover para procurar climas mais amenos ou buscar o alimento de que necessita. Se pudermos ser sensíveis a esse ponto, descobriremos provavelmente que a primeira coisa de que um vegetal precisa é estar sintonizado com as mudanças climáticas que acompanham o desenrolar de um ano (a sazonalidade das estações segue uma ciclotimia mais ou menos anual).

Vamos aprender que tudo de que necessitamos como vegetais são gradientes diferentes de água e luz, e que o nosso ideal de sobrevivência requer um nível constante desses insumos nutritivos. Sendo assim, conforme a oferta de um e de outro for mudando ao longo do ano, acompanharemos isso metabolicamente de maneira a deslocar vitalidade para partes diferentes de nossa estrutura,

cumprir todos os nossos ciclos vitais e ainda manter os níveis ótimos de luz e água no organismo como um todo.

Assim, quando houver muita luz, não precisaremos de tantas folhas (órgão captador de luz e gás atmosférico por excelência), mas demandaremos mais flores, posto que, nessa época de abundância, poderemos nos dedicar a nos reproduzir, sem maiores preocupações com estocagem ou sínteses de crescimento. Estaremos vivendo a primavera. Nossa atenção, em termos de vitalidade, estará muito mais voltada para nossas partes superiores, o que deslocará a maior parte de nosso princípio ativo para as pontas aéreas, onde ele possa ser percebido pelos nossos parceiros reprodutivos (insetos, pássaros, herbívoros e, eventualmente, seres humanos).

Isso faz da primavera a pior época para coletar raízes, mas a melhor para coletar flores, desde que maduras e recém-desabrochadas! Faz também do início do inverno a melhor época para colher raízes, pois toda a nossa necessidade naquele momento é de estocagem e de preparação para tempos de pouca luz (dias curtos), temperaturas extremas (dias e noites frios, que requerem mais luz interna para manter padrões mínimos de metabolismo) e talvez pouca oferta de água (não chove a maior parte do inverno, em razão de as massas de ar quente, que transportam nuvens de chuva, serem sopradas para longe). Nessa época, toda a nossa atenção está voltada para o fomento das raízes, conseqüentemente, deslocando muito do princípio ativo para essas partes.

Esse binômio luz-raízes é então inversamente proporcional. Muita luz, pouca vitalidade nas raízes. Pouca luz, muita vitalidade nas raízes. Assim, independente da época do ano, o melhor momento de colheita em relação ao ciclo de um dia é ao entardecer, quando nós, plantas, estaremos nos recolhendo para viver o frio e a escuridão da noite, mas ainda não estaremos com o metabolismo tão baixo que não poderemos fazer nossas trocas.

O tipo de substância circulante em maior quantidade em nosso sistema também varia com a época do ano e o esforço metabólico





(para estocagem de energia, nós vegetais preferimos pacotes luminosos estabilizados na forma de longas moléculas de açúcar bem empacotados e guardados em fortes estruturas celulósicas, típicas de rizomas e raízes). Em outras épocas, como no final da primavera e início do outono (que também tende a ser uma época fria e de menos luz, embora não tão severa quanto o inverno), também deslocamos muito princípio ativo para as raízes, mas principalmente na forma de moléculas mais leves e mais instáveis quimicamente: resinas, taninos, terpenos e outras. Portanto, é possível que, nessa época, tenhamos nas raízes mais elementos curativos que nutritivos. Daí a tradição da colheita de raízes à sombra da lua nova da primavera ou do início do outono.

### **COLHENDO CASCAS E ENTRECASCAS (TRONCOS E RAMOS)**

Essas partes de nossa estrutura vegetal são direcionadas ao transporte de tudo o que é necessário para o desenvolvimento, a nutrição e a respiração. Portanto, o momento em que possuem mais princípio ativo está ligado às grandes movimentações de nutrientes e metabólitos, por ocasião da necessidade de desenvolvimento das flores e dos frutos, ou da armazenagem para o inverno. Aqui então os padrões de água e luz devem ser medianos, mais frequentes em épocas de transição.

Sendo assim, em relação ao ciclo de um dia, o melhor momento seria o intervalo entre as 9h (após o orvalho da noite secar) e as 17h, antes do início do crepúsculo (isso obviamente está ligado ao período de insolação, o que é extremamente variável à medida que se caminha pelas latitudes globais e pela época do ano. Por isso esses horários são apenas referenciais). Além disso, é preciso considerar que existem pelo menos dois tipos de seiva circulante pelos troncos e ramos e que, a depender do momento do dia, teremos uma ou outra em maior quantidade nas cascas e entrecascas. No início do dia, a seiva



tende a subir pelos canais mais profundos (floema ascendendo para levar nutrientes às folhas e estruturas superiores), irrigando a entrecasca e a superfície do cerne. Ao final do dia, a seiva tende a descer por canais mais superficiais (xilema descendendo e carreando oxigênio e produtos fotossintetizados durante o dia), irrigando a casca e os brotos francos.

Em relação ao ciclo anual, a melhor época é a de maior atividade metabólica, a primavera. Um segundo momento seria o outono, visto que a maior parte dos frutos entram em maturação nessa estação, o que também exige esforço por parte de todo o sistema. Independente da época do ano, como temos de permanecer íntegros e manter vivas todas as nossas partes, há sempre alguma atividade no tronco e nos ramos, o que os torna muito bons para serem extraídos a qualquer momento. Basta que se observem os horários certos, e uma boa quantidade de princípio ativo sempre poderá ser encontrada. Outro aspecto da mesma questão é que existem muitas plantas com ritmos metabólicos particulares, o que dá margem a procedimentos que se referem somente a elas. Portanto, na dúvida, informe-se e siga sem medo a tradição local de manipulação daquela espécie.

### **COLHENDO FOLHAS E FLORES**

Por tudo que já foi visto, é fácil concluir que teremos mais princípio ativo nas folhas durante o dia e na época em que os dias forem mais longos, ou seja, no final da primavera e ao longo do verão. Aqui o importante é selecionar apenas folhas adultas e sadias (nunca as que a própria planta começa a abandonar, nem as recém-brotadas, salvo se a orientação especificar isso) e jamais retirar tantas que possa vir a prejudicar o vegetativismo da planta (lembre-se de que ela precisa respirar, transpirar e fotossintetizar), o que faz um limite de mais ou menos 70%.

Em relação às flores, não fica dúvida. A melhor época é o início da primavera, quando os botões estão abrindo em grande número, mas ainda não estão totalmente desabrochados. Nesse ponto, há uma



concentração máxima de princípios florais ativos, já que a flor em si está pronta, mas não teve tempo de começar a usar seus atributos de comunicação e reprodução. A maior parte das flores são diurnas e noturnas, mas também há aquelas apenas noturnas, que se fecham durante o dia. Para estas últimas, é claro que o momento de mais concentração dos elementos curativos é quando ela começa a se abrir. Para as demais, o primeiro horário da manhã é o mais indicado (sempre após a secagem do sereno noturno).

Após a colheita, que demoramos algum tempo para aprender a fazer, o segundo passo é manipular a planta de forma a atingir dois objetivos: tornar o princípio ativo disponível para consumo direto, o que implica desestabilizá-lo dentro da estrutura vegetal, e ao mesmo tempo mantê-lo nessa situação por um tempo razoavelmente extenso (até o momento de ser aproveitado como medicamento, o que pode levar meses ou anos).

Como se pode perceber, são duas pretensões conflitantes, principalmente dada a sutileza do material com que estamos lidando (o princípio ativo é considerado assim, ativo, justamente por ser altamente instável e tender a se associar com algum suporte concreto ou, como alternativa, retornar à sua fonte primária, o Sol). Assim, o que temos de fazer é mudar as condições em que ele se encontra no vegetal, mas não tanto a ponto de perder aquilo que o retém ao longo do caminho da manipulação. Como estamos considerando os métodos domésticos empíricos, não temos condição de copiar a estrutura molecular do suporte que estabiliza os pacotes luminosos (que, como já explicado, só atendem à capacidade de contenção dos campos magnéticos coerentes produzidos pelo arranjo espacial das moléculas orgânicas). Teremos então que usar o que já existe como “recipiente” temporário: preservar ao máximo a estrutura molecular que dá suporte ao pacote luminoso, o que na prática implica preservar a estrutura física da planta.

Porém, também como já comentado, se permitirmos aí o grau certo de concentração de água, todo o movimento de transferência de luz continuará acontecendo, o que esgotará rapidamente as reservas de princípio ativo, já que aquela parte da planta foi dissociada do corpo principal e nenhuma atividade de reposição estará acontecendo. Então, além de preservar a estrutura básica da planta, temos de reduzir a presença de água a níveis mínimos de concentração (algo em torno de 10% é suficiente), procurando minimizar as transferências de pacotes luminosos para o espaço circundante. É claro que fenômeno vibracional nunca cessa completamente, e o que poderemos obter ao final de nosso trabalho é uma espécie de movimento desacelerado de transferência. Mas, sem dúvida, o tempo que ganhamos com isso é suficiente, e os medicamentos produzidos segundo esses princípios estão inteiramente disponíveis e com doses elevadas de princípio ativo por anos a fio.

Conscientes dos objetivos a serem garantidos, tudo que pudermos imaginar que otimize os métodos para alcançar a estabilização do medicamento poderá e deverá ser feito. Aliás, é bom assinalar que, como regra geral, as ideias expostas em estudos como este são fruto da experiência de incontáveis manipuladores de insumos fitoterápicos (vindos, inclusive, de muitas culturas) que acumularam experiência ao longo de milhares de anos. Isso pode levar a crer que nada mais se poderia criar aqui. Porém, o que se observa é o oposto, ficando assim a melhor técnica por conta da criatividade e da experiência de cada um ao elaborar seus medicamentos. De qualquer forma, todos seguem mais ou menos os mesmos passos, de um caminho assim:

## LAVAGEM

Considerando que a maioria dos insumos fitoterápicos tem origem vegetal, é deles que se trata quando descrevemos qualquer método de manipulação. Contudo, eventualmente entram aqui insumos





minerais e/ou animais, que obviamente requerem uma manipulação especial e diferente de tudo o que veremos neste livro, apesar de os objetivos fundamentais quanto à retirada de água e à estabilização relativa da luz permanecerem os mesmos.

Tendo então uma quantidade de massa (folhas, ramos, raízes etc.), o que se deve fazer primeiro é separar quaisquer outros materiais que possam vir associados (tais como terra, matéria seca indeterminada, pedaços de outros vegetais, larvas ou insetos). É importante nessa fase manipular tudo o mais inteiro possível, pois isso permite uma perfeita identificação do material a ser usado, além da facilidade de estar manuseando pedaços volumosos. Outro aspecto é que a lavagem geralmente acrescenta mais água ainda à massa vegetal, que por natureza tem tropismo por ela, o que vai contra os interesses buscados nos próximos passos de preparação e pode até inviabilizar o material para o processamento (quanto mais delicada a estrutura vegetal, mais absorviva de água ela é, o que pode estragar tudo já no início do processo). Manipulando a planta ainda íntegra estruturalmente, ou pedaços grandes dela, esse efeito é mínimo, o que só contribui para um bom resultado nessa fase.

Quanto ao que usar para lavar, não há negociação. O único elemento que pode estar associado com o medicamento final, sem que se altere sua dinâmica medicamentosa de forma significativa, é a água. Mesmo que, em uma sofisticação do processo de limpeza, se chegue a passar a massa vegetal por um banho de vapor, este há de ser vapor d'água, e não outra substância qualquer.

Frequentemente, esse parece um detalhe óbvio demais para merecer citação em separado, já que se lava quase tudo com água mesmo. Mas o que pode não estar tão óbvio é que, no ambiente urbano (onde reside a maioria das pessoas), a água de que se dispõe comumente nunca é pura. Ao contrário, está sempre associada a cloro (acrescentado em doses maciças pela própria saúde pública), metais pesados provenientes das bombas e das tubulações, e outros elementos químicos inerentes às caixas de passagem ou outros reci-

pientes e, até mesmo, elementos provindos da poluição típica de uma cidade. A sua imunidade até que pode se relacionar cotidianamente com esse verdadeiro “coquetel” que jorra de sua torneira, sem que muitos efeitos disso se tornem visíveis. Mas, quando o assunto é a preservação de um delicado princípio ativo que estamos tendo tanto trabalho em obter, a dimensão das considerações muda.

Portanto, se no seu ambiente doméstico você não dispõe de outra fonte de água que não a sua torneira, realize o procedimento de lavagem em outro lugar! De preferência, se possível e adequado, no mesmo momento e sítio onde você está extraíndo as plantas (normalmente há água de fontes naturais por perto ou no caminho, que é sem dúvida a de melhor tipo). Ainda assim, é preciso atentar se essa fonte não está sendo poluída sistematicamente por agentes não perceptíveis a olho nu (que será o caso de rios que delimitam plantações extensas, ricas em adubos químicos e agrotóxicos, e/ou de outros veios d'água que passem por galinheiros, chiqueiros, canis, estrebarias, currais etc.).

Um último detalhe nos remete àquele momento em que estamos manipulando flores, ou pétalas de flores. Estas, em razão da sua delicadeza e da rápida degradação estrutural, não se lavam quando o que se pretende é estocá-las *in natura* (com a sua apresentação original). Aqui o que se faz é uma esterilização por meio de insolação (que não pode ser demorada, dado que os óleos aromáticos são extremamente voláteis e normalmente representam tudo o que se quer) e a secagem em ambiente fresco e arejado, isto é, não propício à proliferação de micro-organismos. Temos a nosso favor o fato de as flores serem quase sempre ricas de óleos essenciais, que são justamente a parte vital do sistema de defesa da planta que as gerou. Isso por si só as torna suficientemente estéreis para efeitos medicamentosos.

## DESIDRATAÇÃO

Isso poderá ser iniciado antes ou depois da “moagem” (desagregação estrutural da massa vegetal), a depender do que se tem em mãos e do





que se pretende como produto de estocagem (se a ideia é fazer algum preparado que implique a associação com algum tipo de conservante, é possível que se salte essa etapa). O certo é que, quanto mais desagregado o material, mais rapidamente ele irá perder água para o ambiente, o que é bom. Mas também será muito mais rápida a perda dos elementos voláteis, o que não é bom, já que normalmente são estes que dão suporte ao princípio ativo. O jogo entre velocidade de desidratação e volatilização dos elementos ativos é justamente o que faz deste ou daquele processo um bom ou mau método.

Sendo assim, o que determina a melhor técnica é o bom senso, a experiência e o objetivo primário. Por exemplo, se temos em mãos uma massa de folhas de forte textura (como as de guaco, *Mikania guaco*) e queremos desidratá-las para estocagem *in natura*, (inteiras elas vão conservar o princípio ativo por mais tempo), vamos levá-las diretamente à exposição solar, sem pensar em triturações ou picagens. Por outro lado, se pretendemos fazer com elas um xarope antigripal (geralmente a partir do chá ou da tintura alcoólica), em vez de pensarmos em secagem, faremos diretamente sua trituração grossa, o que vai produzir uma massa vegetal macerada em pedaços volumosos. Essa massa apresenta a vantagem de aumentar a superfície de contato do princípio ativo com o diluente (água ou álcool de cereais) e facilitar a manipulação nos recipientes. Em um terceiro objetivo, se o que pretendemos é a elaboração de uma tintura (alcoólica, aquosa ou qualquer que seja) a ser estocada, também podemos saltar a fase da desidratação por insolação e ir direto para a moagem a um grã mediano (cujo grau de desintegração será determinado pelo processo de confecção da tintura). Ou não, já que as tinturas com a massa vegetal seca tendem a se realizar mais rapidamente e ser mais concentradas (o que define isso é o grau de urgência pelo medicamento e a situação em si).

Entretanto, se temos a clareza de que esse é o momento para uma boa secagem do material, o procedimento não será outro. Para materiais muito lenhosos (ramos inteiros ou picados em pedaços gran-

des, ou pedaços de cascas, ou talos mais grossos), uma moagem prévia e a insolação direta, ou a estufa regulada para cerca de 60°C., é o necessário. Para materiais de textura mediana (folhas, talos não tão lenhosos, cascas de frutos e outros), uma picagem em pedaços medianos e a secagem por aeração (à sombra, mas claro que com a presença do vento) traz bons resultados. Já para materiais frágeis (flores, cascas muito finas, entrecascas, polpas de frutos etc.), que perdem água com facilidade, a exposição ao tempo em áreas preservadas do sol e do vento é suficiente.

Ao final da secagem, espera-se obter um material com muito menos peso e muito mais rígido e quebradiço, mas que conserve bom aspecto quanto à cor, ao sabor e ao odor. Vale ressaltar que, principalmente no que concerne às flores, a secagem não pode ter modificado muito a sua aparência original (eminentemente em relação ao cheiro que antes ela exalava, e que agora pode estar até potencializado).

Nessa fase, é muito importante regular o grau de exposição, em razão de a maioria dos materiais ainda estarem muito propensos ao ataque de insetos, bolor e micro-organismos. A secagem, em vista disso, não pode ser muito lenta (propiciando a fermentação dos açúcares) nem rápida demais (propiciando o carreamento dos elementos voláteis). Assim o ideal, quando se usa o sol, é espalhar o material em camadas de até dois centímetros de espessura em telas montadas em quadros que possam ser periodicamente virados, para que se exponham os dois lados. Se a secagem é à sombra, o ideal ainda são as telas, mas estas podem estar montadas em “beliches” fixos bem acondicionados na estufa, de forma a ocupar o mínimo de espaço e, ao mesmo tempo, apresentar o máximo de rendimento por metro quadrado. Se os materiais são mais delicados, e por isso mesmo mais propensos ao ataque, a solução são as caixas de secagem. Estas são aparatos simples e leves (geralmente de isopor e/ou madeira leve) que podem ser facilmente transportados ao abrigo da umidade noturna ou da chuva eventual. Expõem o material simultaneamente, por baixo e por cima, ao ambiente,





mas o mantêm isolado por tampas feitas em telas de trama muito fina, que permitem a passagem do ar e da luz, e nada mais.

## TRITURAÇÃO OU MOAGEM

Como já visto, essa etapa pode ou não ser necessária, a depender do tipo de material que se tem a manipular e das pretensões imediatas quanto à sua destinação. Na maior parte dos casos, é um procedimento desejável, que atende o objetivo de obter uma desidratação mais rápida e homogênea, reduzindo significativamente o risco de fermentação e de ataques por mofo e bolor. A trituração aumenta a superfície de contato da massa vegetal com o diluente extrator das essências que são o suporte do princípio ativo, o que facilita a obtenção de extratos mais concentrados e mais potentes. Também permite uma armazenagem facilitada por produzir uma massa triturada mais homogênea e composta por partículas menores, o que diminui o desperdício, já que esta pode ser mais facilmente manuseada.

Aqui os únicos cuidados a serem observados são: em primeiro lugar, identificar adequadamente o substrato vegetal antes de iniciar a moagem, posto que fazer isso depois será difícil ou mesmo impossível — uma etiqueta com o nome da planta, a data de processamento e o nome do processador é suficiente. Em segundo lugar, assegurar-se de que o picador/triturador (normalmente elétrico, mas em alguns casos manual) foi limpo após a última utilização, o que evita a contaminação por substratos diferentes e potencialmente incompatíveis. A limpeza deve abranger resíduos provenientes da própria máquina, geralmente pouco utilizada e propensa a ferrugem, resíduos de graxa e óleo, partículas de tinta que se soltam etc. Além da máquina, deve-se estender essa preocupação ao recipiente que vai receber o macerado, que, se for usado mais de uma vez, pode também conter resíduos do último procedimento. Normalmente, isso se resolve com um saco de anagem atado à saída do triturador, pois este funciona em alta rotação e tende a espalhar resíduos em todas

as direções. O importante é que esse saco esteja limpo ou, melhor ainda, que seja renovado a cada procedimento.

O último cuidado é com o grau de trituração que se vai obter com a regulação da máquina, o que obviamente tem de ser coerente com o nível de processamento a que o substrato vegetal vai ser submetido depois. Existe na indústria uma convenção que divide a trituração em cinco níveis de grã: de grã 1 até grã 5, o mais fino, que alcança a consistência de talco. Contudo, para efeito de uma manipulação mais doméstica, dificilmente se torna necessária uma trituração mais profunda que aquela de grã 3, que já alcança a consistência de pó (o pó da planta pode inclusive ser encapsulado ou, se necessário, processado para obter dele o extrato seco. Porém, tais processamentos exigem um maquinário específico e métodos de manipulação muito mais precisos e assépticos do que os possíveis no ambiente doméstico).

Usualmente, três são as destinações do substrato triturado: secagem para armazenamento (trituração grossa), confecção de tinturas (trituração mediana para fina) e preparação de medicamentos na forma de chás, pomadas, polvilhos etc. (trituração fina).

## PRESSAGEM

Essa também é uma etapa facultativa e mais presente quando os elementos ativos de interesse não podem ou não devem ser submetidos a muito manuseio por meio de temperatura ou associações químicas. É bastante simples e normalmente só requer o uso de uma prensa manual devidamente adaptada para colher o sumo e/ou a seiva oleosa da massa vegetal que está sendo trabalhada.

À parte os cuidados básicos de limpeza e manuseio da prensa, o único cuidado que se deve ter aqui é quanto à agilidade do processador. Isto é, como o que se vai obter é um insumo líquido cru (proveniente do esmagamento das cápsulas celulósicas que antes o protegiam e isolavam), este frequentemente será extremamente reativo





à presença de oxigênio e luz (isso significa que os elementos ativos podem começar a se oxidar imediatamente após serem extraídos, perdendo-se em questão de horas ou minutos, tal qual acontece em substratos prensados de babosa, *Aloe vera vera*). É necessário então ter tudo preparado, de forma que se possa continuar o processamento sem interrupções, pelo menos até uma fase em que algum tipo de estabilizador seja acrescentado.

Outra situação de prensagem é aquela que busca o melhor aproveitamento da massa vegetal já submetida a um processo de lixiviação por maceração (o que será explicado mais adiante). Aqui, o que se faz é levar à prensa o que sobra da maceração, obtendo-se um material de valor inferior em relação ao extrato produzido primariamente. O cuidado que se tem de ter é não ceder à tentação de aumentar a quantidade final de extrato misturando os dois produtos. Estes não são iguais, apesar das aparências semelhantes! Um é resultado da ação química desestabilizante do diluente extrator, o que retira da massa vegetal seletivamente os elementos ativos. O outro, além da primeira atividade, sofreu uma segunda, de caráter mecânico, que de forma alguma é seletiva, possuindo, assim, muitas substâncias secundárias que talvez não sejam sequer conhecidas em termos de fitocinética. Por conseguinte, esse segundo produto deve ser separado e utilizado em caráter de observação (talvez somente para uso tópico, por exemplo) para que se conheça o seu valor medicamentoso, que, por certo, é real em algum grau.

## FERMENTAÇÃO

Normalmente é permitida quando se sabe que o elemento ativo de determinada planta possui princípios irritativos em demasia, ou se torna mais biologicamente ativo e seguro quando levemente transformado pela ação de micro-organismos.

Embora existam muitas ervas que fermentam espontaneamente se deixadas à temperatura ambiente (como o funcho, *Foeniculum vulgare*),

por possuírem grandes concentrações de açúcar e água, normalmente é necessário processar a massa vegetal para obter a fermentação certa. Ou seja, o que se deseja ao final da fermentação é obter um produto de características definidas, bom para o uso a que se destina, o que não vai acontecer se mais de um micro-organismo participar desse processo. Sendo assim, a maioria dos processos de fermentação é tornada seletiva pela esterilização prévia do substrato e posterior inoculação de “colônias” do micro-organismo desejável, ou pelo controle rígido das condições de umidade e temperatura do ambiente em que está depositada a massa vegetal. Ao primeiro método, denomina-se fermentação seletiva; ao segundo, fermentação livre.

Qualquer dos dois métodos pode ou não implicar a imersão do substrato em uma calda nutritiva (geralmente uma garapa diluída em água na proporção de até 50%) ou somente em água. Pode ser necessária também a prensagem prévia dos sumos vegetais, justamente para sua exposição mais completa aos agentes fermentadores primários. Frequentemente, tais agentes são colônias de micro-organismos que não se desenvolvem muito bem quando em competição com as outras cepas que virão se a fermentação demorar a se iniciar. No mais das vezes, basta picar os ramos ou talos em pedaços medianos e imergir em água que a fermentação desencadeia-se por si só (entra aqui a atividade inteligente dos pacotes luminosos em que consiste o princípio ativo da planta. Estes são seletivos em relação aos micro-organismos adequados em razão de suas propriedades frequenciais e antibiogênicas, excluindo por dissonância quaisquer outros elementos nocivos do ambiente de preparação do medicamento).

## TINTURA

É o preparado mais comum entre os processamentos conhecidos a que se submetem as plantas medicinais. Consistem na exposição da massa vegetal (aqui encarada como soluto) à ação de um diluente extrator (o solvente), que pode ser de vários tipos.





As mais frequentemente utilizadas, por suas vantagens, são as tinturas alcoólicas (álcool de cereais hidratado em percentuais diversos). Mas também existem as tinturas aquosas, preferidas para medicamentos destinados a uso pediátrico ou em partes internas sensíveis à ação do álcool, ou que estejam extraindo elementos muito sensíveis quimicamente, mas que sejam hidrossolúveis, ou ainda que não necessitem ser longamente estocados. São, também, uma alternativa para aqueles pacientes que não podem, por algum motivo, ingerir qualquer dose de álcool. Existem ainda as tinturas feitas à base de éter, muito mais tóxico e, portanto, em desuso, aquelas preparadas com bebidas alcoólicas, muito comuns entre raizeiros e preferidas para minimizar os sabores e os odores não palatáveis, e as preparadas com óleos e outros substratos diluentes menos comuns (nas comunidades indígenas, usa-se frequentemente o mel de abelha para extrair elementos ativos e conservá-los).

Apesar da diversidade de opções, o que realmente se usa são as tinturas alcoólicas preparadas à base de álcool de cereais. Esse álcool tem a propriedade de ser quimicamente ativo em relação à maioria das substâncias orgânicas, o que o torna um bom solvente. Por outro lado, é um álcool muito concentrado (atinge em média 98 graus, enquanto o álcool da cana-de-açúcar mal chega a 90 graus), fato que torna desaconselhável submeter o substrato vegetal a sua ação sem antes abrandá-lo com a adição de água (isso inclusive soa como mais uma vantagem, dado que o álcool tem um custo que acaba pesando no valor final do medicamento). Já a possibilidade de diluí-lo para o processamento aumenta em muito o seu rendimento como agente processador. Dessa forma, a melhor técnica prevê a hidratação relativa do álcool, produzindo assim um diluente extrator hidroalcoólico. O percentual de água é relativo ao tipo de substrato que irá ser macerado, mas em média utilizam-se diluições numa proporção de 20% (com 80% de álcool) a 70% (com 30% de álcool). Daí se obtêm descrições do tipo álcool a 30%, álcool a 50% etc.

Na verdade, existe muita discussão em torno de quais seriam as melhores diluições para cada tipo de substrato, mas, na média, os técnicos concordam que, quanto mais delicada a textura celulósica da massa vegetal, maiores serão as diluições (portanto, menor a concentração de álcool). Entra aí também o aspecto puramente químico, ligado à tendência do álcool de ser tão eficiente na sua ação diluente que chega a quebrar a cadeia molecular dos elementos ativos, os quais sofrem assim um processo de desnaturação e perdem suas capacidades medicamentosas. Daí a preocupação no acerto desses percentuais de diluição. Assim, para aquele substrato formado pelas fortes folhas de guaco (agora trituradas em um ponto mediano), utilizaríamos uma diluição de álcool a 30% para obter uma boa tintura a partir de um período de maceração que gira em torno de trinta dias. Para outros métodos de extração (utilizando-se, por exemplo, um destilador de coluna), as diluições tendem a ser menores, porque o tempo de contato entre solvente e soluto é muito menor, não permitindo uma agressão molecular mais profunda. Em todos os casos, o que realmente decide esses números é o bom senso, o conhecimento e a experiência, sendo esta última soberana perante qualquer outra consideração (os raizeiros empíricos estão há milhares de anos realizando suas diluições das mais variadas formas e nunca deixando de fazer o seu trabalho, a despeito de modernas opiniões técnicas de como as coisas devem ser feitas).

Outros tipos de tintura razoavelmente frequentes são aquelas realizadas com substratos que possuem componentes não hidrossolúveis, e por isso mesmo exigem diluentes diferentes para ceder seus elementos ativos. Entram aqui os chamados óleos medicados e as diluições a seco. Estas não são propriamente tinturas, pois o solvente pouco ou nada se combina com o soluto, sendo mais bem descritas como “misturas ponderais”, ou misturas cujos percentuais relativos de cada componente são conhecidos e precisamente estabelecidos. Os óleos medicados usualmente são produzidos de duas maneiras: entram como veículos suavizantes de tinturas alcoólicas relativamente tóxicas (então levam um percentual de uma tintura previamente elaborada), tendo nesse caso





pouca ou nenhuma atividade medicamentosa, ou realmente agem como solventes, desestabilizando seletivamente o suporte do princípio ativo e mantendo-o disponível por um certo tempo. Aqui os óleos se diferenciam de outros solventes por influírem significativamente na fitocinética do produto final, entrando na categoria de erva ministerial ou guia. Por serem oleosas, essas tinturas têm sua aplicação um pouco mais restrita, sendo perfeitamente indicadas para alguns casos e não para outros (por exemplo, são contraindicadas em quadros clínicos que envolvam acometimentos hepáticos ou de vesícula).

## DILUIÇÃO A SECO

Essa diluição merece um comentário em separado por ser representante legítima do princípio homeopático dentro da fitoterapia. Como já comentado, diferencia-se das tinturas pela ausência de interação química aparente entre o solvente e o soluto (há alguns casos nos quais essa interação acontece, mas, com os métodos empíricos que não utilizam catalisadores inorgânicos nem centrífugas de alta velocidade, isso é quase inviável), embora o que se percebe é que a diluição “expande” a presença e a potência do princípio ativo. Quando falamos acerca da homeopatia, ficou claro que esse é um método que só seria explicado sob o ponto de vista da realidade fenomenológica vibracional. Ali foi sugerido que o solvente (no caso, a água) teria de ter a capacidade de “copiar” a estrutura magnética do soluto, para assim poder conter os pacotes luminosos que representariam o princípio ativo. Esse fenômeno permitiria ao medicamento homeopático não só multiplicar ao infinito (ou pelo menos ao limite do volume de solvente) as qualidades vitais do elemento ativo quanto, por meio de um processo de dinamização por succussão, expandir o valor frequencial desse elemento.

Em menor escala, todas as diluições fitoterápicas bem equilibradas realizam o mesmo processo. Como não são a princípio submetidas a nenhuma manipulação que leve à dinamização homeopática

do soluto, não chegam a editar os fenômenos de alta energia típicos da homeopatia. Entretanto, a expansão é perceptível na atividade diferenciada do medicamento (muito mais penetrante que outros realizados por meio de diluições líquidas), e a disponibilidade biológica do organismo para esse tipo de extrato é bem maior. Principalmente se usarmos como diluente o “calcinado” de determinadas ervas magistralmente conhecidas como ideais para isso.

O processo de calcinação, com o objetivo de potencializar e/ou libertar os poderes medicamentosos de algumas substâncias, é difundido entre muitas culturas. Contudo, somente nas culturas mesoamericanas (culturas pré-hispânicas que se desenvolveram por cerca de 3.000 anos antes da chegada dos espanhóis ao continente americano) e na cultura ayurveda é que se encontram relatos aprofundados das maneiras como podemos expandir os efeitos do princípio ativo ao diluí-lo no álcali de certas plantas ministeriais (o álcali é a cinza sobrenadante mais fina que se separa do material mais denso quando carvões ainda quentes são imersos em água fria). No Brasil, não se encontra nenhuma referência clara a esse processo, por isso deixo em branco aqui referências de ervas nossas que pudessem cumprir esse papel. Para os mexicanos, por exemplo, as raízes de yagê, ainda a serem classificadas, são as ideais. Na medicina ayurveda, prepara-se um álcali semelhante com o “umbigo” da bananeira (a inflorescência vermelho-escura que surge na ponta do pendão que sustenta os cachos de banana), o que nos faz supor que essa preparação seja viável aqui. Necessitamos ainda de uma prova laboratorial para isso. Contudo, já temos uma prova clínica, o que nos autoriza a comentá-lo.

## MACERAÇÃO

Esse é o método mais simples de obtenção de uma tintura ou um extrato, uma vez que consiste na simples imersão da massa vegetal em certa quantidade de diluente previamente preparado.





O método exige apenas que se observem certas regras básicas, que aliás são óbvias mesmo para quem nunca lidou com nada disso. Começa-se sempre providenciando um recipiente (com tampa) perfeitamente limpo, seco e capaz de conter tanto o substrato vegetal quanto o diluente. O substrato é colocado até a altura de um terço do recipiente, e o restante é completado com o diluente (este, caso seja alcoólico, deverá já ter sido hidratado, conforme foi explicado antes. Se for aquoso, deverá estar esterilizado por fervura de pelo menos quarenta minutos, caso se tenha dúvidas quanto à sanidade da fonte de onde foi obtido). Recomenda-se aplicar uma etiqueta identificando o nome da erva, a data de envasamento e o nome do processador. Guardar em local escuro e fresco, mas de fácil acesso, pois vai ser necessário agitar um pouco de dois em dois dias, até cumprir o prazo mínimo de vinte dias (melhor quarenta dias).

A maceração aquosa geralmente é mais rápida (pode levar apenas algumas horas), principalmente porque envolve substratos muito sensíveis que tanto cedem rapidamente seus elementos ativos quanto deterioram com muito mais facilidade do que outros. Um exemplo clássico é a maceração preparatória de medicamentos florais de alta energia. Esta consiste simplesmente na cobertura da linha d'água de um recipiente de boca larga, aberto, mas que possua tampa para proteção quando guardado, com as pétalas das flores previamente selecionadas para isso. Esse preparado é levado ao sol (destampado) por períodos que variam de duas a três horas, no início ou fim do dia, durante três dias. Após isso, separam-se as pétalas, que são devolvidas à terra, e acrescentam-se 5% de conservante (geralmente um *brandy* de boa qualidade). Envasa-se em recipiente âmbar e está pronto o medicamento.

Outro exemplo, mais simples e cotidiano, é o preparado de um macerado digestivo com flores de erva-doce (*Pimpinella anisum*). Faz-se a imersão de uma colher de sopa de flores (inteiras, não é preciso prensá-las ou picá-las, ou qualquer outra coisa) em 250 ml de água

fria. Deixa-se em repouso semitampado por duas horas e bebe-se a colheradas, pelo período de mais duas horas.

## CHÁ DECOCTO E INFUSO

Esses são dois métodos dos mais conhecidos, que andam sempre juntos, por serem muito semelhantes, diferenciando-se apenas no momento em que se agrega a erva, ou as ervas, à água fervente.

Para preparar o chá infuso, basta ferver a água e despejá-la, logo após a fervura baixar, no recipiente onde previamente se colocou a quantidade ideal de erva (geralmente um punhado, isto é, o que se pega da erva triturada em grã mediano com três dedos, para cada ¼ de litro). Deixar repousar até amornar ou esfriar e já se pode tomar. Algumas infusões levam o dia inteiro para serem ingeridas (chás diuréticos, por exemplo). Nesses casos, é importante coar a massa vegetal para que esta não continue macerando horas a fio e acabe liberando substâncias irritantes (salvo qualquer orientação contrária a isso). Se houver a mistura de mais de uma erva, e se estas possuírem tempos de infusão diferentes, começa-se com aquelas mais resistentes (as quais precisam de mais tempo) e vão se agregando as mais suaves (que assim ficarão em infusão por menos tempo) conforme sua tabela de infusão.

Para preparar o chá decocto, é preciso cozinhar a massa vegetal por algum tempo antes de tomá-la. Esse tempo será inerente à receita que acompanha a prescrição da erva, mas, se não for conhecido, comece com três minutos e vá observando os sinais: a água adquire uma cor que se vai adensando com os minutos, o cheiro da erva se torna perceptível e vai se adensando também, e o sabor se torna característico a ponto de ser forte, mas não intragável. Na média, o decocto não demora mais que quinze a vinte minutos para estar pronto. Mas existem casos nos quais é preciso cozinhar o preparado por até duas horas, com a panela semitampada. Da mesma forma que para o infuso, quando existe mais de uma erva na fórmula, os tempos de cozimento têm de





ser respeitados (começa-se pelas que exigem mais tempo e se vão acrescentando as demais conforme a sua tabela de cozimento).

## **XAROPE**

Esse é um preparado com uma ou mais ervas que usa o açúcar, e eventualmente o mel, como estabilizador e/ou como recurso de maior palatabilidade. Pode ser realizado com tinturas de ervas, ou com ervas *in natura*, quando tem seu prazo de validade e sua potência medicamentosa um tanto diminuídos. No primeiro caso, após cozinhar e/ou apurar uma calda básica (não muito grossa) feita com açúcar, garapa de cana ou mel, acrescentam-se as tinturas nas proporções previstas pela fórmula que se está seguindo (se estas não forem conhecidas, começar com baixas concentrações, algo em torno de 1% a 3%). Deve-se atentar para agregar as tinturas com a calda ainda quente, mas não fervente.

No segundo caso, as ervas pertinentes encontram-se ao natural (talvez trituradas e secas, ou então ainda frescas. Isso, na verdade, só irá mudar o fato de ter ou não que acrescentar água durante o preparo e de ter ou não que diminuir as quantidades relativas de ervas — lembre-se de que as secas têm maior concentração de elementos ativos, portanto, entram em menor quantidade). Então basta ir montando sucessivas camadas de ervas e adoçante, até atingir a quantidade necessária (para uma panela pequena, ½ litro, o que dá umas cinco camadas). Levar ao fogo brando e deixar apurar. Se as ervas forem frescas, provavelmente não será preciso acrescentar água (mas acrescentar caso se note que o sumo das ervas não é suficiente para impedir que o preparado grude e queime). Se não, colocar um pouco d'água e continuar acrescentando conforme se vai desenvolvendo a fervura. Deixar apurar até o ponto de escurecimento, sem queimar. Tirar do fogo, coar ainda quente e deixar esfriar. Envasar em recipiente âmbar e com tampa e guardar em local escuro e fresco.

Há ainda outras formas de preparar um bom xarope, mas a maioria segue esses princípios gerais.

## **POMADA**

Para a medicina tradicional, as pomadas são unguentos de bases neutras medicados com tinturas alcoólicas ou glicólicas. Atualmente, tais bases já se encontram prontas e de fácil acesso nas farmácias de manipulação, e não é mais necessário processá-las. Porém, sempre existem aqueles mais puristas que desejam controlar todas as fases do processo. Para estes, então, continuam valendo a glicerina, o própolis, a cera de abelha, a cera de carnaúba, a gelatina animal ou de algas e outros produtos naturalmente aglutinantes. A todos estes é possível acrescentar, nas devidas proporções, tanto o extrato seco quanto as tinturas das ervas medicinais, realizando uma homogeneização manual ou no liquidificador (existem ainda os aparelhos de mixagem, que são muito simples e baratos, e mais indicados que o liquidificador por questões de rendimento).

Como as pomadas são muitos simples de processar, o único cuidado que se deve manter em mente é escolher a base certa, tendo em vista a planta que se vai acrescentar e a pessoa que vai utilizá-la. Algumas plantas, como dito, relacionam-se melhor quimicamente com diluentes alcoólicos, outras, com diluentes oleosos (glicólicos), e outras ainda, apenas com água. Da mesma forma, há pessoas de pele oleosa que não podem e não desejam passar produtos oleosos (tais como pomadas de base glicólica), assim como aquelas de pele seca que não desejam usar produtos ressecantes (tais como pomadas de base alcoólica). Mesmo que o foco da terapêutica não seja a cosmética, as pomadas são produtos que vão ser aplicados na pele na maioria dos casos, o que cria comportamentos limitadores em relação ao aspecto que poderão ter.



É claro que existem muito mais maneiras de processar plantas do que essas onze opções. E mesmo dentro destas existem ainda modos diferentes de obter os mesmos resultados. Então sempre haverá o que somar ao nosso arsenal de recursos, o que torna a experiência de manipular plantas algo que se desenvolve todos os dias e sem a perspectiva de esgotamento.

Um fator tem de ficar absolutamente claro. A fitoterapia pertence ao ambiente de uma medicina feita em cima de detalhes. E é a observação desses detalhes que garante os seus efeitos terapêuticos diferenciais. Manipulando e transformando o estado de apresentação natural das substâncias, na verdade, estamos invadindo um nível de organização do universo que está muito além do que a mente humana pode conceber, o que traz implícito o grau de responsabilidade e de dificuldade de atuar sem perder a harmonia que antes existia ali. Sem essa harmonia, o princípio ativo não se comportará de forma previsível, o que certamente não é algo a desprezar quando se produz um medicamento que irá ser ministrado a uma pessoa debilitada e entregue à confiança no médico.

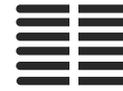
Do mesmo modo, não é admissível que continuemos nos comportando como se a natureza estivesse aí para ser sugada até as suas últimas possibilidades de vitalidade, a despeito da fantástica disponibilidade de troca de todos os filhos que vegetam pela Grande Mãe. Apesar de a própria Mãe planetária ser o que é em termos de recursos, abundância e capacidade de regeneração, é claro que tudo que acontece entre todas as partes desse imenso organismo tem de estar abrigado dentro de algum tipo de ordem, sob pena de o sistema como um todo não se sustentar a longo prazo e vir a desaparecer em decorrência das trocas desequilibradas de energia. Isso é inteiramente possível e previsível.

Nós, seres humanos, somos agentes poderosos a influir nesse processo, e gostamos de imaginar que possuímos um *status* diferenciado dos demais terráqueos por exibirmos uma consciência ética. Se existe um mínimo de franqueza e verdade nessa pretensão, não é mais possível

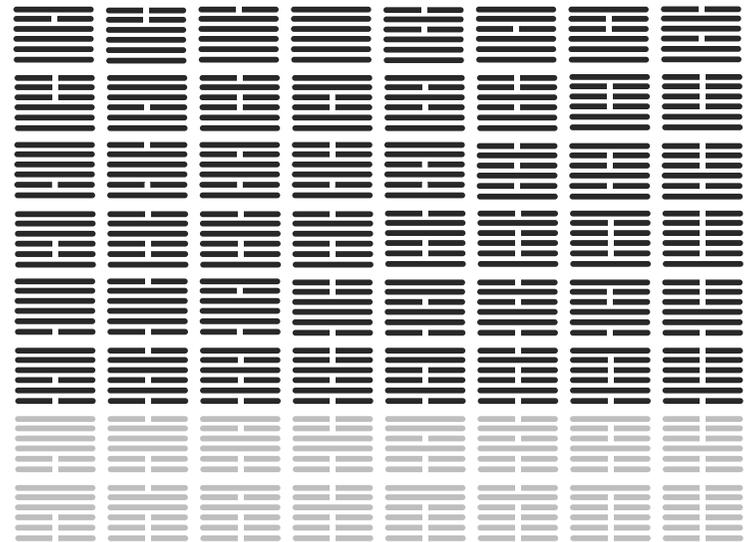
que estejamos passivos e coniventes com a violência que se perpetua no trato de tudo que se refere à natureza e, por extensão, com a violência do homem em relação a sua própria humanidade.

Há que meditar um momento em torno disso. Há que ser minimamente sábio e resgatar o que sabemos desde o princípio: temos que retornar à espontaneidade da simplicidade e do viver. Somente isso irá garantir um futuro para todos aqueles que virão, os quais inevitavelmente herdarão o que pudermos construir com o que formos capazes de sonhar hoje.





MEMENTO  
TERAPÊUTICO



**ABACATEIRO**

*Persea americana*





## ABACATEIRO

*Persea americana*

**Indicações:** diurético (estimula a urina), carminativo (diminui a fermentação gástrica), estomáquico (aumenta a secretividade gástrica), emenagogo (regula as perdas sanguíneas), anti-inflamatório, antioxidante e colanogênico (produz colágeno). Também auxilia no controle do colesterol.

O abacateiro, à parte suas qualidades nutricionais e nutraceuticas, apresenta um *pool* de características que o tornam um bom resolutivo para doenças das vias urinárias, sejam elas baixas ou altas (bexiga ou rins). Contudo, quando cruzamos esse dado com algumas de suas outras atividades, percebemos que seu leque de utilizações pode ser muito mais largo.

Um bom exemplo de raciocínio reúne suas propriedades estomáquicas (digestivas), diuréticas e anti-inflamatórias. Essa planta fomenta a relação entre o fígado e os rins, isto é, promove

um circuito vital que atinge toda a regulação hormonal de nosso sistema. Isso vale inclusive para aqueles circuitos hormonais reguladores da atividade cardíaca, do peristaltismo arterial, da circulação linfática e sanguínea, do metabolismo glicêmico e assim por diante.

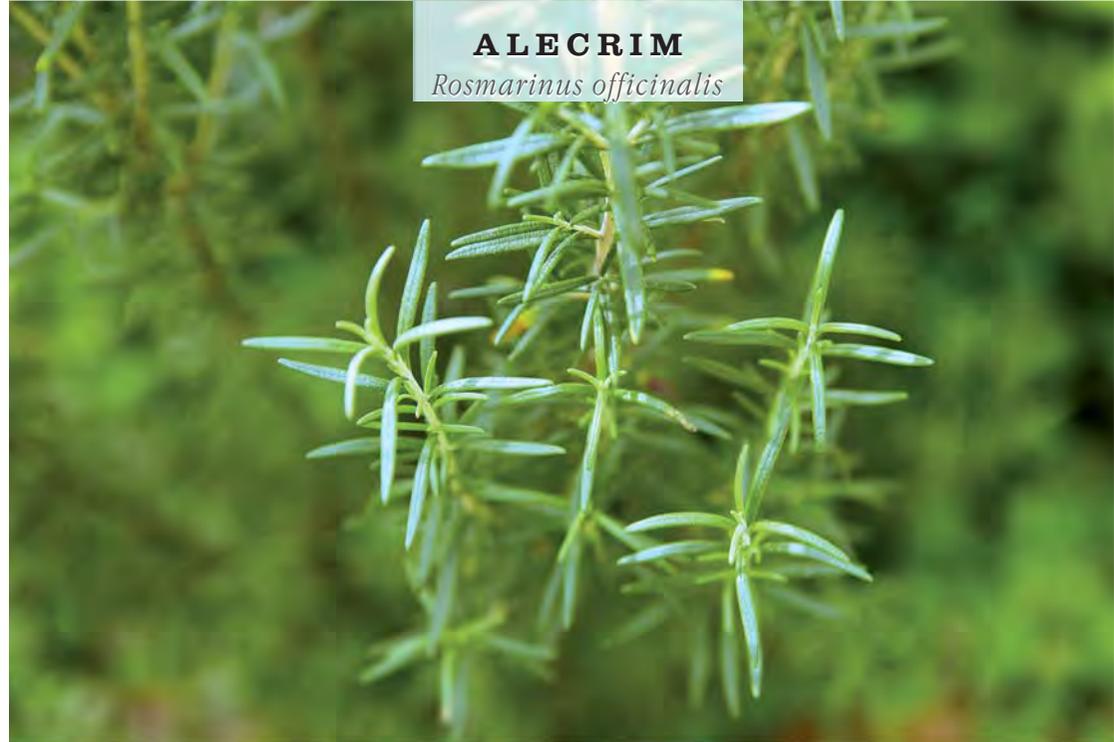
O óleo de abacate, rico de vitaminas E e A, fitosteróis, lecitinas e ácidos graxos leves, mais os princípios taninosos e salgados contidos em sua semente, é capaz de regular a atividade dos sistemas mais capitais de nosso organismo. Por isso se aponta essa planta como pertencente ao grupo das adaptógenas e imunogênicas, ou seja, que fomentam as capacidades de adaptação e de defesa, que todo ser vivo precisa manter em seu mais alto grau de eficiência por toda a vida.

**Partes utilizadas:** folhas (na forma de chá), polpa do fruto (óleo) e caroço (chá).



## ALECRIM

*Rosmarinus officinalis*





## ALECRIM

*Rosmarinus officinalis*

**Indicações:** analgésico, tônico geral, digestivo, antidiarréico, carminativo, hepatotônico e colagogo (estimula a ação da vesícula), anticefaleico, descongestionante nasal e das vias respiratórias baixas (pulmão e brônquios), antiespasmódico da musculatura lisa e neurogênico (equilibra a atividade nervosa). É euforizante (por ser tônico) e ansiolítico (por elevar a confiança), e fomenta a memória (por melhorar a circulação sanguínea e regular a atividade neural), a agilidade mental e a capacidade de concentração. Apresenta também atividade antiplaquetária, contribuindo na prevenção da trombose. É um bom hipoglicemiante (por melhorar a comunicação entre fígado e pâncreas), atuando na regulação da atividade pancreática por meio tanto do aumento quanto da diminuição da secreção de insulina.

Olhando para essa lista de efeitos, é possível que alguns pensem que não precisaríamos conhecer mais nada além do alecrim, pois aparentemente ele atua em todos os sistemas e subsistemas. E de fato isso não está muito longe da verdade. Entretanto, justamente por ter esse largo espectro de atividades é que o alecrim necessita quase sempre ser prescrito em associação com ervas de atividade específica, pois de outro modo a melhora que se consegue com seu uso será efêmera ou, o que desanima muitos pacientes, demorará muito para fazer um efeito consistente. De qualquer forma, para compreender a atividade dessa planta, temos que pensar em dois grandes sistemas de comunicação em que ela atua de maneira reguladora, o sistema nervoso central e o endócrino. Os agentes bioquímicos que justificam essa atuação são a canfenona (parte do princípio ativo contido no óleo essencial), que é simpatotônica e ajuda as pessoas a saírem da letargia e do desânimo; e o cineol (outra parte), que dilata as vias aéreas superiores, desinflama tecidos e atua como analgésico, desde que em concentrações mais altas. Há ainda a verbenona,

que age poderosamente no metabolismo hepático, fomentando funções e protegendo esse sistema de toxemias e/ou degenerescências.

**Uso externo:** o óleo essencial é bom coadjuvante nas fórmulas resolutivas das condições reumáticas e nas desordens periféricas da circulação sanguínea. Age também como antisséptico e contribui como cicatrizante de feridas. Alivia neuralgias superficiais, mialgias, cialgias, dores intercostais e angústia de peito. Reverte estados pneumônicos e catarrais na forma de emplastro, em que se aquecem as folhas e flores com um óleo veiculador.

**Uso interno:** Na forma de chá, é indicado para bochechos em quadros de aftas, inflamações gengivais, perda do paladar e outras afecções mucósicas. O chá das flores tem ação euforizante e melhora o desempenho mental de forma geral. O óleo essencial pode ser tomado em gotas para obter todos os ganhos já comentados.

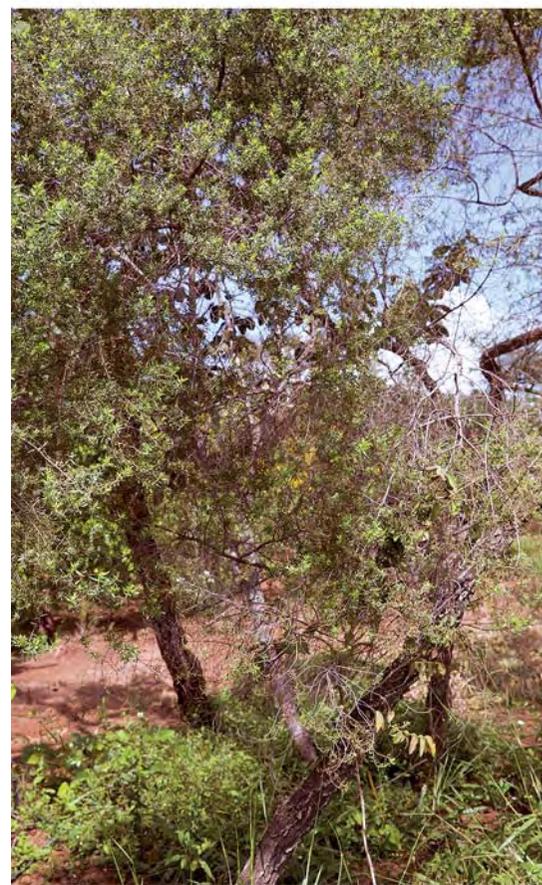
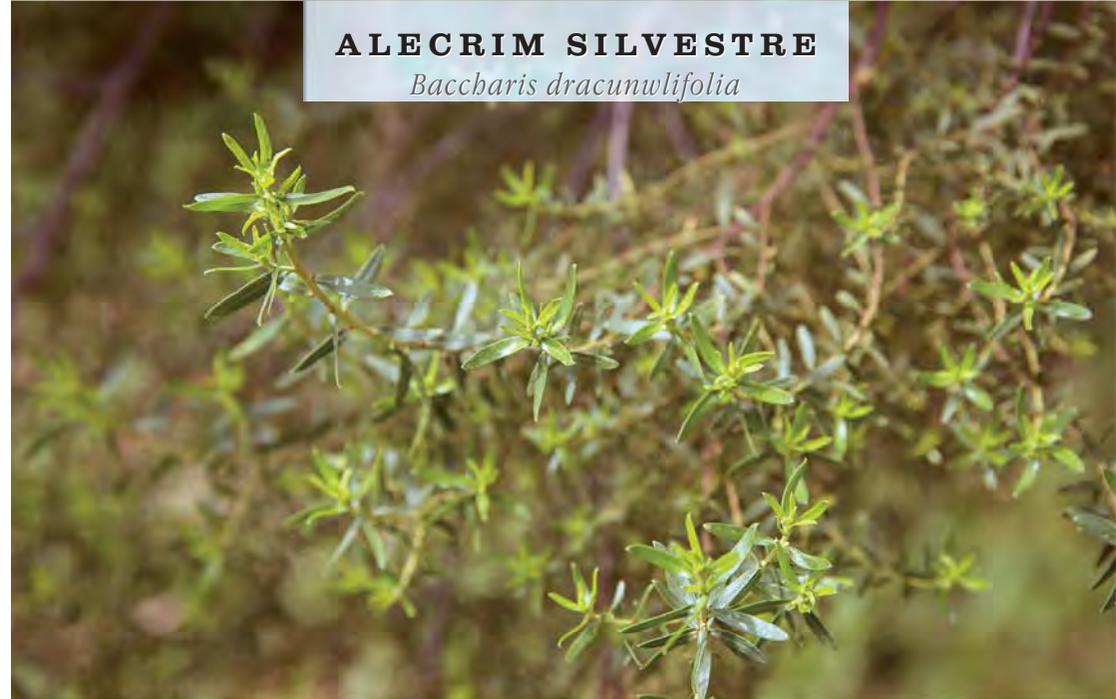
**Contraindicações:** em altas concentrações, pode se tornar abortivo, pois estimula o ciclo menstrual (ação emenagoga). Por isso, é contraindicado que a gestante tome preparados à base de alecrim muito seguidamente. Além disso, como é muito ativo medicamentosamente e seus princípios ativos passam para o leite, o alecrim não deve ser ingerido com muita frequência por mulheres que estejam amamentando. Por outro lado, se o bebê tiver qualquer problema que o alecrim possa curar, será principalmente através do leite materno que ele deverá ser ministrado. Nesse caso, a mãe tomará o chá ou as gotas do óleo essencial, enriquecendo o seu leite com um princípio ativo rico e perfeitamente dosado.

**Parte utilizada:** folhas e flores secas ou frescas.



## ALECRIM SILVESTRE

*Baccharis dracunculifolia*





## ALECRIM SILVESTRE

*Baccharis draculifolia*

**Indicações:** as mesmas associadas ao *Rosmarinus officinalis*, com a diferença de que a concentração do princípio ativo do alecrim silvestre é menor. Sendo assim, o uso interno desse alecrim selvagem é mais seguro, principalmente quando a estratégia clínica prevê prescrição prolongada, ou ainda quando se trata de pessoas mais sensíveis aos componentes ativos. O alecrim silvestre é mais seguro, também, durante a gestação e lactação. Analgésico, tônico geral, digestivo, antidiarréico, carminativo, hepatotônico e colagogo (estimula a ação da vesícula), anticefaleico, descongestionante nasal e das vias respiratórias baixas (pulmão e brônquios), antiespasmódico da musculatura lisa e neurogênico (equilibra a atividade nervosa). É euforizante (por ser tônico) e ansiolítico (por elevar a confiança), e fomenta a memória (por melhorar a circulação sanguínea e regular a atividade neural), a agilidade mental e a capacidade de concentração. Apresenta também atividade antiplaquetária, contribuindo na prevenção da trombose. É um bom hipoglicemiante (por melhorar a comunicação entre fígado e pâncreas), atuando na regulação da atividade pancreática por meio tanto do aumento quanto da diminuição da secreção de insulina.

**Uso externo:** o óleo essencial é bom coadjuvante nas fórmulas resolutivas das condições reumáticas e nas desordens periféricas da circulação sanguínea. Age também como antisséptico e contribui

como cicatrizante de feridas. Alivia neuralgias superficiais, mialgias, cialgias, dores intercostais e angústia de peito. Reverte estados pneumônicos e catarrais na forma de emplastro, em que se aquecem as folhas e flores com um óleo veiculador.

**Uso interno:** Na forma de chá, é indicado para bochechos em quadros de aftas, inflamações gengivais, perda do paladar e outras afecções mucósicas. O chá das flores tem ação euforizante e melhora o desempenho mental de forma geral. O óleo essencial pode ser tomado em gotas para obter todos os ganhos já comentados.

**Contraindicações:** em altas concentrações, pode se tornar abortivo, pois estimula o ciclo menstrual (ação emenagoga). Por isso, é contraindicado que a gestante tome preparados à base de alecrim muito seguidamente. Além disso, como é muito ativo medicamentosamente e seus princípios ativos passam para o leite, o alecrim não deve ser ingerido com muita frequência por mulheres que estejam amamentando. Por outro lado, se o bebê tiver qualquer problema que o alecrim possa curar, será principalmente através do leite materno que ele deverá ser ministrado. Nesse caso, a mãe tomará o chá ou as gotas do óleo essencial, enriquecendo o seu leite com um princípio ativo rico e perfeitamente dosado.

**Partes utilizadas:** folhas e flores.



## ALFAVACA

*Ocimum gratissimum*





## ALFAVACA

*Ocimum gratissimum*

**Indicações:** antimicrobiana, aromática, tônica geral, carminativa, diurética, sudorífera, febrífuga, antisséptica bucal e anticefaleica. Indicada para resolver a tosse quando é produtiva de catarro em quadros de bronquiolite, gripe, resfriado, asma, amigdalite e faringite. As sementes são antibleorrágicas, embora úteis também em qualquer processo infeccioso mais severo, por conterem maior concentração do princípio ativo. Entretanto, devem ser utilizadas com cuidado, pois sua dose medicamentosa está muito próxima da dose tóxica.

Novamente, temos aqui uma planta que atua nos mecanismos hepático e renal de forma simultânea, sendo então indicada para fomentar a comunicação entre ambos. Somam-se, assim, atividades tais como reguladora hormonal geral, reguladora da glicemia, fomentadora da imuni-

dade e resolutiva para o estresse fisiológico e mental, embora essa planta não seja descrita como ansiolítica ou calmante.

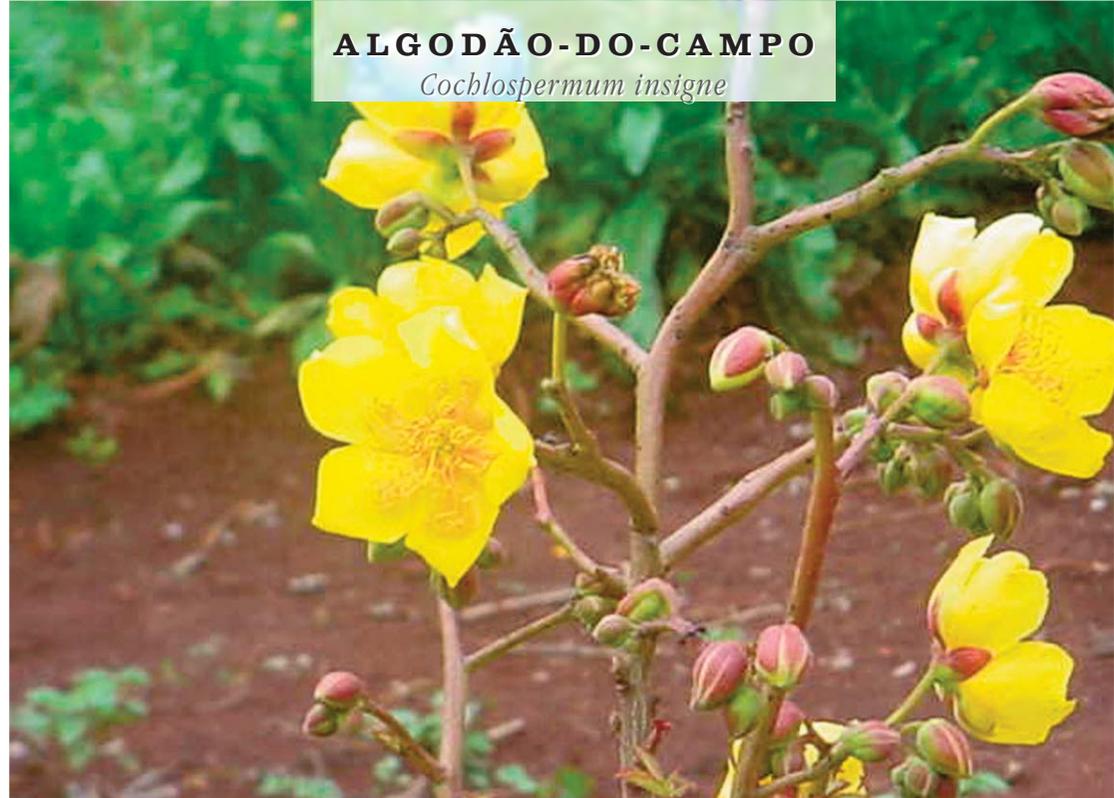
A alfavaca tem uma importante atividade antibiótica e analgésica, decorrente da presença de fenóis e polifenóis em seu princípio ativo, ainda que a associação do eugenol com o geraniol e o timol produza uma atividade mais antibiótica (muda o terreno fisiológico) que propriamente antibiótica (ataca micro-organismos). Existe ainda a presença do ácido rosmarínico, uma substância reconhecidamente antioxidante, rejuvenescedora de tecidos, na medida em que resgata funções celulares aparentemente tornadas incipientes pela ação do envelhecimento.

**Partes utilizadas:** partes aéreas, na forma de chá, xarope e emplastos.



## ALGODÃO-DO-CAMPO

*Cochlospermum insignis*





## ALGODÃO-DO-CAMPO

*Cochlesperma insigne*

**Indicações:** esta planta possui as mesmas qualidades do algodoeiro cultivado (*Gossypium herbaceum*), com a diferença de que é um anti-inflamatório e antibiótico com tropismo muito mais potente pelo trato ginecológico. Como tende a ser hemostático e estomáquico, podemos inferir que o algodão-do-campo também melhora a relação entre o fígado e o complexo do baço-pâncreas. Além disso, ele inibe a espermatogênese, o que é útil em quadros de hiperplasia prostática benigna, pois se diminui a atividade hormonal dessa glândula.

Juntando essas atividades, podemos inferir com segurança que o algodão-do-campo atua diretamente sobre um circuito vital muito valorizado na medicina dos povos orientais, identificado como “circuito das águas”. Esse circuito, na prática, une a função das vísceras de alta categoria em nosso sistema e, salvo as fórmulas magistrais orientais, todas de alta complexidade e difícil elaboração, não se conhece outra fonte de substâncias que tenha esse alcance. Assim, o algodão-do-campo pode ser descrito como um tônico de largo espectro, mas que tem tropismo pelas funções e estruturas da matriz reprodutiva.

**Parte utilizada:** raiz. Neste caso em particular, o

princípio ativo está muito bem protegido dentro de capas celulósicas de alta resistência mecânica e baixa reatividade química, o que leva à necessidade de manipular a massa vegetal. Tradicionalmente, o princípio ativo é extraído por um esquema de fervura lenta da raiz, após esta ter suas fibras desfiadas. Esse é um processo que pode levar de quatro horas a um dia inteiro, e por isso sempre se prepara em quantidades maiores. Obtém-se com esse método um estrato aquoso concentrado bastante amargo, ao qual não se devem agregar conservantes. A estocagem deverá ser cuidadosa, geralmente em frascos escuros muito bem tampados e mantidos ao abrigo da luz.

Mas existe outro método, que produz um substrato de melhor qualidade e mais estável: a extração do polvilho da raiz. Coloca-se a raiz desfiada imersa em água por três dias, trocando-se essa água todos os dias. No quarto dia, leva-se a massa vegetal ao sol, permitindo-se a secagem completa. Tritura-se o melhor possível e coloca-se o pó assim obtido novamente em água fria. O polvilho flutua, enquanto a parte mais densa tende a afundar. Retira-se esse pó sobrenadante com uma larga espátula de madeira e novamente se seca ao sol. Esse é o polvilho pronto para consumo.



**ALUMÃ**  
*Vernonia condensata*





## ALUMÃ

*Vernonia condensata*

**Indicações:** temos aqui uma primeira representante das plantas que oportunizam ao homem os benefícios dos chamados princípios amargos. Esses são princípios ativos tônicos fomentadores da circulação de substâncias vitais, como o sangue e seus metabólitos. Por isso, considera-se que toda planta amarga tem tropismo pelo plexo hepático, melhorando diretamente suas funções intrínsecas assim como sua comunicação com outros sistemas. No caso do alumã, as comunicações beneficiadas são com o estômago, a vesícula e o complexo do baço-pâncreas, o que torna essa planta altamente epariante (protetora do fígado), colagoga, desintoxicante, colerética, antiespasmódica intestinal e antidiarreica. Por isso mesmo, é indicada nos quadros de cirrose hepática, hepatites tóxicas, esteatose hepática (acúmulo de gordura no fígado), diabetes, incompetências digestivas e outras afecções que envolvam o trato gastrointestinal e o fígado.

É interessante notar que, por ser regulador das funções hepáticas, o alumã exibe efeitos que às vezes surpreendem aqueles que não sabem asso-

ciar essas funções com as de outros sistemas orgânicos. Por exemplo, essa planta é indicada como reguladora menstrual sem ter ação hormonal. É anticefaleica, para quando a cefaleia tem origem gastroentérica e/ou hepática. Contribui para aliviar os calores menopáusicos. É levemente diurética. E é secativa, quando associada com plantas especificamente cicatrizantes, por isso trata úlceras gástricas, diverticulite, hemorroidas sangrantes e outras situações em que o que se deseja é fechar feridas e deter hemorragias.

Quimicamente, o alumã fornece vernonosídeos e esteroides glicosídeos, que, com tanino e outros princípios amargos complexos, são responsáveis por sua ação bioquímica no organismo.

**Parte utilizada:** folhas frescas ou secas. Como tem uma concentração de tanino importante, essa folha deve ser consumida na forma de chá suave ou em associação com plantas suavizantes, pois facilmente irrita o trato gastroentérico por ter sua dose medicamentosa muito próxima da dose tóxica. Por isso, também não é aconselhado seu uso prolongado ou em forma de pó.



## ARATICUM-DO-CAMPO

*Annona sylvatica*





## ARATICUM-DO-CAMPO

*Annona sylvatica*

**Indicações:** no cerrado brasileiro, o araticum é mais aproveitado como fornecedor de um fruto de cheiro ativo e sabor forte, sendo um parente rústico da fruta-do-conte (*Annona squamosa*) e da graviola (*Annona muricata*). Sendo uma anonácea, o araticum tem potencialmente uma série de funções nutracêuticas. Por exemplo, é um fruto rico em cálcio, sais minerais, vitaminas do complexo B e vitaminas A e C, além de fósforo, potássio, acetogeninas e triptofano. A entrecasca do tronco, assim como a casca do fruto, possui uma espessa mucilagem composta por um complexo de açúcares pesados, o que torna a polpa algo indigesta para muitas pessoas. Entretanto, a mesma mucilagem tem a capacidade de proteger o intestino de agentes irritativos, formando um “filme” que cobre as mucosas internas das vísceras de condução. Isso torna o araticum uma planta muito útil em quadros de colite, em situações diarreicas, em que a flora e a fauna intestinais estão desbalanceadas, e em outras afecções crônicas do trato gastroentérico.

Por suas qualidades nutricionais, o araticum também é um bom imunogênico, um anti-

hipertensivo leve, um antifúngico ginecológico poderoso, que atua inclusive na forma intestinal da candidíase, um tônico cardíaco suave e um ansiolítico com qualidades soníferas. Vale ainda comentar que o araticum fornece elementos ativos que só são úteis quando reunidos entre si, como o triptofano, a vitamina C e os hidratos de carbono. Essa associação, para além dos ganhos para o sono e a imunidade, funciona como um ansiolítico natural, ajudando as pessoas a emagrecer pelo alto índice de saciedade que a ingestão do fruto produz, e como auxiliar no controle da deposição de gorduras e da compulsividade.

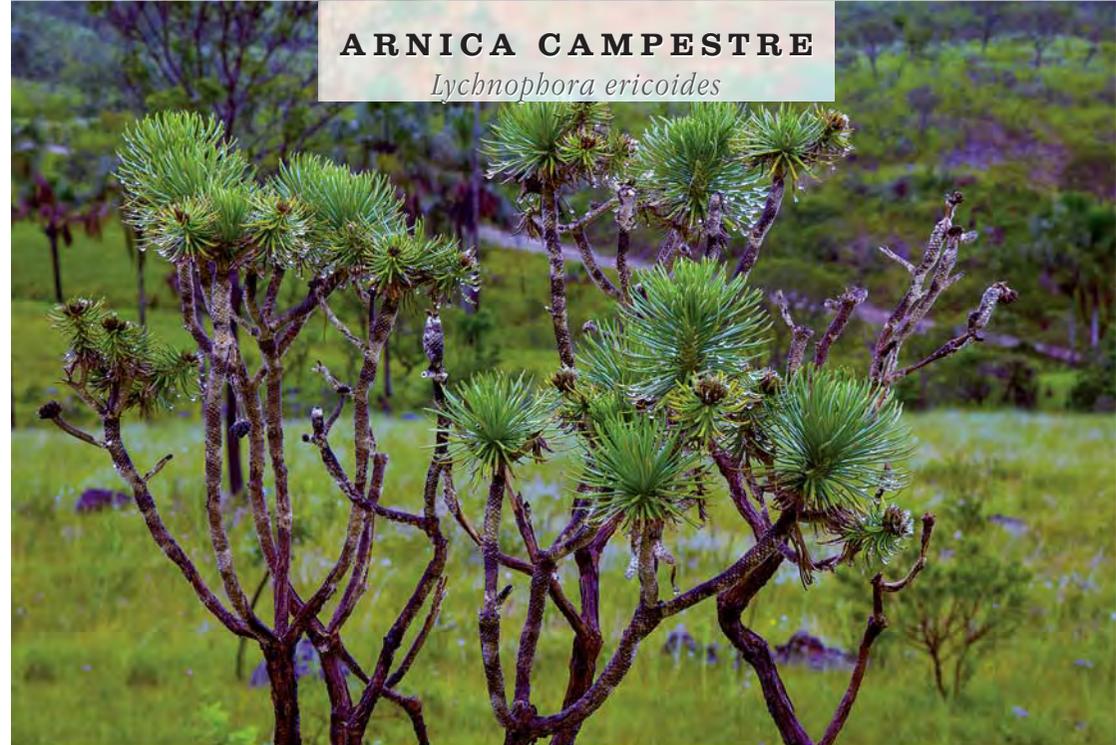
Finalmente, as sementes possuem um óleo amargo irritante para o intestino e o estômago, o que as torna boas coadjuvantes em fórmulas vermífugas, vomitivas, diarreicas e desintoxicantes de forma geral.

**Partes utilizadas:** entrecasca, na forma de pó, ou *in natura* em maceração aquosa; folhas, na forma de pó e chá; fruto seco ou *in natura*; e sementes, trituradas e torradas ou *in natura*.



## ARNICA CAMPESTRE

*Lychnophora ericoides*





## ARNICA CAMPESTRE

*Lycnophora ericoides*

**Indicações:** aqui tocamos uma categoria de plantas que, por seu largo espectro de utilização e reconhecido tropismo pelas estruturas de sustentação do corpo, são praticamente idolatradas pelo homem do campo, que tem de suportar um estilo de vida apoiado em suas capacidades físicas e mentais. Entre estas, a arnica-do-campo é onipresente nas prescrições, pois mostra-se resolutive para todo e qualquer trauma. É descrita como anti-inflamatória de uso interno e externo, cicatrizante, antisséptica, tônica geral, anti-hemorrágica e sedativa (raiz). Em outra categoria de efeitos, é útil para retirar manchas da pele, para recuperar a elasticidade dos tecidos, para reduzir cicatrizes e rugas e para atenuar ptoses, reestruturando todos os tecidos ósseos e conectivos.

O óleo essencial apresenta propriedades antibióticas, sendo um potente bactericida e antifúngico mediano. Além disso, possui propriedades psicoativas, trabalhando como um tônico que revigora a confiança das pessoas e o seu sentimento de poder pessoal. Em função disso, é muito útil em todos os quadros psíquicos relativos à perda de assertividade.

Quando analisado quimicamente, o complexo princípio ativo da arnica-do-campo revela

concentrações de goiasensolido e centraterina, dois agentes fitoquímicos potencialmente irritantes, mas inibidores do mecanismo da inflamação. Além disso, especificamente nas raízes ocorre a presença de cubebina, uma lignana analgésica encontrada em algumas plantas do cerrado que têm de se proteger de altos níveis de insolação e de queimadas periódicas.

**Partes utilizadas:** a arnica geralmente é aproveitada integralmente, mas suas estruturas de maior interesse são as folhas, a casca e a raiz. Por outro lado, como tem um potencial tóxico para o uso interno e/ou o uso externo continuado por mais de 90 dias, aconselha-se utilizar também o lenho do caule como elemento seco diluente e suavizante do princípio ativo. Dessa forma, a confecção de tinturas alcoólicas e oleosas, ou mesmo aquosas, torna-se perfeitamente segura.

Vale lembrar que, justamente por ser utilizada de modo amplo desde tempos imemoriais, essa é uma das plantas consideradas em franca extinção no cerrado brasileiro. Portanto, sua extração deve seguir os melhores critérios de poda, e a utilização da raiz deve ser rara ou, pelo menos, não incentivada, pois implica a terminação do indivíduo vegetal.



## AROEIRINHA-DO-CAMPO

*Myracrodruon urundeuva*





## AROEIRINHA-DO-CAMPO

*Myracrodruon urundeuva*

**Indicações:** esta é uma integrante da família das plantas taninosas, que, no cerrado e nas matas, são muito utilizadas como secativas, cicatrizantes e antibióticas. Porém, suas qualidades curativas vão muito além disso, pois a aroeirinha-do-campo produz uma resina oleosa cujo princípio ativo é bastante complexo.

A aroeirinha é uma espécie dessa família de uso medicinal preferencial porque apresenta menor concentração de antraquinonas amargas e urticantes, que são potencialmente alergênicas, inclusive ao contato. Daí o conhecimento comum a todos que vivem no campo de que não se deve estacionar sob a copa dessas árvores, sob pena de sair dali gravemente atacado de coceiras, vertigem e mal-estar gástrico. Por outro lado, a aroeirinha-do-campo é útil em casos de atonia muscular progressiva e indicada como neurogênica, como anti-inflamatória de uso interno, para inflamações articulares crônicas e agudas, como resolutive de abscessos e tumores, como cicatrizante de feridas difíceis, como antidiarreica e como hemostática.

Sua resina, que se solidifica em contato com o ar e apresenta um aspecto amarelo-claro para âmbar, pode ser usada para vários tipos de afecções pulmonares, para aumentar a imunidade do trato respiratório, para melhorar a síntese dos metabólitos sanguíneos e como tônico geral.

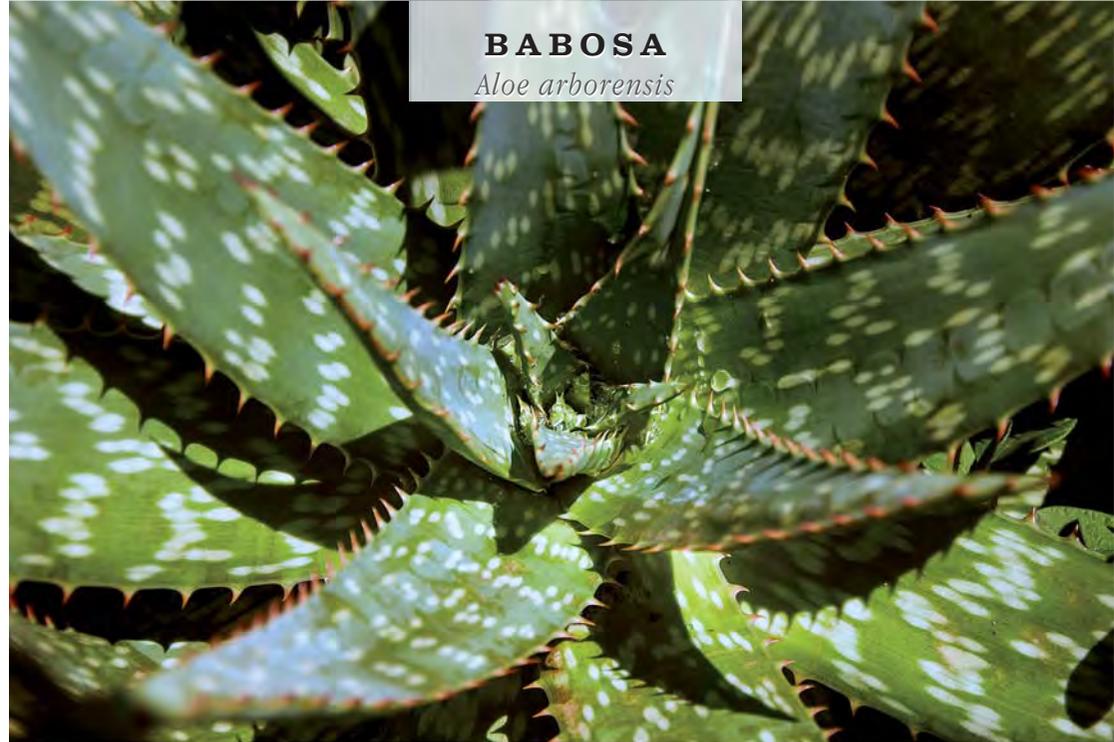
Esse largo espectro de utilizações se justifica pela complexidade do princípio ativo, que contém mais de 70 substâncias bioativas. Entre elas, destacam-se os anéis mono e sesquiterpenos, que melhoram o metabolismo celular; o tanino, que é um produto adstringente e regulador da dinâmica sanguínea; e alguns alcaloides e flavonoides, antioxidantes e fomentadores das sínteses hormonais, por regularem o uso do colesterol sistêmico. Há também o limoleno, um constituinte fundamental do óleo essencial que pode ser extraído da resina e que funciona como fomentador da imunidade e tônico das funções renais e pulmonares; e ainda muitas outras substâncias que melhoram o metabolismo de forma geral.

**Partes utilizadas:** folhas, na forma de chá e pó; casca, na forma de pó e aproveitada em cataplasma, em banhos, em unguentos e outras apresentações aglutinantes; entrecasca *in natura*, tomada em maceração aquosa ou na forma de chá; e resina, que pode ser dissolvida em óleos ou em álcool, para a confecção de tinturas ou pomadas, ou outras apresentações de uso externo. É possível também aproveitá-la em xaropes, desde que em pequenas quantidades, mas o uso interno exige muita experiência e bom senso para se tornar seguro.



## BABOSA

*Aloe arborensis*





## BABOSA

*Aloe vera arborensis*

**Indicações:** esta planta figura entre as espécies exóticas que foram introduzidas no Brasil durante a colonização da nossa terra pelos povos europeus. E, apesar de essa ter sido uma época violentamente nefasta para toda a nossa cultura, a chegada da babosa em nosso solo quase que anula qualquer mal de que tenhamos sido vítimas. Tal é a magnitude dos poderes curativos da babosa que atualmente se contam cerca de 17.000 artigos científicos publicados sobre ela. E mesmo assim a percepção que se tem é de que ainda não sabemos tudo dessa matéria.

A babosa age no organismo de maneira totalmente diferente de qualquer outra planta, e entender seus mecanismos de ação é a ambição de muitos pesquisadores. Na medicina tradicional, percebe-se que a babosa tem tanta atividade medicamentosa porque sua composição química e estrutural é muito semelhante à dos dois grandes sistemas em que seu princípio ativo atua preferencialmente: o sistema tegumentar e o imunológico. Sua mucilagem é basicamente um conjunto de aminoácidos envolvidos por uma gelatina composta por polissacarídeos e fibras muito semelhantes à queratina animal. A babosa possui também enzimas em boa quantidade e um rico acervo vitamínico, que vai de todo o complexo B às vitaminas A e C, o que justifica a maior parte de suas atividades medicamentosas.

No sistema tegumentar, a mucilagem contida nas folhas de babosa trabalha primorosamente para recuperar todo tipo de tecido. E consegue isso tanto por estabelecer uma camada matricial que o corpo aproveita para estruturar novamente a pele, a mucosa ou os tecidos de conexão quanto por colocar à disposição, em concentrações importantes, todos os metabólitos de que tais tecidos necessitam para se nutrir enquanto os mecanismos naturais de umidificação e nutrição são reconstruídos. E isso vai de queimaduras de terceiro grau, em que geralmente a perda das estruturas profundas da pele impede uma boa cicatrização, até a re-

composição de tecidos que foram tornados escrofulosos (diferenciados e mórbidos) por processos tóxicos, tumorais, infecciosos etc. O resultado é que não se conhece um cicatrizante melhor que a babosa, independente do tipo de ferida.

Outro aspecto da atividade dessa planta no sistema tegumentar é a nutrição intracelular. Com isso, a babosa recupera tecidos, reativando funções metabólicas que antes estavam decaindo por ação dos gatilhos de envelhecimento. Dado esse efeito, a mucilagem da babosa tornou-se mundialmente famosa por retardar o envelhecimento da pele e das mucosas, o que enseja o surgimento de toda uma tecnologia cosmética que realmente faz efeito.

O outro grande campo de ação da babosa é o sistema imunológico. Novamente, a lógica de ação do princípio ativo é a recuperação de capacidades que declinam em determinados tecidos e sistemas por reação a diversos processos de degeneração funcional das células. Atuando nesse nível, a mucilagem da babosa mostra valor em proteger o organismo de irradiações abusivas (do sol, da radioterapia, de equipamentos eletromagnéticos etc.), em recuperar e/ou combater tecidos cancerosos, em deter a progressão de síndromes autoimunes e degenerativas, e em tratar outras situações cuja tônica é a perda do eixo metabólico em um grupamento celular específico. Por outro lado, essa planta também apresenta uma atuação antibiótica e/ou sistêmica, fomentando a imunidade de forma geral. Com isso, combate infecções de todas as ordens, mas principalmente de tratos respiratório, ginecológico e gastroentérico.

**Parte utilizada:** folhas adultas (maiores que 30cm), que devem ser abertas para aproveitar apenas a gelatina mucilaginososa que guardam em seu interior. A casca da folha e a entrecasca possuem um látex resinoso picante e amargo, rico em aloína, o que o torna tóxico e responsável por praticamente todos os relatos alérgicos ligados a essa planta.



## BARBATIMÃO

*Stryphnodendron adstringens*





## BARBATIMÃO

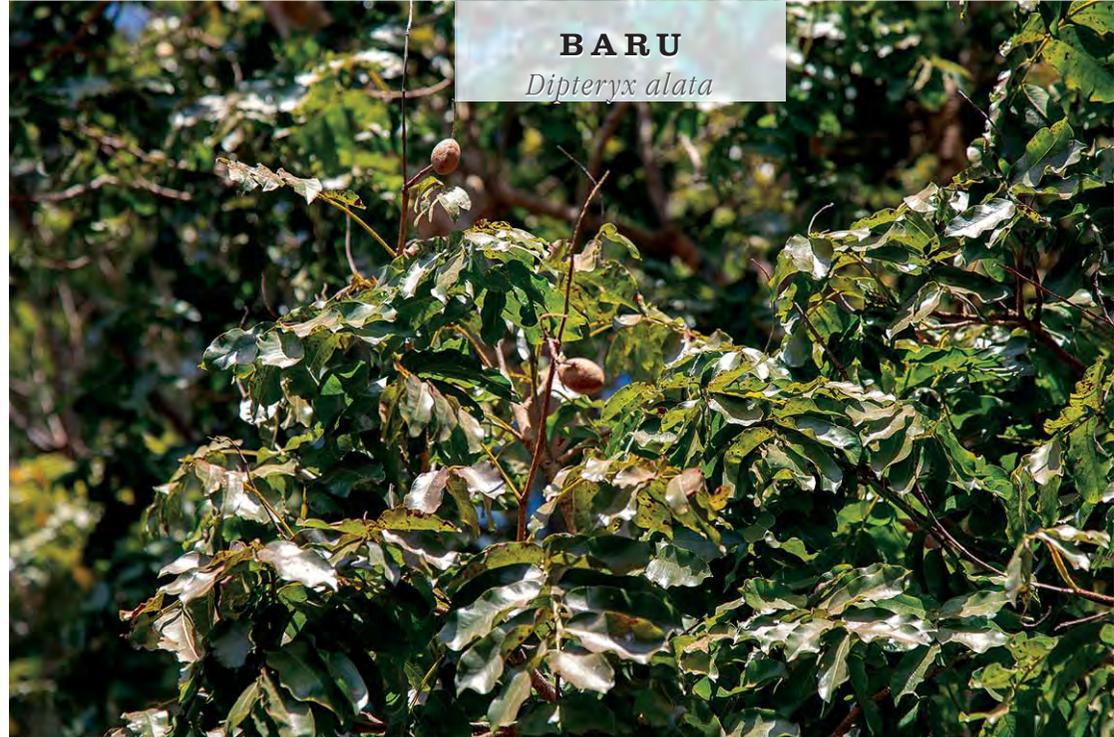
*Stryphnodendron adstringens*

**Indicações:** graças a esta pequena árvore do cerrado, estancar o sangue e/ou tratar uma ferida aberta não é problema para o homem do campo. O barbatimão pertence ao grupo das plantas taninosas e isso, somado a uma estrutura de entrecasca extremamente mineralizada, gera uma combinação de efeitos que deixa muito pouca situação a descoberto quando o assunto é secar e estimular a formação do tecido de granulação. Como a concentração de açúcar é pequena, o pó da entrecasca é muito útil nas feridas e escaras de diabéticos que têm pouca capacidade de cicatrização e, frequentemente, perdem membros inteiros por complicações de machucados que a princípio poderiam ser considerados menores.

O barbatimão também é utilizado como um poderoso antibiótico, mudando drasticamente tanto o pH dos tecidos quanto a umidificação, o

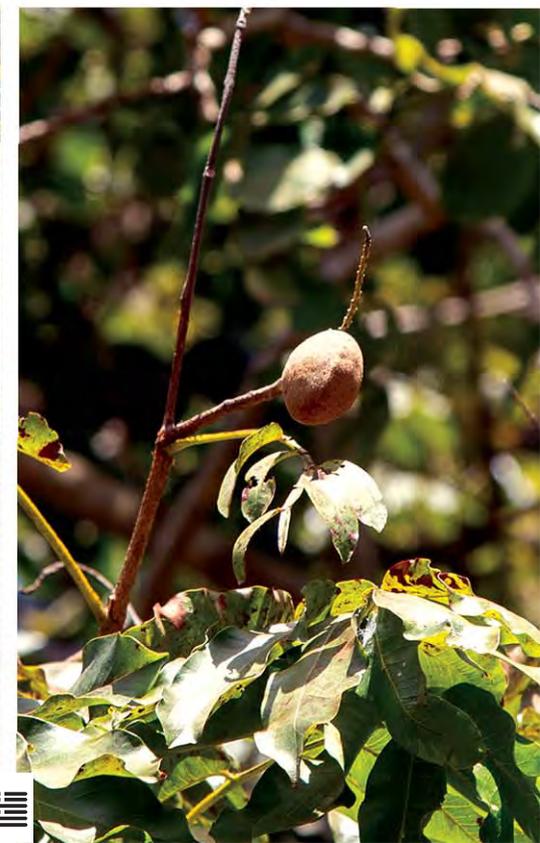
que torna o terreno pouco propício para a maioria dos micro-organismos invasores. Porém, a presença de uma resina rica em flavonoides e alcaloides leva essa ação antibiótica a outro patamar, pois sua aplicação também alivia dores e tem poder anti-inflamatório. Reunindo esses efeitos, o chá da entrecasca do barbatimão acaba sendo um resolutor para inflamações crônicas dos sistemas internos e auxiliando na terapêutica das colites, das infecções ginecológicas, dos problemas uterinos que implicam dor e sangramento, dos ovários policísticos que produzem espasmos do baixo ventre etc.

**Partes utilizadas:** na raiz e na entrecasca se acessa a maior parte do princípio ativo. Entretanto, a presença de ácido tânico e tanino em altas concentrações exige conhecimento e bom senso quando se pretende um uso interno.



**BARU**

*Dipteryx alata*





## BARU

*Dipteryx alata*

**Indicações:** esta é uma planta que merece uma pausa para ser conhecida em maior profundidade — porque produz uma amêndoa de excelente sabor e valor nutricional, mas também porque a madeira de seu tronco é uma das melhores que se pode extrair no cerrado brasileiro. Na verdade, o baru é uma das árvores do cerrado que, ao mesmo tempo em que é extremamente popular, é quase totalmente negligenciada em seu valor medicamentoso. A entrecasca do tronco do baru tem poderes incomuns entre a flora, sendo capaz, por exemplo, de deter os efeitos de uma picada de cobra, principalmente aquelas cujo veneno é neuroativo. É também antitumoral, já tendo sido determinado inclusive que o extrato alcoólico obtido pela maceração dessa entrecasca demonstra tropismo exclusivo por células neoplásicas, na medida em que se concentra em áreas onde se percebe grande presença de macrófagos e produtos anti-inflamatórios que o próprio corpo produz na tentativa de eliminar tumores e/ou metástases. Sendo assim, o princípio ativo do baru associa-se às reações imunogênicas naturais do sistema, ampliando sua atividade sem implicar os perversos efeitos colaterais da quimioterapia e radioterapia.

Além disso, o óleo contido nas sementes é antiespasmódico, digestivo e diaforético, sendo

muito útil para resolver estados dispépticos e outras complicações relativas à motilidade gástrica. A entrecasca e a polpa do fruto são emenagogas, ajudando a regular o fluxo menstrual quando este se torna escasso e/ou errático, nos quadros de dismenorrea inespecífica. Na raiz e no tronco, encontramos compostos tais como o lupeol e a lupenona, dois agentes antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos com tropismo pelo trato respiratório, o que os torna coadjuvantes na preparação de emplastos e xaropes resolutivos dos estados catarrais, pneumônicos e brônquicos de forma geral. A presença de triterpenos e de betulina move sua ação para as articulações, onde contribui com a nutrição geral dos tecidos, com o aporte de produtos finais do metabolismo anti-inflamatório e com o aporte de corticosteroides naturais. Essa junção de atividades faz o extrato alcoólico também ser útil nas inflamações crônicas das articulações e, como há poucos agentes irritantes, seu uso interno se torna possível em doses ponderais para curar artrites, minimizar as dores típicas das artroses e acelerar a formação do calo ósseo em fraturas.

**Partes utilizadas:** sementes, polpa do fruto, entrecasca e raiz.



**CAINANA**  
*Chiococca racemosa*





## CAINANA

*Chiococa racemosa*

**Indicações:** temos aqui um dos exemplos mais impressionantes de efetividade e uso específico na fitoterapia. A cainana, ou cainca, apresenta um forte tropismo pela coluna vertebral, e nesta atua principalmente na porção lombar como um poderoso analgésico e anti-inflamatório. Como o efeito chega a ser drástico, é claro que chamou a atenção de mais do que um pesquisador, e a planta é relativamente bem estudada, sendo identificados na sua resina ácido caincínico, grupos de alcaloides balsâmicos e flavonoides. Isso explica a ação imediata da cainana, que é capaz de sedar a coluna, por mais inflamada que esta esteja, bastando para isso mascar uma pequena porção de sua raiz.

Além disso, essa planta se mostra útil nas afecções renais, em que trabalha tanto como anti-inflamatória quanto como antibiótica, sendo muito utilizada para combater infecções urinárias altas e baixas. É também indicada para os pulmões, entrando como coadjuvante em xaropes e emplastos, tendo sido muito utili-

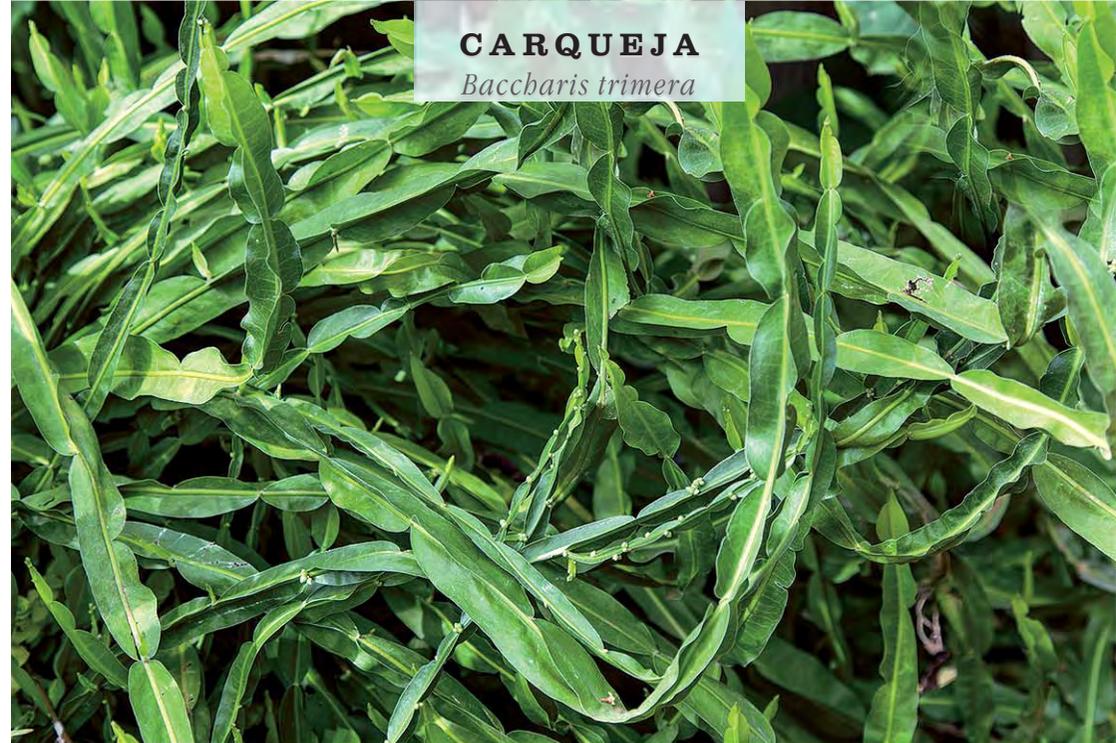
zada no passado como resolutive da tuberculose e da bronquite asmática. Por todas essas atividades, percebe-se que a cainana atua no eixo metabólico que liga os rins com os pulmões, o que a torna coadjuvante no tratamento de uma série de doenças. Ela será útil em qualquer afecção, crônica ou aguda, das articulações, e em processos de dor crônica, nas insuficiências renais crônicas, nos estados bronquiolares de repetição, nas síndromes autoimunes de caráter hormonal e nos estados de imunodeficiência crônica.

**Parte utilizada:** entrecasca da raiz *in natura* ou como extrato e chá. Como nessa raiz se encontram grandes concentrações de resina amarga rica em um óleo essencial complexo, usam-se sempre porções mínimas desses preparados. Entretanto, o uso excessivo não é perigoso a ponto de proibir o uso da planta, podendo no máximo promover vômito, diarreia e/ou um estado cefálico persistente.



## CARQUEJA

*Baccharis trimera*





## CARQUEJA

*Baccharis trimera*

**Indicações:** apesar de a carqueja ser uma planta exótica, justifica-se incluí-la aqui pela facilidade com que a encontramos nas suas formas farmacêuticas e *in natura* nos jardins por todo o território nacional, bem como por sua alta resolatividade em pequenos e grandes males que a medicina convencional não sabe tratar. A carqueja está inscrita no extenso grupo das plantas amargas, com tropismo pelo plexo hepático e, indiretamente, como tônica do baço e do pâncreas. Ajuda, então, a resolver aquele circuito horizontal responsável pelo metabolismo glicêmico (fígado e baço-pâncreas), tornando-se uma planta básica para prevenir e/ou tratar três grandes vertentes de problemas: cardiovascular, glicêmico e autoimune.

A carqueja possui um princípio ativo complexo, que contém, em concentrações mais que significativas, alcoóis sesquiterpênicos, que são bastante estáveis e pouco tóxicos, e por isso tônicos para o fígado; flavonas e flavonoides, que

são princípios analgésicos e anti-inflamatórios, atuando nesse eixo como reguladores de funções e atenuadores de estados irritativos; saponinas antissépticas e antibióticas; alcaloides tônicos e neuroativos com poder de atuar no tronco simpático de forma reguladora; e outros princípios específicos, tais como a eupatorina, a quercetina e o carquejol.

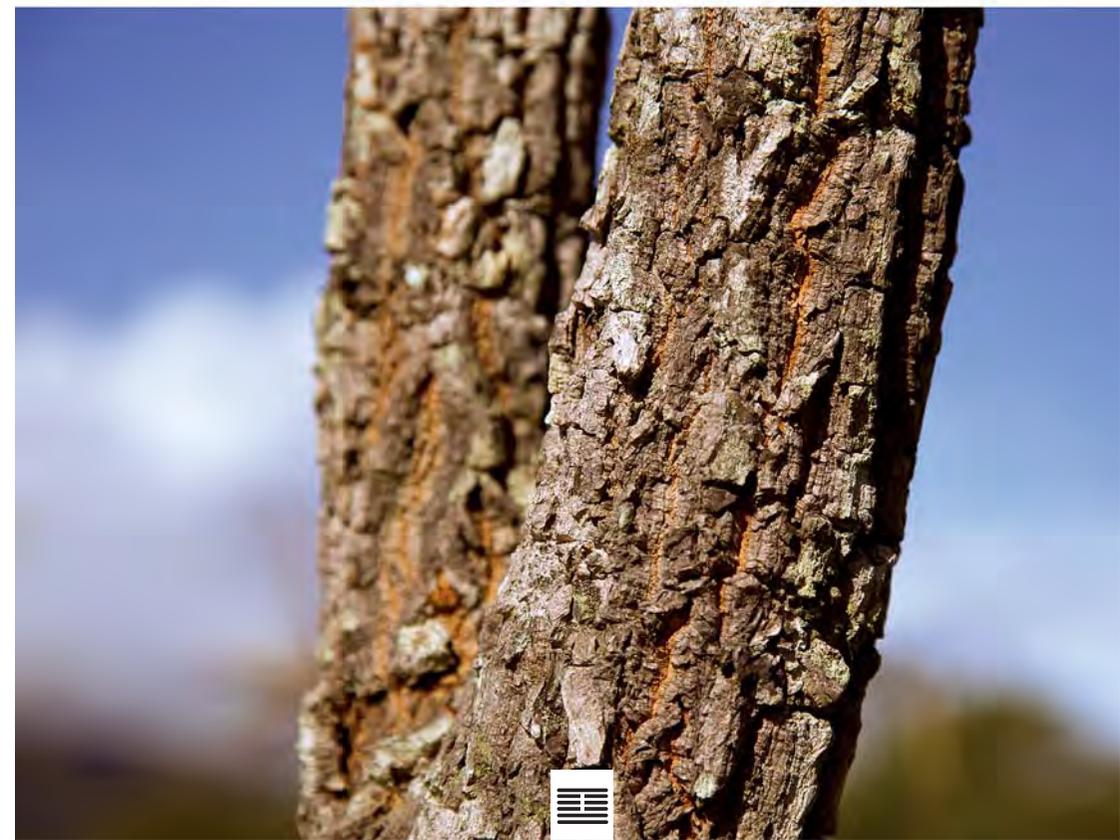
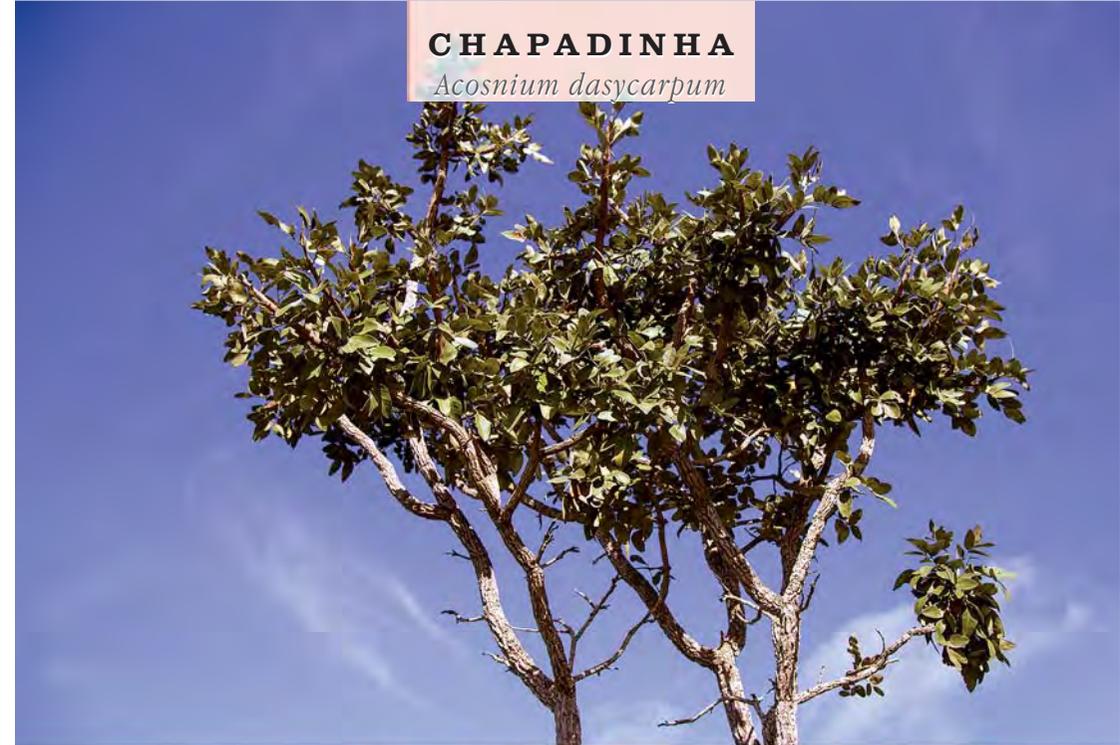
Considerando todas essas atividades e componentes, fica compreensível por que a carqueja tem, no uso popular, mais de setenta indicações, destacando-se como principais a estomáquica, a tônica do trato gastrointestinal, a febrífuga, a antidiarreica, a antiviral e a antifúngica.

**Parte utilizada:** partes aéreas, na forma de pó para infusões frias ou chá, ou *in natura*. Como é uma planta amarga de alta complexidade, seu uso deve ser breve e em doses ponderais, o que significa consumir porções muito pequenas e/ou realizar posologias suaves e contínuas.



## CHAPADINHA

*Acosmium dasycarpum*





## CHAPADINHA

*Asconium dasycarpum*

**Indicações:** não por acaso, outro nome pelo qual a chapadinha é conhecida é “pau-pratudo”, pois, para o homem do campo, essa planta funciona como uma espécie de panaceia. Na verdade a chapadinha, ou perobinha-do-campo, pertence à família das leguminosas que possuem uma entrecasca taninosa e produzem uma resina rica em alcaloides extremamente ativos biologicamente. Com isso, sua utilização vai dos poderes secativos e cicatrizantes próprios de tudo que tem tanino à ação imunogênica e antibiogênica das espécies alcalogênicas. Assim, ela é indicada como resolutive de feridas e irritações dos tecidos, sejam eles internos ou externos. É também útil como hepatoprotetora, pois regula a ação do tanino pela associação deste com alcaloides do tipo lupalina e swetinina, que se agrupam

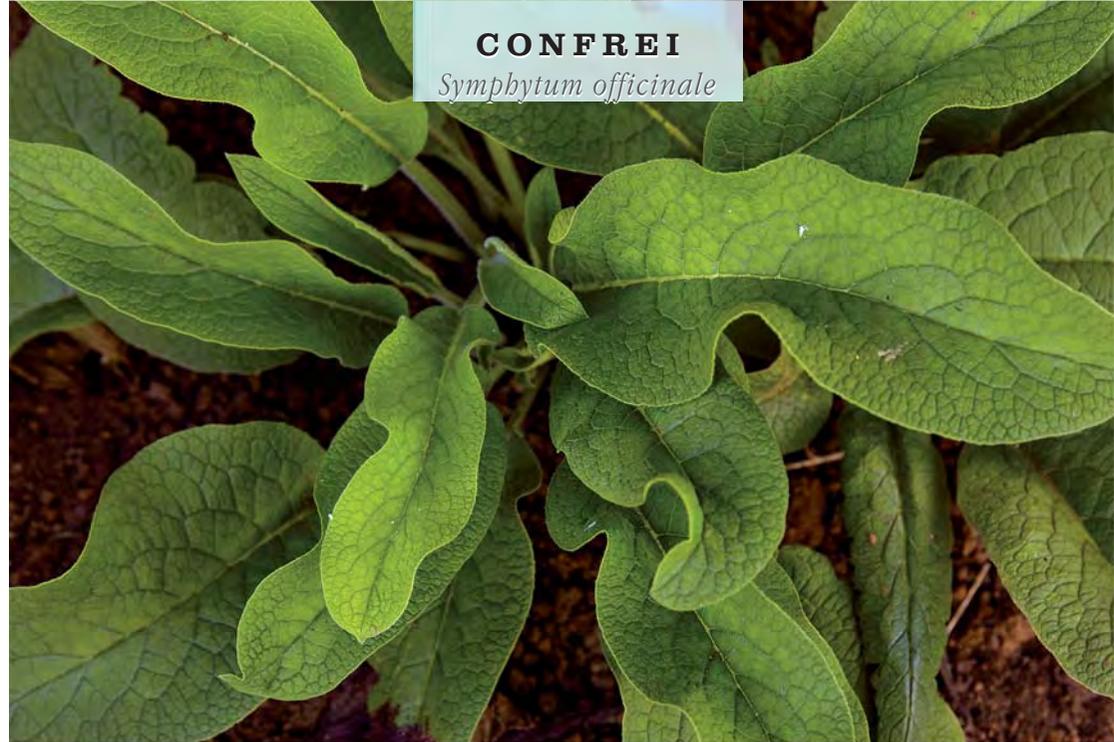
em longas cadeias de açúcares pesados. A chapadinha é utilizada, ainda, como coadjuvante em fórmulas antifélicas, tanto por sua ação vasoconstritora, o que dificulta a migração do veneno pelo corpo, como por fomentar as capacidades imunológicas.

A chapadinha também se aplica no caso de afecções pulmonares em que existe grande produção de catarro e presença de tosse. Revela-se, então, um antitussígeno bastante eficiente, embora nesses casos seja preciso associar ao tratamento ervas para obter uma ação especificamente antibiótica, quando se entender que há infecção.

**Partes utilizadas:** entrecasca do tronco e casca da raiz, assim como as folhas, quando se deseja uma atividade mais suave.



**CONFREI**  
*Symphytum officinale*





## CONFREI

*Symphytum officinale*

**Indicações:** esta é outra planta exótica, pois origina-se da Ásia e ocorre, também, no norte europeu. Entretanto, sua extrema utilidade a torna uma ferramenta quase obrigatória para todo aquele que quer dominar o uso das plantas medicinais, apesar de recentemente essa planta ter sido largamente contraindicada devido à falta de informação precisa quanto a suas aplicações. No passado, o confrei era praticamente idolatrado pelo povo comum do campo, pois sua ação cicatrizante alcança os níveis mais profundos do sistema orgânico. Ainda hoje ele é usado largamente como osteogênico (produz células ósseas), tecido pelo qual apresenta tropismo especial, além de fomentar a capacidade do sistema de fixar cálcio. Para além disso, qualquer situação de dor tem no confrei um bom lenitivo, pois suas folhas são ricas de alcaloides analgésicos, além de ácidos fenólicos e vitamina B12, que melhoram a condutância nos tratos nervosos. O confrei é um bom broncodilatador e anti-inflamatório, o que o torna efetivo na administração das crises brônquicas agudas e crônicas e até mesmo em situações pneumônicas ou infecciosas.

O princípio ativo do confrei tem o poder de atuar como um tônico geral, ainda que esse efeito seja mais percebido no eixo fígado-pâncreas. Melhorando e regulando as funções tanto do fígado

quanto do pâncreas, o confrei torna-se adequado também no tratamento de doenças glicêmicas, cardiovasculares e autoimunes, o que expande significativamente seu leque de aplicações.

**Uso externo:** ferimentos, lacerações, necroses, contusões, entorses, distensões musculares e ligamentares, acne, manchas e irritações.

**Uso interno:** em pequenas doses, utiliza-se como laxante, calmante, analgésico, cicatrizante de mucosas, adstringente e anti-inflamatório.

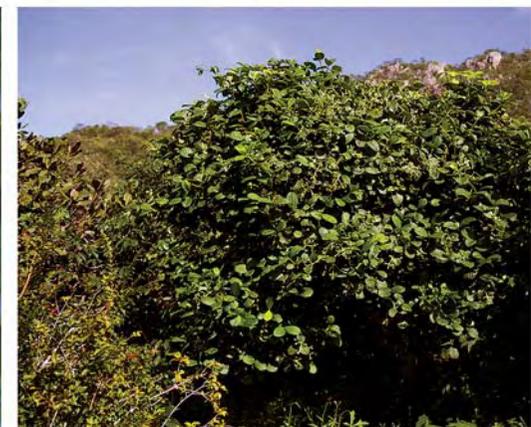
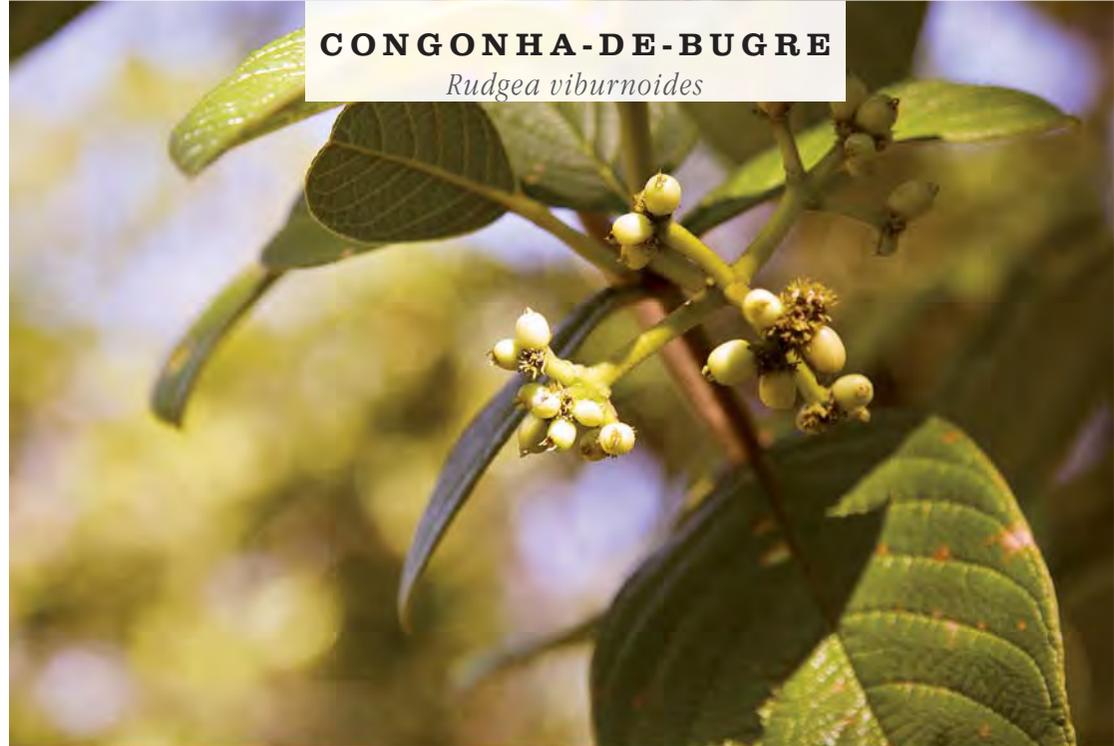
**Contraindicações:** o uso interno em altas dosagens e por largo tempo (mais de seis semanas) pode produzir enfermidade veno-oclusiva (megacitose, inibição de mitose etc., com consequente cirrose ou câncer). Porém, como isso está ligado à presença de ácidos pirrolizidínicos, e estes estão mais concentrados na raiz e nas folhas jovens (com menos de 20cm de comprimento), basta evitar essas partes que o uso da planta se torna seguro.

**Partes utilizadas:** folhas adultas e flores. Com grande experiência, também se pode usar a raiz, pois, apesar de a dose tóxica ser muito próxima da dose medicamentosa, os melhores efeitos são obtidos dessa parte.



## CONGONHA-DE-BUGRE

*Rudgea viburnoides*





## CONGONHA-DE-BUGRE

*Rudgea viburnoides*

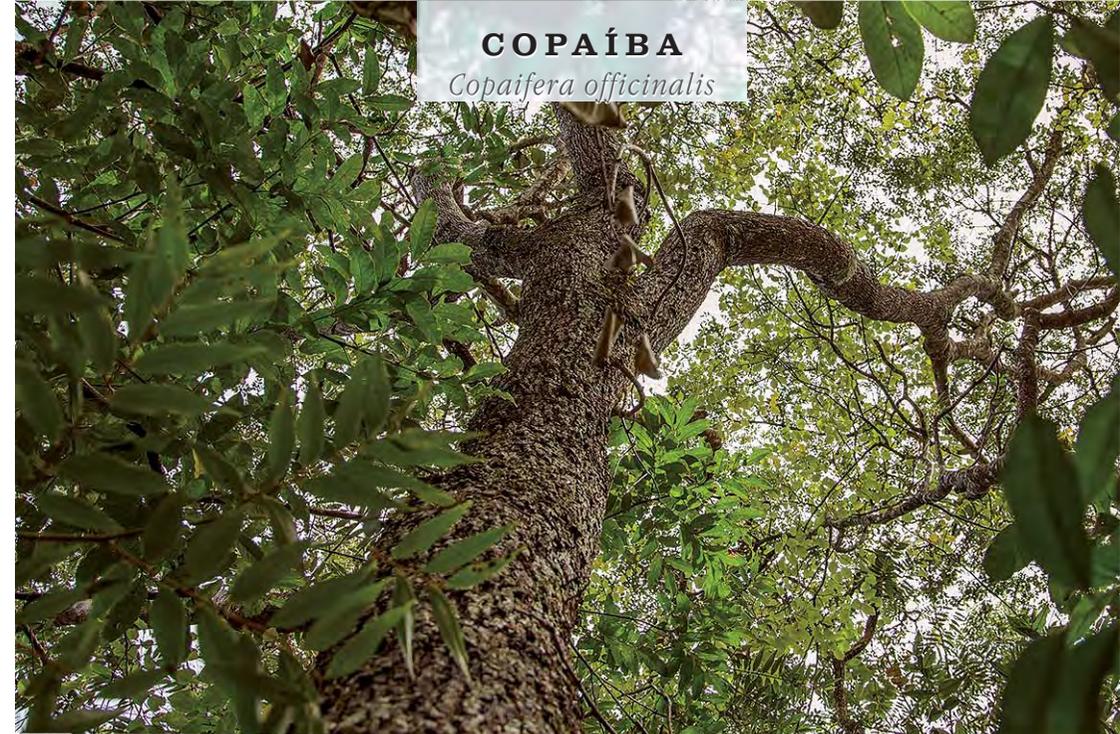
**Indicações:** no uso popular, temos várias plantas do mesmo gênero que se conhecem como “congonha”, em função de serem muito parecidas entre si e exercerem atividades semelhantes. De qualquer forma, seja a congonha-de-bugre (*Villaresia congonha*), seja a congonha-do-campo (*Rudgea viburnoides*), seja ainda a bate-caixa (*Palicourea rigida*), todas têm tropismo pelo plexo renal. De fato, essa planta atua em todas as partes que dependem do bom funcionamento da atividade renal.

Podemos então inferir que a congonha é útil nas afecções articulares crônicas e agudas, nas cistites de repetição, em nefrites, em disfunções hormonais sistêmicas, em trata-

mentos capilares, no tratamento das vias urinárias de forma geral, nos quadros diabéticos e disfuncionais glicêmicos, nas edematoses e na hipertensão.

Além disso, como a congonha contribui no equilíbrio hormonal, funciona como um tônico geral e cardíaco, como adaptógeno, na medida em que fomenta a imunidade, e como um anti-inflamatório de uso geral.

**Partes utilizadas:** principalmente as folhas, na forma de chá. Mas, quando se deseja uma atividade mais imediata e o uso não pretende ser extensivo, pode-se consumir o chá da entrecasca e/ou das raízes em pequenas porções.



**COPAÍBA**  
*Copaifera officinalis*





## COPAÍBA

*Copaifera officinalis*

**Indicações:** a copaíba é uma árvore de grande porte, encontrada nas matas brasileiras, e é tida como um dos pilares sobre o qual se assenta uma grande parte das “curas milagrosas” reputadas à fitoterapia e à medicina popular de forma geral. O óleo extraído dessa planta talvez seja a maior fonte natural de ácido caurenóico, um derivativo do cariofileno, que provavelmente é responsável pela maior parte das atividades do princípio ativo encontrado aqui. Comumente, a copaíba é utilizada como um potente anti-inflamatório de uso interno e externo, aplicando-se a irritações mucósicas e da pele, mesmo que estas tenham raiz na liberação de histamina por mecanismos alérgicos. A copaíba é também um excelente antigripal imunogênico, tendo tropismo pelo plexo pulmonar e pelas vias aéreas superiores. Nessas áreas, trabalha como antiespasmódico, antibiótico, antiviral e antifúngico, sendo então resolutive em quadros pneumônicos, brônquicos e catarrais agudos. É adstrin-

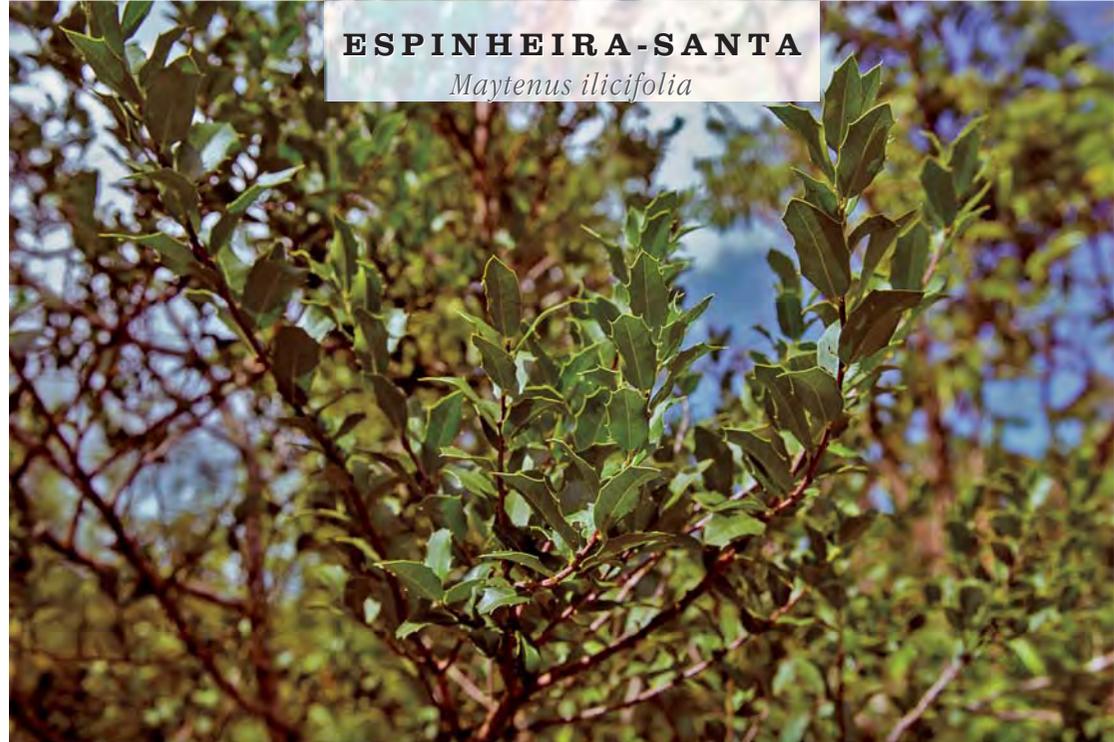
gente e secativa, contribuindo muito na resolução de feridas diabéticas, divertículos inflamados e sangrantes, úlceras gástricas e uma quantidade de outras feridas abertas de difícil cicatrização. Finalmente, o princípio ativo encontrado nessa planta se apresenta como um miorelaxante de atividade neural parassimpática e vasodilatadora, o que torna a resina e o óleo resinoso excelentes aditivos aos óleos de massagem e descongestionantes.

**Partes utilizadas:** tradicionalmente, utiliza-se a seiva, o óleo resinoso e a casca, mas a maior parte das prescrições aproveita somente o óleo que a árvore exsuda espontaneamente como mecanismo de defesa contra infestações de micro-organismos e insetos. A casca é aproveitada na forma de pó ou chá, sendo uma fonte de elementos terpênicos e sesquiterpênicos e de tanino, com todas as atividades adstringentes e secativas associadas a esses produtos.



## ESPINHEIRA-SANTA

*Maytenus ilicifolia*





## ESPINHEIRA-SANTA

*Maytenus ilicifolia*

**Indicações:** aqui encontramos uma planta que tem seu nome conquistado por mérito. A utilização da espinheira-santa é tão vasta que abarca desde problemas gastrointestinais até doenças tumorais e crônico-degenerativas. Contudo, seu tropismo é pelo plexo hepático, dado que o primeiro componente que chama a atenção em seu princípio ativo é o tanino. O tanino funciona como um adstringente secativo quando aplicado sobre tecidos; por isso, é um excelente cicatrizante e, por alterar as condições de umidade e pH, acaba tendo uma atividade antibiótica importante. Porém, em pequenas doses o tanino é também um excelente tônico hepático e, quando combinado a flavonoides e terpenos, expande sua ação para melhorar a secretividade gástrica, incrementa o peristaltismo intestinal, ao ponto de ser laxante, melhora a irrigação sanguínea de forma geral e contribui como estimulador pancreático. Neste último aspecto, vai além e regula a relação entre fígado e pâncreas, sendo coadjuvante nos tratamentos para diabetes e síndromes glicêmicas.



Ainda no trato gastrointestinal, a espinheira-santa atua estabelecendo um filme mucilaginoso protetor das mucosas, o que auxilia na resolução de estados inflamatórios crônicos e agudos. Isso torna essa planta útil nas síndromes de cólon irritado, nas diverticuloses e diverticulites, nas gastrites, nas úlceras gástricas e intestinais, nos tumores e em outras situações que exigem melhoria da nutrição dos tecidos e cicatrização.

**Contraindicações:** a espinheira-santa atua aumentando a motilidade, o peristaltismo e a irrigação sanguínea de forma geral, portanto, é contraindicada em situações hemorrágicas. Além disso, funciona como abortivo em altas dosagens, o que desaconselha seu uso continuado por gestantes, embora a dose tóxica esteja bem longe da dose terapêutica.

**Parte utilizada:** principalmente as folhas, na forma de pó, chá ou em associação a sucos alcalinos.

## FOLHA-SANTA

*Bryophyllum pinnatum*





## FOLHA-SANTA

*Bryophyllum pinnatum*

**Indicações:** novamente estamos diante de uma planta que, apesar de não ser nativa do Brasil, e sim da África e do Oriente Médio, não pode deixar de ser conhecida por todo aquele que quer se beneficiar do poder curativo das plantas. A folha-santa é contada entre aquelas de valor superior e, como seu uso é muito antigo, atualmente se conhecem bem tanto seus componentes ativos quanto as tecnologias para obter sua melhor atividade. Ela conta cerca de 20 indicações terapêuticas de largo espectro que, se fossem desdobradas em suas variações, poderiam estender a indicação dessa planta a quase tudo que atormenta o homem. Não por acaso, a folha-santa é também chamada popularmente de “para-tudo”, “folha-da-fortuna” e outros nomes que fazem alusão ao bem que seu princípio ativo nos faculta.

Essa planta é usada primeiramente como um antibiótico que atua em todos os reinos em que medram os micro-organismos, sendo antifúngica, antiviral e bactericida. Aliada a isso, há uma importante atividade anti-inflamatória e cicatrizante, pois sua mucilagem possui concentrações importantes de ácido araquidônico, flavonoides e alcaloides. É também antitussígena, anticatarral e febrífuga, dado que o suco das folhas oferece terpenos, glicosídeos esteroidais, lipídeos e uma

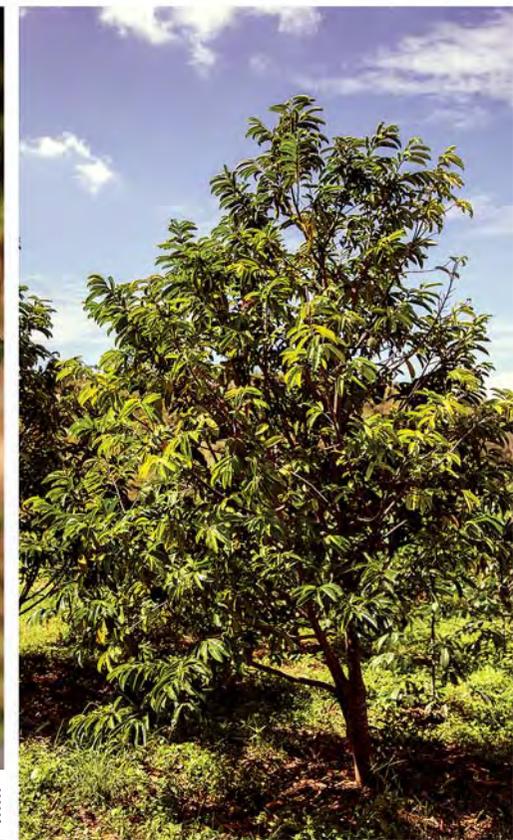
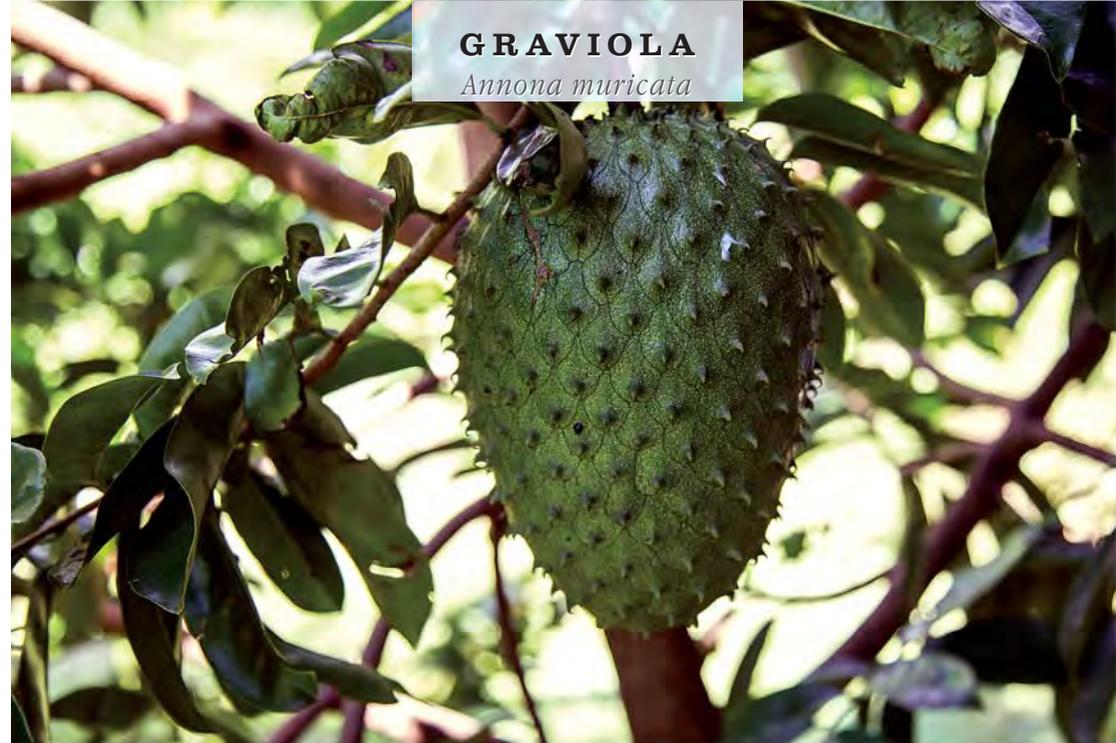
substância que lhe é própria, conhecida como bufadienólídeos. Esta última, além das já citadas atividades no trato respiratório, tem sido considerada antitumoral e anti-histamínica, o que reduz consideravelmente o estresse fisiológico quando afecções como essas surgem no meio interno ou externo. E, como se já não bastasse todo esse poder, descobriu-se que nas raízes da folha-santa existe beta-sitosterol, bryophynol, e ácidos cafeico e cumárico, substâncias que agem no sistema nervoso central. Graças a isso, explicou-se o hábito indígena de tomar o suco dessa planta duas vezes por dia a partir de certa idade, com a intenção de manter a mente jovem e o coração forte. Também em razão dessas substâncias é que se indica o estrato da raiz para quadros epilépticos, de degeneração funcional central e outros que levam à senilidade e/ou ao retardamento mental.

**Partes utilizadas:** folha, na forma de sucos, extratos e pó. Entretanto, esta última utilização não é comum, devido à necessidade de levar a massa vegetal a uma desidratadora para que esta seque sem fermentar rapidamente, dada sua alta concentração de açúcares e gorduras. Utiliza-se também a raiz, na forma de pó e extrato aquoso ou alcoólico.



## GRAVIOLA

*Annona muricata*





## GRAVIOLA

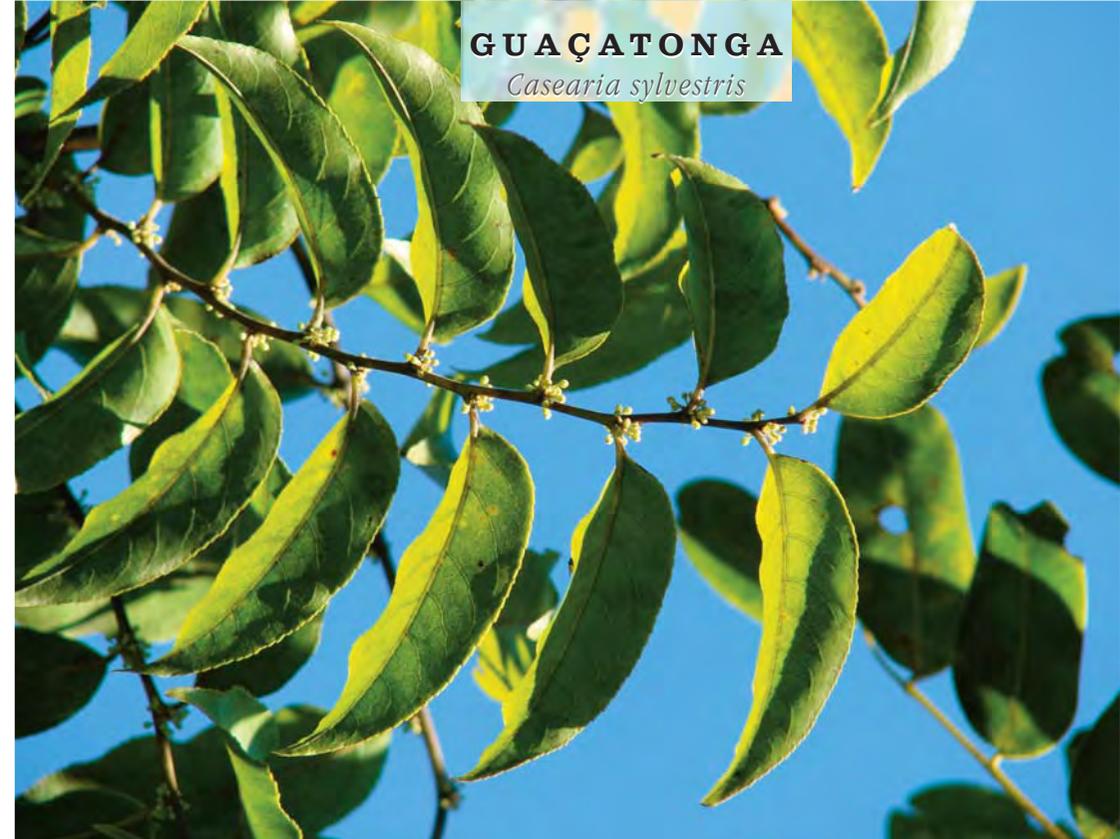
*Annona muricata*

**Indicações:** antibiótica, anticancerígena, vermífuga, antiespasmódica, adstringente, hipotensora, inseticida, sedativa, vasodilatadora, hipoglicemiante e antigripal. Embora muito valorizada pelo delicioso suco da polpa de seu fruto, de fato o melhor uso da graviola não é como alimento, e sim como coadjuvante para uma lista de males resultantes do método de vida do homem urbano. Entra nessa lista, por exemplo, a atividade hipoglicemiante do pó da polpa do fruto, bem como a atividade anti-hipertensiva e espasmolítica do chá das folhas. Com a união dessas duas atividades, conclui-se que o que o princípio ativo da graviola faz de fato é melhorar a relação hormonal entre o fígado e o pâncreas. Ele é, portanto, benéfico naquela extensa sucessão de males conhecida como síndrome metabólica, cujo desenvolvimento causa problemas cardio-

vasculares e glicêmicos crônico-degenerativos, assim como doenças autoimunes de caráter hormonal. Além disso, há, nas sementes e na polpa do fruto, acetogéninas, um componente que tem sido pesquisado por sua atividade seletiva nas células cancerígenas.

**Contraindicações:** mesmo em pequenas doses, a graviola pode ser desaconselhada para os hipotensos, os bradicárdicos e os que já estejam cursando a hipoglicemia reativa. Nesses casos, embora o uso possa ser benéfico em doses ponderais estreitamente monitoradas, recomenda-se o acompanhamento médico intensivo, pelo menos nos primeiros momentos do tratamento.

**Partes utilizadas:** planta integral, mas principalmente as folhas, as sementes e a polpa do fruto.



**GUAÇATONGA**  
*Casearia sylvestris*





## GUAÇATONGA

*Casearia sylvestris*

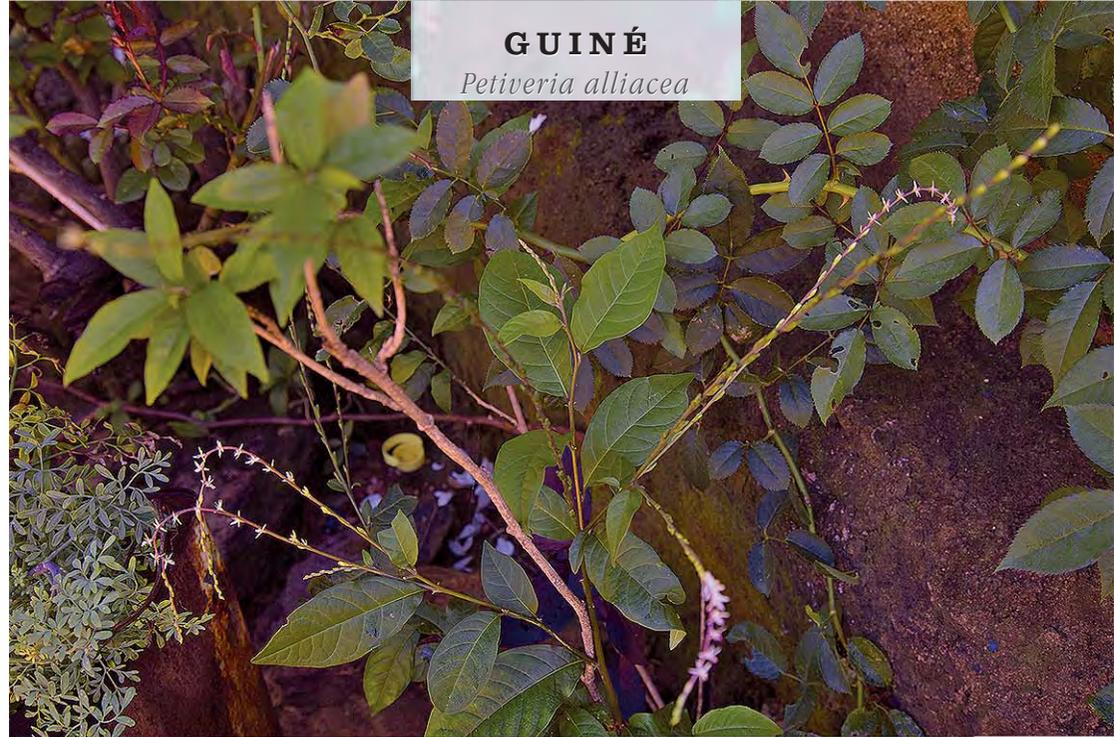
**Indicações:** esta planta é muito reconhecida por ser cicatrizante, antisséptica, fungicida, antibiótica, antivirótica e tônica geral. Entretanto, sua menção aqui se deve ao fato raro de que seu princípio ativo reúne duas das mais poderosas substâncias produzidas pela natureza para resolver uma gama de males para os quais a medicina convencional não tem resposta terapêutica: o lapachol e a casearina.

O lapachol é sobejamente conhecido e decantado como um dos poucos anticancerígenos orgânicos de efeito drástico. Na verdade, tão drástico quanto a mais violenta das quimioterapias comumente empregadas pelos oncologistas, mas sem desencadear os nefastos efeitos colaterais que só quem se submete a processos terapêuticos como esse sabe avaliar. Mas isso, diga-se sempre, nas doses e na posologia certas.



Já a casearina é um diterpeno clerodâmico cuja atividade principal é anti-histamínica e cardiotônica. Pode parecer pouco e/ou simples, mas de fato o que essas duas atividades combinadas conseguem é de uma grandeza sem igual no mundo da fitoterapia. Por exemplo, graças a essas duas atividades, a guaçatonga tem uso antiofídico universal, o que significa que ajuda no tratamento da picada de qualquer cobra. Como é anti-histamínica e anti-inflamatória, também serve para qualquer picada de inseto, algo de valor incalculável para populações que vivem em ambientes infestados.

**Partes utilizadas:** utiliza-se principalmente o chá da folha, mas o pó da entrecasca e da raiz também é muito útil na forma de extratos e chá.



**GUINÉ**  
*Petiveria alliacea*





## GUINÉ

*Petiveria alliacea*

**Indicações:** esta planta entra aqui para que não deixemos de lado uma das vertentes mais impressionantes, e mais polêmicas, do uso das plantas medicinais pelo homem “branco” do campo e pelos povos indígenas: a facilitação dos estados alterados de consciência e da “magia”. A guiné, ou tipi, é reconhecida como uma planta que estabelece um campo protetor em torno de todos os ambientes em que está presente, seja *in vivo*, plantada em um vaso, por exemplo, seja simplesmente defumada por incineração de suas folhas e talos. Para aqueles que têm dificuldade em ver alguma verdade nisso, saibam que qualquer planta aromática lança na atmosfera uma quantidade de óleo essencial suficiente para construir um microclima que lhe seja favorável, obtendo com isso tanto um espaço asséptico para respirar quanto a regulação da temperatura ambiente, sem falar de outros níveis de nutrição mais sutis.

Em outro nível de atividade, a guiné se apresenta como febrífuga de valor, sendo muito utilizada em parceria com as quininas para resolver quadros febris próprios das doenças tropicais. Daí sua indicação como antimalárica, antissifilítica e resolutive de febres terças ou quartãs. Há em seu princípio ativo a cumarina, o que torna essa planta um analgésico e anestésico bastante eficaz.

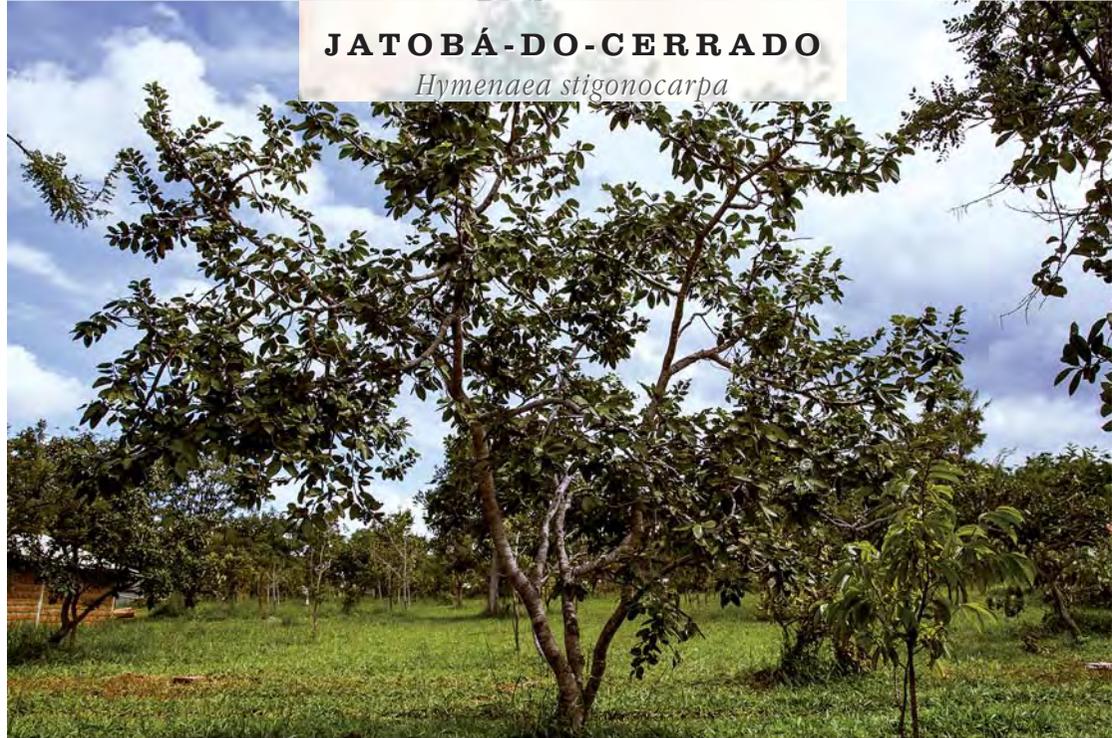


Em função disso, qualquer intervenção cirúrgica realizada em meio rústico, sem acesso aos recursos farmacológicos modernos, pressupõe a aplicação, uma hora antes, de um macerado de guiné sobre o campo cirúrgico, mesmo que esse campo seja um dente inflamado e resistente a outros anestésicos. Seu princípio ativo também contém compostos derivados do enxofre e algumas saponinas, por isso o banho feito com a maceração da raiz ou das folhas é resolutive de dermatites inespecíficas ou ligadas às infestações por fungos e outros micro-organismos. Existem também concentrações de fitoesteróis, polifenóis, taninos e proteínas nas raízes da guiné, o que a torna um bom tônico hepático, que recupera a relação hormonal do fígado com o pâncreas. Com isso, utilizam-se as tinturas dessa planta como um coadjuvante na cura das doenças glicêmicas, o que abre bastante seu leque de atividades, embora sua ação solitária não seja suficiente para tratar a síndrome metabólica, por exemplo.

**Partes utilizadas:** raízes e folhas, mas normalmente só se utilizam as folhas topicamente, por estas conterem os ativos em concentrações suficientes para alterar a química sanguínea e a condutância neurológica.

## JATOBÁ-DO-CERRADO

*Hymenaea stigonocarpa*





## JATOBÁ-DO-CERRADO

*Hymenaea stigonocarpa*

**Indicações:** como está sendo frequente neste estudo, estamos diante de uma planta considerada de uso superior por ser integralmente aproveitada em um grupo de males de extrema complexidade. Tanto a espécie do campo (*Hymenaea stigonocarpa*) quanto a espécie da mata (*Hymenaea courbaril*) do jatobá são adaptógenos (tônico geral), cicatrizantes, vermífugos, antibióticos, anti-inflamatórios renais, hematopoiéticos e anticancerígenos com tropismo pela próstata.

Todos esses usos são sobejamente conhecidos e se devem ao alto teor de tanino da entrecasca, da seiva e da resina, que são as três principais “portas” de acesso a essa árvore. Entretanto, o uso continuado da seiva, rica também de óleos essenciais, polissacarídeos e princípios ativos amargos, provoca no sistema uma série de reações de adaptação que acabam significando uma melhoria geral das funções orgânicas. Com isso, o sistema imunológico cresce em capacidade, combatendo qualquer processo degenerativo que possa estar em curso. Esse tipo de atividade torna a seiva do jatobá um excelente coadjuvante em tratamentos para doenças autoimunes e ou degenerativas tumorais, assim como na recuperação de doentes debilitados, ou no reestabelecimento de taxas metabólicas que es-

tejam em decadência por motivos difíceis de precisar. Por outro lado, mais uma vez, devido às altas concentrações de tanino, é um produto estável que sai da árvore pronto para consumo, ficando como óbice apenas o sabor resinoso que, para alguns, pode ser difícil de suportar.

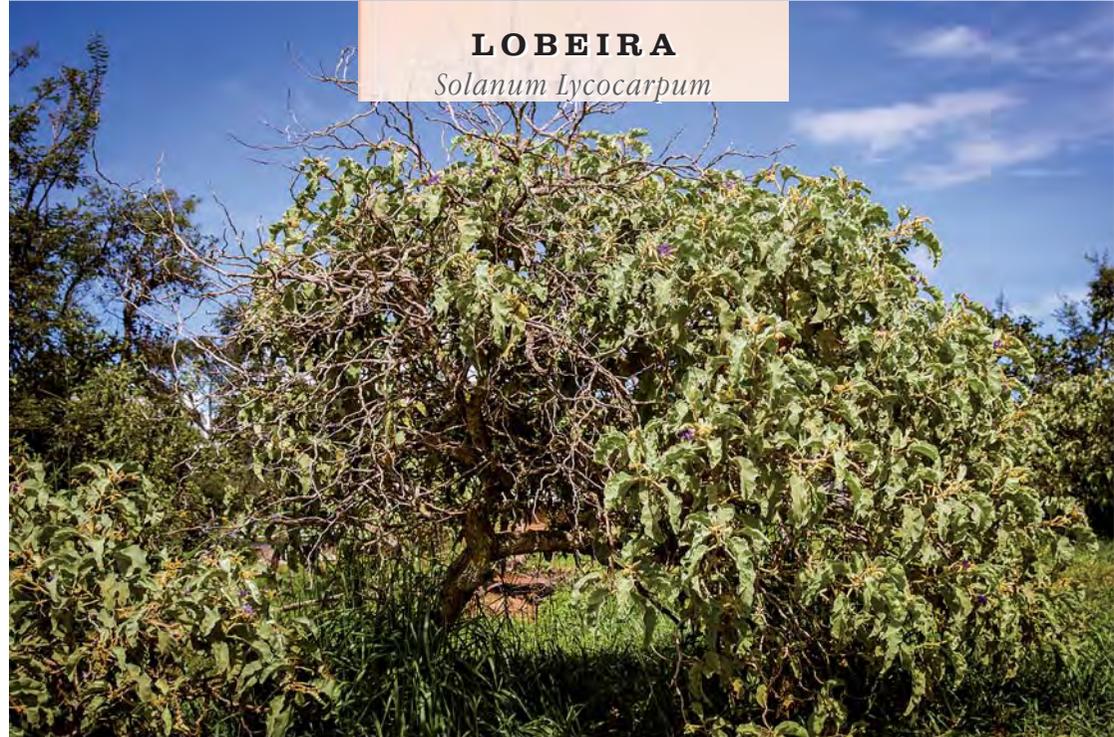
Outro dado interessante é que a atividade regeneradora e tônica da seiva tem se mostrado mais intensa na próstata, protegendo em geral todo o aparato reprodutor masculino. Isso torna essa planta um resolutivo da hiperplasia benigna da próstata, útil até mesmo nos casos de tumoração maligna que se desenvolva nessa glândula. Com isso, podemos inferir que a resina de jatobá é um bom tônico renal, com especificidade pela atividade desse plexo nas gônadas e no circuito hormonal envolvido na fertilidade de forma geral.

**Contraindicações:** o alto teor de tanino encontrado na casca e na entrecasca desaconselha o uso continuado dessas partes. Porém, como elas são excelentes cicatrizantes, quase nunca se atinge a dose tóxica antes que o problema seja resolvido. Em todo caso, para uso pediátrico ou em pessoas com sensibilidade reconhecida a altas doses de tanino, indica-se a resina.

**Partes utilizadas:** seiva, resina e casca.



## LOBEIRA *Solanum Lycocarpum*





## LOBEIRA

*Solanum aff. Lycocarpum St.Hil*

**Indicações:** esta pequena árvore do cerrado é uma excelente doadora dos chamados princípios amargos (alcaloides esteroidais, solamargina, solasonina e outros), que são tônicos para o fígado e estimuladores dos intestinos de forma geral. Daí o seu uso como um eficiente vermífugo, vomitivo, depurativo do sangue, secativo e cicatrizante leve. A flor é indicada como doadora de alcaloides glicosídeos muito eficientes, como espasmolítica e como anti-inflamatória para o trato respiratório, sendo boa coadjuvante nas fórmulas antitussígenas e anticatarrais.

Contudo, a indicação mais interessante da lobeira é como resolutive para o diabetes mellitus, em razão da propalada atividade hipoglicemiante e sedativa do polvilho que se extrai da polpa do fruto. Apesar da extensa prova clínica estabelecida na vivência do homem do campo, que sempre usou esse polvilho para isso, tal indicação hoje é fortemente questionada pelos pesquisadores modernos, que não conseguem replicar em laboratório a atividade que a planta apresenta *in natura*. Entretanto, isso ocorre por dois problemas de procedimento: primeiro, os pesquisadores esperam obter um efeito diretamente hipoglicemiante ministrando o polvilho em ratos com diabetes induzido por falência pancreática,

o que não acontece em função do mecanismo de ação do princípio ativo dessa planta. Para entender isso, é preciso compreender que o diabetes tipo II, para o qual a planta é ativa, resulta da perda progressiva da cooperação hormonal entre o fígado e o pâncreas, o que geralmente tem duas causas: síndrome metabólica ou trauma fisiológico e/ou psicoafetivo. Sendo assim, o pâncreas deve estar ainda minimamente operacional para que o polvilho faça efeito — um efeito que, inclusive, tem caráter progressivo e necessita de tempo para se tornar evidente, pois atua equilibrando aquele circuito metabólico que entrou em falência. O segundo motivo que deve estar atrapalhando a obtenção de resultados pelos pesquisadores é o fato de que a maior parte dos polvilhos comercializados no meio urbano tem por característica o bom aspecto, o bom sabor e o bom paladar, o que só se consegue com a clarificação da massa que vai produzir o polvilho. Porém, essa “clarificação” implica a retirada justamente dos princípios amargos existentes na polpa não processada, o que diminui muito os efeitos terapêuticos associados à lobeira em si.

**Partes utilizadas:** fruto (polvilho) e flor (xarope contra tosse).



**MAMA-CADELA**

*Brosimum gaudichaudii*





## MAMA-CADELA

*Brosimum gaudichaudii*

**Indicações:** esta espécie, também conhecida como bureré, tem uma posição destacada em nosso plantel por oferecer um ativo de capacidades incomuns na fitofauna disponível em nosso país. É uma fonte de bergapteno, uma furocumarina capaz de resolver uma classe de afecções de pele em que nenhuma outra substância se mostrou útil: as despigmentações cutâneas insidiosas, as psoríases e as dermatites atópicas. Esses são quadros de base psicogênica que atacam principalmente os tecidos tegumentares e conjuntivos. A fisiopatologia convencional prefere classificá-los como autoimunes, mas o certo é que a etiopatogenia é grandemente desconhecida, por isso a medicina tem pouco a fazer com as pessoas que os desenvolvem. Daí o valor da mama-cadela e do bergapteno, que também se torna ativo como antitussígeno, tônico pulmonar, anti-histamínico e antiespasmódico bronquiolar. O bergapteno é também um antifúngico importante, tem atividade

anti-inflamatória e vasodilatadora, e frequentemente é utilizado como um tônico geral com tropismo para a pele e os pulmões. Por isso mesmo, a mama-cadela é dada às crianças asmáticas, com dificuldade de desenvolvimento por insuficiência cardiorrespiratória, ou mesmo sem diagnóstico algum, mas com amadurecimento atípico.

No passado, essa planta era muito utilizada nos leprosários e nos hospitais com alas específicas para doenças altamente contagiosas. Ali, contribuía com seu valor regenerativo cutâneo, repigmentador e tônico geral.

**Partes utilizadas:** utiliza-se a planta integral na forma de chá, mas o uso mais comum é a tintura ou infusão da casca e da entrecasca, onde se encontra a maior concentração do bergapteno. Sua raiz raspada e posta em infusão fria doa o psoraleno, ativo que tem como alvo o plexo pulmonar e as mucosas de forma geral.



## MANGABEIRA

*Hancornia speciosa*





## MANGABEIRA

*Hancornia speciosa*

**Indicações:** esta árvore de pequeno porte, típica do centro-norte do Brasil, é parente de outra grande curadora: o velame-vermelho ou branco. Assim como este, a mangaba é considerada uma das panaceias medicamentosas da nossa fitofauna e aproveitada integralmente para uma diversidade de pequenos e grandes males. De fato, o princípio ativo dessa planta resolve um distúrbio central que está na raiz de uma série de sintomas que, por serem complexos, na maioria das vezes são tratados como situações distintas entre si: a síndrome metabólica. Essa é uma síndrome complexa que, simplificando, altera a comunicação hormonal entre o fígado e o pâncreas e se desenvolve em três grandes direções: a doença cardiovascular, a doença glicêmica e a doença autoimune. Obviamente, esses três “caminhos” se desdobram em outros tantos, e de fato acabam por abarcar cerca de 50% dos problemas crônicos e crônico-degenerativos que a maior parte das pessoas apresenta.

A mangaba é também um superalimento, possuindo o seu fruto grandes quantidades de vitamina C, todo o complexo B, niacina, cálcio, ferro e sais minerais em abundância. Além disso, seu fruto é unanimidade em termos de sabor, servindo de base para uma grande variedade de doces, sucos, geleias e sorvetes.



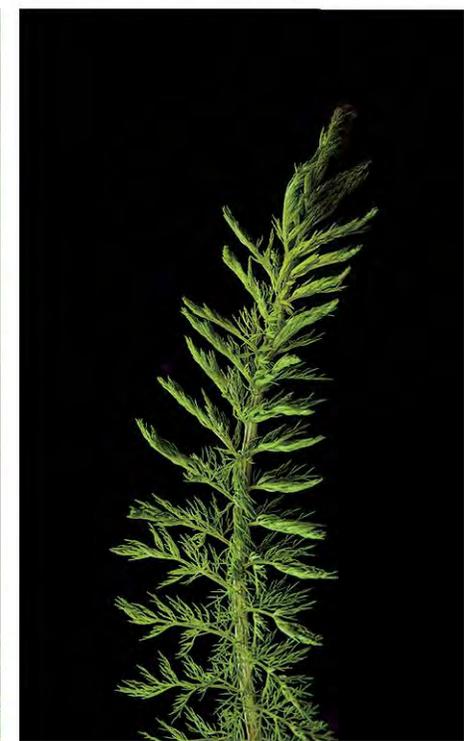
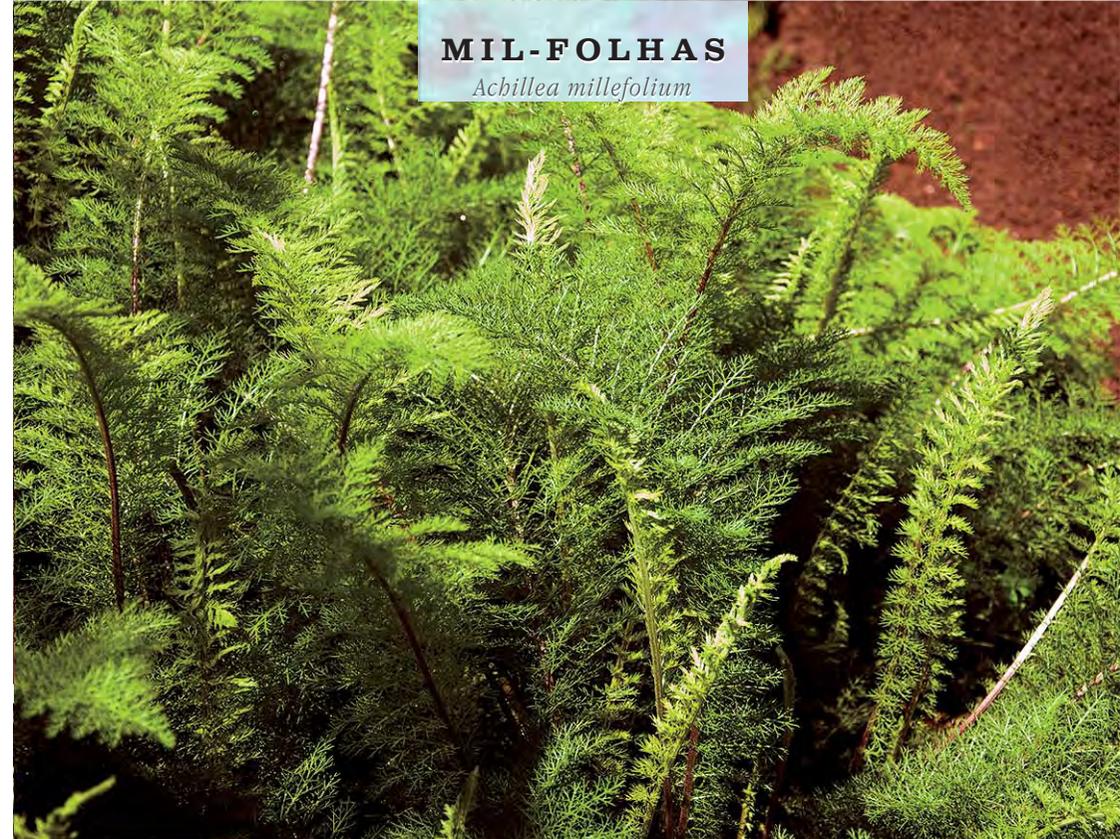
Ainda do ponto de vista medicamentoso, a função que mais chama a atenção é o poder hipotensor. Tanto a casca quanto o látex são aproveitados para o controle da pressão arterial, sendo inclusive reputados a essa planta muitos casos de remissão da hipertensão essencial e daquelas ligadas a hepatopatias. O látex também é utilizado como um bom cicatrizante de uso interno e externo, e a planta toda, como hipocolesterolemiantes, tônica renal, anticatarral, hepatoprotetora e tônica pulmonar. Também se apresenta como imunogênica, sendo o chá de suas folhas consumido periodicamente pelo homem do campo para prevenir resfriados, infecções, febres e outras afecções de origem indeterminada.

**Contraindicações:** o fruto verde possui altas concentrações de fenóis, o que o torna tóxico para a maioria das pessoas.

**Partes utilizadas:** utiliza-se a planta integral, da raiz às folhas, mas o mais frequente é o uso do látex, que o corte superficial da casca produz em abundância. Embora todas as outras partes possuam concentrações variadas do ativo dessa planta, o látex se universalizou por fornecer concentrações mais bem balanceadas e com dose tóxica distante da dose medicamentosa, tornando o uso continuado mais seguro.

## MIL-FOLHAS

*Achillea millefolium*





## MIL-FOLHAS

*Achillea millefolium*

**Indicações:** da mesma forma que encontramos no jatobá-do-cerrado um princípio ativo com tropismo pelo aparato reprodutor masculino, agora estamos diante de uma planta que doa um ativo específico para cuidar das dificuldades do aparato reprodutor feminino. E isso é assim porque a mil-folhas se apresenta como antiespasmódica, expectorante, hipotensora, hemostática, febrífuga, anti-inflamatória, cicatrizante, antirreumática, adstringente, tônica renal e recuperadora do tônus vaginal em geral.

Essas atividades decorrem da presença, no princípio ativo, de um óleo essencial complexo (azuleno, alfa-pineno e cariofileno) que no todo funciona como adaptógeno imunogênico. Há também vários tipos de flavonoides e ácidos fenólicos, que são componentes excitadores da recomposição celular, bem como traços de taninos e lactonas

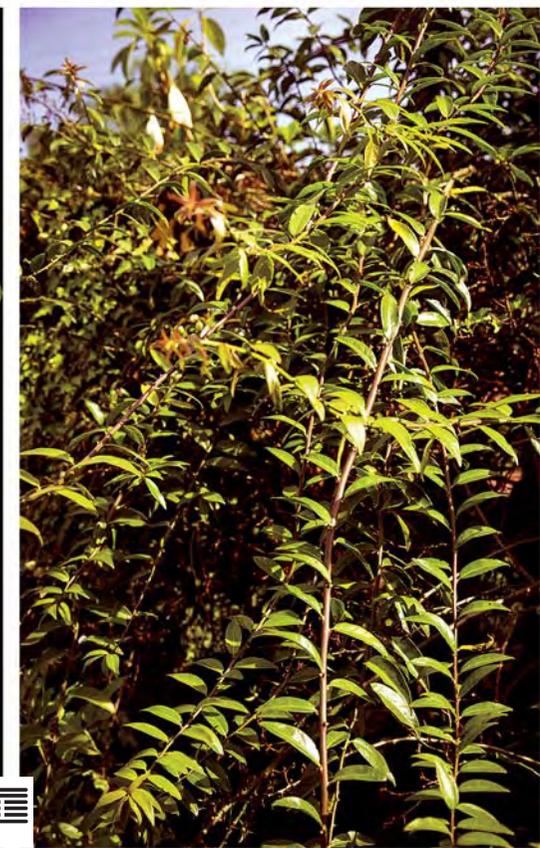
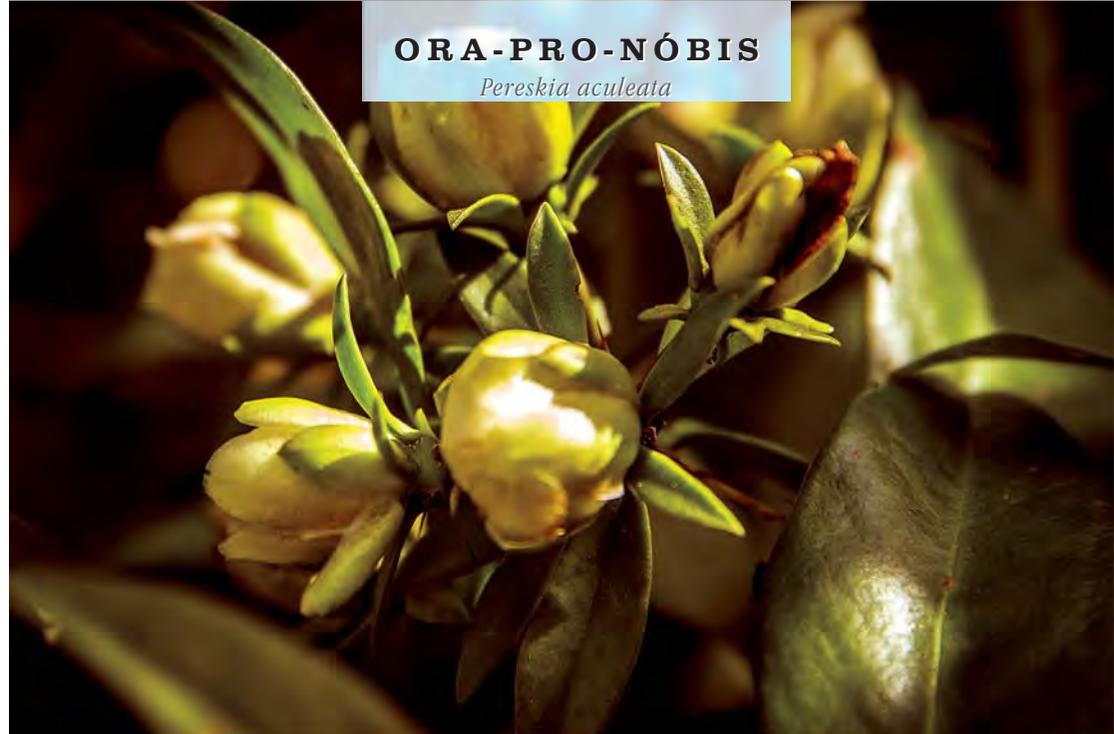
sesquiterpênicas, anti-inflamatórios cicatrizantes que agem na antibiogênese de micro-organismos e resolvem os efeitos de infestações oportunistas. Estão presentes, ainda, alguns alcaloides esteroideais que contribuem na produção hormonal e no rejuvenescimento dos tecidos. E há aminoácidos, polissacarídeos e grupos vitamínicos essenciais que fomentam o micrometabolismo pela via nutricional, o que atua de maneira tão completa na proteção das estruturas ginecológicas que, para alguns, não há que pensar em outra planta quando o assunto é a saúde feminina.

**Parte utilizada:** partes aéreas, na forma de banhos e chás. No meio urbano, também se realizam tinturas e extratos que podem ser ministrados via óvulos de glicerina, pomadas e cremes para uso externo e interno, na mucosa vaginal.



## ORA-PRO-NÓBIS

*Pereskia aculeata*





## ORA-PRO-NÓBIS

*Pereskia aculeata*

**Indicações:** aqui temos outro exemplo de planta exótica. Ora-pro-nóbis é um cacto trepador próprio das Américas que, por já ter se espalhado por todo o nosso território, medrando com vigor e adaptando-se facilmente ao nosso solo e clima, toma foros de planta nacional.

Essa planta tem excelentes qualidades nutricionais, o que a torna uma espécie altamente nutracêutica, ou seja, medicamentosa pela via nutricional. A qualidade alimentar do ora-pro-nóbis é tal que parece ter sido “pensada” pela natureza como uma fonte de proteína (até 25% da massa vegetal), fibras, sais minerais (fósforo, ferro, cálcio etc.) e vitaminas (A, B e C) perfeitamente balanceada para quem está em recuperação ou enfrentando processos altamente debilitantes. Outra vantagem é que, em sua folha, a parte mais aproveitada, encontramos uma mucilagem composta por peptídeos e açúcares de cadeia pesada que protegem a mucosa das tubulações gastrointestinais, o que torna esse ambiente mais alcalino, menos sensível às irritações tóxicas e mais propenso à cicatrização de forma geral. Daí a indicação dessa planta para úlceras e sangramentos altos (com perda de sangue “vivo”), situações reconhecidamente difíceis de contornar sem intervenção cirúrgica.

Por outro lado, sua grande concentração de

ferro, aliada a uma quantidade ainda indeterminada de produtos amargos, a torna tônica para o fígado e fomentadora do metabolismo das medulas vermelhas, auxiliando na produção e na depuração do sangue. Isso, mais uma vez, justifica o uso popular, que indica o caldo das folhas dessa planta para quem está saindo de intervenções cirúrgicas, ou enfrentou situações de grande hemorragia, com a anemia que quase sempre se segue. Em que pese esse raciocínio mais direto, há outro mecanismo que torna o ora-pro-nóbis indicado em perdas sanguíneas. A contenção do sangue nos vasos é garantida pela ação da dupla baço-pâncreas, que também se beneficia diretamente do princípio ativo contido nessa planta, na medida em que se equilibra a função hepática. Então, o ora-pro-nóbis trata das perdas sanguíneas crônicas ou agudas não apenas por efeito da reposição, mas muito mais em função da tonificação do baço-pâncreas.

**Partes utilizadas:** geralmente se utilizam as folhas, as flores e os frutos *in natura*. Contudo, nada impede que se produza o pó da folha, extratos, xaropes e outros preparados que irão potencializar o poder de cura. Vale observar que apenas a variedade de folhas pequenas e flores brancas com miolo laranja é comestível e própria para a confecção de medicamentos.



## PACARI

*Lafoensia pacari*



Fotos - Alex Popovkin





## PACARI

*Lafoensia pacari*

**Indicações:** nenhum memento terapêutico que comente plantas medicinais do cerrado brasileiro estará cumprindo a contento suas funções se não incluir, na lista de suas menções mais importantes, o pacari. De fato, essa planta é tão útil para o homem do campo que a princípio não seria preciso conhecer qualquer outra para ter ao alcance um lenitivo altamente resolutivo da maior parte das mazelas que podem atingir essa população. O pacari é usado como potente cicatrizante de uso interno ou externo, como bactericida e fungicida, como antidiarreico, antitussígeno, anti-hemorrágico, fortalecedor das paredes das artérias e veias, febrífugo, antisséptico e espasmolítico.

Sua bioquímica revela um princípio ativo complexo rico em saponinas, flavonoides, esteroides e triterpenos. Existem também boas concentrações de tanino e fenóis, que são os agentes

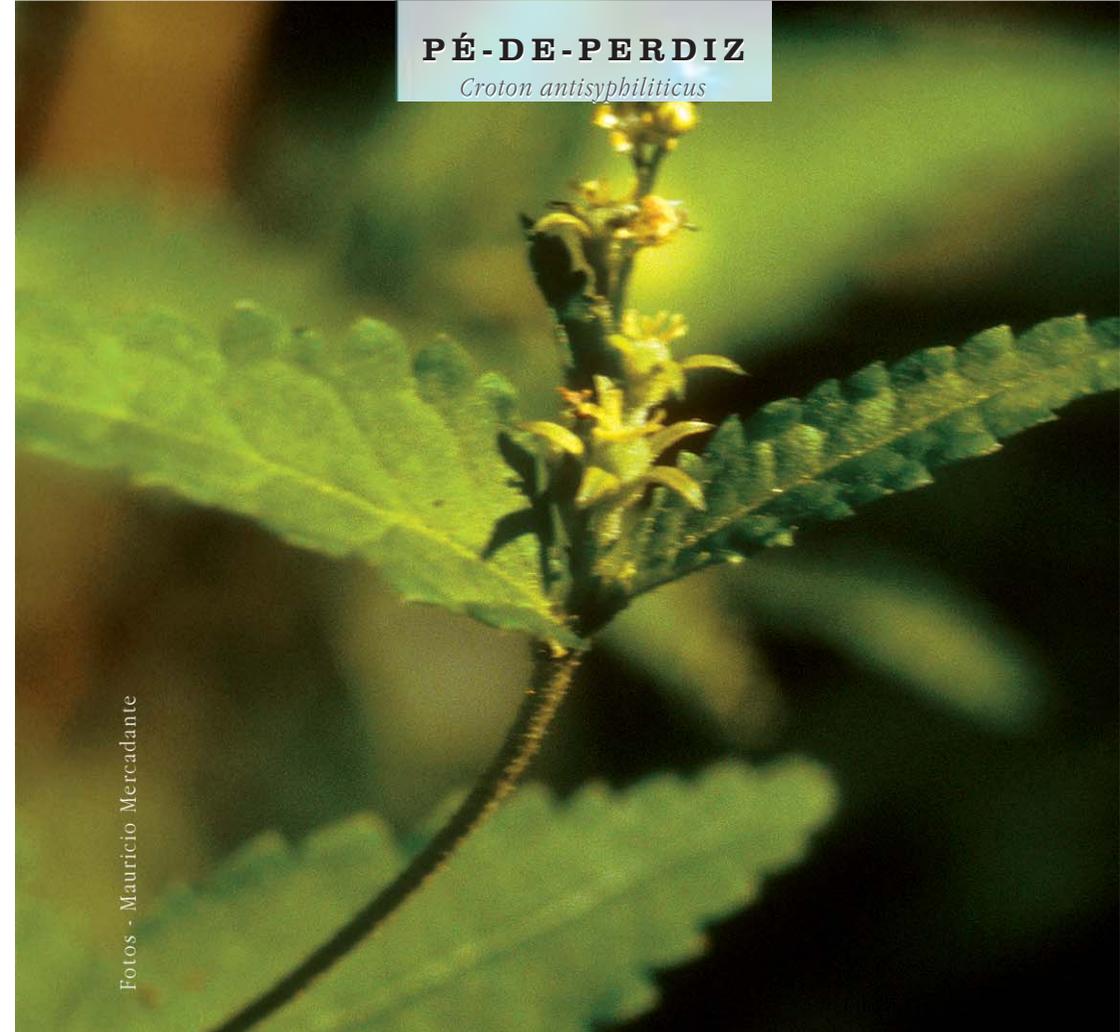
responsáveis pela maioria das indicações dessa planta. Porém, o componente mais interessante, e que tem tornado a extração dessa árvore uma atividade tão predatória a ponto de a vermos em vias de extinção em muitas regiões, é a rutina. A rutina é um bioflavonoide que dá ao pacari o poder de regenerar a parede das artérias e veias e de cicatrizar tecidos totalmente degradados via recuperação da matriz tecidual. Esse fato quase mágico produz cicatrizes de extrema qualidade em queimados que, se não fossem tratados assim, teriam que conviver com mutilações extremamente debilitantes e deformantes.

**Partes utilizadas:** utiliza-se a planta toda, mas principalmente as folhas e a entrecasca *in natura* ou manipulada na forma de chás, tinturas alcoólicas e aquosas e outras.



## PÉ-DE-PERDIZ

*Croton antispybiliticus*



Fotos - Mauricio Mercadante





## PÉ-DE-PERDIZ

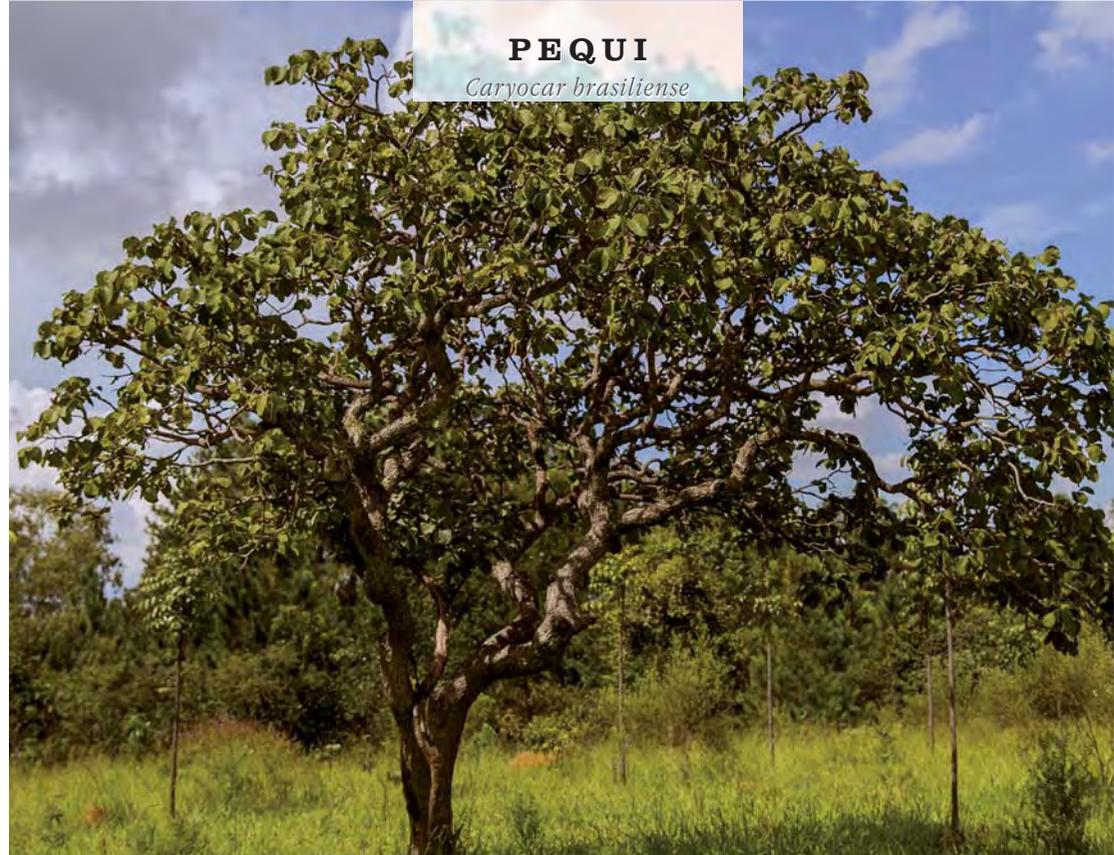
*Croton antispyhiliticus*

**Indicações:** o pé-de-perdiz entra aqui como representante digno de um gênero de plantas (*Croton*) cujo rol de atividades é extenso e incomum, já que combate basicamente qualquer tipo de infestação micro-orgânica. Isso se dá principalmente pela maciça presença de fenóis e triterpenos em seu princípio ativo, o que o torna um antifúngico, bactericida, antiviral e antibiótico de forma geral. Além disso, ocorrem concentrações de flavonoides, alcaloides e xantonas, o que agrega um efeito anti-inflamatório que, por si só, justificaria o uso da planta na totalidade dos quadros infecciosos e inflamatórios. Há também um importante tropismo pela musculatura lisa, onde atua como espasmolítico e, portanto, como um bom coadjuvante para resolver a hipertensão arterial, as cólicas

intestinais e menstruais e outros estados dolorosos por ação espasmódica.

Em que pese a importância dessas atividades, o que realmente justifica o comentário sobre essa planta é sua qualidade tônica deslocada para o plexo renal. Nele, o pé-de-perdiz atua de forma complexa, melhorando tanto as comunicações com outros subsistemas quanto a funcionalidade dos rins em si. Portanto, sua atividade estende-se à regulação dos hormônios, do metabolismo glicêmico e da motilidade estomacal e intestinal.

**Partes utilizadas:** usualmente se processa a planta integralmente, entretanto, a depender da necessidade desta ou daquela atividade, selecionam-se as folhas, a casca ou a raiz.



**PEQUI**  
*Caryocar brasiliense*





## PEQUI

*Caryocar brasiliense*

**Indicações:** esta é outra espécie do cerrado que transita entre a utilidade nutricional e a medicinal a depender apenas da concentração com que se acessam os constituintes das partes utilizadas. Por isso mesmo, o pequiheiro deveria ser considerado uma árvore nobre do cerrado brasileiro e muito mais respeitado do que é de fato.

Sua indicação terapêutica se inicia pelo valor anti-inflamatório e cicatrizante do óleo da polpa do fruto. Entretanto, temos na verdade duas fontes de óleo nesse fruto: o extraído da polpa e o da amêndoa que há dentro do caroço. O óleo da polpa é muito rico em flavonoides e carotenoides, o que o torna resolutivo para a maior parte dos problemas de pele e antioxidante rejuvenescedor de forma geral. É extraído da parte comestível do fruto e, portanto, possui tudo que o pequi fornece como alimento: vitaminas A e B, potássio, caroteno, fibras essenciais, ácidos graxos monoinsaturados e açúcares de absorção lenta. Nesse sentido, seu uso continuado protege o sistema, entre outras coisas, de dois grandes problemas dietéticos: a hipercolesterolemia e a hiperglicemia.

O óleo da amêndoa pode ser utilizado como um eficiente anti-inflamatório tópico ou de uso interno, dado que não se conhece uma dose tóxica

para seu ativo. Além disso, esse óleo alia propriedades antimicrobianas com uma broncodilatação, o que o torna particularmente interessante como resolutivo de afecções pulmonares de forma geral, especificamente dos quadros de bronquite asmática. Nesta última indicação, trabalha muito bem na forma de emplastos quentes aplicados sobre o peito e as costas, mas também pode ser ministrado por inalação em pequenas dosagens e aliado a diluentes carreadores.

Finalmente, temos as atividades relacionadas à casca e às folhas, ambas adstringentes por serem taninosas e muito mineralizadas. Contudo, há aqui um uso de especial importância no tratamento de infecções por fungos e tumorações. A folha do pequi se protege cobrindo-se com uma resina cerosa que se fixa à pilosidade de sua face superior, sendo essa cera um produto que pode ser usado *in natura* para combater, na pele, as difíceis infestações por fungos. Além disso, a cera possui atividade antineoplásica, o que a indica como coadjuvante nos cânceres de pele e/ou nos tumores superficiais que devem ser provocados ao ponto de supuração.

**Partes utilizadas:** Fruto (polpa e amêndoa), casca e entrecasca do tronco, folhas e cera das folhas.



## PICÃO

*Bidens pilosa*





## PICÃO

*Bidens pilosa*

**Indicações:** temos aqui uma planta que está em uma posição curiosa quando olhamos para sua lista de atividades e levamos em consideração o quanto ela é comum e difundida em todas as partes deste país. O curioso é que, apesar de tão comum e útil, a maioria das pessoas não sabe que essa plantinha de menos de um metro de altura pode atuar como um poderoso antisséptico, cicatrizante, antifúngico, antibiótico, vermífugo, hepatoprotetor, anti-inflamatório, febrífugo, diurético, hipoglicemiante e hipotensor leve.

Apesar de tais atributos abrirem bastante o leque de utilização do picão preto, há que saber que o plexo de maior afinidade de seu princípio ativo é o hepático, onde ele equilibra as funções e comunicações com outros órgãos tão ou mais capitais. Nesse trabalho de comunicação, o picão harmoniza a relação do fígado com o pâncreas, os rins, o coração, a vesícula e o estômago, sendo então um bom resolutivo para a extensa lista de problemas que a perda dessas relações implica.

Como não poderia deixar de ser, essa planta possui um princípio ativo bastante complexo, rico em flavonoides, triterpenos pentacíclicos e ácidos graxos livres, tais como o linoleico. Este último, aliado à ação anti-inflamatória dos flavonóis, produz a atividade hepatoprotetora, que na verdade vai além da “proteção” e atinge o *status* de “regeneração”. O fígado é a única parte de nosso corpo que tem plena capacidade regenerativa ativa, mas isso só funciona a contento quando a cirrose dos tecidos ou a esteatose não ultrapassaram certo ponto de evolução. Contudo, com o estímulo

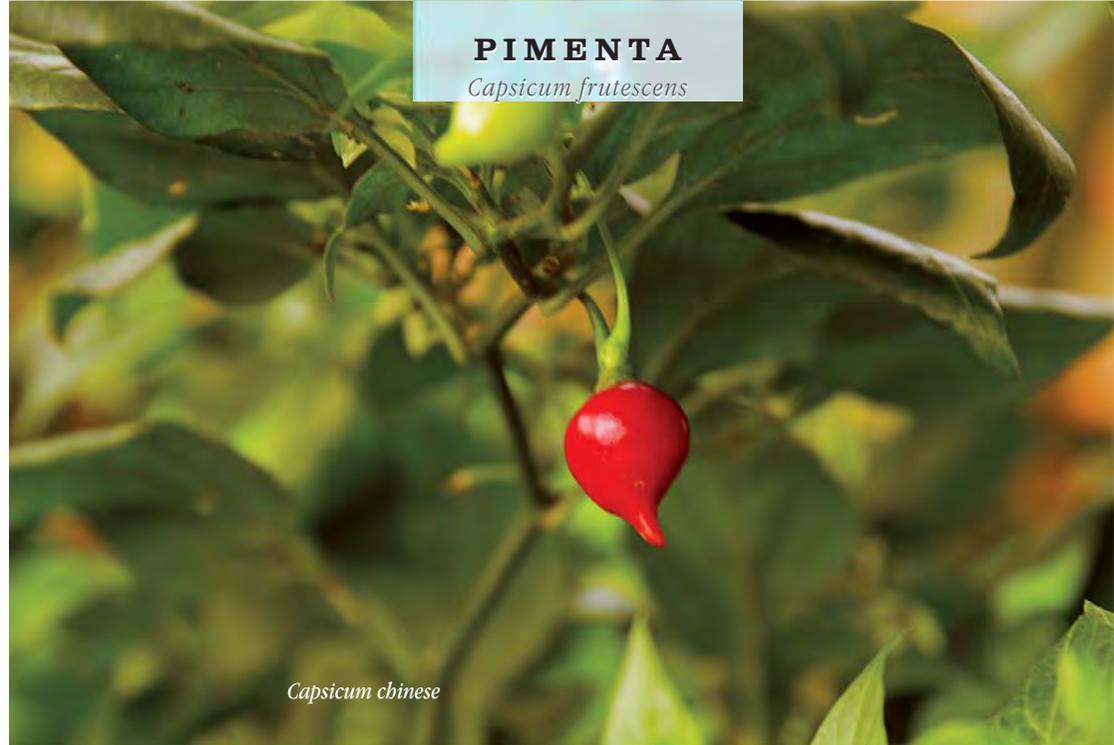
oferecido pelo picão, esse limite se retrai bastante, sendo possível recuperar funcional e estruturalmente todo o tecido hepático em pouco tempo. Devido a capacidades como essas, mesmo em quadros de extrema agressão ao plexo hepático, tais como o alcoolismo crônico avançado ou a malária, essa planta pode ajudar. É indicada até mesmo quando há carcinogênese do próprio fígado ou dos órgãos com que este se relaciona diretamente, suavizando os efeitos da quimioterapia e até a substituindo em alguns casos. É também um bom coadjuvante na terapêutica de quadros glicêmicos, pois os glicosídeos que se acham em suas folhas sensibilizam as células resistentes ao metabolismo da glicose. Por fim, essa erva atua em casos trombóticos, uma vez que as cumarinas encontradas em suas raízes são antiplaquetárias. Essa qualidade torna o chá de picão um produto preferencial e de uso quase contínuo para os cardiopatas, pois, além de “afinar” o sangue, como já dito, o princípio ativo dessa planta melhora a relação do fígado com o coração, o que acaba por fortalecer e equilibrar este último.

**Parte utilizada:** normalmente se usa a planta integral *in natura*, na forma de infusão fria ou quente. Certamente há outras apresentações farmacêuticas, mas a experiência prova que nenhuma funciona melhor do que o chá. Embora não se conheça dose tóxica, como é uma planta muito ativa, para tratamentos mais complexos e prolongados é preciso contar com supervisão médica.



## PIMENTA

*Capsicum frutescens*



*Capsicum chinense*



*Capsicum baccatum*





## PIMENTA

*Capsicum frutescens*

**Indicações:** as pimentas são muito utilizadas no mundo todo como condimento, e de certa forma justamente por isso a humanidade já se beneficia muito dos componentes nutracêuticos que essa planta provê. Contudo, se manipulada segundo a tecnologia adequada e tomada na dose certa, a pimenta tem potencial para se tornar a resposta para a maioria dos males gastrointestinais — males que, por sinal, podem tranquilamente ser produzidos também pelo uso indevido do fruto dessa planta.

Como ocorre sempre que o leque de utilizações é amplo, o princípio ativo se apresenta bastante complexo e com dose tóxica próxima da dose terapêutica, o que enseja cuidados quando estamos lidando com preparados concentrados à base de pimenta. Mas, com o conhecimento mínimo, o fruto da pimenteira pode ser utilizado como uma excelente fonte de capsaicinoides, uma categoria de ativos responsáveis por 80% dos efeitos terapêuticos, assim como pelo sabor picante da maioria das pimentas. A primeira atividade interessante se refere ao fomento dos tecidos de granulação, o que torna as pimentas cicatrizantes efetivos mesmo que o paciente apresente distúrbios glicêmicos, que dificultam justamente a cicatrização. São bons vasodilatadores e fomentadores do metabolismo dos lipídeos, o que justifica a fama que as pimentas têm de serem emagrecedoras e estimuladoras das capacidades cerebrais. A isso alguns chamam de atividade termogênica.

A capsaicina apresenta um grande tropismo pelo tecido nervoso, possuindo uma ati-

vidade endorfinante e analgésica por bloqueio dos mediadores químicos da dor. Em função disso, as pimentas se tornam coadjuvantes muito interessantes para tratar qualquer problema do sistema nervoso central e/ou periférico, como a fibromialgia crônica. Finalmente, as pimentas produzem uma atividade tônica de forma geral, mas especialmente no coração, em virtude de o músculo cardíaco já conter algumas formas de capsaicinoides que o protegem do acúmulo de colesterol.

**Contraindicações:** a dose tóxica é próxima da dose terapêutica, por isso o uso interno se faz com reservas. Já a aplicação em mucosas ou em peles lesadas é mais tranquila, embora se deva sempre fazer um teste de alergia aos componentes das espécies desse gênero de plantas. Por se tratar de uma planta termogênica, é contraindicada a aplicação concomitante de calor local ou compressa quente com cremes ou preparados à base de capsaicina.

**Efeitos colaterais:** hipersensibilidade (urticária) e irritação das mucosas, mesmo em baixíssimas concentrações, causando dor e sensação de queimação. O uso prolongado pode provocar danos aos nervos sensitivos locais.

**Duração do uso:** não mais que dois dias seguidos. Repetir a aplicação no mesmo local somente após um mínimo de catorze dias.

**Partes utilizadas:** frutos secos ou frescos.



**POAIA**

*Psychotria ipecacuanha*





## POAIA

*Psychotria ipecacuanha*

**Indicações:** a poaia, ou ipecacuanha, é uma das plantas de uso empírico mais antigas que se conhece, pois praticamente todas as comunidades indígenas mesoamericanas a utilizam corriqueiramente. Se considerarmos que essas culturas só têm paralelo de antiguidade com as culturas orientais, sendo talvez mais antigas ainda, percebe-se que essa planta está contribuindo com a humanidade desde a pré-história. Tradicionalmente, é utilizada como um regulador da dinâmica sanguínea no corpo. Tida como um tônico hepático, cardíaco e pulmonar, é também hemostática e vasorreguladora, ainda que broncodilatadora. Como melhora a atividade do fígado e do pulmão, apresenta-se como emética, estomáquica, antitussígena e anticatarral, mas de fato o que seu uso faz é recuperar a síntese sanguínea no baço, nas medulas vermelhas e no fígado, melhorando as funções digestivas indiretamente.

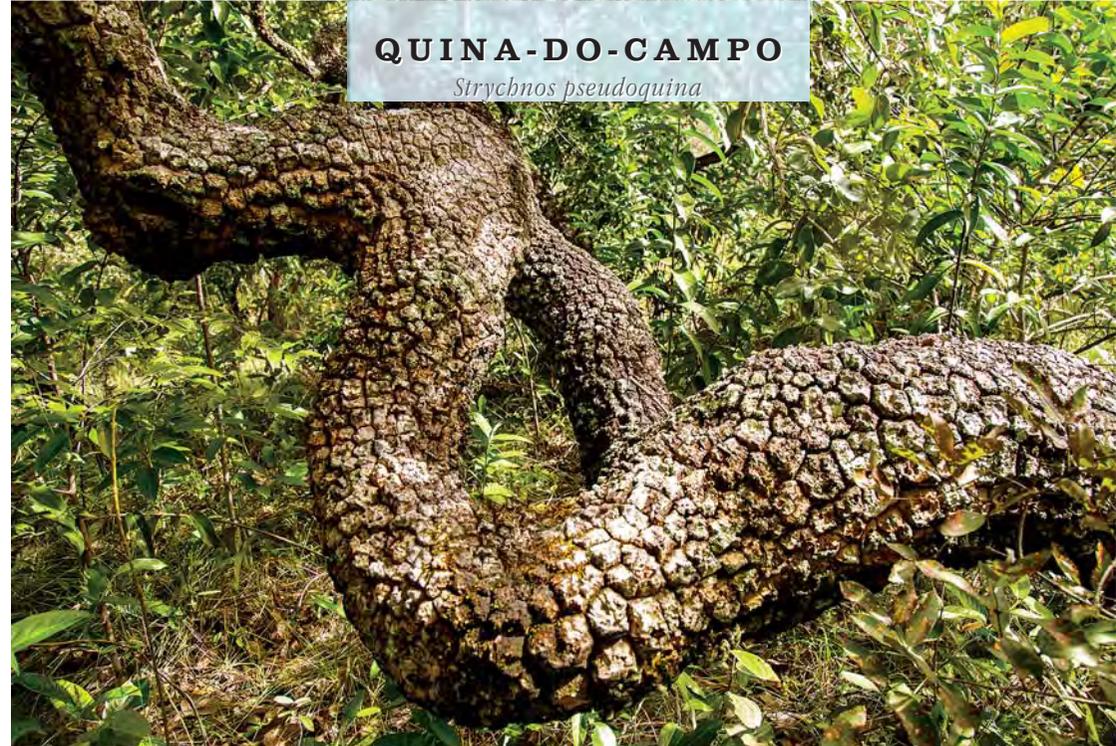
Como seu uso tradicional é antigo, a poaia já foi suficientemente estudada para exibir uma prova clínica tanto empírica quanto laboratorial, e sabe-se que a maior parte dos atributos medicamentosos de seu ativo ocorre em função da presença de psicotrina, um alcaloide complexo que atua na musculatura lisa por meio do sistema nervoso central. Contudo, a poaia também fornece taninos, saponinas, ferro e oxalato de cálcio, o que explica em grande parte seu tropismo pela síntese sanguínea. Os taninos e as saponinas a tornam antibiótica e cicatrizante, e sua raiz se apresenta como resolutive para enterites agudas e crônicas, assim como para estados hemorrágicos estomacais, intestinais e uterinos.

**Parte utilizada:** raiz, na forma de pó e de infusões, frias ou quentes.



## QUINA-DO-CAMPO

*Strychnos pseudoquina*





## QUINA-DO-CAMPO

*Strychnos pseudoquina*

**Indicações:** esta quina, assim como a quina-rosa (*Chinchona succiruba*), a amarela (*Cinchona officinalis*) e outras, entra aqui como uma digna representante de uma família de plantas do mesmo gênero, que possuem os mesmos componentes ativos, ainda que em concentrações diferentes. São basicamente facilitadoras dos chamados “princípios amargos”, que, por serem hepatoprotetores e cardiotônicos, melhoram muito o desempenho orgânico quando o sistema tem que combater processos infecciosos e inflamatórios de grande monta. Além disso, as quininas são analgésicas, anestésicas, digestivas e febrífugas.

Esta última atividade, aliada ao fato de o quinino ser um produto imunogênico geral, torna a quina o melhor recurso que o homem do campo possui para enfrentar um dos grandes males que viceja nas terras tropicais: as doenças febris. Nos trópicos, as doenças febris compõem uma categoria à parte de problemas,

pois não têm todas a mesma etiologia, apesar de produzirem um pacote de sintomas bastante parecido. Dentro disso, o mais impressionante é que as quininas tratam de todas elas como se fossem uma, e por isso no interior do país todas essas moléstias são identificadas com a malária. Por outro lado, como seu ativo é rico em produtos alcalogênicos e taninos, o fígado fica quase inteiramente protegido das lesões que muitas dessas “febres” deixam como seqüela se não são tratadas de modo imediato, pois esses princípios têm tropismo hepático e são anti-inflamatórios, adstringentes e cicatrizantes.

**Partes utilizadas:** entrecasca, na forma de chá ou pó. Também se utiliza o chá das folhas e das raízes com atividade específica para o trato gastroentérico. Contudo, nessas partes a concentração do ativo é muito maior, havendo necessidade de cercar seu uso de precisão.



**ROSA BRANCA**

*Rosa centifolia*





## ROSA BRANCA

*Rosa centifolia*

**Indicações:** a família das rosáceas é bastante numerosa (conta mais de duzentas variedades) e difundida pelo mundo, de modo que quase todas as culturas conhecem seus poderes curativos e seu valor aromático. O que resulta disso é uma extensa prova clínica de seu uso terapêutico, apesar de a comunidade científica ocidental valorizar apenas as qualidades dessa planta como doadora de fragrâncias aromáticas.

No Brasil, quase todos os jardins possuem roseiras de múltiplas cores e tipos, mas quase ninguém explora esse patrimônio em razão do total desconhecimento de que essa planta possui mais de quarenta produtos fitoterápicos, sendo indicada como anti-inflamatório, antibiótico, antitussígeno, cardiotônico, febrífugo, carminativo, digestivo, hipotensor, sonífero e ansiolítico. Porém, todas essas qualidades são encontradas em muitas outras plantas, e talvez alguém se pergunte o que justifica incluir aqui esta exótica oriunda do Oriente Médio. Ocorre que as rosáceas têm de especial o alto índice de

equilíbrio com que seus componentes estão agrupados em seu princípio ativo, o que torna sua ação terapêutica extremamente suave e atóxica, sem perder poder de resolutividade. Muito poucas plantas demonstram tal qualidade, e por isso quase nenhuma é indicada, por exemplo, para uso oftalmológico.

Pesquisas realizadas na Índia e na Coreia do Sul apontam para a presença de agentes fenólicos e taninos na rosa branca, sugerindo que sua atividade estaria centrada nesses componentes. Entretanto, há também concentrações de geraniol, riboflavina, acetato de citronela, açúcares e pectina em suas pétalas e raízes, que são todos agentes intensamente bioativos.

**Partes utilizadas:** as flores são a principal parte doadora da rosa branca, extraindo-se de suas pétalas óleo essencial, tinturas e pós. Mas em alguns países também se aproveitam as raízes e os botões ainda imaturos, que são consumidos *in natura*, na forma de chás e infusões frias.



## RUIBARBO

*Trirnezia jundfolia*





## RUIBARBO

*Rheum palmatum*

**Indicações:** o ruibarbo, rica fonte de taninos hidrolisáveis, antraquinonas e flavonoides anti-inflamatórios, entra aqui pelo seu mérito incomum de ser um resolutivo de alta potência nos processos cicatriciais. Existem também ácidos fenólicos e lactonas sesquiterpênicas que, com um complexo de polissacarídeos e fitoesteróis, incrementam o metabolismo celular ao ponto de, mesmo nas queimaduras mais profundas (primeiro e segundo graus), com grande perda tecidual e desagregação da matriz cutânea, a cicatriz resultante exibir qualidades estruturais muito semelhantes às do tecido original, o que não se consegue nem com os melhores métodos de recuperação de queimados disponíveis na medicina convencional. Para além disso, o ruibarbo é um excelente hemostático, sendo muito utilizado no campo para conter hemorragias de parto e/ou de grandes feridas que atingem artérias.

Em outro nível de atividade, o ruibarbo tem tropismo pelo trato gastroentérico, sendo um bom regulador da atividade estomacal. Seu prin-

cípio ativo fomenta a secretividade gástrica e melhora a densidade do muco gástrico, aumentando a proteção natural da mucosa. O ruibarbo é colerético, aumentando o peristaltismo vesical e dos intestinos, e nisso pode ser excessivamente ativo, pois sua dose tóxica é muito próxima da dose terapêutica. Em razão disso, não é seguro o seu uso como diarreico e desintoxicante, em que pesem as indicações tradicionais para isso. Por outro lado, como sua prova clínica vem se acumulando há milênios, sob supervisão técnica competente, o ruibarbo pode ser muito útil como coadjuvante no controle das toxemias provocadas por tratamentos agressivos, por adições a drogas, por processos autoimunes etc.

**Partes utilizadas:** utiliza-se comumente a raiz, mas para obter drásticos efeitos desintoxicantes pode-se tomar o chá das folhas. Esse chá tende a ser tóxico e irritante, portanto, seu uso não deve ser continuado nem mantido caso a pessoa desenvolva sintomas de envenenamento com uma única dose.



## SUCUPIRA-PRETA

*Bowdichia virgilioides*





## SUCUPIRA-PRETA

*Bowdichia virgilioides*

**Indicações:** esta é uma das árvores mais apreciadas do cerrado brasileiro, tanto em razão da excelente madeira que produz quanto do largo espectro de atividades medicamentosas que oferece. Suas sementes contêm um óleo resinoso que funciona como um poderoso antibiótico, anti-inflamatório, depurativo, tônico para o trato respiratório e cicatrizante de forma geral. Como tem tropismo pelos pulmões, pelo nariz e pela garganta, funciona como resolutivo de quaisquer afecções dessas partes, com a vantagem de ser praticamente atóxica. Graças a esta última qualidade, o óleo da semente de sucupira tem uso pediátrico, mesmo *in natura*, o que explica um tanto da predileção das pessoas por recorrer a ele qualquer que seja o problema.

Por ser largamente utilizada para as afecções de pulmão e garganta, a sucupira não é muito conhecida para outros usos. Porém, a entrecasca do tronco e a casca das raízes possuem

grande quantidade de taninos e alcaloides cicatrizantes e anti-inflamatórios, o que as torna também úteis quando o uso é tópico. As folhas podem ser consumidas na forma de chá e são utilizadas para recuperar a pigmentação da pele e como antidiarreicas, antialérgicas, hipoglicemiantes e analgésicas. A resina é um anti-inflamatório e um analgésico de ação neurogênica de grande penetração, e, embora sua ação seja lenta, consegue reverter quadros artríticos avançados melhorando tanto as inflamações quanto as dores. A sucupira-preta também tem atividade pulmonar, e é empregada na forma de cataplasmas em casos de bronquite crônica e/ou pneumônios de repetição.

**Partes utilizadas:** utiliza-se a planta integralmente, embora cada parte conte com uma tecnologia de preparo diferente e apresente tropismos distintos no corpo humano.



VELAME-BRANCO

*Macrosiphonia velame*





## VELAME-BRANCO

*Macrosiphonia velame*

**Indicações:** esta planta, tanto a sua variedade branca quanto a vermelha (*Croton fulvus*), ambas de menos de um metro de altura, é das mais respeitadas representantes da família dos fitoterápicos tidos como adaptógenos e imunogênicos, chamados assim porque se aplicam a uma quantidade tão vasta de males que é impossível imaginar que seu princípio ativo possua tantos componentes específicos. Então seu mecanismo de ação provavelmente é atuar no sistema orgânico via os próprios recursos do corpo, ainda que demonstre um tropismo especial pelo trato urinário e ginecológico. Nestas partes, o velame trabalha como um potente antibiótico ginecológico que pode ser usado tanto interna quanto externamente, resolvendo infecções, inflamações e tumorações e apoiando, como tônico, as mulheres tanto antes quanto depois do parto.

Em outro nível de atividade o velame é conhecido como uma das poucas plantas que atua sobre o sistema nervoso central, sendo utilizado

como anticonvulsivante e tônico geral para as funções cerebrais e mentais. Quanto a isso, basta dizer que as mulheres do campo que têm em seus currículos uma ou mais dezenas de partos domésticos trabalham normalmente em suas lavouras poucos dias depois de parir, e com idade avançada apresentam corpos enxutos e total controle sobre seus esfíncteres e sua mente. Seu segredo? Tomar o chá do velame por quarenta dias depois de cada parição, e uma semana depois de cada menstruação.

Considerada uma planta geriátrica, é muito ativa nos quadros artríticos, de dores crônicas, de ptoses internas, de incontinências e, particularmente, de acúmulo de ácido úrico (gota). Como também atua no trato nervoso, o velame resolve tanto as neuropatias próprias dos diabéticos de longa data quanto as dores reumáticas.

**Parte utilizada:** planta integral, mas principalmente as folhas.



## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Ana Cláudia Fernandes (coord.). *Coletânea científica de plantas de uso medicinal*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

BALBACH, Alfons. *A flora nacional na medicina doméstica*. 7. ed. São Paulo: M.V.P.

\_\_\_\_\_. *As hortaliças na medicina doméstica*. 26. ed. São Paulo: Edel.

BERG, Maria Elizabeth van den. *Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém: CNPq, 1982.

BIAZZI, Eliza. *O maravilhoso poder das plantas*. 17. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Saúde pelas plantas*. 19. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

BOTSARIS, Alexandros Spyros. *As fórmulas mágicas das plantas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 1998.

\_\_\_\_\_. *Fitoterapia chinesa e plantas brasileiras*. São Paulo: Ícone, 1995.

BRASIL, Túlio Americano do. *Tratado de medicina chinesa*. Mimeo.

CARNEIRO, Danilo Maciel. *Fitoterapia científica*. Goiânia: [s.n.], 2010.

CIRILO, Irmão (Vunibaldo Körbes). *Plantas medicinais*. 54. ed. Francisco Beltrão: Grafite, 2002.

CORRÊA, Manoel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1926-1969. 6 v.

COZZOLINO, Silvia M. Franciscato. 3. ed. Barueri: Manole, 2009.

FOSSAT, André G. *A cura pelas plantas: pelas folhas, pelos frutos, pelas raízes*. 5. ed. Rio de Janeiro: Eco.

GILBERT, Benjamin; FERREIRA, José Luiz Pinto; ALVES, Lucio Ferreira. *Monografias de plantas medicinais brasileiras e aclimatadas*. Curitiba: Abifito, 2005.

HSU, Hong-yen et al. *Matéria médica oriental: um guia conciso*. São Paulo: Roca, 1999.

LOPES, Gilson Holanda. *Plantas medicinais da flora maranhense*. São Luiz: [s.n.], 2012.

MORANT, George Soulié de. *Acupuntura*. Buenos Aires: Médica Panamericana, 1990.

OLIVEIRA, Lia Nara Paludo de. *Verde saúde Curitiba: plantas medicinais*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1999.

PENNA, Meira. *Dicionário brasileiro de plantas medicinais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Cosmos, 1946.

RUDDER, E. A. Maury Chantal de. *Guia das plantas medicinais*. São Paulo: Rideel, 2002.

SANTOS, Maria Cristina Nogueira Godinho dos. *Essências florais e a cura das doenças: florais de Bach, Minas e Austrália*. São Paulo: Gente, 1999.

SCHULZ, Volker; HÄNSEL, Rudolf; TYLER, Varro E. *Fitoterapia racional: um guia de fitoterapia para as ciências da saúde*. 4. ed. São Paulo: Manole, 2001.

SEPTÍMIO, Lenísia Ruas. *A fitoterapia baseada em ervas medicinais do cerrado*. Brasília: Sipe, 1994.

SERAFINI, Luciana Atti et al. (org.). *Extrações e aplicações de óleos essenciais de plantas aromáticas e medicinais*. Caxias do Sul: Educus, 2002.

SILVA, Rodolpho Albino Dias. *Pharmacopéia dos Estados Unidos do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

SILVA, Suelma R. (coord.). *Guia de plantas do cerrado utilizadas na Chapada dos Veadeiros*. Brasília: WWF – Brasil, 2001.

SILVA JÚNIOR, Manoel Cláudio da. *100 árvores do cerrado: guia de campo*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2005.

SIMÕES, Maria Oliveira et al. *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

UNSCHULD, Paul U. *Nan-ching: o clássico das dificuldades*. São Paulo: Roca, 2003. (Tradução do chinês).

VERGER, Pierre Fatumbi. *Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

---

---

Este livro foi composto com  
fonte Garamond corpo 11  
Miolo em papel Pólen 75g  
Fotos em papel Couché 90g  
Impressão: Cidade Gráfica e Editora  
Tiragem: 1.000 exemplares  
Brasília, agosto de 2015

---

---